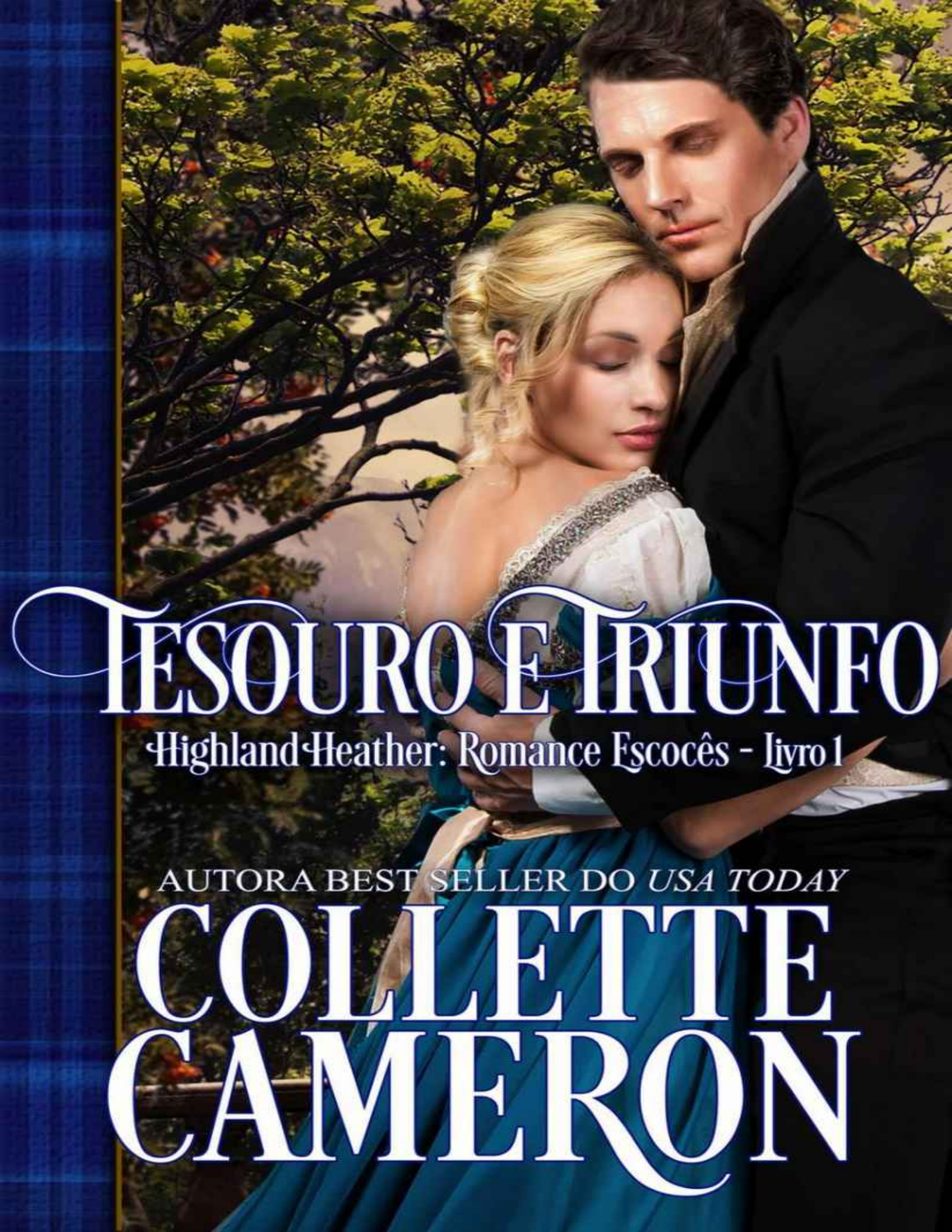

TESOURO E TRIUNFO
Highland Heather: Romance Escocês - Livro 1
AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY
COLLETTE CAMERON

Tesouro e Triunfo

Collette Cameron

Traduzido por Regiane Moreira

“Tesouro e Triunfo”
Escrito por Collette Cameron
Copyright © 2020 Collette Cameron
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Regiane Moreira
Design da capa © 2020 Sheri McGathy
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

TESOURO E TRIUNFO

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Tres

Epílogo

Sobre o Autor

Conecte-se com Collette!

TESOURO E TRIUNFO

Série Highland Heather
Livro 1

By
COLLETTE CAMERON

Traduzido por Regiane Moreira

Capítulo Um

Boston, Massachusetts, final de março de 1818

Angelina Ellsworth - não, ela era a Sra. Moreau agora - lançou ao marido, de seis horas, um olhar de adoração enquanto a escoltava através do piso de mármore do luxuoso Hotel Plaza. Ela resistiu ao desejo de se lançar em uma dança vertiginosa.

Ela realmente estava casada.

Angelina tentou não ficar de boca aberta com os imensos lustres de cristal de dois metros de altura, estátuas de mármore em tamanho real, quase nuas*, tornando-se inteiramente nuas* - estátuas de deusas e deuses míticos. Querubins, com os pés gorduchos e as pernas imersas na água, enfeitavam uma fonte imponente no centro do saguão.

— Tão deslumbrante, *chérie non*?

Deparando com a expressão divertida de Charles, o calor formigou suas bochechas. Ela estava esticando o pescoço, olhando para o teto *trompe l'oeil*[1]*,* representando deuses e outros imortais, tão nus quanto os bolinhos de Norfolk. Papai ficaria escandalizado. Nudez, deuses míticos, exibições vulgares de riqueza. Blasfêmia.

E absolutamente esplêndido.

Ela soltou um suspiro feliz.

Se seu pai estivesse vivo, ele nunca teria consentido que Charles a cortejasse. Papai tinha determinado que ela se casasse com um cavalheiro de sua classe. Um sujeito sério, devoto e *chato*. Melhor ainda, um homem de batina. E, com dotes do tamanho de dedais, Angelina e suas irmãs tinham poucos pretendentes, muito menos jovens de bom gosto como Charles.

Graças a Deus, mamãe tinha suas próprias ideias e, após a morte de seu pai, expressou-as e implementou-as com total desconsideração sobre o que seu marido preferiria. Romântica de coração, uma vez que mamãe percebeu que Angelina amava Charles, concordou com o casamento.

Angelina sacudiu esses pensamentos tristes. Esse era o dia do seu casamento. Uma onda de excitação fez sua respiração acelerar. Em dois dias, eles viajariam para o continente para uma longa lua de mel na Itália, via França.

Antes de conhecer Charles, Angelina apenas ousou esperar que talvez algum dia ela pudesse visitar seus tios, duque e duquesa de Waterford, na Inglaterra. Ela nunca os conheceu. Tia Camille era gêmea de sua mãe e trocavam correspondências de vez em quando.

—Aqui está a chave do seu quarto, senhor.

A chave tilintando na bancada interrompeu as ruminações de Angelina.

— Obrigado. — Charles colocou a chave no bolso do casaco antes de pegar o braço dela. — O quarto está preparado?

— Sim senhor. Tudo está como pediu. — O funcionário sorriu. — Posso oferecer meus parabéns, Sr. e Sra. Moreau?

— Obrigado. — Angelina e Charles falaram simultaneamente.

Ele deu um tapinha no braço dela, oferecendo um sorriso torto.

Seu estômago vacilou com aquele peculiar vai e vem que fazia quando ele sorria para ela.

Angelina deu uma olhada de lado para Charles enquanto ele a guiava em direção à escada curva. Três meses atrás, esse esplêndido homem entrou em sua vida.

Se não fosse por insistência de sua mamãe para que comparecesse ao baile de Natal dos Dennison, poderia nunca o ter conhecido. Ela não queria comparecer, sabendo que o escolhido de seu pai, Abraham Stockton, de dentes amarelados e horríveis, estaria lá. O homem barrigudo sempre cheirava a alho e suor. E tinha quarenta e cinco anos, no mínimo.

Apesar da inflexível recusa de sua mãe em permitir que ele falasse com Angelina, ele vinha tentando cortejá-la nos três anos desde que ela completou dezessete anos. Sua mãe alegava que o homem era esnobe.

Angelina suspeitava que se seu pai estivesse vivo, ele teria feito um arranjo entre ela e o Sr. Stockton. Estremeceu com a noção. Estava se escondendo dele em uma alcova acortinada no Dennison quando um homem entrou correndo no recinto.

Inconsciente da presença de Angelina encolhida em um sofá enfiado no canto, espiou entre os pesados painéis de veludo, murmurando: — Nunca encontrei uma *maman* tão persistente em se fazer de cupido e quatro mademoiselles mais plácidas e pomposas ...

Angelina explodiu em gargalhadas. — Sra. Twiggels e o quarteto, eu apostaria.

Charles se virou, olhando para o recanto sombrio. Ele riu, uma vibração baixa maravilhosa no fundo de seu peito. — *Non,* Twiggels? Por favor, me diga que é uma piada.

Sim, de fato, Deus sorriu para ela naquela noite, pois Charles chegara a Massachusetts naquele dia, trazido para Salem a negócios. Sua presença no baile foi puro acaso. Seu sócio recebeu um convite e insistiu que Charles se juntasse a ele para as festividades.

Angelina deu a Charles outro olhar cheio de amor.

Seus lábios se curvaram em um sorriso diabólico e perverso, e o brilho latente em seus olhos castanhos fez seu coração palpitar em antecipação.

Com seus cabelos negros e maçãs do rosto altas, tinha um ar arrojado. O azul marinho do casaco realçava os incomuns olhos cor de conhaque e enfatizava a largura dos ombros. Ombros que ela sonhava em sentir sob seus dedos.

Apesar das luvas, as palmas de suas mãos estavam umedecidas. Angelina roçou as mãos no vestido de gaze de seda cor de champanhe, se permitindo imaginar as mãos de Charles a acariciando.

Em breve, estariam.

Eles compartilharam vários beijos fervorosos durante o curto namoro, e uma vez prometidos, ele sugeriu que se tornassem mais íntimos. Criada por um pai fanático, Angelina não conseguia se fazer pecar *dessa* maneira. Não que ela não estivesse antecipando o leito conjugal.

Ela definitivamente estava.

Seguidos por quatro mensageiros carregando suas bagagens, ela e Charles subiram os degraus arqueados. Seus baús foram enviados para o navio.

Charles acariciou sua espinha.

Um delicioso tremor saiu de onde a palma de sua mão permanecia. Ela reprimiu um leve suspiro. Algo mais do que curiosidade a agitou, fazendo-a impaciente por seus toques e beijos.

E ele era um beijador *muito* habilidoso.

Um viúvo, na tenra idade de vinte anos, forçado a se casar com uma mulher muito mais velha para salvar a propriedade de sua família, nos sete anos seguintes, fez uma fortuna no comércio.

Angelina não tinha dúvida de que sua beleza lhe dava muitas parceiras de cama, embora não devesse saber de tais coisas. Se o baile dos Dennison fosse alguma indicação, as mulheres se jogavam em massa. No entanto, para seu espanto, ele escolheu fazer dela sua esposa.

Charles jurou que nunca amou outra e que Angelina seria dele até o dia em que ele morresse. Ela não tinha dúvida sobre o afeto dele. Um homem não podia fingir o calor em seus olhos âmbar ou o timbre rouco de sua voz quando falava de sua adoração.

Ela pressionou os dedos contra o anel de rubi e diamante que envolvia seu dedo.

Sim, isso é real.

— Feliz, *mon ange?* — Ele deu um leve aperto em sua cintura.

O anjo dele? Ela sorriu e assentiu, soltando um suspiro de satisfação. —Sim, abençoada e delirantemente feliz.

Ela encontrou amor, algo que o casamento de seus pais não tivera. Angelina não tinha certeza de que o amor existia fora de seus romances.

— Aqui estamos nós. — A mão de Charles descansou na curva de suas costelas, seu polegar esfregando contra seu vestido.

Ela mordeu o lábio para não rir.

Ele esperou o atendente destrancar sua suíte. A porta abriu, revelando uma sala resplandecente com rosas de todos os matizes imagináveis.

Pisando mais para dentro, ela virou em um círculo lento, as saias girando sobre seus tornozelos. O perfume inebriante de cem flores permeava o ar. Examinando a câmara, viu flores no quarto ao lado e correu para a porta entreaberta.

Depois de olhar para dentro, lançou um olhar por cima do ombro. — O que em nome do céu?

Falando com os mensageiros, Charles não a ouviu.

Desatando as fitas no queixo, Angelina tirou o chapéu. Seu spencer o seguiu. Ela colocou os dois na mesa ao lado da porta, acrescentando sua bolsa sobre a pilha.

Estudou a cama dominando o quarto. Uma coisa monstruosa com esculturas nas colunas e ao longo do dossel de onde pendiam cortinas de cama escarlate, era uma verdadeira benção a estrutura suportar o colchão gigante.

Ela se aproximou, inspecionando os postes gravados.

Oh meu...

Formas nuas entrelaçadas em vários atos de intimidade enrolados em torno da madeira.

Deus!

Imagens semelhantes de deuses gregos e romanos adornavam as paredes e tetos. Ímpios como Sodoma e Gomorra. Pela primeira vez desde que entrou no hotel deslumbrante, experimentou um toque de desconforto. Ela vagou até a entrada do quarto.

Charles terminou de falar com o último mensageiro e passou uma moeda ao jovem.

— Claro senhor. Imediatamente. — O rapaz sorriu largamente e deu um passo para o corredor. Ele hesitou, olhando para a bagagem empilhada na entrada. — Quer que eu mande uma criada para desfazer as malas?

Charles sacudiu a cabeça. Uma mecha de cabelo cor da meia-noite caiu em sua testa. — Não, ficaremos aqui apenas duas noites. Navegaremos depois de amanhã. Tenho certeza de que minha esposa e eu podemos fazer isso.

Ele se virou para piscar para Angelina.

Ela sorriu. *Ladino Incorrigível.* Mas ele era o seu patife.

Ele fechou a porta antes de ir até ela em vários passos longos. Arrebatando-a em seus braços, ele acariciou seu pescoço.

Ela adorava como se encaixava sob o queixo dele. Com um metro e setenta e cinco de altura, era mais alta que a maioria das pessoas que conhecia. No entanto, dentro do abraço de Charles, ela se sentia delicada e feminina.

Angelina riu com voz rouca. — Meu Deus, por que todas essas rosas?

— As rosas são para você, *mon ange*. Eu não seria capaz de encher a sala com anjos, mas rosas, eu poderia arranjar. A Imaginei nua, deitada em uma cama cheia de pétalas de rosa.

Ela deveria estar chocada? Por sua vida, não poderia convocar um mínimo desgosto.

Meu Deus, eu me tornei escandalosa desde que conheci Charles.

Ele se afastou desabotoando o sobretudo. O brilho em seus olhos fez com que seu pulso fizesse todo tipo de coisas estranhas. Certamente ele não pretendia....

Fazer amor era mais impróprio durante o dia. Não era? Ela olhou para a janela, procurando o céu. Envolto em uma fumaça violeta acinzentada, o anoitecer mal havia caído.

Charles passou os braços ao redor dela mais uma vez, controlando seus pensamentos rebeldes. Ele a beijou como um homem faminto há muito tempo.

Enrolando os braços atrás do pescoço dele, Angelina devolveu o beijo.

Ele cutucou seus quadris contra sua barriga, seu desejo evidente. — Eu simplesmente devo tê-la agora, *mon amor*. Não posso esperar.

Ela não esperava que ele estivesse tão ansioso para dormir com ela e, ao que parece, antes do jantar. O conhecimento a emocionou e desconcertou.

— Vai me ajudar com os ganchos? — Ela virou de costas, precisando de sua ajuda para desabotoar o vestido.

— *Não*, isso irá demorar muito.

Antes que ela soubesse o que ele pretendia, ele a pegou em seus braços. Em dois passos, ele alcançou a cama, em seguida, colocou-a sobre a colcha exuberante. Charles subiu suas saias pelas coxas e, depois de se atrapalhar em tirar as calças, abriu as pernas dela.

A apreensão a varreu. — Charles, eu não sou.... Isso é tão repentino, eu não sei...

Ela engasgou em um grito.

— *Mon Dieu*, — ele gemeu contra o pescoço dela.

Piscando as lágrimas e mordendo o lábio contra a dor aguda, Angelina olhou para uma imagem sinistra na parede. Era para machucar tanto assim?

Charles endureceu e deu um último gemido antes de desmoronar em cima dela.

É só isso?

Todo o barulho sussurrado era sobre *isso*? Cheia de desapontamento e irritada com sua insensibilidade, mal notou quando ele se levantou da cama e prendeu as calças.

Ele riu, passando um dedo pelos lábios dela. — Se parece com uma *femme légère,* uma libertina, deitada aí com seus seios revelados e suas pernas abertas.

Vergonha e humilhação surgiram em Angelina. Ela virou o rosto, empurrando o vestido pelos joelhos com uma mão e puxando o corpete sobre os seios com a outra. Ela engoliu as lágrimas que queimavam no fundo de sua garganta.

Como ele podia dizer isso?

— *Chérie?* — Charles tocou sua bochecha, forçando-a a encontrar seus olhos. — Perdoe-me, *mon amor*. Fui um egoísta. Eu prometo, não terei tanta pressa na próxima rodada. Verá como é maravilhoso fazer amor.

Ele se inclinou e a beijou.

Alguém bateu na porta. Bateu novamente, desta vez com mais insistência.

— Ah, essa deve ser a nossa comida. — Deu um sorriso de menino quando fechou a jaqueta. — Espero que não se importe. Eu pedi um jantar íntimo aqui em vez do barulhento restaurante abaixo.

Depois de ajudá-la a sair da cama, ele deu outro beijo carinhoso em seus lábios. — Eu te amo, *amoureux*.

A porta externa sacudiu mais uma vez.

— Vou atender a porta enquanto melhora sua aparência. — Assobiando, ele saiu da câmara, fechando a porta atrás dele.

Melhorar sua aparência? Ela preferiria tomar um longo banho dosado generosamente com óleo perfumado. Ela estava antecipando tornar-se uma mulher há semanas, e, para dizer a

verdade, a experiência desagradável não correspondia às suas expectativas ingênuas.

Algo molhado escorria por suas coxas. Ela correu para a câmara de banho. Umedecendo um pano no jarro do lavatório, efetuou um rápido trabalho de limpeza, fazendo uma careta para o sangue no tecido. Depois de limpar a evidência de sua virgindade e da virilidade de Charles, alisou a chemise e o vestido, sacudindo o tecido até que as dobras estivessem no lugar.

O pingente de pérola estava pendurado acima de seus seios, um presente de casamento de Charles. Endireitou o colar e ajustou o corpete, estremecendo ligeiramente. Ele certamente tinha sido exuberante em suas atenções. Mamãe havia explicado o que esperar, no entanto...

Arrumando os cabelos, Angelina examinou o rosto no espelho. Vários fios encaracolados haviam escapado do nó grego em cima de sua cabeça. Além dos lábios e bochechas rosadas, não parecia diferente da mulher que entrou na câmara há alguns minutos atrás.

Exceto, não ser mais uma dama inexperiente.

Ela confiou que na próxima vez seria mais satisfatório.

Enquanto ela caminhava pelo quarto, as vozes iradas dos homens em confronto entraram pela porta da outra sala. Ela hesitou, ouvindo.

— Usando seus velhos truques, Pierre? — Disse uma voz estranha e levemente francesa.

Pierre? Angelina abriu a porta. Parou no limiar.

O homem diante de Charles não era um servo. Com um bigode fino, o estranho estava vestido a última moda. De seu brilhante Hessians e calças de cor creme, ao seu casaco verde jade e o lenço no pescoço, onde descansava um alfinete cravejado de joias, ele exalava qualidade.

Era profundamente bonito. E extremamente zangado.

Outro homem estava parado na entrada. Muito menos refinado, agarrava a alça de uma arma enfiada em sua cintura.

Ela bateu a mão na boca em um esforço para abafar o arfar que saiu dela.

Como se fossem um, os olhares dos homens vieram descansar nela. Charles estava preocupado e zangado; o homem rude, indiferente e o bonito, curioso *e compassivo*?

— O que está acontecendo? — Para acalmar seu estômago tumultuoso, Angelina colocou os braços em volta da cintura. O rosto de Charles tinha adquirido uma tonalidade esverdeada e ela temia que ele pudesse vomitar.

Ele abriu a boca para falar. Nenhum som surgiu.

O homem de bigode balançou a cabeça com desdém. —Charles? Que falta de originalidade.

Ele se curvou para Angelina. — Mademoiselle Ellsworth, permita-me apresentar-me. Sou Jacques, barão Devaux-Rousset.

Angelina não estendeu a mão. Em vez disso, ela aumentou o aperto em torno de sua cintura. Pálido, seus lábios pressionados em uma linha fina, Charles olhou furioso para o francês.

Esse homem não era amigo.

— Milorde, Charles não o informou? Sou a senhora Moreau. Nós nos casamos hoje de manhã. Por favor, desculpe o meu atrevimento, mas conhece o meu marido? E por favor me diga quem é Pierre? Ele? — Apontou para o homem mal-humorado que continuava a brincar com sua arma.

O bruto sorriu, uma torção de seus lábios sem humor.

Lorde Devaux-Rousset espetou Charles com um olhar indiscernível antes de responder. — Sou seu enteado, no entanto, paradoxalmente, somos da mesma idade.

Oh, a mulher mais velha com quem Charles se casou. Ele não mencionou que ela era uma baronesa ou que tinha filhos. Por que o filho dela estava aqui? Boston estava muito longe da França para que Angelina acreditasse que esse era um encontro casual. Algo estava muito errado.

Olhou para Charles de soslaio. Por que não dizia alguma coisa?

Ele estava em pé fervendo de raiva silenciosa e olhando furiosamente para o barão.

Angelina inclinou a cabeça em deferência. — Charles me contou sobre seu casamento com sua mãe. Por favor, aceite minhas condolências por sua perda.

Por um momento, a compostura do barão vacilou. Ele ficou de boca aberta para ela antes de virar um olhar furioso para Charles.

— *Vous avez dit que sa mère était morte?*

Droga, ela não falava francês, mas o barão havia mencionado algo sobre a morte de sua mãe. Isso ela reconheceu. Talvez não devesse ter oferecido sua simpatia. O período de luto terminou há meses. Pelo menos foi isso o que Charles lhe dissera.

Ou talvez não tivesse sido tanto tempo, o que explicaria o aborrecimento do barão com a notícia das núpcias de Charles.

— Charles, não está fora de luto?

— *Merde*. — Charles olhou para o chão e fechou as mãos.

— Há uma dama presente, *imbécile*, — *disparou* o barão. — Segure sua língua suja.

Ele voltou sua atenção para Angelina e sua expressão se suavizou. Com um aceno da mão bem cuidada, indicou o sofá listrado de marfim e ouro ao lado dela.

— Mademoiselle, talvez devesse se sentar e eu explicarei.

— Obrigada, não. Eu prefiro ficar em pé, milorde.

Por que ele insistiu em chamá-la de mademoiselle? Bastante grosseiro da parte dele. Não, intencionalmente rude, para dizer a verdade.

O barão a observou por um momento prolongado. Ele deu um leve encolher de ombros. — Como quiser.

Ele se virou para o bruto bloqueando a porta. — Por favor, espere no corredor e detenha qualquer membro da equipe. Não quero ser incomodado.

Depois de olhar Charles desdenhosamente uma última vez, o capanga do barão deu um breve aceno de cabeça e saiu da câmara.

Lorde Devaux-Rousset suspirou e bateu com o chapéu de castor na coxa. Seu olhar roçou Angelina de seu cabelo para seus sapatos, tomando sua medida. —É adorável. Eu entendo o fascínio de Pierre. Graças a Deus, cheguei antes dele a comprometer.

Angelina franziu a testa. O homem estava maluco?

— Pierre? Quem é Pierre? E como, no precioso nome de Deus, meu marido *pode* me comprometer?

Com a voz muito suave e igualmente gentil, Lorde Devaux-Rousset murmurou: — Lamento sinceramente ter que lhe contar. O homem que chama de marido é o conhecido comerciante de escravos, Pierre Renault.

Ele focou Charles com um brilho intenso. —E, eu lhe asseguro, sua esposa, minha *mère,* estava muito viva, quando deixei a França.

Capítulo Dois

Isso não está acontecendo.

Abraçando seu estômago, Angelina lutou para respirar. O choque e a descrença a deixaram sem palavras.

O barão e seu homem escoltaram Charles da suíte sob protesto, deixando sua bagagem para trás. Ele nem tentou dizer adeus.

Eu não sou casada.

Charles me enganou.

Eu sou despojada.

Ela balançou a cabeça contra o ataque violento em sua mente. Até onde Charles tinha ido - ganhar sua mão, seus afetos - e ele não estava livre para se casar com ninguém.

Ele alegou que me amava. Como eu pude estar tão errada? Tão crédula e estúpida?

Lágrimas escorriam dos olhos de Angelina. Cruzou os braços se abraçando pelos ombros com força. Dobrada e gemendo, ela tropeçou no sofá. Desmoronando sobre ele, enterrou o rosto em uma almofada de seda. Soluçou até que o reservatório de tristeza não produzisse mais lágrimas.

Com os olhos arenosos e inchados, suspirou e caiu de costas. Olhou para a miríade de rosas que pontilhavam o quarto, odiando-as.

Odiando-o.

O que iria fazer?

Bom Deus, um comerciante de escravos. A mais vil das profissões.

Como ela poderia ter se enganado sobre Charles? Fechou os olhos contra o monólogo ecoando em sua cabeça, um refrão atormentador em sua mente entorpecida.

Charles jurou que me amava. Ele é casado. O que farei?

Há algumas poucas horas atrás, ela estava se regozijando e agradecendo a Deus por responder suas orações. E agora? O alicerce de sua fé desmoronou. Lágrimas ameaçaram cair mais uma vez, e ela cobriu os olhos com o antebraço.

Uma batida suave na porta a despertou de sua miséria. Abrindo os olhos, se ergueu em posição sentada, seus movimentos parecendo os de uma mulher velha. Um milagre seus ossos não rangeram em protesto. Ela envelhecera um século neste dia. Exceto por um único e valente fino raio de luz atravessando as sombras, a escuridão habitava o cômodo.

— Quem ... — Um som rouco surgiu. Ela limpou a garganta. — Quem é?

— Andrew, um dos carregadores, Sra. Moreau. Trouxe seu jantar e uma missiva do Sr. Moreau.

Charles ousou intitular-se marido dela depois de tudo?

Angelina supôs que deveria ser grata que a equipe soubesse de sua humilhação e que sua reputação ficasse ainda mais lograda. Enxugando o rosto com as palmas das mãos, levantou e se mantendo-se sobre as pernas pesadas como chumbo, foi até a porta. Senhor, ela se sentia idosa.

Abriu uma fresta no painel, apenas o suficiente para que o papel passasse.

— Não desejo o jantar, obrigada. Não me sinto muito bem. — Ela falou a verdade. Estava doente em sua alma. Como se recuperar de um golpe como esse? As cicatrizes não curariam em breve - se é que isso aconteceria algum dia.

Depois de fechar e trancar a porta, Angelina caiu sem forças se apoiando contra ela até que o retinir barulhento das charretes desvaneceram. Suspirando, se forçou a ficar em pé e depois acendeu algumas velas.

Chutando seus chinelos de cetim, abriu o bilhete. Reconheceu a caligrafia limpa de Charles. Ele escreveu-lhe uma série de poemas professando seu amor com aqueles traços precisos e oblíquos.

Palavras sem sentido. Todas elas mentiras.

Indo mais uma vez para o sofá macio, sentou sobre os pés e quebrou o selo da missiva. A folha flutuou para a almofada. Recuperando o pedaço de papel, Angelina ficou boquiaberta.

— Enviado da carruagem. Que audácia.

Uma mistura inquietante de curiosidade e medo levou-a a ler sua carta. Ela desdobrou o papel.

Chérie Mon Amour,

Volte para Salem e espere por mim. Deve acreditar em mim, eu te amo. És minha. Prometo, irei encontrá-la assim que eu corrigir este infortúnio e....

Infortúnio?

Como se ser casado fosse um infeliz acidente ou um golpe de azar. Examinando o resto da página, ela murmurou: — Muito generoso, seu mentiroso.

Ela amassou o papel em um chumaço apertado e arremessou a bola pela sala. A carta ricocheteou em um vaso, derrubando um punhado de pétalas cor de manteiga.

Charles, ou melhor, Pierre, pagou a suíte até o final da semana. Também fizera arranjos para que os baús dele fossem entregues no Plaza. Ela deveria usar moedas de uma bolsa escondida dentro de sua bagagem para garantir uma passagem para Salem.

Ah, e que ela fizesse a gentileza de enviar as bagagens dele para o saguão? O homem do barão iria buscá-las.

Não, para as bagagens dele. Não, para ser dele. E não, para esperar por ele. Nem voltaria para a única casa que conhecera. Ela possuía mais coragem do que isso.

Saltando com determinação em seus passos, Angelina marchou para a escrivaninha. Pegando uma folha de papel, mergulhou a pena na tinta e escreveu rapidamente uma carta para mãe, contando-lhe a duplicidade de Charles.

Chegara a hora de fazer uma visita ao tio Ambrósio e à tia Camille.

* * *

Como Angelina suspeitou, e rezou, sua mãe chegara dois dias depois. Encaixada nos braços da mãe, seu familiar perfume de gardênia propiciava um casulo de conforto, Angelina dava vazão às lágrimas e à humilhação. Uma vez que a tristeza passou, a mãe lhe entregou um lenço de renda.

— Venha, enxugue os olhos e sente-se. — Ela guiou Angelina até o sofá. — Está certa em não voltar para Salem, Lina. A fofoca seria sua ruína e das gêmeas também. Escrevi uma carta para minha irmã explicando a delicadeza da situação.

— O que dirá à Lily e Iris?

Mamãe hesitou, depois suspirou, os ombros caídos. — A verdade, eu acho. Elas sabem que corri aqui a seu pedido.

Ela gentilmente colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Angelina. — Va à Inglaterra para uma longa visita. Ninguém mais saberá que seu casamento foi uma farsa.

Eu sei. Charles sabe. O barão sabe.

— Oh meu anjo. Eu sinto muito. — Embora seus olhos brilhassem, a mãe tentou um sorriso corajoso. — Eu deveria ter sido mais diligente, mas a vi tão feliz. O amor verdadeiro, se for abençoado o suficiente para encontrá-lo, é um tesouro. Eu me senti assim uma vez, há muito tempo atrás.

Um olhar longínquo sombreava os olhos da mãe, e uma lágrima correu escorregando do canto de um deles. — O meu não era para ser, no entanto.

Ela aliviou suas feições. — Eu comprei uma passagem no próximo barco para Londres, Lina. Louvado seja Deus, a Stapleton Shipping tem um navio partindo na maré alta amanhã. Consegui garantir os serviços de uma gentil inglesa, uma senhora Pettigrove, que concordou em ser sua acompanhante. Ela me assegurou que costuma viajar entre Boston e Londres e ficaria muito grata por uma companheira gentil na viagem.

Acariciando o rosto de Angelina, sua mãe deu um sorriso vacilante. — Chegará a Inglaterra no começo de maio, ficará alguns meses - talvez um ano - e depois, *tragicamente*, ficará viúva e poderá voltar para casa.

Um brilho provocante entrou em seus olhos. — Ou talvez conheça um jovem charmoso ou um lorde rico e bonito.

— Mamãe, por favor, pare. — Angelina balançou a cabeça com tanto fervor que vários fios de cabelo soltaram os grampos. — Eu não quero conhecer ninguém. Nunca mais vou poder confiar em um homem.

Ela caiu contra o sofá, embalando um travesseiro contra o peito. — Mamãe, nós... Ele...

— Oh, querida. Sua mãe empalideceu, e seus olhos azuis se arregalaram em compreensão. A preocupação gravou seu rosto. — Pensei que o barão tivesse chegado antes...

Angelina pressionou as mãos nas bochechas queimando. — Foi apenas uma vez e muito rápido.

E desconfortável.

Isso faria diferença? Certamente deve levar muitas vezes para conceber. Caso contrário, as mulheres casadas ficariam grávidas continuamente.

— Não é provável que esteja grávida. Isso raramente acontece na primeira vez. A voz de mamãe vacilou. Ela fechou os olhos e levou a mão à testa como se estivesse com dor.

Brincando com as borlas de seda do travesseiro, Angelina sussurrou: — Sinto muito por lhe trazer essa vergonha.

— Absurdo. Você amava e confiava em Charles. Não há desgraça nisso. — A mãe apertou a sua mão. — Não fez nada para se envergonhar, querida.

No entanto, Angelina se afogou em vergonha e humilhação. E fúria angustiante em direção a Charles. Na verdade, a todos os homens no momento, os hipócritas podres.

— Infelizmente, como aprendeu, os homens em geral não podem ser confiáveis. — A voz de sua mãe desenvolveu uma borda estridente que Angelina não tinha ouvido antes.

Sim, ela aprendeu muito bem, embora fosse uma lição amarga. Deus julgaria a mentira de Charles e duramente, ela orou.

Não julguem, para que não sejam julgados e perdoem as ofensas dos outros.

Duas das escrituras favoritas de papai vieram à sua mente. Dois princípios que seu pai quebrou em uma base diária.

Hipocrisia novamente. Aparentemente, um traço masculino comum.

Angelina firmou os lábios para não os curvar em um sorriso desdenhoso. Transbordando de dor, tristeza e raiva por sua ingenuidade, sua alma maltratada não tinha espaço para perdão no presente.

Droga, tinha sido uma tola, cabeça oca. Totalmente confiante.

Onde estavam os homens honrados, os homens íntegros? Será que nada mais do que charlatões e fraudes povoaram o mundo? Como alguém saberia a diferença? Não escutando aos belos elogios ou as palavras carinhosas. Ou não se permitindo ser enganada por sorrisos diabólicos e rostos bonitos demais para as palavras.

Charles Moreau, Pierre Renault, quem quer que fosse o demônio, era melhor esperar que ele nunca mais a encontrasse. Ele não encontraria uma ingênua com olhos vendados na próxima vez. Estreitando os olhos e decididamente ajeitando os ombros, Angelina fez uma regra.

Nunca mais confiaria em um homem ou permitiria que as emoções fizessem dela uma vítima.

Capítulo Três

Londres, Inglaterra, início de maio de 1818

Com a taça de champanhe na mão, Flynn, Conde de Luxmoore, examinou o salão de festas lotado do lorde e lady Wimpleton.

Onde ela estava?

Dúzias de senhoras enfeitadas com joias e muito elegantes passaram por ele, mas nenhuma delas era a encantadora donzela que ele procurava. Ele conheceu a deliciosa Srta. Lydia Farnsworth há três semanas e fez questão de comparecer, daquela noite em diante, a todas as funções as quais supostamente ela compareceria.

Evitando as ávidas mães conspiradoras e as expressões famintas de suas filhas caçadoras de maridos, ele lançou um olhar interrogativo ao duque de Harcourt, recostado na entrada do salão de baile.

Com um sorriso arrogante, Harcourt encolheu os ombros e ergueu a taça de champanhe numa saudação fingida.

Explodiria o homem. Ele jurou que sua prima escocesa estaria presente esta noite. Flynn deveria se desculpar e tentar encontrar a senhorita Farnsworth em outro evento? Qual? Ele recebeu pelo menos uma dúzia de convites para esta noite.

Flynn temia que rapidamente se tornasse um idiota louco. Tomou um gole de champanhe e sorriu. Gostou da ideia. Na verdade, ele pretendia visitar Harcourt amanhã e declarar suas intenções em relação à senhorita Farnsworth.

Quanto tempo Flynn deveria esperar para propor à jovem inteligente e espirituosa? Confiante de que ela devolveria sua admiração e aceitaria sua oferta, ele não pretendia demorar-se. Proporia à Lydia amanhã depois que falasse com Harcourt. Sim, quando se aventurasse na batalha social, estaria prometido.

Uma risada deliciosa ecoou atrás dele. Virando-se devagar - não pareceria muito ansioso - viu a beleza de cabelos negros em um deslumbrante vestido rosa e branco. Como de costume, um bando de bezerros famintos a rodeava. Mal sabiam que a essa hora, amanhã, ela não estaria disponível para os covardes babões.

Tomou um gole de champanhe, tentando decidir qual seria a melhor estratégia para roubar a senhorita Farnsworth para a próxima valsa. E a dança do jantar, claro. Talvez ela concordasse em passear pelos jardins com ele, e poderia finalmente provar seus doces lábios.

Em sua mente, ele já a reivindicara como sua condessa.

Notando sua avaliação, ela enviou-lhe um sorriso deslumbrante, malícia brilhando em seus olhos cor de avelã. Murmurando algo aos entusiasmados admiradores, que franziram o cenho e olharam para Flynn, ela deslizou em sua direção.

Sim. Ela aceitaria sua oferta. Disso, não tinha dúvidas. Permitindo-se um sorriso de triunfo, entregou seu copo meio cheio a um criado que passava.

— Milorde. — A voz ritmada da Srta. Farnsworth sugeria vagamente sua herança escocesa. Ela mergulhou em uma profunda reverência, dando-lhe um vislumbre mais delicioso de seu seio generoso.

Flynn se entregou a uma leitura sem pressa antes de se inclinar sobre a mão enluvada. Ele corajosamente folheou o material com os lábios. O perfume provocou seu nariz. Fresco, leve e sedutor. As rosas entrelaçadas entre seus cachos brilhantes eram de um tom de rosa igual ao de seus lábios.

— Senhorita Farnsworth, encontrá-la hoje à noite é uma surpresa adorável e muito bem-vinda.

Um grunhido alto anunciou a presença de Harcourt. — Surpresa totalmente inesperada, tenho certeza.

— Perdoe-me, querida prima. — Ele se aproximou de Flynn e se inclinou para sua prima. — Luxmoore, grosseirão que é, me incomodou incessantemente no White’s, até que lhe dissesse onde poderia encontrá-la hoje à noite.

Seus lábios se curvaram e ela corou lindamente.

— É verdade isso, milorde? — Uma sugestão de flerte atendeu sua pergunta.

Harcourt desviou sua atenção para o trio se aproximando à sua direita. — Ah, Sethwick e Faulkenhurst, estavam no White's com Yancy. Luxmoore não estava se tornando um incômodo? Ele não

saiu no momento em que divulguei as intenções de minha prima para a noite?

— Lorde e Lady Sethwick, Sr. Faulkenhurst, é maravilhoso vê-los novamente. — A Srta. Farnsworth executou outra reverência graciosa.

— Senhorita Farnsworth. — Yvette, viscondessa de Sethwick, sorriu para Lydia antes de nivelar Flynn com um olhar conhecedor. Os olhos de safira de lady Sethwick brilharam e seus lábios se contorceram de alegria reprimida.

— Na verdade, ele parecia determinado a saber o seu paradeiro esta noite. — Chancey Faulkenhurst fez uma meia-curva, mantendo a mão esquerda parcialmente enfiada dentro do casaco. Recentemente retornado da Índia, ele perdeu dois dedos e o uso parcial de seu braço na Terceira Guerra Anglo-Maratha.

Sethwick piscou conspirativamente para Harcourt. — É verdade. Luxmoore foi muito persistente, e ele fez uma retirada apressada. De fato, — Sethwick se virou para Flynn, — foi embora antes que seu pai chegasse. Ao entrar na minha carruagem, vislumbrei o marquês saindo da dele. Sabia que ele está em Londres?

À menção de seu pai, uma pontada de inquietação tomou conta de Flynn. No entanto, ele riu de bom humor, nem um pouco envergonhado pelas provocações. Apesar da agitação, Sethwick e Harcourt, dois de seus companheiros mais próximos, manifestaram prazer pelo seu interesse na Srta. Farnsworth.

— Culpado, como acusado. Eu simplesmente tinha que saber qual salão a Srta. Farnsworth iria enfeitar esta noite. E estou feliz que meu pai esteja na cidade, embora não soubesse de sua chegada até agora.

Que negócio teria o pai em Londres? Mamãe teria viajado com ele? Por que não procurou Flynn quando chegou?

Talvez ele tivesse. Flynn dera permissão ao mordomo para visitar sua mãe idosa e doente. Sem dúvida, um lacaio ou criada de salão inexperiente atendeu a porta quando o pai o visitou e esqueceu de informá-lo ao voltar para casa esta tarde.

Ele olhou para Srta. Farnsworth e a encontrou olhando-o rapidamente. Sorriu e deixou o olhar nos lábios dela um pouco mais

do que o aceitável. Um rubor encantador mais uma vez coloriu suas bochechas.

Ainda assim, a visita do pai ao White's o desconcertou. Seu pai havia jurado parar de beber, e jogar na temporada de Londres, dezessete anos atrás - depois do acidente que aleijou Francesca, a irmã mais nova de Flynn. O marquês também não havia se aventurado na cidade há muito tempo. Embora a uma boa distância de Londres, ele e a mãe estavam satisfeitos em Lambridge Manse.

O duque de Waterford possuía uma propriedade rural adjacente a Lambridge. Pelo que Flynn sabia, Sua Graça nunca convidou seus pais. Não, desde o acidente. A última vez que Flynn soube, Waterford pensou em vender o Wingfield Court. Já deveria ter feito isso agora.

A preocupação o atingiu, mas Flynn reprimiu-a. Nada poderia ser feito hoje à noite. Ele visitaria o pai amanhã e, se a mãe estivesse em Londres, pediria que organizasse um jantar íntimo.

Isso seria a oportunidade perfeita para apresentar a senhorita Farnsworth. Com poucas semanas restantes na temporada, era melhor agir rapidamente se quisesse uma data de casamento marcada antes dela voltar para a Escócia. Por ele, ela não voltaria, exceto para visitar. Preferivelmente, desfrutariam de uma lua de mel prolongada no continente.

Talvez o destino tenha orquestrado o retorno de seu pai a Londres, quando Flynn estava decidindo que a Srta. Farnsworth seria uma condessa requintada. Ele voltou sua atenção para a mulher maravilhosa diante dele. — Eu ficaria honrado em apresentá-la aos meus pais.

— Eu aposto que o faria. — Harcourt balançou as sobrancelhas e ousadamente deu uma cotovelada nas costelas de Faulkenhurst.

A Srta Farnsworth corou encantadora, dando a Flynn outro sorriso um tanto mais tímido. — Quem se sentiria honrada seria eu, milorde.

— Cavalheiros, que vergonha. — Lady Sethwick acenou com o leque fechado para eles. — A pobrezinha está corando sob suas brincadeiras infantis.

A viscondessa ligou seu cotovelo ao da Srta. Farnsworth e começou a levá-la embora. — Sabia que Flynn e meu marido são

primos distantes?

— Não, lorde Luxmoore não mencionou. A Srta. Farnsworth lançou um olhar de soslaio para Flynn. — Ele também tem sangue escocês nas veias?

Se o brilho em seus olhos era alguma indicação, a ideia a encantou.

— Sim, acredito que a conexão esteja do lado da mãe dele. — Lady Sethwick deu ao marido um sorriso caloroso e cheio de promessas.

— Estou bastante desidratada. Vamos para aquelas cadeiras ao longo da parede. — Ela fez um gesto para a fileira de cadeiras alinhadas ordenadamente contra uma parede de papel junquilho. — Tenho certeza de que podemos convencer um dos cavalheiros a sinalizar um lacaio para nós. Um pouco de licor de ratafia seria o ideal, não acha?

— Espere aí, Lady Sethwick. — Flynn desconsiderou a sobrancelha levantada de Harcourt e o sorriso bem-humorado de Sethwick. — Pretendia pedir à senhorita Farnsworth a próxima valsa.

— Ah, e ele deve — A Srta. Farnsworth deixou escapar. Mordiscando o lábio inferior, ela inclinou um olhar nervoso ao redor da sala. — Tenho me comportado mal, tenho vergonha de admitir. — Ela gesticulou para os jovens agrupados como galos de briga descontentes, onde os havia deixado. Segurando o leque aberto diante do rosto, ela sussurrou:

— Dei minhas desculpas aos outros cavalheiros, dizendo que lorde Luxmoore havia reivindicado minha mão para a próxima dança. Confesso que, uma completa mentira, mas se ele não dançar comigo, minha reputação...

Ele piscou para ela antes de dar a Harcourt um desafio zombeteiro. — Não devo, Vossa Graça?

— De fato — Harcourt falou pausadamente. Seus olhos estavam enrugados de humor. — Cavará isso, não é, Falcon?

Faulkenhurst riu e assentiu. — Fundo o suficiente para trabalhar com pá, eu diria.

Flynn sorriu para a Srta. Farnsworth, notando as manchas verdes em sua íris e seus lábios suavemente separados, implorando

por seu beijo.

—Não há nada a fazer. A honra exige isso. Simplesmente devemos compartilhar essa dança. — Ele a acompanhou até a pista de dança quando as primeiras cordas de violino anunciaram o início da valsa. A pista encheu com outros casais e Flynn agarrou a mão da senhorita Farnsworth, colocando a sua na cintura delgada dela.

A cabeça dela mal alcançou seu ombro. Que encantadora e pequena ela é.

— Isso foi precipitado, não foi? — Ela sorriu para ele, um pouco ansiosa. O olhar perturbado dela mergulhou em seu pescoço. Um leve toque de rosa roçou suas bochechas de marfim. — E terrivelmente rude também.

Ela coloriu bastante. Sem dúvida, devido à sua juventude e inexperiência. Quantos anos ela tinha? Ele perguntaria a Harcourt amanhã, não que Flynn se considerasse velho demais para ela. Ele ainda não tinha completado vinte e oito anos.

Farnsworth timidamente encontrou seus olhos mais uma vez. — Não sei o que me possuiu. Minha mãe ficaria horrorizada.

Ela olhou ao redor do salão como se esperasse que sua mãe irritada caísse sobre ela a qualquer momento.

Flynn inclinou a cabeça perto de sua orelha. O perfume dela inundou seus sentidos. Respirou sua essência, sussurrando: — Não digo a ninguém se fizer o mesmo.

Ela tremeu e perdeu um passo.

Ele se atreveu a atraí-la o mais próximo possível. Ela não protestou. A música terminou, e ele, relutantemente, a virou na direção das cadeiras em um dos lados do salão de baile.

Ele parou repentinamente ao ver um Yancy de rosto sombrio, o conde de Ramsbury, caminhando com propósito pelo piso polido. Sethwick, Faulkenhurst e Harcourt, com expressões igualmente severas em seus rostos, o acompanhavam e todos seguiram na direção de Flynn.

Um conjunto de olhares curiosos, acompanhado por murmúrios e sussurros, seguia o quarteto que se aproximava dele. Isso não era um bom presságio.

Lady Sethwick gritou atrás dele. Lágrimas brilhando em seus olhos, ela afastou a Srta. Farnsworth do lado dele. — Venha, minha

querida. Lorde Luxmoore precisa de um momento.

A Srta.Farnsworth espiou por cima do ombro, sua testa franzida de preocupação.

Flynn curvou a boca em um sorriso tranquilizador.

Ela sorriu, inclinando a cabeça para ouvir algo que Lady Sethwick disse enquanto a viscondessa a guiava para longe pelo cotovelo.

— Luxmoore, preciso lhe falar — disse Yancy, com a voz baixa e rouca. — Wimpleton disponibilizou o escritório dele, se puder nos acompanhar.

Flynn procurou os rostos tensos de seus amigos.

Um alarme passou ao longo de seus nervos. Suas entranhas torceram de modo repugnante. Ele inclinou a cabeça e foi em direção à entrada do salão.

Um pressentimento, que lembrava o dia em que Franny fora aleijada, o envolveu.

* * *

Flynn olhou para o fogo crepitante que ardia no escritório de Wimpleton. Como veio até aqui? Sua mente estava confusa, uma bagunça. Pensamentos espiralaram e giraram, saltando de seu crânio. Sua cabeça latejava. Ele esfregou a testa, tentando conter as batidas, a fim de reunir um pensamento coerente.

Meu pai está morto.

Sethwick afundou na cadeira ao lado de Flynn. O visconde esticou as pernas diante dele e levantou um copo meio cheio até a boca. As chamas refletiam o cristal, cobrindo os dedos de Sethwick com arco-íris em miniatura.

— Brandy ou algo mais forte, Luxmoore? — Yancy esperou ao lado do armário de bebidas, segurando um copo em uma das mãos e uma garrafa de líquido de cor âmbar na outra.

Harcourt, como Sethwick, já tomava uma bebida. Estava de pé ao lado da lareira, olhando morosamente para as chamas dançantes. De vez em quando, lançava um olhar preocupado para Flynn.

Faulkenhurst sentou-se silenciosamente nas sombras perto de uma estante abarrotada ao lado da lareira. Seu olhar sombrio, cheio de preocupação, nunca deixou Flynn.

— Luxmoore, um trago pode te fazer bem — Faulkenhurst perguntou suavemente.

Um gole? Dificilmente. Flynn queria uma garrafa inteira, talvez duas, de whisky escocês envelhecido e resistente. Poderia embebedar-se até o esquecimento e parar de imaginar os momentos finais de seu pai.

Na última vez em que Flynn o vira, seu pai mais uma vez, provocara-o com bom humor sobre os netos.

— Não estou ficando mais jovem, meu menino. — Ele deu um tapa no ombro de Flynn. — Gostaria de viver o suficiente para levar meus netos para caçar, pescar e estragar minhas netas com quinquilharias e bugigangas.

Sim, Flynn queria uma maldita bebida forte. Em vez disso, ele balançou a cabeça. — Não, agora não.

Nem mais tarde também.

Ele precisava de uma mente clara. A tentativa de absorver a notícia chocante transmitida há alguns momentos antes o confundira o suficiente.

Beber era algo que se recusava a usar como fuga. Muitos anos observando seu pai e seu avô seguirem esse rumo efetivamente sufocaram quaisquer tendências que Flynn pudesse ter para se envolver em excesso de indulgência. Quando ele consumia algo mais forte que a cerveja, limitava-se a um copo.

Sem exceções.

Nas últimas três gerações, os Marqueses de Bretheridges foram conhecidos como beberrões. Essa notoriedade terminava com ele.

Yancy substituiu o copo, mas levou a jarra para o sofá situado em frente às poltronas de couro que Flynn e Sethwick ocupavam. Colocando a garrafa na mesa entre os homens, o conde se sentou no sofá. O couro rangeu em protesto suave quando Yancy cruzou as pernas e pendurou um braço no encosto.

Flynn fechou os olhos, descansando a cabeça contra o estofamento da poltrona. — Gostaria de saber se minha mãe está

na cidade.

— Ela não está — disse Yancy.

Flynn abriu um olho. — Como sabe?

Yancy engoliu a bebida. Seu olhar passou por Sethwick por um breve momento.

— Fiz perguntas depois... — Ele fez uma pausa. Uma expressão de dor atravessou seu rosto e apertou sua boca. Ele esfregou a testa.

Flynn engoliu em seco e fechou os olhos contra a umidade que se acumulava neles. — Obrigado.

Ele deveria partir para Lambridge hoje à noite? Ou no dia seguinte seria melhor? Isso daria à Mãe, à Avó e à Franny outro dia sem mágoa. O advogado do seu pai deveria ser consultado também.

Antes ou depois Flynn viajaria para Lambridge?

Antes, já que ele não deixaria sua família depois de dar a notícia horrível para elas. Não que pretendesse dizer às mulheres a verdade.

Sem dúvida, um inquérito de algum tipo seria necessário.

Onde estava o corpo do pai?

Senhor, ele sentiu como se sua cabeça fosse explodir.

Ele beliscou a ponte do nariz. Administrar a fofoca seria um empreendimento colossal. Os fofoqueiros teriam forragem suficiente para durar até a próxima temporada e além.

— Por quê? Por que meu pai veio para Londres? Por que ele foi ao White's depois de todo esse tempo? Irritante isso. O que aconteceu? — Flynn caiu para a frente, com os cotovelos nos joelhos. — Yancy, você estava lá. Viu ou ouviu alguma coisa?

Harcourt se virou e olhou fixamente para Yancy.

Sethwick também pousou os olhos perturbados no conde.

Flynn virou-se para observar Faulkehurst.

Suas sobrancelhas foram puxadas em um v afiado.

O que eles sabiam?

— Bem? — Flynn tamborilou as pontas dos dedos.

Yancy despejou uma dose generosa de uísque em seu copo. Depois de tomar um gole saudável, ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Luxmoore... Flynn. — Com o rosto sombrio, Yancy suspirou. Deixando o copo de lado, ele passou a mão pelo cabelo.

— Seu pai foi até White's procurá-lo. Ele encontrou Waterford lá. O duque persuadiu o marquês a se juntar a ele para uma refeição e uma bebida. "*Pelo amor dos velhos tempos*", afirmou a Sua Graça. A princípio, Bretheridge recusou, dizendo que tinha notícias urgentes para te dar.

Yancy hesitou. — Parecia cansado, Luxmoore.

— Sim, parecia — concordou Harcourt. — Eu mal o vislumbrei quando Faulkenhurst e eu saímos, mas o marquês parecia exausto. Ou mal.

— Mal? — Flynn fez uma careta para as chamas alegres. Seu pai estava doente?

— O que foi isso sobre Waterford? Papai não falou com ele por dezessete anos. — A realidade bateu nele com a intensidade de um touro frenético. A atenção de Flynn saltou para Yancy. — Uma bebida? Meu Deus, meu pai não teria sido tão estúpido. Ele não tocou em uma gota de álcool desde...

— Receio que fique pior. — Yancy baixou a cabeça por um momento. Ele ergueu o olhar para encontrar o de Flynn.

O remorso nele pegou Flynn de surpresa. Ele estreitou os olhos e através de lábios apertados disse: — Presumo que me explicará como?

* * *

Seu pai se suicidou. Não poderia piorar.

Flynn queria esmagar alguma coisa e, nesse momento, o impulso de plantar um atiçador em Yancy o dominou. Yancy conhecia a história do pai com Waterford, seu amigo de longa data. *Condenaria o Duque a sétima camada do inferno*. Yancy também sabia por que Franny nunca mais voltaria a andar.

Depois que Waterford e meu pai passaram uma tarde se embebedando praticamente caindo da mesa do White's, a caminho de casa, papai encontrara a babá tomando o ar com a Franny. Ela

tinha seis anos na época e implorou ao pai para levá-la na sela diante dele. Apesar dos protestos da babá, seu pai puxou a Franny para o colo.

É verdade que não foi culpa dele que três cães vieram correndo ao longo do caminho, perseguindo um gato aterrorizado naquele exato momento. Ainda assim, se não estivesse bêbado, César não teria fugido quando o gato uivante correu debaixo dele. Papai teria permanecido em sua sela, poupando Franny da queda que lhe partiu as costas.

— Waterford encheu o marquês com bebida.

A voz de Yancy levou Flynn ao presente.

— Ele desafiou seu pai para um jogo de piquet. Eu me juntei a eles, esperando colocar algum sentido no marquês — explicou Yancy. — Ele estava mergulhando bastante fundo e estava longe dos copos até então. Uma quantia considerável estava em jogo e Bretheridge estava bem nisso.

A mente de Flynn correu. A maior parte de seu dinheiro foi investida em suas plantações de açúcar no Caribe, embora ele tivesse vários milhares de libras em depósito em Ringwood e no Hampshire's Bank. — Considerável? Quantos?

Yancy hesitou. — Mais de cem mil libras.

Harcourt assobiou e Sethwick bateu a mão na coxa com um murmúrio: — *Merde*.

— Santo inferno, e você era uma parte disso? — Flynn olhou para Yancy. Sim, ele absolutamente queria bater no conde. E Waterford. E qualquer outra pessoa que estivesse presente ainda não fez nenhum esforço para intervir. Quantas vidas de homens mais seriam destruídas depois de serem seduzidos a apostar sua própria existência? Ele poderia contar sete no ano passado.

Agora oito.

— Não. Yancy passou a mão pelos cabelos. — Eu não joguei. Sabe que piquet é entre dois jogadores. Eu insisti ao marquês que estava louco. Eu também disse à Waterford que seu pai estava doente e que era censurável que o duque continuasse a jogar.

Yancy tomou um gole do uísque. — Embora, naquele momento, seu pai estivesse à frente.

Flynn passou a mão nos olhos. — Eu não entendo.

— Seu pai se recusou a jogar suas cartas, Luxmoore. Ele pensou que ganhar poderia ajudar a moderar as notícias que tinha para lhe dar. Ele estava certo de que derrotaria o Duque. — Yancy soltou um suspiro. — Na verdade, eu também tinha certeza disso. Mas Waterford, pegou o diabo, de repente começou a marcar pontos. Muitos deles também, quase como se ele tivesse cartas encantadas.

— E viu isso acontecer? — Flynn pressionou dois dedos contra a testa. — E não fez nada?

— O que eu deveria fazer? — Yancy se levantou e apontou a mão para a porta. — Agarrar Bretheridge pelo ouvido e tirá-lo do lugar como um rapaz de calças curtas em vez de um homem adulto? Pelo amor de Deus, Luxmoore, seja razoável!

— Precisamente quanto ele perdeu? — Flynn apertou as mãos até as unhas lhe cortarem as palmas das mãos. Ele poderia vender os cavalos e o gado premiado, e se fosse necessário, algumas das propriedades não atreladas ao título. Havia uma fortuna em prata, arte e joias também.

— Não é só o quanto, Luxmoore, mas o que. — Yancy lançou um olhar desesperado para Sethwick e Harcourt.

Duplas carrancas marcavam suas testas.

O que Yancy havia dito a eles que ainda revelara a Flynn? Um estranho pressentimento encheu-o, mas ele permaneceu calmo.

Algo tinha sido posto em movimento hoje à noite. Algo sobre o qual ele não tinha controle, mas mesmo assim o empurrava, cambaleando e agitando como corredeiras de inverno, ao longo de um caminho desconhecido e predestinado. Tudo o que ele podia fazer era segurar e rezar para que ele emergisse, se não fosse ileso, pelo menos um pouco intacto.

Flynn ficou parado, incapaz de se sentar mais um instante. Ele cruzou para olhar as janelas francesas de frente para a rua. Os convidados estavam saindo. A senhorita Farnsworth já havia partido? Seus lábios se curvaram com a ironia. Ele não entraria em um noivado tão cedo agora. Estava de luto.

— Bem? O que mais ele apostou? — Ele jogou por cima do ombro, vacilando com a amargura em sua voz.

— Tudo não atrelado ao título, Luxmoore. *Tudo.* Incluindo as escarradeiras e penicos. — Yancy se jogou no sofá e enterrou o rosto nas mãos. Ele ficou em silêncio por vários minutos dolorosos.

Levantando a cabeça, seus olhos se encheram de tristeza. Ele respirou irregularmente. — Quando seu pai finalmente compreendeu o que ele havia feito, ele chamou sua carruagem, depois assinou a promissória. Apesar de seu estado de embriaguez, ele gentilmente deu um boa noite a Waterford e depois de se curvar, despediu-se. Eu enfrentei Sua Graça e insisti que ele cancelasse a aposta.

Com as pontas dos dedos, Flynn roçou o suave veludo das profundas cortinas cor de carvão emoldurando a janela. — O que ele se recusou a fazer.

Waterford, o imbecil ganancioso.

Yancy bateu com o punho no braço do sofá. — O maldito covarde enfiou a promissória no bolso. Ele teve a ousadia absoluta de dizer: — Sabe que a honra de Bretheridge não me permite. Um homem não tem nada se não tiver a sua honra.

— Que monte de lixo pomposo, vindo de sua laia — Sethwick disse, sua voz pouco mais do que um grunhido.

Harcourt perambulou diante das portas duplas do escritório, como se a estivesse protegendo contra intrusos indesejados.

Yancy pressionou os dedos nos olhos dele. — O tiro soou momentos depois que seu pai deixou o White's. Ele estava em sua carruagem.

Seu pai nunca viajou desarmado.

Flynn olhou para Yancy. O que alguém diria depois disso?

Fúria como nenhuma que Flynn alguma vez conheceu antes, subiu por suas veias, aquecendo seu sangue, queimando sua mente.

Raiva devastadora, isso é que era esse sentimento.

Era ilógico e injusto e diferente dele, mas culpava Yancy. Sim, o conde deveria ter puxado o pai pelo ouvido, até as malditas apostas serem suspensas.

Sethwick desdobrou sua alta estrutura de sua cadeira. O tapete turco grosso abafou seus passos quando se aproximou. Ele ficou

diante de Flynn, compaixão em seus olhos. Ele tocou o antebraço de Flynn.

— Luxmoore. Sethwick olhou para Yancy, que olhava melancolicamente para as brasas na lareira. — Seu pai veio a Londres para lhe dizer que sua mãe sofreu uma apoplexia.

Capítulo Quatro

Cheshire, Inglaterra, final de junho de 1818.

Aconchegada sobre um penico de porcelana, Angelina empurrou um cacho úmido da testa e esperou a onda de náusea passar. Ela segurou a respiração, esperançosa. Seu estômago parecia estar se estabelecendo. Finalmente.

Outra mecha deslizou para frente, balançando perto do nariz. Cabelo incômodo. Por que ela não podia ter os cabelos como os da mãe ou lisos como das gêmeas?

Murphy, a criada que tia Camille atribuíra a Angelina, bufou e agitou, sem condenação, seus redondos olhos castanhos. Firmando-a, apertou um pano frio e úmido na mão de Angelina.

— Aqui, Sra Thorne, limpe seu rosto. Se sentirá muito melhor.

Sra Thorne?

Angelina ainda não se acostumara com o nome que o tio Ambrósio inventou.

— Obrigada — ela conseguiu dizer, engolindo contra a bile queimando sua garganta. Quantas semanas mais ela teria que suportar isso? O seu mal-estar matinal não deveria ter terminado agora?

Não tinha talento para ficar embaraçada por mais tempo. A família inteira percebeu que estava aumentando, embora pensassem que ela estava viúva. Seus constantes olhares de compaixão e esforços para aliviar seu desconforto enquanto eram afetuosos, eram totalmente desconcertantes.

Angelina vivia uma mentira colossal. A verdade apareceria em uma questão de tempo.

Solteira e com criança. Apenas uma vez e...

A dor da traição se elevou bruscamente, quase dobrando-a. Ela fechou os olhos e cerrou os dentes contra o ataque.

Maldito Charles... Pierre.

Ele pediu que ela esperasse por ele e disse que viria atrás dela. O que? E trazer sua esposa junto para

camaradagem? Deveria ser chicoteado. Mas ela também tinha culpa. Culpa por ser tão malditamente crédula.

Estúpida e inocente.

— Por favor, sente-se antes de desmaiar — Murphy pediu, levando Angelina para uma poltrona. —A senhora está branca como a porca premiada do meu pai.

Seus lábios tremeram quando ela alisou as mãos sobre seu estômago quase liso. Estaria do tamanho de uma porca em poucos meses. No momento, apenas o menor obstáculo indicava sua condição. O monte não era perceptível sob sua camisola ou seus vestidos de império negro.

Com gratidão afundando na cadeira estofada, sentou sob os pés descalços. A porta da varanda estava aberta, permitindo que o ar fresco da manhã esfriasse o cômodo. Não ficaria bem por muito tempo.

Um pombo curioso estava além do limite, inclinando a cabeça manchada para a frente e para trás. O pássaro olhou para a câmara com olhos negros. De vez em quando, balbuciava baixinho. A brisa agitando os painéis de renda que protegiam as janelas chanfradas, levavam os perfumes de madressilva e jasmim para dentro.

Se hoje continuasse como nas últimas duas semanas, esta tarde seria sufocante. A natureza parecia compensar a falta completa de verão do ano passado com calor incomum este ano. Depois de ouvir as queixas de tia Camille sobre os sofrimentos de um nascimento no final do verão, Angelina agradeceu a Deus, seu bebê não faria uma aparição até algum dia perto da época do Natal.

Na mesma época do ano em que conheci...

Não, ela não pensaria *nele*. Havia outra regra para adicionar à sua lista.

Sem desperdiçar pensamentos sobre enganadores sem valor.

Ela propositadamente redirecionou sua atenção para um assunto mais agradável. Gostara de conhecer seus primos, Pembrose, dois meses mais novo, e Felicia, uma garota encantadora de onze anos. Tia Camille abandonara a esperança de ter outro filho e adorava Felicia.

Fechando os olhos, Angelina apoiou a cabeça nas costas da cadeira. Achava o campo inglês absolutamente delicioso e desejava

percorrer o caminho sombrio que podia ver da sacada. Levava a um riacho borbulhante ao lado de um pomar desalinhado. A água implorava para que ela fosse e andasse em suas profundezas refrescantes.

Ela e suas irmãs frequentemente andavam pelo riacho raso que serpenteava pelos cinco acres de Endicott Hall. Podia também ser encontrada descalça dentro de casa a maior parte do tempo, exceto quando os visitantes chegavam para se hospedar. Ela não gostava muito de sapatos. Isso levou sua mãe quase à loucura, especialmente porque Angelina estava sempre extraviando seus chinelos.

No entanto, tia Camille não queria que Angelina se envolvesse em atividades físicas tão vigorosas em condições tão delicadas, de modo que o riacho e o caminho eram proibidos.

Ora! Que tolice.

Abrindo os olhos, Angelina examinou a sala bem-equipada. O dormitório, em tons pálidos de azul e verde com um toque de pêssego, era o epítome da feminilidade. Várias telas e placas pintadas adornavam as paredes. Cada gatinho retratado se envolvia em alguma forma de travessura ou outra.

A tia Camille tinha uma queda por gatos. Ela possuía três bestas brancas e grandes de rosto achatado que passavam os dias descansando ao sol ou envoltas em qualquer peça de mobília que houvesse se tornado seu desejo atual.

Um canto da câmara continha um aconchegante nicho de costura. Angelina passou horas sentada no banco da janela costurando e bordando roupas e cobertores para o bebê.

Oh, como esperava que fosse uma menina. Não que ela não adorasse um filho. Mas, para um menino, ser criado sem a influência de um pai parecia injusto. E não tendo irmãos ou um pai interessado em nada além de seus livros e orações, ela não tinha certeza do que um menino exigiria além de uma educação decente e do amor de uma mãe.

Mas uma filha, se Deus quisesse, ela poderia fazer bem, mesmo que o pai da criança fosse um porco inconcebível.

— Beba isso, Sra. Thorne. Vai aliviar o seu mal-estar. — Murphy ofereceu uma xícara fumegante de chá. — Se importaria com um

pouco de torrada?

Angelina sacudiu a cabeça. — Apenas chá, obrigada.

Ela levantou a xícara e cheirou o chá de menta perfumado. — Murphy, eu gostaria que fosse aceitável que me chamasse de Angelina ou Lina. Não suporto ser chamada de sra. Thorne.

Isso era verdade o suficiente. Cada vez que ela ouvia o nome, ele rangia ao longo de seus nervos já frágeis, provocando-a com a falsidade.

— Oh, não, eu não poderia. — Murphy abaixou a cabeça. Alarme escrito em seu rosto simples, ela agarrou seu avental engomado. — Sua Graça é muito rigorosa sobre essas coisas. Eu perderia minha posição.

— Deus do céu. Realmente? — Relaxando contra a cadeira, Angelina tomou um gole da bebida. — Lamento ter mencionado isso. Certamente não podemos permitir isso.

Esta não era a primeira vez que notava que os servos temiam seu tio. Que tipo de homem era o duque? Mamãe nunca falava muito sobre ele – agora que penso nisso, de maneira alguma. Suas raras conversas sobre seus parentes na Inglaterra se concentravam em sua irmã gêmea.

Exceto pela cor dos cabelos, mamãe e tia Camille eram tão diferentes na aparência quanto rosas e margaridas. A tia Camille se gabava de ser vários centímetros mais alta que mamãe, era mais voluptuosa e tinha olhos castanhos e cabelos ondulados. O cabelo de mamãe era liso e ela era pequena com olhos azuis.

Melhor adicionar isso às regras.

Um homem que causa medo deve ser evitado como marido.

Não que fosse encontrar um marido agora. Nem, para dizer a verdade, queria um, exceto pelo bem do bebê. Os homens eram sapos indignos de confiança.

Assim que a condição de Angelina foi descoberta - e embora fosse apenas a primeira parte de maio e ainda faltavam várias semanas para terminar a temporada - o tio Ambrósio levou a família para Wingfield Court.

Por insistência de seu tio, ela prontamente começou a usar preto. Ele permaneceu na cidade atendendo aos negócios por mais algumas semanas e se juntou à família há quatro dias.

Tinha certeza de que ele escolhera sua propriedade mais distante de Londres para passar o verão por causa dela. Tia Camille confessou que o tio Ambrósio era extremamente atento a posição social e as aparências. Não seria bom que a *sociedade* especulasse sobre a recente chegada de uma sobrinha grávida e sem marido. Os fofoqueiros poderiam tirar todos os tipos de conclusões.

Ou descobrir a verdade.

O rosto de Angelina aqueceu. Alguma vez se acostumaria com a vergonha? Ela deveria. Logo, todos perceberiam sua condição. A fachada da viúva ofereceria um grau de proteção para seu filho, mesmo que o estratagema fosse uma enorme mentira.

Pelo menos aqui, ao contrário de Salem, ela tinha algum anonimato. A história que o tio inventara explicando seu esposo desaparecido era bastante convincente, embora um tanto simplista.

Spencer Thorne, seu marido de duas semanas, morreu em um acidente de caça. Extenuada e enlutada, ela partiu de Massachusetts e das lembranças atormentadoras que a América detinha para ela.

Essa última parte era a pura verdade, apenas a Sra. Pettigrove, a tagarela grosseira e inoportuna que sua mãe contratou como acompanhante de Angelina no navio, sabia que ela não era casada.

Pior, a irmã da Sra. Pettigrove não era outra senão lady Clutterbuck, uma notória fofoqueira, segundo a tia Camille. E, infelizmente, alguém que percorria os mesmos círculos sociais que o duque e a duquesa. Daí a pronta saída de Londres menos de uma semana após a chegada de Angelina.

E não demoraria muito para as duas falastronas juntarem as peças, e quando elas fizessem... seu estômago revirou mais uma vez. O bebê não era a causa desta vez.

Infelizmente, no navio, ela não pensara em mentir ao responder às dúzias de perguntas intrigantes da Sra. Pettigrove. Droga, a mulher nunca parara de tagarelar ou bisbilhotar.

Sim, Angelina estava relacionada com a nobreza. Seu avô fora o conde escocês de Tinsdale e ela viajou para a Inglaterra para uma visita prolongada a sua tia e tio, o duque e duquesa de Waterford.

Não, ela nunca tinha estado na Inglaterra antes, nem falava francês. Sim, ela tocava o cravo, não a harpa, e gostava de bolinhos de melaço. Não, ela não achava que os ovos em conserva ou arenque estavam deliciosos.

Não, ela nunca foi casada.

Não. Ela certamente não estava no mercado matrimonial.

Esses últimos fragmentos seriam a ruína de Angelina, caso se tornassem conhecidos. Ela tomou outro gole de chá, dando as boas-vindas ao calor reconfortante que assentava em seu estômago agitado.

Ela deveria ter dito a inoportuna grosseira que casara com um xeique árabe e dividira um harém com quinze outras esposas e três dúzias de concubinas. Ah, e quando Jazib tinha convidados, ela dançava seminua, vestindo nada mais do que uma *bedlah* para seu entretenimento.

Teria valido o escândalo ver a expressão no rosto da Sra. Pettigrove . Talvez a tivesse silenciado por um momento abençoado ou dois.

Graças a Deus elas não dividiram uma cabine, ou Angelina teria sido pressionada a empurrar a mulher ao mar. No entanto, dado o tamanho da matrona, teria sido um feito substancial. Ela provavelmente teria balançado ao lado do navio toda a travessia do Atlântico, gritando e reclamando das acomodações insatisfatórias.

O clima ficou mais violento quando fortes ventos empurraram o navio para frente antes do previsto. Náuseas atormentaram Angelina, mas outros passageiros foram confinados em suas cabines sofrendo a mesma doença. Nunca tendo navegado antes, assumiu que sofria de enjôo da viagem. Estava quase grata. Sua enfermidade significava evitar a companhia cansativa da Sra. Pettigrove.

Até que Angelina chegou à sua tia e tio e continuou miseravelmente doente, não suspeitara de que algo mais estivesse acontecendo. Um exame discreto feito pelo médico pessoal de Waterford confirmou sua gravidez.

Não tinha mais lágrimas para chorar quando a querida tia Camille, cheirando a lírios, em vez de gardênias como sua mãe, tomou Angelina em seus braços.

Sua tia deu um tapinha em seus ombros e, em seu sotaque suave e quase indetectável, disse: — Nada disso é culpa sua. O amor nos cega até que seja tarde demais, e não podemos remediar as escolhas que fizemos. Não há nada a fazer a não ser pressionar, o queixo erguido e os ombros retos e fazer o melhor possível.

Um tom melancólico penetrou em sua voz enquanto tentava consolar Angelina. No entanto, ela não estava nem um pouco segura.

Não poderia permanecer com seus tios indefinidamente. Se recusava a ficar sob a manga de outra pessoa e ser apoiada como uma parente pobre. Nem poderia voltar para casa com a história de um marido falecido. Céus, Charles poderia muito bem estar vagabundeando em torno de Salem ou Boston até agora.

Se ele tivesse voltado para Salem como prometeu, sua mãe e as gêmeas seriam desonradas. Não era justo que elas tivessem que sofrer por suas escolhas mal concebidas e pela traição de Charles.

Uma miríade de mulheres antes dela tinha dado à luz uma criança fora do casamento e ainda fazia algo de suas vidas. Ela também podia. Mas como?

Não havia muitas alternativas para mulheres solteiras sem meios. As opções respeitáveis incluíam modista, costureira, acompanhante ou governanta. As outras, amante, demimonde ou cortesã – seja como for que quisesse chamá-las - equivaliam a se vender.

Isso, ela nunca faria.

Angelina poderia eliminar o emprego como acompanhante ou governanta. Ninguém iria contratá-la com um bebê recém-nascido. Em um comércio de algum tipo, então. Ela não possuía nenhum talento real, exceto costurar e fazer renda. Ela bateu o queixo. Talvez ela pudesse encontrar uma posição como costureira ou fabricante de renda com uma respeitável modista. Ou melhor ainda, abrir um estabelecimento acolhedor ela mesma.

Outro pensamento se intrometeu e ela fez uma careta. Tio Ambrósio e tia Camille se oporiam. Eles protestariam que damas de classe não fediam a comércio.

Colocando a xícara de chá de lado, Angelina desdobrou as pernas debaixo dela. Ah, isso aliviou o aperto em sua barriga. Ela alisou a mão sobre o estômago. Quando sentiria seu filho se mover dentro dela?

Não estava bem preparada. Ela tinha a modesta herança da avó Tinsdale e a bolsa de moedas que Charles deixou para trás. O presente que ele lhe dera - o pingente de pérola, a pulseira e os brincos - além de seu anel de casamento, cada um valeria uma boa quantia. Ela torceu o anel que o tio Ambrose insistiu que ainda usasse.

Ela era uma fraude.

Angelina não tinha escrúpulos em vender o amargo lembrete da perfídia de Charles. Especialmente se isso significasse sustentar a criança que ele havia gerado nela. Podia alegar um bom olho para a moda e, por prazer, havia desenhado vários dos vestidos de sua mãe e das gêmeas.

Suspirando, colocou a mão em cima de seu estômago novamente, esfregando a pressão familiar que a atormentava várias vezes ao dia.

O que será de nós, pequenino?

Capítulo Cinco

Sentado à mesa do pai no escritório de Lambridge Manse, Flynn reprimiu um suspiro. Ele desviou sua atenção do livro que estivera estudando com seu administrador, Preston Fleming, desde às sete e meia da manhã.

— Tem certeza de que não há mais nada?

Flynn não teve escolha senão confiar em Fleming e explicar por que tudo de valor deveria ser inventariado. Após seu desalento inicial, o administrador enfrentou a tarefa com sua eficiência habitual.

Fleming sacudiu a cabeça, deslizando os óculos para a ponte do nariz.

— Não, milorde, nada. Eu listei tudo isso aqui em Lambridge. — Ele apontou um dedo fino para o livro aberto. — E as outras propriedades também, até os saleiros e pimenteiros.

Ele acenou para a pilha de livros de couro empilhados sobre a mesa. — A menos que haja um tesouro enterrado em algum lugar que não conhecemos, é tudo.

E não era o suficiente.

Esse conhecimento pesava sobre ele, como uma pedra de moinho ao redor do seu pescoço.

— Obrigado, Fleming. Fez tudo excepcionalmente bem e eu agradeço. Pode ir.

A simpatia nos olhos de seu administrador quase o desmontou.

— Terei sua carta de referência escrita por esta tarde. É com o mais profundo pesar que devo liberá-lo e não posso manter o pessoal além de agosto.

A humilhação não era a causa do nó na garganta de Flynn. Deixar os criados irem era como mandar a família para rua.

— Milorde, a minha esposa tem tagarelado comigo para que eu me aposente, por assim dizer, nos últimos cinco anos. Então, respeitosamente recuso sua oferta e em vez disso, ofereço minha renúncia. — Fleming tirou um papel dobrado do bolso do casaco e o deslizou sobre a mesa. — E já que sou um homem desocupado

agora, e meu tempo é meu para fazer o que eu quiser, continuarei como antes. Com sua permissão, claro.

A devoção do administrador deixou Flynn sem fala. Ele engoliu o sentimento que apertavasua garganta. — Obrigado, Fleming. Sou muito grato.

Fleming começou a abotoar o casaco. Ele sorriu ironicamente enquanto segurava o último botão. — Podemos querer manter essa conversa entre nós, milorde. Temo que a Sra. Fleming não possa entender.

Dormindo no sofá, Moll e Lasses, os Cavalier King Charles Spaniel de Flynn, agitaram-se. Moll levantou a cabeça e bocejou. Ela descansou o focinho nas patas, observando-o com seus olhos castanhos cheios de alma. Lasses abriu um olho sonolento, depois se aconchegou no lado aquecido de sua irmã e retomou seu sono.

Fleming pegou o chapéu e as luvas. — Existe alguma outra maneira que eu possa ajudá-lo?

A preocupação vincou o rosto do administrador idoso. Confiante e leal, Fleming fora supervisor de Lambridge Manse por mais de trinta anos - três anos a mais do que a idade de Flynn.

— Não, foi extremamente minucioso, e eu aprecio seu empenho. ─ Ele se levantou e estendeu a mão.

Fleming hesitou um momento antes de apertar firmemente a mão de Flynn.

Depois de soltar a mão do administrador, Flynn segurou a nuca e esfregou os músculos, tentando aliviar a tensão. — Suponho que poderia começar fazendo perguntas sobre a venda dos ativos.

— Muito bem, senhor. ─ Anormalmente ansioso, Fleming arrastou os pés, brincando com a aba do chapéu. — Milorde, se eu puder ser tão ousado a ponto de perguntar, como a marquesa está se saindo?

Flynn desviou sua atenção da figura impressa com ousadia na parte inferior da coluna do livro-razão. Ele sorriu de prazer genuíno. — Mamãe está se recuperando notavelmente bem. Sua fala está muito melhor.

Um bem-vindo resquício de luz para iluminar a existência sombria de Flynn. Meu Deus, sua vida rapidamente se tornara um maldito melodrama de teatro. Que paródia sobreveria aos Bretheridges depois?

— Ah, isso é bom de ouvir. A Sra. Fleming ficará bem satisfeita. Mantivemos Sua Senhoria em nossas orações.

Se ao menos Fleming e sua esposa se juntassem a Flynn em oração pelos meios miraculosos de saldar a dívida de jogo devida a Waterford. — Obrigado. Suas orações são muito bem-vindas, e direi à mamãe que perguntou sobre sua saúde.

Fleming se despediu.

Flynn se acomodou na cadeira do pai. O desconforto o envolveu como se estivesse se intrometendo no domínio particular do pai. Quanto tempo levaria para o sentimento passar? Seria possível? Totalmente?

O escritório exalava a presença de seu pai, do cheiro persistente de seu cachimbo perfumado ao cheiro das velas de cera de abelha que ele preferia.

Flynn piscou e apertou a boca contra a dor momentânea que o dominava. O cervo no qual atirou quando era um menino de doze anos, o olhou com olhos cegos de cima do armário de vidro que continha uma valiosa coleção de caixas de rapé.

Essas também deveriam ser vendidas.

Ele voltou sua atenção para o armário de armas lotado. A maioria delas também, e as coleções esculpidas de marfim e jade, as heranças da família, tudo.

Moll pulou para o chão. Depois de se alongar, ela tamborilou para Flynn. Erguendo-se sobre os quadris, apoiou o queixo no joelho dele. Para não ficar atrás, Lasses trotou para ele e fez o mesmo. Os cães tinham uma maneira estranha de saber quando algo estava errado com seus donos.

Ele coçou atrás das orelhas. — O que será de nós, pequeninos?

Olhando para a porta, ele praticamente esperava que o pai estivesse ali, com um brilho alegre em seus olhos. Flynn engoliu o pedaço de emoção que subia para sua garganta novamente.

Ele partiu para Lambridge no amanhecer, duas manhãs depois do baile de Wimpleton. Demorou muito tempo para se encontrar

com o homem de negócios do pai, falar com as autoridades, fechar a casa e tomar as providências para a transferência do corpo de seu pai.

Ele temia o pior quando Sethwick lhe contou sobre a apoplexia de mamãe. Durante toda a viagem para Lambridge, ,apavorado, imaginou que chegaria e descobriria que ela havia morrido.

Embora prejudicada em seu lado direito, Doutor Dawes estava otimista sobre sua recuperação.

— Não espero que a marquesa volte à sua condição física anterior. ─ O doutor Dawes passou uma mão gorda pela mandíbula quadrada. — Não seria realista, dada a gravidade de sua doença. Mas com a terapia apropriada e o cuidado 24 horas por dia, deverá melhorar com o tempo.

Ele deu um tapa no ombro de Flynn. — Ouvi falar de um novo procedimento bem-sucedido na França - caro e demorado, mas altamente eficaz. Deixe-me escrever ao meu associado em Londres. Ele indicou vários pacientes para o tratamento. Trarei os detalhes quando os conseguir.

Evidentemente, o doutor Dawes não tinha ouvido falar do revés financeiro - não, da ruína - que se abateu sobre os Bretheridges.

A verdade apareceria em breve.

Até então, Flynn faria tudo o que pudesse para manter as notícias calamitosas longe de suas mulheres.

Se sua mãe e Franny não precisassem dele aqui, Flynn estaria a bordo do primeiro navio disponível para Trinidad e Tobago para vender suas plantações de açúcar. No momento, não ousava arriscar gastar os fundos para contratar um agente para viajar e fazer as negociações em seu nome.

Waterford poderia cobrar a aposta a qualquer momento. Ele ainda não tinha falado com o duque. Pelo menos o caipira permitiu a Flynn aquele pequeno alívio.

Ele não tinha a mínima dúvida que o duque exigiria pagamento. A dívida não era executável sob a lei, mas a honra de Flynn determinava que a obrigação fosse paga. Não o fazer o levaria à ruína social e ao ostracismo.

Com os cotovelos na escrivaninha brilhante, Flynn enterrou o rosto nas mãos.

Tinha de encontrar uma maneira de manter sua família na residência em Lambridge. E igualmente crucial, tinha a todo custo, que impedir de descobrirem a verdade sobre a morte do pai e suas apostas longe do estilo de vida que sempre conheceram.

— Flynn, querido?

Vovó.

Ele levantou a cabeça e ofereceu um sorriso torto quando ela entrou no escritório.

Moll e Lasses se apressaram para cheirar suas saias.

Com os ombros curvados, ela arrastou-se pelo chão, apoiando-se na bengala, as saias negras de bombazina rangendo com os tormentosos movimentos. Já pequena, ela murchara ainda mais desde que enterrara seu único filho.

Levantando-se, Flynn se apressou a segurá-la pelo braço e a ajudou a sentar-se em uma cadeira, destramente contornando os cachorros excitados correndo em volta de seus pés.

— Vovó, a senhora levantou cedo hoje. — Ele beijou sua bochecha fina como papel.

Ela cheirava a rosas e limão, fazia isso desde que ele conseguia se lembrar. Ela encorajava seu amor pela botânica e muitas vezes, fazia sugestões inteligentes e úteis sobre as novas espécies de rosas que ele criava na estufa.

Agora era um luxo sem sentido. Ele não podia justificar gastar tempo ou dinheiro em criação de rosas por mais tempo.

Depois de dar um tapinha na cabeça de cada cão e receber boas lambidas em troca, vovó se recostou com um suspiro sincero. A cadeira envolveu sua frágil estrutura.

— Sinto muito, meu querido menino, não quero me intrometer. Não pude deixar de ouvir sua conversa com o Sr. Fleming.

Ela se acomodou mais firmemente na almofada. Seus pés não alcançaram o chão.

Engraçado, Flynn nunca tinha notado isso antes.

— Vim perguntar se Eunice poderia vir por algumas semanas, — vovó tocou o broche de luto em sua garganta. Segurava uma mecha do cabelo de papai. — Ela escreveu e pediu para vir. A morte do seu pai foi difícil para ela.

E para senhora também, querida.

Embora ela encorajasse um sorriso, a angústia brilhava em seus olhos.

Vencida, ela desmoronou quando ele contou a ela sobre a morte do pai. Graças a Deus, apenas desmaiou. Dada sua constituição delicada e idade avançada, Flynn temia que sofresse algo mais na época.

Ele assentiu, afastando os cachorros. — É claro que tia Eunice pode vir. Faça o convite e peça que fique o tempo que desejar.

Uma vez que sua tia idosa se instalasse, Flynn apostaria que ficaria. Viúva e sem filhos, a irmã mais velha de papai havia sugerido que gostaria de morar em Lambridge Manse por algum tempo.

— Está com problemas Flynn. ─ Uma declaração de fato, não uma pergunta. A avó olhou para ele com expectativa. — Eu ouvi falar da venda de ativos?

Sua visão podia estar desvanecendo, seus lindos olhos azul-acinzentados levemente turvos e desfocados, mas a audição de sua avó e sua mente continuavam afiadas como sempre. Ela não ia deixar a questão com Fleming passar.

Flynn fixou seu foco no tapete e cruzou os pés calçados de Hessian, esfregando sua nuca novamente. Oh Deus, a residência estava balançando?

Nunca foi capaz de mentir para sua avó. Ela detectou sua mentira quando criança e o ensinou a ser honesto e confessar a verdade, em vez de tecer uma teia de enganos.

Será um marquês um dia, Flynn, e deve semear honra. Deixe de lado falsidades e sempre fale a verdade, meu filho.

Flynn suspirou e descansou o quadril na beira da mesa. — Sou obrigado a vender algumas propriedades para atender a uma dívida inesperada que surgiu.

— Ah, entendo.

Inclinou a cabeça grisalha para o lado e estudou-o com olhos inteligentes. Ela se assemelhava a um rato inquisitivo. Suas mãos retorcidas agarraram o topo da bengala gravada, e ela se inclinou um pouco para frente.

O que via realmente?

As linhas de fadiga e preocupação em seu rosto? O desespero e preocupação que, sem dúvida, mostrava em seus olhos? Ou que ele escondia algo dela? Ela tinha o suficiente em seus ombros frágeis sem se preocupar com ele.

Ele forçou um sorriso. — Tudo ficará bem, vovó, prometo-lhe. — Ele se inclinou e levantou uma mão com veias azuis, beijou-a e deu um aperto suave em seus dedos. — Nós temos uns aos outros, a senhora, mamãe, Franny e eu. E logo, a tia Eunice se juntará a nós. Isso é o que importa no momento.

Seus olhos estavam embaçados. — Sim, eu fico muito confortável em saber disso.

Embora, se não encontrasse uma maneira de se libertar do jugo em que estivera pressionado, as circunstâncias iriam mergulhar mais rápido do que um pássaro perseguindo um inseto. Eles poderão se encontrar empilhados uns sobre os outros como biscoitos em uma lata, vivendo em sua casa de caça decrépita, um lance de pedra do outro lado da fronteira da Escócia.

Como ele podia se dignar a mover uma mulher de oitenta e dois anos, uma inválida e uma aleijada para um casebre de três cômodos?

Moll e Lasses empurraram seus focinhos entre a mão dele e a da sua avó.

Ela riu, esfregando suas cabeças sedosas. — As garotas se sentiram ignoradas, não é minhas queridas? Claro que ele pretendia incluí-las.

— Eu imploro seu perdão, milorde. — Chatterton entrou no escritório segurando uma bandeja de prata. Um cartão branco destacava-se nitidamente sobre ele. — Sua graça, o duque de Waterford, quer saber se está em casa.

As entranhas de Flynn caíram aos seus pés. O momento para o acerto de contas estava próximo.

É muito cedo. Eu preciso de mais tempo.

E de um plano.

Apertando os dentes juntos até que um músculo pulou em sua mandíbula, rezou por força. Não lhe restava nenhuma. Devia receber o duque. Flynn não podia dizer que não estava em casa com sua avó olhando para ele.

— Que bom. ─ Ela se virou para a porta. — Eu não via Sua Graça há vários anos. Senti falta de sua companhia eloquente.

Não é por acaso, vovó. Confie em mim, minha querida. Ele está longe de ser eloquente nos dias de hoje.

— Chatterton, por favor, leve-o para o escritório. ─ Flynn seria enforcado antes que ele pedisse uma gota de chá ou bebidas para ele.

Visitar tão cedo estava fora dos limites. Ele não queria que Waterford se sentisse bem-vindo ou demorasse mais um segundo do que o necessário. Se sua avó não estivesse presente e certamente fazendo perguntas que não estava preparado para responder, teria pedido a Chatterton que alegasse que não estava recebendo visitas.

E nunca estaria quando aquele abutre viesse.

— Imediatamente, milorde. ─ Abaixando a cabeça, Chatterton escorregou do quarto tão silenciosamente quanto chegou.

— Vovó, o duque e eu temos negócios a discutir, o que, tenho certeza, seria cansativo para a senhora. ─ Flynn pegou a mão dela.

Ela riu novamente.

— Tentando se livrar de mim não é, meu menino? ─ Colocando a mão na sua, ela lutou para ficar de pé. — Muito bem. Vou cumprimentá-lo e sair.

Flynn chegou para agarrar seu cotovelo e ajudá-la a sair do quarto.

Ela acenou com a mão. — Vá em frente. Quando tiver um tempinho, sua mãe e sua irmã querem uma palavra.

Ele arqueou uma sobrancelha. Sua mãe e irmã estavam acordadas assim tão cedo?

— Não olhe para mim assim. ─ Divertimento dançou em seus olhos. — Nós também temos muito em nossas mentes. Agora, me dê um beijo ─ ela apontou para sua bochecha — e eu me porei a caminho.

Depois de colocar um beijo no rosto enrugado, procurou a cadeira atrás da mesa imensa. Melhor colocar algo entre o duque e ele. Flynn não estava certo de que pudesse evitar socar o nariz de Waterford.

Ou desafiaria o duque para um duelo.

Uma ideia que Flynn pensara seriamente até que o bom senso prevalecesse - como se lhe desse mais um problema. Ele não podia arriscar uma lesão. Não com tantos outros dependendo dele.

Waterford era um expert com as pistolas, embora as habilidades de Flynn com a espada excedessem as do duque. O fato de que Sua Graça nunca lidou bem com uma lâmina era conhecimento bastante comum. No entanto, Flynn não duvidava que a arma de escolha de Waterford seria a pistola.

Por mais inescrupuloso que fosse, ele não hesitaria em cobrar a dívida do jogo se Flynn fosse ferido ou morto.

Onde isso deixaria sua família?

Desprovida.

Não, era melhor manter uma rédea curta em seu temperamento e língua, algo que achava extremamente difícil de fazer ultimamente. Verdade seja dita, algo com que ele lutava pela primeira vez em sua vida. Sua raiva açoitava contra o bom senso no momento.

Ele não era mal-humorado, achando a vida mais divertida sendo um sujeito agradável e amável. Aqueles dias ficaram para trás para sempre, amaldiçoando o coração negro de Waterford.

Maldito seja pai, por escolher o caminho do covarde.

Momentos depois que a avó se arrastou da sala, Flynn a ouviu dar ao duque uma saudação agradável. Se ela soubesse a verdade, iria bater com força em seu nobre focinho com sua bengala. E depois chutá-lo no traseiro quando ele caísse no chão.

A imagem trouxe um leve arco aos lábios de Flynn.

— Sua Graça. — Chatterton indicou que o duque deveria entrar. — Devo pedir uma bandeja da Sra. Plum?

Flynn fechou o livro de Lambridge . Ele empilhou o registro em cima dos outros. — Não, Sua Graça não ficará muito tempo.

— Muito bem, milorde. — Com o que só poderia ser descrito como um olhar de desprezo dirigido para a parte de trás da cabeça de Waterford, Chatterton recuou, não fechando as portas duplas atrás dele.

Ah, então a equipe estava ciente da mudança nas circunstâncias de Flynn. Não era nenhuma surpresa. Teria sido mais fácil drenar o rio Tâmisa do que esconder a verdade dos servos. Quase tão

protetores das mulheres quanto ele, seus leais criados não diriam uma palavra à mãe ou aos outros.

Desde que chegou a maioridade e se tornou um participante regular das reuniões do *haut ton*, Flynn não se lembrava de ter trocado mais do que algumas palavras com o Duque. A arrogância incomparável do homem e seu jeito condescendente eram desanimadores. Flynn voltou sua atenção para Waterford e o avaliou.

Cabelos ruivos e finos cobriam a cabeça de Sua Graça e ele desenvolveu uma distinta pança. Excesso de bebida tendia a fazer isso. Bolsas embalavam seus olhos lacrimejantes e injetados de sangue, e veias vermelhas finas ornamentavam seu nariz bulboso. Era difícil identificar como bonito, o homem que uma vez foi o melhor amigo de seu pai.

O pai alguma vez contou a Waterford por que cortou sua amizade? O duque devia ter um pressentimento. As notícias da tragédia de Franny haviam circulado entre os salões superiores.

Pisando com segurança, Waterford entrou no escritório. A postura confiante de sua cabeça e ombros sugeria que acreditava que Flynn estivesse em desvantagem.

E certamente, Deus, teria que se sujeitar a esse pomposo.

Moll e Lasses, com o pelo levantado, circulavam o duque, farejando o ar e rosnando baixo.

Waterford congelou e olhou para os spaniels, sua antipatia era tangível. Ele levantou o pé como se fosse dar um chute. — Chame seus cães.

— Se valoriza suas pernas, não faça isso. ─ Flynn sacudiu um pulso para a entrada do escritório, onde um dálmata de bom tamanho estava emitindo um rugido gutural.

Waterford proferiu um juramento imundo. — Chame-os.

— Deitem-se. Flynn apontou para o sofá.

Caudas entre as pernas, Moll e Lasses se esconderam no sofá. Seu escrutínio desconfiado nunca saiu de Waterford. Burburinhos intermitentes ecoavam em seus peitos.

Criaturas inteligentes.

Ele adoraria deixá-los ir ao duque. Waterford provou ser tão ruim que provavelmente colapsariam e morreriam depois da

primeira mordida.

Esperando até que o duque estivesse parado diante da mesa para se levantar, Flynn foi até a entrada e cutucou Sir Freckleton – o nome escolhido por Franny — porta afora.

— Um pouco cedo para uma visita social, Waterford.

— Nós dois sabemos que não é nada disso.

O duque acomodou-se em uma cadeira. Cruzando as pernas, ele tamborilou com a mão no braço gasto pelo tempo. — Não me oferecerá uma bebida, Luxmoore? Eu poderia ter um gole ou dois daquele bom Scotch que seu pai sempre tinha em mão.

— Eu sou o marquês de Bretheridge agora, como bem sabe, e não tolero bebidas antes do meio dia. Flynn voltou a sentar e cruzou os dedos sobre a mesa, para não os envolver no pescoço do duque. — Além do que não há álcool na casa, a não ser para fins medicinais.

— Que lástima. — Waterford enfiou a mão dentro do casaco verde-musgo e retirou um pedaço de papel bem dobrado. Colocou-o na mesa, aproximando a promissória de Flynn.

— Tenho certeza que sabe o que é isso.

Flynn lançou um olhar desinteressado para o marcador. — De fato.

— Vim discutir os termos do pagamento. — O duque fitou tensamente os cachorros. — Poderia tirar essas bestas daqui?

Eles levantaram a cabeça e rosnaram em uníssono.

Sob pena de morte.

Se a presença dos spaniels oferecia a Flynn a menor vantagem contra o maldito presunçoso que se encontrava à sua frente, ele aproveitaria. — Estou em condições de pagar uma parte da dívida. Vou precisar de mais tempo para adquirir...

— Não perca seu fôlego. Eu sei que não pode pagar a promissória. — O duque acenou a mão com desdém e um brilho triunfante entrou em seus olhos. — Além disso, é o mínimo. Existem propriedades e outros ativos para discutir.

Com os olhos verdes ganancioso e sua barriga inchada, lembrou a Flynn um sapo gigante e feliz.

— Meu pai morreu há poucas semanas. Demorou muito tempo para determinar seus pertences, bem como o que é ou não

vinculado.

Respirando calmamente, Flynn estreitou os olhos e passou os dedos ao longo da borda de um livro. — Pode não estar ciente, mas a minha mãe está se recuperando de uma apoplexia. Eu escondi dela os detalhes sobre aposta e a morte de meu pai. Não terei ela, minha avó ou minha irmã ainda mais traumatizadas.

A ira que zumbia em seu sangue, tornava um feito monumental manter sua compostura. Ele agora entendia por que alguns homens eram levados a matar.

Os lábios do duque franziram. — Suponho que tenha inventado alguma bobagem sobre um assalto ou algo igualmente sem imaginação para explicar sua morte.

Na verdade, Flynn tinha feito isso. Ele apertou o braço de sua cadeira, o desejo de derrubar a mesa e espancar Waterford era tão intenso que o surpreendeu. Ele nunca se considerou um homem violento.

Isso mudou quando o pai colocou uma arma na cabeça e apertou o gatilho.

Flynn forçou uma fachada calma. — Foi o amigo e confidente de meu pai, em quem ele confiava, por duas décadas. Embora possa ser uma surpresa, ele continuava a tê-lo em alta consideração, assim como minha mãe, apesar de tudo.

Isso tirou seu fôlego ducal. Ele visivelmente afundou, sua mandíbula se abriu. Depois de um momento estranho, Waterford fechou a boca com um clique audível. Suas feições endureceram e a arrogância de Sua Graça voltou completa. — Seja como for, há o assunto em mãos.

Ele apontou a promissória com um dedo retorcido.

Flynn se concentrou no papel antes de encarar os olhos frios do duque.

— Preciso de mais tempo. — Ele cerrou e afrouxou as mãos no joelho sob a mesa. Deus o ajude, ele estava prestes a perder o controle.

— Mamãe não sobreviverá a outro ataque. A mataria saber a verdade. Certamente deve haver um pouco de compaixão enterrada debaixo do homem no qual se tornou.

Flynn duvidou da veracidade de sua declaração. O duque adquiriu sua reputação por causa de sua crueldade, não ternura. Ele ganhou sua notoriedade como um demônio impiedoso.

— De fato. Tenho uma solução maravilhosa e magnânima. — Waterford sorriu amplamente e relaxou contra a cadeira. Ele descruzou as pernas, depois as cruzou novamente, o outro joelho nodoso agora no topo.

— Espero que seja favorável à proposta que tenho. — Ele apontou a promissória novamente. — Se concordar, cancelarei toda a dívida. A queimarei enquanto assiste.

Apesar de algum pressentimento, Flynn endireitou-se imediatamente, com o interesse despertado.

— Achei que chamaria sua atenção. — O duque riu sarcasticamente.

— O que poderia me propor que valeria a pena perdoar uma dívida de tal magnitude? — A mente de Flynn acelerou. Talvez Deus tivesse ouvido suas orações depois de tudo. Havia alguma maneira de salvar tudo?

— É bem simples. — Um sorriso maroto contorceu o rosto de Waterford. — Tudo o que precisa fazer é casar com minha sobrinha.

Flynn ficou boquiaberto. O homem estava confuso? Havia muita bebida alcoólica em seu cérebro? Algum tipo de doença tornara o duque desequilibrado?

— Não está falando sério. — Flynn finalmente achou a língua, sua voz era um grunhido áspero.

Moll e Lasses se animaram. Eles ficaram no sofá, alternando os olhares cautelosos dele para Waterford.

O duque não respondeu. Ele inclinou a cabeça arrogantemente, seu sorriso se aprofundando.

O relógio na cornija da lareira marcava um ritmo constante.

O pulso de Flynn não. Por um momento, ele não conseguiu respirar.

— Estou de luto, pelo amor de Deus. Mesmo que eu quisesse me acorrentar em alguma coisa que nunca conheci - e que não conheço - não posso. O decoro proíbe.

Os olhos castanhos de Lydia vieram à mente.

Ele nem podia se casar com a mulher que o encantou na primavera passada. Lydia havia retornado à Escócia e, sem dúvida, alguns Highlander *ricos*, altos, em um kilt, com pernas peludas, sem restrições e sem cuecas, a cortejavam.

Sua Graça bateu as mãos nos braços da cadeira e descruzou as pernas. — Claro que pode. Eu tenho tudo organizado.

Aposto que tem, seu manipulador pederasta.

O duque examinou os cães observando-o com desconfiança. Enquanto se levantava, os dois spaniels saltaram do sofá e ficaram prontos.

— O aguardo em Wingfield às quatro da tarde para o chá. Isso lhe dará a chance de se familiarizar com a minha sobrinha antes do jantar, o que, claro, ficará para participar.

Ele caminhou até a porta. Agarrando a maçaneta, Waterford se virou e ofereceu seu primeiro sorriso genuíno. — Ela é realmente muito bonita.

Capítulo Seis

Enquanto corria, Angelina deu uma espiada rápida na casa. Sem touca e sem luvas, suspirou de alívio. Levantou a sombrinha preta para ver melhor Wingfield.

Bom. Ninguém na família havia notado sua saída.

Não era proibido, mas não queria explicar seu destino. E precisava de um tempo sozinha. Não para meditar. Isso era um desperdício inútil de energia e emoção.

Não, ela queria pensar mais sobre como poderia se sustentar depois que o bebê chegasse. A ideia de ser modista merecia uma consideração mais aprofundada, assim como a confecção de rendas. Ela tinha talento para fazer renda.

Logo após um leve almoço, que Angelina se recusara a comer, tia Camille retirou-se ao seu quarto para tirar uma soneca.

Sua tia, sem saber, deu a Angelina a oportunidade que precisava para escapar de casa. Ela não pretendia ser rude ao pular a refeição, mas repolho, carnes frias, incluindo torta de queijo, junto com língua e os ovos em conserva fizeram seu estômago virar mais uma vez.

Ela se contentou com um pedaço de pão escuro e seco.

Segundo Murphy, seu tio havia saído bem antes do café da manhã. Ele ainda não tinha retornado. Felícia brincava com uma ninhada de gatinhos de um mês, e Pembrose havia saído com alguns companheiros para fazer o que quer que fizessem os jovens de sua idade.

Olhos erguidos para o céu sem nuvens, Angelina fez uma careta. Como havia previsto, o dia estava realmente esquentando a uma temperatura desagradável.

Como era uma estrutura de pedra, velha e irregular, o piso térreo do Wingfield Court continuava bastante confortável. No entanto, após um dia quente, os quartos do terceiro andar ficavam insuportavelmente quentes.

Ela não deveria ter fugido, mas Brooke Tweadle a tentava além da resistência. Vadiar por um tempo soava tão refrescante. Depois, Angelina voltaria para casa e descansaria na sala fria antes da hora do chá.

Em Salem, eles nunca se incomodavam com o chá da tarde, a menos que tivessem um baile para a noite, o que significava que o jantar não seria servido até a meia-noite. Era tolo fazer uma refeição quando se janta novamente em poucas horas.

Quantas vezes uma pessoa precisa comer em um dia?

Ela já estava maior por causa da criança. Não precisava de bochechas e coxas gordinhas também.

Uma prática tão ridícula. Beber uma bebida quente em um dia quente. Uma limonada refrescante, oh! Isso seria muito bem-vindo. Ou melhor ainda, um daqueles gelados deliciosos que ela provara uma vez ao visitar Boston com seus pais.

A grama roçou suas saias, fazendo um som suave de farfalhar enquanto ela corria pelo caminho coberto de mato.

Do outro lado do pomar, havia uma campina cercada, onde um considerável rebanho de gado escuro e estranho, pastava sob a sombra de um único carvalho. Um coro de abelhas zumbia entre as brilhantes flores silvestres que pontilhavam o chão. Nem um toque de brisa agitava as folhas ou a grama do prado.

Quando se aproximou do bosque de carvalhos que ladeavam o leito do córrego, um coelho assustado saltou do mato. Angelina gritou de surpresa.

Outro coelho em pânico disparou após o primeiro.

Rindo, ela dobrou a sombrinha e virou-se para o riacho. O riacho provou ser tão encantador quanto ela esperava. A água rasa borbulhava sobre rochas desgastadas pelo tempo. Um par de libélulas turquesa brilhante voava sobre o riacho, e o som de um pássaro canoro desconhecido enchia o ar.

Examinou as copas das árvores em busca do pássaro. Um minúsculo rouxinol verde-amarelo pulou em um galho.

Angelina analisou os magníficos carvalhos. Eles deviam ter pelo menos cem anos de idade. Muitos de seus galhos extensos demais para alcançar o céu, cresceram sobre o chão, formando uma teia gigante e retorcida.

Se ela não estivesse aumentando sua largura, se entregaria à tentação e escalaria uma das monstruosidades distorcidas. Descansando a sombrinha contra uma pedra pequena, sentou-se nela e desamarrou as botinas. Depois de tirar e colocá-las ao lado, ela examinou as margens.

Sim, ela estava sozinha.

Levantando as saias até o joelho, enfiou a mão por baixo da bainha. Uma vez removidas suas ligas, desenrolou suas meias, depois as colocou cuidadosamente na pedra ao seu lado antes de se levantar.

Ela flexionou os dedos dos pés nas pedrinhas que rodeavam a margem. Como era maravilhoso estar sem sapatos. Levantando o vestido, ela caminhou até a água. Não seria bom se caísse.

Angelina já acalentava a criança aninhada em seu ventre. Podia estar com raiva da fraude de Charles e da injustiça grosseira de suas circunstâncias, mas queria o bebê que carregava. Os filhos eram um presente de Deus, e ela faria tudo ao seu alcance para ser uma boa mãe.

Respirou fundo e entrou na água na ponta dos pés.

Meu Deus, está fria.

Ela levantou a bainha acima dos joelhos e caminhou mais para o fundo, até que a água balançou em torno de suas panturrilhas. Mais além, rio abaixo, havia um tronco que se estendia pela margem. Outro carvalho gigante se inclinava do aterro, proporcionando um recanto sombreado e um lugar perfeito para sentar e balançar os pés na água.

Angelina equilibrou-se no tronco, gentilmente chutando as pernas e apreciando a sensação da água balançando entre os dedos dos pés e lambendo seus tornozelos.

Barulhos enfurecidos chamaram sua atenção. Um casal de esquilos vermelhos saltou sobre um galho. Uma onda de nostalgia a varreu, e ela suspirou. Até os pássaros, coelhos e esquilos tinham companheiros.

Agora era improvável que ela viesse a ter um.

Seu coração latejou com a dolorosa verdade. As mulheres em sua posição tinham dificuldade em encontrar maridos. Ainda mais se

a farsa de sua viuvez viesse à tona. Ela seria rotulada de imoral e rápido.

Isto é o que amar me custou.

Antes de conhecer Charles, ela nunca entendeu por que alguém se casaria por conveniência ou consentimento em um casamento arranjado. Desesperadamente romântica como tinha sido, seu coração ansiava por uma união por amor. E onde isso a levou?

À gravidez e sem marido.

Ela deu um chute zangado, borrifando água no vestido. Talvez aqueles que escolhem a conveniência e não o amor estejam certos. Pelo menos eles sabiam exatamente onde estavam. Não eram todos os detalhes no acordo de casamento sórdidos?

Sim, escrevem os termos e selam-nos com uma assinatura fria e impessoal.

Sem expectativas. Sem decepção. Sem desgosto.

Um bom lucro e sem emoção. Seguro e protegido. Com um doloroso vazio dentro do casal, que nunca será preenchido.

Angelina apertou a mão na barriga e mudou de posição no tronco, tomando cuidado para não prender o vestido na casca grossa.

Ela não tinha escrito à mãe sobre o bebê. Implorou ao tio Ambrose e tia Camille que não o fizessem. Eles concordaram com relutância. Angelina contaria à mãe com o tempo. Só que ainda não. Um neto resultante da ruína da filha mais velha abalaria sua mãe.

Tio Ambrose, em particular, parecia obcecado pelo aumento no corpo de Angelina. Mais de uma vez desde que ele chegou a Wingfield Court, geralmente quando estava afundado no seu copo, dera um tapinha no ombro dela e murmurara: — Verei para que esteja cuidada.

Ela não queria ser cruel, mas quase sempre ele parecia uma raposa.

Com os lábios pressionados, tia Camille o observava, tinha preocupação e algo mais em seus olhos.

Receio?

Que absurdo!

Ultimamente, a imaginação de Angelina florescia demais. Nunca ouvira seu tio Ambrose sequer levantar a voz para tia Camille ou as crianças.

Vislumbrando a casa através dos troncos das árvores, Angelina suspirou. Deveria voltar. Não faria sua tia acordar da soneca e encontrá-la desaparecida.

Sempre ansiosa e temendo o pior, a querida mulher possuía uma natureza superprotetora e sufocante. Nesse sentido, ela era totalmente diferente de sua mãe. Sabedoria e cautela eram uma coisa, mas a obsessão da tia Camille por pensamentos sombrios era algo completamente diferente.

Afastando-se do tronco, Angelina caminhou até onde havia entrado no riacho. Um bufo alto a fez girar em direção ao som, e ela escorregou. Para manter o equilíbrio, ela largou as saias.

Uma vaca, com os olhos enormes e desconfiados, estava entre as árvores, olhando Angelina. A cerca do pasto devia estar quebrada em algum lugar próximo. O animal balançava o rabo preguiçosamente, afugentando uma horda de moscas enquanto mastigava a ruminação. Ela não parecia hostil.

O pulso de Angelina acelerou da mesma forma. Nunca esteve tão perto de uma vaca. E esta era como nenhuma outra que ela já tivesse visto. Coberta de pelos compridos e grossos, a pobre devia estar sufocando. Não é à toa que ela procurou pelo riacho.

Com um olho no animal, Angelina pegou o mais rapidamente que pôde, o restante de seus pertences a poucos metros dali. Suas saias, encharcadas acima dos joelhos, impediam seus movimentos. Muito para impedi-la de entrar despercebida e furtivamente na casa. Ela teria que confessar sobre sua excursão.

Pegou a sombrinha e suas meias. Colocou alguma distância entre ela e a vaca antes de vesti-las. Quando se inclinou para pegar as botas, mais roncos e cascos ecoaram do outro lado do aterro.

Ficando na posição vertical, prendeu a respiração. *Maldição!*

Mais cinco vacas, quatro acompanhadas de bezerros com olhos de chocolate, pesavam pesadamente no riacho. O touro que os liderava jogava a cabeça gigantesca para frente e para trás.

Em aviso?

A primeira vaca deu uma suave saudação.

Bom Deus. O que supostamente devo fazer?

Angelina se afastou. Ela podia ouvir o sangue latejando em seus ouvidos. Ela sempre achou que as pinturas eram um exagero feito por novatos covardes.

Isso era real.

O touro avançou um passo, batendo a pata no chão.

Deus, isso não podia ser bom.

A fera olhou para ela. Tinha certeza disso.

Ele abaixou a cabeça desgrenhada e rosnou.

Bom Deus nas alturas!

Um grito de terror rasgou a garganta de Angelina. Ela jogou seus pertences e correu para a árvore mais próxima. Pulando em um galho grosso próximo ao chão, ela percorreu seu comprimento, depois pulou no V de um galho adjacente.

O touro, o demônio dançando em seus olhos, berrou e pisoteou embaixo dela. Pedaços de terra e casca esmagadas voaram de seus cascos.

Ela rastejou mais para cima do galho, agradecida que a velha árvore tivesse galhos largos bons onde podia escalar facilmente. Esticou e torceu desajeitadamente o pescoço enquanto segurava o carvalho para espiar por cima do ombro. A mansão apareceu a uma boa distância. Não parecia tão longe quando andou até aqui.

O suor escorria por toda a espinha e entre os seios, além de encharcar o tecido do vestido sob cada braço.

Subindo mais na árvore, ela prendeu o cabelo em um galho fino. O galho puxou a fita solta entrelaçada no nó arrumado em cima de sua cabeça. Alguns cachos importunavam seu rosto enquanto o resto do cabelo pendia em uma gota na nuca.

Sua bochecha doía. Angelina tocou a área, sem surpresa quando seus dedos saíram manchados com um traço de sangue. Mesmo sem um espelho, ela sabia que era uma visão horrível, graças à besta mal-humorada bufando e pisoteando abaixo.

"*Que bela situação embaraçosa na qual se meteu*." Fechando os olhos, ela pressionou a cabeça contra o tronco áspero.

Cascos mais fortes e baixos mugidos anunciaram convidados indesejados adicionais.

Pelas barbas de Cristo!

O gado pisou no riacho, enlameando a água em busca de uma bebida fresca. Que tolo não manteve bem suas cercas? Provavelmente era negligência do tio Ambrose.

Quanto tempo as criaturas demorariam até voltarem para casa? Antes de terminar o pensamento, seis vacas e dois bezerros dobraram os joelhos e deitaram-se.

Bem, isso era perfeito. Agora o que deveria fazer?

Seu estômago se contraiu em sua posição agachada. Depois de mudar para aliviar o aperto, Angelina olhou através das folhas.

Se ela acenasse com um braço, alguém na casa poderia vê-la? Seria útil ter algo colorido para abanar. A essa distância, o preto de seu vestido provavelmente se misturava ao tronco escuro da árvore e a tornava indetectável.

Ela se levantou um pouco, enfiando o dedão do pé em um pedaço áspero de casca. Lágrimas surgiram em seus olhos.

Raiva e desespero.

Mantendo o aperto em um galho próximo, Angelina examinou o dedo latejante. Gotas escarlate escorriam para o lado. Por que tinha desafiado tia Camille e se aventurado aqui sozinha? Podia ficar presa aqui por horas.

Os salpicos, mugidos suaves e farfalhar do gado que circulava abaixo subiram para seus ouvidos. Talvez se gritasse alguém pudesse ouvi-la, embora com o tumulto que os animais estavam fazendo, isso fosse duvidoso.

Ainda assim, ela respirou fundo e soltou um grito muito pouco infantil. — Socorro. Estou presa em uma árvore. Alguém me ajude, por favor.

— Precisa de ajuda? — A profunda voz de barítono de um homem, flutuou até ela.

Angelina balançou a cabeça para encarar o cavalheiro atraente demais que estava olhando-a de soslaio, em cima de um cavalo castanho claro. Por que não tinha sido um cavalariço ou arrendatário que a encontrou?

— Eu acho que isso é óbvio. Aquele bruto mal-humorado me perseguiu até aqui. ─ Ela apontou para o touro, agora mostrando um comportamento completamente dócil enquanto esfregava a cabeça contra uma vaca satisfeita.

O cavalheiro a encarou, com um brilho estranho nos olhos. Sua boa aparência fazia Charles parecer quase efeminado.

Céus, de onde isso veio?

— É americana.

A maneira como o homem falava era acusatória. Ele tinha algo contra os americanos? Possivelmente. A guerra não havia terminado há muito tempo.

Ela balançou a cabeça, nunca soltando o aperto mortal ao galho ao lado dela. — Não exatamente. Eu nasci na Escócia. Meus pais, ambos escoceses, se estabeleceram em Salem quando eu era criança. Cheguei recentemente, hum, para férias e para visitar minha família.

— Na Escócia? ─ Ele parecia um pouco confuso.

— Não, na Inglaterra. Meu tio é inglês.

Ela pesquisou a área. De onde ele veio?

Como se tivesse ouvido a pergunta não dita, ele apontou para o prado. — Uma extensão de cercas precisa de atenção onde um portão caiu do outro lado.

Ele inspecionou o gado. — Estes são meus. Mandarei um recado para que alguns dos meus tratadores venham para recuperá-los e fazer o reparo.

— De que raça eles são? ─ Angelina inclinou-se um pouco. — Nunca vi gado com pelos tão compridos. Eles são enormes.

— De fato. Eles são os Galloways, uma raça escocesa. Muito sadia e calorosa. ─ Embora educado, seu tom continha uma frieza distinta.

Ela inclinou a cabeça, observando-o completamente pela primeira vez. Nobre por certo. A pronúncia dele era excelente; suas roupas eram de primeira, desde o casaco preto até as botas reluzentes. Com menos de trinta anos, possuía um rosto angular e um tanto cinzelado, e seu nariz exibia uma protuberância distinta.

Um homem muito bonito. Para dizer a verdade, pecaminosamente bonito, jovem e viril também.

Um tremor de consciência deslizou por sua pele.

Pare neste instante.

Ela havia cedido a essa tentação uma vez antes, e o resultado fora miserável.

Uma aura de tristeza pairava sobre o cavalheiro, evidente no conjunto de sua boca finamente moldada, nas sombras escuras sob os olhos jade e no brilho assombrado em suas profundezas.

Ela apostaria que esse homem recentemente conhecera o sofrimento. Seu coração deu um pulo de simpatia.

Não.

Não era seu objetivo notar a aparência de qualquer cavalheiro, principalmente sua boca. E o que, em nome dos céus, estava fazendo sentada em uma árvore, conversando educadamente com ele como se estivessem em uma sala de estar? Ela nem sabia seu nome, pelo amor de Deus.

— Pode descer sozinha? ─ Ele desmontou. Depois de remover as luvas e o chapéu, ele os colocou na mesma pedra que ela usara para as meias. Ele espiou seus pertences descartados, seu olhar pausando em uma meia pendurada em um arbusto. Um sorriso puramente masculino curvou sua boca.

A mortificação a varreu.

Ele segurou o chicote enquanto propositadamente se dirigia à árvore. Ele colocou um pé no topo do galho, apoiado no chão. —Espere, estou subindo.

— Não, consigo descer perfeitamente sozinha. Garanta que o demônio se mantenha a distância.

Com os pés firmes, Angelina avançou, os pés descalços agarrando o galho debaixo dela. Seu dedo do pé ferido protestou, mas a dor não importava. Ela devia se apressar. Não seria bom ser descoberta com um homem sem uma acompanhante presente.

O estranho soltou uma risada calorosa e levantou uma folhagem. — É para isso que isto serve. Um ou dois sons de estalo costumam funcionar bem.

Normalmente?

— E o que acontece se não der certo? ─ Ela manobrou os últimos centímetros até a forquilha na árvore.

O cavalheiro apontou a colheita para a árvore. — Nós corremos para lá. Ele não se chama Deamhan por nada.

Ela fungou. — Deamhan? Oh, isso é escocês?

— Sim, demônio em gaélico.

— Um nome muito apropriado. Somente Satanás seria mais apropriado.

Tirando os cabelos do rosto, ela pisou no galho mais baixo e hesitou um momento antes de pegar a mão dele estendida. Ela quase a afastou quando uma sensação vibrou com uma clara sacudida em seu ombro.

Uma vez em segurança no chão, ela desengatou a mão. — Obrigada.

— Eu me curvaria ante a senhorita para me apresentar, mas não confio nele. ─ O homem acenou com a mão em direção ao touro cochilando. Ele exibiu dentes brancos perfeitos.

Claro que eram. Assim como os de Charles. E que salafrário ele acabou sendo.

Nova regra.

Não confie em homens com dentes bonitos.

Ela fez uma leitura curiosa do cavalheiro.

Ou lindos olhos e cílios espessos e pecaminosos.

— Eu sou Flynn, Con... ─ Uma careta sombreava seu rosto. — Marquês de Bretheridge. Minha propriedade, Lambridge Manse, faz fronteira com essas terras.

— Obrigada, milorde.

Ela deveria fazer uma reverência? Um pouco tarde para convenções. Melhor seguir seu caminho o mais rápido possível. Não confiando no gigante que repousava a poucos passos de distância, Angelina cautelosamente reuniu seus pertences.

O foco do marquês afundou em seus pés descalços. Os dedos enlameados, um ensanguentado, apareciam por baixo da saia ensopada e suja.

Ela jurou que a boca dele tremia de diversão. O primeiro colega inglês que conhecia além de seu tio, e ela parecia um menino de rua. Tia Camille teria uma apoplexia se descobrisse. E tio Ambrose?

Deus!

Angelina não queria imaginar a reação dele. Sua resposta seria desagradável com certeza.

— Obrigada, novamente. ─ Ela se virou para ir.

Lorde Bretheridge a olhou com expectativa. — Não me dirá quem é?

Em outro momento e em outro lugar, ela poderia ter dito - antes de aprender a não confiar.

— Não. Eu nem deveria estar falando com o senhor. Não fomos apresentados adequadamente.

Ela girou nos calcanhares e correu descalça para a casa.

Capítulo Sete

Flynn sorriu quando a jovem vestida de preto correu ao longo do caminho até chegar ao terraço da casa.

Ela olharia para trás?

Parando, ela deu uma olhada para trás antes de desaparecer por uma porta aberta.

A sobrinha?

Ele apostaria Lambridge que era ela.

Waterford não poderia pensar que Flynn se casaria com uma mulher que nunca conheceu. Bem, eles acabaram de se conhecer, embora ele ainda não soubesse o nome dela. Pensando bem, por que o duque sujeitaria sua sobrinha a algo tão desagradável?

A mulher parecia um enigma.

Ela se recusou a dar seu nome porque eles não haviam sido apresentados, mas não pediu desculpas por seus pés descalços e aparência desleixada.

Ele também não conhecia muitas mulheres que podiam escalar uma árvore como ela. Esse feito sugeria que ela praticara bastante.

Por que achou a ideia intrigante, não sabia dizer. Talvez todo o rústico charme americano tenha estimulado seu interesse. Isso o lembrara de seus primos escoceses de espírito livre.

A mulher misteriosa afirmou ser parte escocesa. Talvez isso explique seu fascínio.

Uma imagem sombria de uma moça escocesa possuindo mechas da meia-noite e olhos castanhos surgiu em sua memória. Outra visão substituiu a memória quase imediatamente. Uma de um rosto arranhado e duvidoso, lábios cor de pêssego e cabelos ruivos avermelhados.

O duque não havia mentido. A sobrinha, pois com certeza era quem era essa ninfa, era adorável. De fato, bonita. Seu estado amarrotado não conseguia disfarçar a inteligência em seus olhos atraentes, emoldurados por cílios castanhos escuros.

Ele esteve perto o suficiente para ver a esmeralda profunda tocando suas estranhas íris verdes oceânicas, salpicadas de cacos

de azul. E seu cabelo, um tom entre cobre e mel, era magnífico. Quanto tempo duraria a massa emaranhada de cachos?

Seu traje sugeria que ela também estava de luto. Órfã, talvez? Fazia sentido e explicava por que ela residia em Wingfield Court.

Ainda assim, Flynn sentia que algo mais nefasto estava acontecendo. Dada a história duvidosa e a reputação manchada do duque, Flynn duvidava que fosse gostar do que preparava Waterford. Um arrendamento vitalício com uma desconhecida não atraía Flynn mais do que o fato de ser chantageado.

Movido pela curiosidade, se não por outro motivo, ele apareceria na hora do chá. A tarde poderia ser uma distração divertida das preocupações que o atormentavam.

Felizmente para a jovem, ele precisou de um pouco de ar e decidiu dar um passeio por Wingfield antes da aparição obrigatória. O tempo na sela ajudou a esclarecer seus pensamentos. Além disso, ele queria inspecionar pessoalmente o rebanho excepcional que o pai criara laboriosamente antes de Flynn vendê-los. Ele estava tão orgulhoso dos Galloways.

O pai não podia se gabar de ter um pingo de sangue escocês, embora a avó da mãe fosse escocesa. Ele não só se apaixonou por sua mãe, mas por todas as coisas escocesas.

Particularmente o whisky.

Flynn suspeitava há muito tempo que, se não fosse por seu título, o pai teria se refugiado na Escócia com a esposa e viveria o restante de seus dias em algum castelo velho e esquemático. Talvez usando um kilt e tocando uma gaita de fole.

Imaginando a cena, Flynn abriu um sorriso.

Se seus pais tivessem se mudado para as Terras Altas, então Deus ajude a pobre alma que teria sido submetida às longas canelas e joelhos ossudos de Pai, ou ouviria o homem tentar algo remotamente musical. Seu pai era surdo como uma pedra para música. A mãe costumava dizer que ele não podia tocar bem se a música estivesse presa nas suas costas.

Usando o atalho onde seu pai costumava atravessar a campina, Flynn encontrara o portão quebrado. Encontrando a trilha de estrume fresco de vaca, algumas das pilhas ainda fumegantes,

deduziu a situação. Demônios, quanto tempo fazia que seu pai ou o duque inspecionaram as cercas?

Atravessar a propriedade de Waterford e encontrar um tesouro jovem, atraente e *descalça*, agachada em um carvalho escarpado, fora totalmente inesperado. A princípio, pensou que seus olhos o enganaram quando avistou os cabelos de fada brilhando entre as folhas.

Ele vislumbrou panturrilhas e tornozelos bem torneados quando ela desceu o maciço carvalho. Pela aparência e falta de sapatos, ela andava no riacho. Além de suas primas Ferguson, ele não conhecia outra mulher que ousaria.

Ela não pediu perdão por sua aparência desgrenhada. Mas, então, ele não havia se desculpado por sua impenitência de olhar seus membros bem torneados.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

Deamhan e seu harém não teriam deixado a sombra ou o riacho. O bruto preguiçoso não se incomodou em percorrer o quarto de milha até onde Brook Tweadle cruzava as terras de Flynn. Não, o touro obstinado caminhou até a propriedade do duque.

Se Flynn não tivesse aparecido, a menina provavelmente ficaria presa, empoleirada na árvore, por um longo tempo. Talvez a noite inteira.

Ele acenou com a mão para uma mosca persistente pairando sobre o rosto. Retirando o relógio de bolso, ele abriu a tampa de ouro gravada. Três e quinze. Se ele fizesse um trabalho rápido, teria tempo de reunir os tratadores e colocá-los na coleta do gado e na reparação da cerca antes de visitar Wingfield Court.

Se ele chegasse um pouco tarde, tanto melhor. Aquele velho bulldog, Waterford saberia que Flynn não estava se rendendo a ninguém.

Ele colocou o chapéu. Quando se inclinou para agarrar as luvas, uma fita preta de cabelo chamou sua atenção. Depois de recuperar a tira de seda, ele a levou ao nariz. Uma mistura sutil de flores encontrou suas narinas. Sua masculinidade estremeceu. Dobrando o comprimento de ébano, Flynn guardou-o no bolso.

Colocando o pé no estribo, ele girou na sela. Examinou o gado enquanto controlava o cavalo em direção à cerca quebrada. Os

animais ficariam parados por mais algum tempo. A maioria ficava mastigando serenamente e apreciando a sombra.

Examinando Wingfield Court, ele deu um tapinha no pescoço do cavalo castanho de quatro anos. — Vamos, Kane, temos um chá para participar e a proposta de uma noiva para conhecer.

* * *

Precisamente quarenta e oito minutos depois - Flynn verificou seu relógio pela quarta vez desde que galopara do riacho - ele trotou ao longo da estrada de lajes inclinadas até Wingfield Court.

Um lacaio vestido de ébano e vermelho granada saiu correndo da mansão. — Verei seu cavalo no estábulo, milorde.

Flynn começou a reclamar, mas mudou de ideia. Ele não tinha intenção de ficar para jantar, mas o chá certamente levaria mais de quinze minutos, e para Kane estaria mais fresco nos estábulos. A temperatura havia atingido o pico esta tarde, o suficiente para murchar o lenço engomado no pescoço de Flynn.

— Obrigado. Se não for demais, verifique se o cavalariço o molha e o esfrega. Ele está galopando por mais de uma hora. — Passou as rédeas para o lacaio.

O lacaio assentiu, gotas de suor já aparecendo na testa e no lábio superior. — Sem problemas, milorde. Ele é deslumbrante, ele é.

Afagando carinhosamente o focinho de Kane, Flynn concordou. — De fato, ele é. Inteligente também. Certifique-se de puxar o ferrolho para fechar a porta do box. Caso contrário, ele abrirá.

Agora, tomara que Flynn pudesse passar por essa farsa absurda do chá sem dizer nada ao duque que o irritasse. Ele não tinha certeza de que seria capaz de engolir a bebida fumegante nesse clima quente. Ele não gostava da bebida no auge do inverno, muito menos no verão.

Tirando o lenço do bolso, ele esfregou o lábio superior e a testa. Felizmente, o interior da casa oferecia alívio na temperatura. Um movimento de uma janela do térreo revelou que alguém o observava secretamente.

Seus lábios se contraíram em uma combinação de diversão e curiosidade. A sobrinha, talvez? Seria interessante ver sua aparência depois de preparada e polida para prender o marido. Ao contrário, preferia a esfarrapada pendurada no carvalho com o dedo ensanguentado.

Quando o criado levou Kane embora, Flynn examinou a estrutura diante dele. Com mais de cem anos, as pedras, suavizadas pela idade e pelos elementos, possuíam uma simpática atração provincial.

Memórias vagas de visitas quando era um rapaz, esvoaçaram em sua mente. Havia um pônei. Um Shetland robusto e exigente, e ele tinha permissão para andar pelos campos verdes reluzentes. E os doces. Lembrou-se particularmente dos biscoitos Shrewsbury, ainda seu doce favorito.

Ele observou a área. Os terrenos adjacentes, os canteiros de jardim, a entrada circular - até as persianas - mostravam sinais de negligência, embora não prolongado.

Inclinando a cabeça, Flynn apertou os olhos. Aquele era um ninho no topo de uma das chaminés?

Perigoso isso. Melhor avisar Waterford. Por que a equipe não percebeu? E por que o duque não cuidara dos reparos e da manutenção antes de vir para o verão? O homem não apenas desfrutava de tudo em excelente estado, como exigia.

Talvez ele tenha planejado inventariar tudo o que precisava de atenção antes de colocar o local a venda. As terras, primordiais para a pastagem de gado, também ostentavam estábulos decentes e excelente caça.

Se os bolsos de Flynn não fossem um moinho de vento reduzido a uma casca de noz, ele mesmo faria uma oferta. As propriedades do duque e a de Lambridge marchavam paralelas umas às outras por uns bons cinquenta acres.

O senso comum e o instinto de Flynn gritaram para ele virar as costas e correr para casa, tudo ou nada. Loucura pura, aventurar-se no ninho da víbora.

E como ficaria minha família?

Suspirou. Melhor chegar a esse ponto e ver o que o enganador Waterford arranjou para ele. Ninguém perdoa uma dívida tão

colossal quanto a do pai com algo tão simples quanto um casamento arranjado.

Bem, não quando havia uma noiva tão jovem e atraente como a sobrinha. A balança se inclinava grosseiramente desigual, a menos que o duque tivesse mais alguma coisa a revelar. Ou talvez o covarde confuso esteja jogando com Flynn para ver o quão maleável ele era para ser manipulado.

Lembrar-se constantemente de que deveria considerar o bem-estar de sua família o impediu de dar um soco no nariz de veias vermelhas de Waterford.

A cortina tremeu novamente.

Flynn negou o desejo de acenar ou fazer uma saudação arrogante. Ao subir os degraus, endureceu a mandíbula e respirou fundo. Em vez de ceder ao impulso de soltar uma corrente de palavrões que faria Hades corar, ele forçou uma expressão agradável em seu rosto.

Flynn acenou com a cabeça para o mordomo de aparência austera parado na entrada antes de atravessar o limiar, muito aliviado ao encontrar a situação dentro da casa muito mais fresca.

O mordomo fez um breve gesto de reverência. — Boa tarde, lorde Bretheridge.

Ele espreitou pelo nariz delgado.

Considerando que o topo da cabeça do sujeito não chegava ao nariz de Flynn, o efeito era bastante cômico. Esteve extremamente tentado a ficar mais alto para ver se o homem inclinaria ainda mais a cabeça. Só que Flynn temia que o mordomo caísse de bunda, se ele o fizesse.

Ele quase sorriu pela a imagem. — Boa tarde para o senhor também. Seu nome?

— Saunders, senhor. — O mordomo exalou um suspiro exagerado. — Suponho que queira se livrar do seu chapéu e luvas?

Não, eu pretendo usá-los durante o chá.

Flynn não estava imaginando o asco na voz de Saunders. Onde, em nome de Deus, Waterford encontrara o sujeito intratável? E por que ainda não o despedira?

— Senhor, seu chapéu?

— Sim, por favor. ─ Flynn passou os itens para a mão estendida do mordomo.

O mordomo os colocou em uma mesa antes de fechar a porta grossa e arqueada. Nariz para cima, ele passou por Flynn, poupando-lhe um olhar. — Suas graças e a sra. Thorne esperam pelo senhor na sala de estar. O chá já foi servido.

Mas quem diabos é? Sra. Thorne?

A sobrinha era casada - não, fora casada? Por isso, o traje preto.

A trama ficava mais espessa.

Por que estava tão desesperado para casar uma sobrinha viúva? Algo não se encaixava. Uma peça enorme do quebra-cabeça estava faltando. Sem dúvida, durante o chá de hoje, esse petisco seria servido, inteiro e cru. Ele deveria engolir a coisa desagradável sem reclamar.

— O senhor vem? ─ A impaciência se fixava na voz de Saunders.

— Sim, me perdoe, eu me distraí com... ─ Flynn rapidamente vasculhou a entrada em busca de uma desculpa lógica. — Distraí com *aquilo*.

Ele apontou para um alce vermelho roído pelas traças em cinco pontos, com uma orelha solta e sem um olho de vidro. O bicho de pelúcia pendia torto acima da entrada. — Que troféu espetacular. Sua Graça o matou na propriedade?

Saunders ergueu uma sobrancelha, sem dúvida pensando que Flynn era um estúpido cabeça oca.

— Não. Ele não o fez. ─ O mordomo continuou marchando pelo corredor.

Não, o duque não atirou nele, ou não, não havia sido baleado na propriedade?

Saunders parou diante de uma porta parcialmente aberta. O baixo murmúrio da conversa flutuou através da fenda. Ele bateu uma vez antes de abrir a porta e anunciar: — O Marquês de Bretheridge.

Preparado para a batalha, Flynn entrou na aconchegante sala. Parou quando uma xícara de chá caiu no chão.

A mulher do riacho estava sentada em um sofá.

— Oh, querida, veja o que eu fiz. ─ Ela juntou os pedaços de porcelana quebrada espalhados no chão. Nem uma vez ela levantou o olhar do tapete. Quando ela se inclinou para recuperar um fragmento de pires, seu vestido abriu, proporcionando-lhe um vislumbre de um seio farto.

— Perdoe-me, tia Camille. Vou substituir a xícara, é claro. Normalmente não sou tão desajeitada. Devo ter ficado assustada. ─ O olhar dela se elevou por uma fração, depois baixou com a mesma rapidez. — Eu não sabia que esperávamos um convidado para o chá.

Curioso. Ela não tinha sido informada de que ele havia sido convidado. O que mais ela ignorava? As núpcias propostas?

Flynn olhou para Waterford. O que ele estava pensando?

— Está tudo bem, Angelina. ─ Do seu assento em frente ao sofá, a duquesa fez um gesto para Saunders, que enfiara a cabeça na sala de estar ao som de porcelana quebrada.

Ele enviou à Flynn um olhar acusador e franziu os lábios.

Flynn estreitou os olhos. Estava cansado do mordomo pomposo. Alguém precisava colocar o criado em seu lugar.

— Saunders, por favor envie William imediatamente. A senhora Thorne deixou cair a xícara de chá. Ah, e precisaremos de outra xícara também. — Sua Graça não fez nenhum esforço para ajudar a mulher no chão, freneticamente apagando a poça de chá que se espalhava. A duquesa também não parecia nem um pouco preocupada com o fato de uma xícara de porcelana cara ter sido destruída.

— Angelina-Rose, levante-se imediatamente. ─ O tom do duque de Waterford era de censura. — Temos criados para esse tipo de coisa. As senhoras de criação delicada não se afundam no chão de joelhos, limpando o lixo.

A cabeça da sra. Thorne apontou para o tio. Arregalou os olhos de espanto antes de voltar seu foco para o chão. — Sim, tio Ambrose.

Um rubor rosado coloriu suas bochechas de marfim. Ela colocou o guardanapo ensopado na bandeja de chá enquanto graciosamente se levantava. Ela ainda tinha que encontrar os olhos de Flynn.

— Realmente, minha querida. ─ A voz de Waterford ficou ainda mais severa. — Lorde Bretheridge pensará que foi criada por algum daqueles selvagens de pele vermelha nos Estados Unidos sobre os quais ouvimos falar muito.

Não, acho que você é um homem mal-humorado que gosta de humilhar os outros.

Os seios generosos da sra. Thorne se ergueram quando ela respirou fundo. Sua palidez e seus traços se transformaram em uma máscara educada, e ela finalmente voltou sua atenção para ele. Um sorriso tenso em seu rosto, uma pitada de umidade brilhava em seus olhos.

Ela está mortificada.

O duque não se incomodou em se levantar para fazer as apresentações. Sua fala arrastada sugeria o porquê. Ele bateu a mão na direção de Flynn. Angelina, posso apresentar Flynn, marquês de Bretheridge. Bretheridge, minha sobrinha, sra. Ells ... ou seja, Thorne.

Waterford soltou um arroto e soluçou. Apalpou a barriga inflada e lambeu os lábios. — Desculpe, perdão.

Deus, o homem estava meio embriagado.

Sua Graça parecia inconsciente ou optou por ignorar deliberadamente sua esposa. Focada em bebericar seu chá e mordiscar biscoitos, ela evitou olhar para o marido.

Não que Flynn a culpasse.

A semelhança de Sua Graça com um lagarto sonolento descansando em cima de uma rocha era perturbadora. Se a língua do duque disparasse e pegasse a mosca irritante que zumbia nos biscoitos de gengibre, Flynn não teria ficado completamente chocado.

Com a mortificação colorindo suas bochechas, a sra. Thorne deu a volta na mesa. — Estou honrada em conhecê-lo, milorde.

Ela afundou em uma graciosa reverência.

A mulher diante de Flynn tinha pouca semelhança com o duende que ele conheceu mais cedo. Além de vários cachos emoldurando seu rosto oval, seus cabelos estavam arrumados. O vestido preto de musselina que ela usava enfatizava os olhos esverdeados incomuns

e sua figura esbelta. Apenas a leve marca em sua bochecha corada indicava que ela esteve chapinando no riacho e subindo em árvores.

Flynn se inclinou sobre a mão dela. A sacudida que ele experimentou antes ao ajudá-la na árvore passou por ele novamente. — Perdoe-me, senhora Thorne. Já nos encontramos antes? Me parece familiar.

Muito perverso da parte dele para provocá-la.

Ela respirou fundo e lançou um olhar inquieto ao tio.

Então, ela não queria que o duque soubesse sobre sua pequena aventura. Por quê?

— Não, eu não acredito que tenhamos. Acabei de chegar na Inglaterra, sabe.

— Eu tinha tanta certeza, ─ Flynn murmurou.

Ele posicionou as costas para Suas Graças e olhou fixamente para os pés da sra. Thorne. Sorrindo, ele encarou o olhar dela. E piscou.

Seus olhos surpreendentes arregalaram, as pupilas ficaram enormes. Sua linda boca tremia.

Ele jurou que ela mordeu o lado da bochecha para não rir. Que prazer absoluto.

Saunders entrou na sala de estar, com uma xícara de chá na mão. Um lacaio carregando uma cesta e roupa de cama o seguia.

O mordomo colocou a xícara na bandeja de chá e lançou um olhar suave sobre o duque. — Precisa de mais alguma coisa, Sua Graça?

— Não, isso é tudo. ─ A duquesa arrumou a nova xícara para sua satisfação. Ela habilmente serviu chá para a sra. Thorne e Flynn. Pinças de açúcar na mão, ela olhou para cima. — Creme ou açúcar, milorde?

— Ambos, e três cubos, por favor. ─ E isso dificilmente tornaria a coisa tolerável. Ele devia ser um dos poucos compatriotas que não gostavam da bebida. Traiçoeiro para um inglês.

Ele seguiu a sra. Thorne até o sofá e esperou até que ela afundasse na almofada antes de reivindicar um lugar para si, atento em manter uma distância aceitável entre eles.

Waterford os olhou bruscamente, com um brilho especulativo nos olhos.

A boca de Flynn se curvou. Ele ergueu as sobrancelhas em um desafio silencioso. Sem dúvida, o cachorro planejava quando introduzir seu esquema.

Sorrindo e murmurando seus agradecimentos, sua sobrinha aceitou outra xícara de chá de sua tia. A Sra. Thorne poderia realmente desconhecer a conivência de seu tio?

— Um momento, Saunders. — Sua Graça se voltou para o mordomo que havia ganho a porta. — Por favor, fale com a senhorita Simpleton e pergunte se Felicia já foi encontrada. Desejo ser informado no momento em que aparecer.

Flynn inclinou-se para a sra. Thorne. — Felícia é uma mascote?

A sra. Thorne sorriu de novo e balançou a cabeça. — Não. Felícia é minha prima mais nova e travessa. Ela acha divertido se esconder de sua governanta. Felícia é muito esperta. A pobre senhorita Simpleton não acha nem um pouco inteligente.

Flynn quase bufou em sua xícara de chá, mordendo a língua para reprimir uma gargalhada.

Miss Simpleton, a governanta?

Isso era estranho o suficiente. Quanto à criança desaparecida, ela devia ser a espiã da janela. — Pode procurar na sala diretamente à esquerda da entrada.

— De fato? — As sobrancelhas de Saunders arquearam até o couro cabeludo enquanto seus lábios afinavam.

Flynn tomou um gole de chá e reprimiu uma careta. — Alguém me olhou pelas cortinas quando cheguei.

Isso chamou a atenção da duquesa. Ela fez uma pausa, xícara de chá a meio caminho da boca. — Não procurou já na sala de música, Saunders?

Depois de lançar um olhar fulminante para Flynn, o mordomo voltou-se para Sua Graça. — Sim. Duas vezes. Tenho *absoluta* certeza — ele deu a Flynn um olhar arrogante e ameaçador de soslaio — que algo tão óbvio como uma criança não teria escapado à minha atenção.

Saunders conseguiu deixar sua coluna ainda mais reta. Suas Graças não castigaram sua insolência.

Examinando Saunders da cabeça aos pés, o sorriso de Flynn aprofundou. — Saunders, talvez algo tão óbvio quanto uma criança

possa não ter escapado à sua atenção, mas fechar o botão superior de um lado de suas calças fez.

Todos os olhos na sala afundaram na virilha do mordomo.

A duquesa ofegou, William deu uma risadinha, a sra. Thorne emitiu um som de tosse peculiar que Flynn estava convencido de que ocultava uma gargalhada, e o duque respondeu: — Bom Deus, homem, se arrume!

Sem uma palavra, o mordomo saiu da sala, seus ouvidos vermelhos.

Malfeito, Flynn. Humilhou o homem.

No entanto, Saunders fizera isso a si mesmo.

A atenção de Waterford seguiu o mordomo. Ele esfregou o queixo. — Deveria demiti-lo sem referência neste mesmo instante.

Flynn olhou incrédulo. Não dera uma palavra de castigo pelo comportamento rude e impertinente de Saunders para uma hóspede, mas um botão esquecido e o duque ameaça demitir o mordomo?

Flynn forçou a língua a formar palavras. — Não seja apressado, Waterford. Um mordomo competente é um prêmio que vale a pena manter.

Se ele não tivesse dirigido a atenção de todos ao infeliz estado da roupa de Saunders, Waterford provavelmente não teria notado. Tal vingança não era típica de Flynn, e seu comportamento fez com que desse uma pausa. Ele estava agindo fora de si o dia inteiro.

— Sim, sim, bem, talvez sim. ─ O duque escondeu um bocejo atrás da mão.

William terminou de limpar a bagunça do chá, recolheu a cesta e virou-se para a duquesa com expectativa.

— Obrigada, pode ir. ─ Sua Graça selecionou um pedaço de biscoito amanteigado. — Por favor, peça à Saunders para preparar mais chá e enviar a bebida fresca imediatamente. Esse bule esfriou.

— Sim, Vossa Graça. ─ William fez uma reverência.

— William? ─ Colocando a mão no braço, a sra. Thorne parou o lacaio. Ela sorriu gentilmente. — Obrigada por limpar meu desastre. Sinto muito por tê-lo colocado em qualquer incômodo.

O homem abriu um sorriso cheio de dentes. — Não foi nenhum incômodo.

Ele curvou-se novamente antes de sair. Assim que ele saiu, uma mulher de meia-idade perturbada escoltou uma criança bonita e parecida com uma boneca para dentro da sala.

— Ah, vejo que encontrou minha filha. — Sua Graça deu uma batidinha na almofada ao lado dela. — Venha minha querida, dê um beijo na mamãe. Senhorita Simpleton, pode tomar seu chá. Eu chamo quando precisar.

— Obrigada, Sua Graça. — Alívio e gratidão varreram o rosto abatido da governanta. Fazendo uma reverência apressada, ela correu para a porta, sem dúvida ansiosa para escapar antes que a duquesa mudasse de ideia.

Felicia deu um beijo na bochecha de sua mãe. Uma criança requintada, um dia seria uma mulher deslumbrante. Flynn apostaria que, dada sua propensão a travessuras, ela levaria alguns pobres coitados a persegui-la alegremente.

Ela voltou seus curiosos olhos azuis de Miosótis para Flynn. — Quem é o senhor?

Já tendo se levantado quando a governanta entrou na sala, ele se curvou. — Sou o marquês de Bretheridge. Acredito tê-la detectado me espiando pela janela da frente.

Felicia sorriu e ficou de pé, batendo palmas. Excitação dançando em seus olhos. — Oh maravilhoso. O senhor é o homem que vai casar com Lina.

Capítulo Oito

Pela segunda vez em quinze minutos, uma xícara de chá escorregou das mãos de Angelina.

Dessa vez, graças a Deus, lorde Bretheridge pegou habilmente a xícara e o pires antes que encontrassem o mesmo destino que o primeiro. Além de uma quantidade insignificante de chá derramando no pires, ele evitou outro desastre.

Com o coração acelerado, Angelina ficou boquiaberta com Felícia antes de examinar os rostos dos outros reunidos. Certamente ela ouviu errado, não foi?

Tia Camille, pálida como as rendas que enfeitavam seu corpete, ficou perplexa, um biscoito de gengibre meio comido parcialmente na boca frouxa.

Felícia, radiante de excitação, saltou na ponta dos pés, enquanto tio Ambrose - seu rosto uma máscara ilegível - batia com os dedos finos na barriga rotunda e contemplava o marquês.

As sobrancelhas escuras de lorde Bretheridge caíram em forma de V acima da ponte do nariz. Ele pressionou os lábios em uma linha severa. Depois que Sua Senhoria colocou a xícara na mesa, mudou de posição para encarar o tio Ambrose.

Hostilidade oculta brilhava nos olhos do marquês.

Angelina mexeu no guardanapo. Por que ninguém dizia nada? Porque não negavam a explosão vertiginosa de Felícia? O que havia dado à criança uma noção tão absurda?

Apertando os dedos, Angelina respirou fundo. Tentando se acalmar quando um enxame de abelhas zumbia em sua barriga, ela tentou sorrir. — Felícia, meu amor, que imaginação maravilhosa tem.

Ela lançou ao lorde Bretheridge uma olhada por baixo dos cílios.

Ele a observou, raiva e dor eram evidentes em seus olhos.

Angelina reforçou suas feições enquanto outro rubor queimava seu rosto. Ela desviou sua atenção para sua prima. — Desculpe desapontá-la. O marquês e eu acabamos de nos conhecer. Certamente não estamos comprometidos.

Um beicinho se formou na boca atrevida de Felícia quando uma carranca caiu sobre seu rosto. Com as mãos nos quadris, ela balançou a cabeça, seus cachos cor de linho fazendo piruetas nos ombros.

— Eu ouvi o papai dizer isso. ─ Ela girou para encarar o pai. — Diga a eles, papai.

— Minha querida, como pôde ouvir uma coisa dessas? ─ Tia Camille colocou o biscoito de lado. Escovando as migalhas do colo, ela estudou a filha. — Papai nunca discutiu nada dessa natureza *comigo*. Garanto-lhe que seria a primeira a saber de tal acordo.

Ela voltou sua atenção para o tio Ambrose. Olhos apenas fendas, falou entre lábios cerrados. — Lina é *minha* sobrinha e, como ela é menor de idade, sua mãe precisaria consentir no arranjo.

Menor de idade não por muito mais tempo, querida tia.

A voz modulada da tia Camille continha um traço distinto de acusação. Depois de dobrar o guardanapo, ela o colocou ao lado da bandeja de chá. Sua mão tremia um pouco? Ela fingiu endireitar o serviço de chá.

— Em sua última carta, minha querida, tia Lucille não mencionou nada disso. ─ Ela deu a Felícia um sorriso carinhoso. — Isso não é algo que ela provavelmente ignoraria, não é, gatinha?

A indignação fervia no olhar ultrajado que tia Camille deu ao marido.

Ele manteve seu escrutínio fixo em Angelina e lorde Bretheridge. Um peculiar brilho predatório flamejou nos olhos embaçados do tio Ambrose.

Um calafrio rastejou dos ombros de Angelina até sua cintura. Ela não conhecia esse homem.

A tensão evidente irradiava do marquês, em seus ombros tensos, mão fechada e mandíbula flexionada. No entanto, ele permanecia em silêncio. Com seu olhar inflexível, ele desafiou tio Ambrose, seus olhos se chocando.

Angelina dividiu o olhar entre eles. Uma batalha silenciosa era travada, um olhar verde duelando com o outro. Mas por que?

Ela umedeceu os lábios, a boca ficou seca. — Felícia, não acho...

— Eu não estou mentindo. ─ Os olhos de Felícia se enevoaram e seu lábio inferior tremeu. Ela bateu o pé e apertou as mãos ao lado do corpo. — Eu não estou!

— Claro que não, querida. ─ Angelina ofereceu um sorriso tranquilizador. Ela nunca soube que sua prima inventasse mentiras. Ela era uma travessa incorrigível e dada a piadas práticas, mas não era desonesta. — Talvez tenha entendido mal o meu tio?

— Não, eu não entendi mal. ─ Felícia negou veementemente, seus cabelos saltando. Um olhar furioso surgiu. — Eu o ouvi claramente. Eu estava me escondendo da senhorita Simpleton atrás das cortinas do escritório do papai em Londres quando um homem veio visitar. O nome dele era Sr. Did - Diddles...

Franzindo a testa, ela esfregou a lateral do nariz. — Ele tinha um nome engraçado.

— Diddlethwaite? ─ Tia Camille conseguiu dizer, embora sua mão apertasse a garganta, e ela resmungasse como se tivesse engolido uns picles de endro de bom tamanho. Inteiro. — Seu homem de negócios, Waterford?

Pela expressão tensa e tonalidade acinzentada no rosto da duquesa, Angelina temeu que sua tia estivesse prestes a desmaiar. Ela balançou e Angelina ficou de pé.

Sorrindo, Felícia acenou com a cabeça. — Sim, mamãe, esse era o nome dele. Papai disse, ─ ela baixou a voz imitando o pai, — 'Tem os documentos? '

Ela verificou se Lorde Bretheridge ouvia. Satisfeita que ele o fazia, ela continuou. — O outro homem disse: ─ Felícia mudou sua voz para um alto som nasal, — 'Sim, milorde, está tudo em ordem. '

Angelina mordeu a bochecha para não rir. Não era uma situação bem-humorada, mas, graciosa, Felícia era uma atriz consumada.

— Então papai disse, ─ Felicia baixou o tom novamente, esfregando a barriga imitando o pai. — 'Bom, bom. Minha sobrinha será a marquesa de Bretheridge antes do final do verão. '

Orgulhosa de sua esperteza, Felícia sorriu brilhantemente. — Como pode ver, eu estou certa disso. Lina deve se casar com Sua Senhoria antes que o verão termine.

Ela suspirou e juntou as mãos. — Eu adoro casamentos.

Bom Deus. Ela está certa disso?

O que em nome do céu seu tio Ambrósio fizera?

Angelina lançou um olhar desesperado a lorde Bretheridge para encontrá-lo olhando-a, com os olhos encobertos e ilegíveis. Certamente ele percebeu que ela não fazia parte disso... desse esquema absurdo.

Seu estômago apertou desconfortavelmente. Ela precisava ficar em pé e se mover. Seus nervos e músculos estavam tão tensos quanto uma corda de arco. Lutando para controlar sua indignação, Angelina voltou seu foco para o tio.

— Tio, qual é o significado disso?

Ele puxou a orelha e olhou para Felícia. Uma leve carranca estragou seu rosto, sua irritação óbvia, mas controlada. — Não deveria ficar bisbilhotando. Isso foi muito impróprio.

— Sinto muito, papai. Eu sei que deveria ter me revelado. — Felicia desviou os olhos e mexeu com a larga fita azul ao redor do dedo do meio. — Eu tinha medo que ficasse com raiva de mim e...

Tio Ambrose levantou-se abruptamente.

Felícia deu um passo reflexivo para trás.

Tia Camille também se levantou, com cautela em sua postura.

O tio chegou a dar um tapinha na cabeça de Felicia.

Assustada, ela ofegou.

Ele lançou um olhar esmagador para sua esposa. Apontando o dedo indicador, ele advertiu Felícia severamente. — Mocinha, eu vou visitar seu quarto mais tarde para discutir sua punição por me espionar.

Ela empalideceu e se aproximou da mãe.

Tia Camille passou um braço protetor pelos seus ombros e a colocou ao seu lado.

Essa foi a primeira vez que Angelina viu essa interação familiar. A tensão deixou seus nervos ainda mais rígidos.

Tio Ambrose endireitou o colete amarrotado antes de se dirigir zangado à sua esposa. — Sua Graça, por favor, devolva Felícia aos cuidados da senhorita Simpleton. Nós abordaremos esse assunto mais tarde.

Seu tom não tolerava argumentação. Foi-se o discurso arrastado de minutos antes. Evidentemente, a raiva o deixou sóbrio.

Tia Camille inclinou a cabeça, estudando-o. Por um momento, seus olhares batalharam. Parecia que ela iria desafiá-lo.

Ele retornou o escrutínio dela, seu comportamento inflexível.

Algo brilhou em seus olhos. O brilho desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. Ela suspirou antes de desviar sua atenção, seus ombros se curvando um pouco.

Ela reorganizou a compostura e sorriu para Felícia. — Venha, carneirinho. Desejo ouvir seu progresso no cravo antes do jantar.

Tia Camille contornou a cadeira em que estava sentada e foi até a saída, Felícia a reboque. A tia abriu a porta, murmurando para a filha. — Vá, querida, e encontre a senhorita Simpleton. Irei em um momento.

— Sim, mamãe. ─ Felícia virou-se para lorde Bretheridge. — Foi um prazer conhecê-lo, Sua Senhoria.

Com os olhos baixos, ela fez uma bonita reverência.

— Lina, ─ Felícia lançou um olhar inseguro para o pai. — Vai ler comigo esta noite, como costumamos fazer?

Angelina deu um sorriso tranquilizador. — Eu gostaria muito. Farei o possível para ir dizer boa noite. Talvez possamos encaixar um capítulo ou dois.

Tia Camille olhou atentamente para Sua Senhoria. — Lorde Bretheridge?

— Sim, Vossa Graça? ─ Os lábios do marquês deslizaram em um sorriso gentil.

Ela colocou o queixo trêmulo no peito. — Por favor, deixe-me assegurar-lhe que eu não sabia nada desse acordo. Estou mortificada que, dado aos recentes acontecimentos trágicos em sua vida, fora submetido a mais uma consternação por esta *família*.

Por tio Ambrose, a senhora quer dizer.

Pelo canto do olho, Angelina observou o marquês. O que mais o tio fez para lorde Bretheridge?

— Já chega. ─ Tio Ambrose avisou tia Camille, com a voz rouca.

Ele lembrou a Angelina o touro de mau humor que encontrou hoje. O mesmo brilho perigoso resplandecia em seus olhos cruéis.

— Angelina, seu tio não é seu guardião legal. ─ Sua tia lançou um olhar desafiador antes de se apressar. — Ele não pode forçá-la a nada, não importa o que ele pense.

Com uma expressão furiosa no rosto, tio Ambrose caminhou até a porta. Ele agarrou o braço da tia Camille com muita delicadeza. — Venha comigo.

— Tio Ambrose...

—Waterford...

O marquês apareceu ao lado de Angelina em um instante, sua boca em linhas severas mais uma vez. Surpresa, mas agradecida, ela avançou com ele em direção à tia e ao tio.

Tia Camille foi para o lado deles em um giro da mão. — Realmente, Waterford, não pode deixar Angelina desacompanhada com lorde Bretheridge.

— Sim, tio. Seria muito impróprio. ─ Angelina enviou a Lord Bretheridge um sorriso conspiratório. — Mal conheço Sua Senhoria. O que os servos diriam?

Não que isso faça diferença no meu caso.

— De fato ─ lorde Bretheridge falou demoradamente. — Considere os rumores que essa negligência causaria. Não gostaria de *ter isso* anexado ao *seu* nome ou título agora, não é?

Angelina olhou-o atentamente. A zombaria coloria sua voz?

— Não me venha com essa conversa fiada. ─ Tio Ambrose pediu à esposa que saísse da sala. — Se a porta estiver aberta e um lacaio ficar do lado de fora, é perfeitamente aceitável.

Tia Camille parou no limiar. Ela virou a cabeça, procurando nos dois lados do corredor, depois deu um tapinha no braço do marido. — Sim, mas não há lacaio presente, há?

Com um bufo irritado, tio Ambrose admitiu. — Muito bem, deixarei a questão por enquanto. Isto não está terminado. Falaremos sobre o assunto mais tarde, tenha certeza.

— Excelente. Eu pretendo ter uma conversa com o senhor sobre uma preocupação premente. Uma preocupação que deixei passar por muito tempo. ─ Ela encontrou o olhar perturbado e irritado do marido.

— Que preocupação urgente? ─ O tio lançou a Lorde Bretheridge um olhar cauteloso, visivelmente desconfortável com a direção que a conversa havia tomado.

Tia Camille baixou a voz. — Tem uma língua frouxa quando está com seu precioso copo, Waterford.

Com essas palavras, ela passou por ele e sumiu de vista.

Angelina abafou um gemido. Mesmo na América, não se falava em problemas pessoais diante de criados ou convidados. E ninguém certamente expressava diferenças de opiniões na presença deles. O que a tia e o tio poderiam estar pensando? Mamãe nunca sugeriu discórdia entre eles, mas algo estava definitivamente errado.

Enfrentando lorde Bretheridge, Angelina se forçou a sorrir e encontrou os olhos dele. — Sinto muito, milorde. Por favor, desculpe...

— Não se desculpe por sua tia e eu, Angelina.

Tio Ambrose foi ao cordão da campainha. Impaciência escrita em seu rosto, deu um puxão cruel.

Ela lançou a Lord Bretheridge outro sorriso de desculpas que ele retornou, compreensão em seus olhos. O que ele devia pensar? Maldito fosse seu tio e seu comportamento insustentável.

Um Saunders adequadamente abotoado apareceu no mesmo instante, quase como se estivesse escondido atrás da porta. Ele estava esperando uma convocação? Por que tia Camille não o viu? A menos que ele estivesse andando pela esquina ou na biblioteca em frente ao escritório.

Ela não duvidaria desse comportamento nele.

— Senhor, chamou? ─ Com a coluna rígida, Saunders evitou encarar lorde Bretheridge.

— Sim, ─ reconheceu o tio Ambrose com um aceno agudo. — Mostre a Bretheridge o quarto de hóspedes preparado para que ele descanse e se refresque antes de jantar.

— Isso não será necessário. ─ Sua Senhoria endireitou uma manga. — Não ficarei para jantar.

Angelina não o culpou nem um pouco. Se ela fosse o marquês, também daria desculpas e faria uma retirada apressada.

Deus!

Convidado a tomar chá apenas para que uma criança declarasse que se casaria com uma perfeita estranha. Em seguida, submetido à discussão de seus anfitriões. Sem mencionar a impertinência insuportável de Saunders.

E os britânicos acusavam os americanos de não serem cultos.

Com as mãos nos quadris, a boca curvada em um sorriso feio, os olhos turvos do seu tio pousaram em lorde Bretheridge. — Acredito que deixei perfeitamente claro que meu convite também se estendia para o jantar, Bretheridge.

Sua voz era enganosamente suave.

Outra pontada de desconforto tomou conta de Angelina.

Saunders voltou sua atenção para o marquês, mas concentrou seu foco em algum momento além do ombro de lorde Bretheridge. Um sorriso distinto torceu a boca do mordomo.

Por que ela não havia notado a insolência de Saunders antes de hoje?

— Sim, deixou. ─ Lorde Bretheridge cruzou as mãos atrás dele e balançou sobre os calcanhares, sem um sussurro de desconforto em sua forma. Ele inclinou a cabeça. — No entanto, estou longe de Lambridge há muito tempo.

Ele tinha um queixo impressionante. Nada como o queixo fraco e flácido do seu tio, que quase desaparecia nas dobras de sua gola e fazia com que sua cabeça se parecesse com a de uma tartaruga aparecendo pela metade no casco.

A bonita boca do marquês se curvou em um sorriso. — Como lhe informei anteriormente, mamãe recentemente sofreu uma apoplexia. Não desejo ficar longe dela por longos períodos. Desde a morte do meu pai, ela fica preocupada.

— Que terrível, Sua Senhoria. É claro que deve ir imediatamente. ─ Angelina não podia acreditar na sua ousadia. Ela enganchou seu braço ao dele e começou a levá-lo até a porta, ignorando a vibração peculiar onde seu coração deveria estar.

Ele sorriu, seus olhos dançando com alegria. — Está tão ansiosa para se livrar de mim, senhora Thorne?

— Não, não, claro que não. ─ Angelina tropeçou até parar, sentindo o calor de um rubor percorrendo até o couro cabeludo.

Ela ousou dar uma olhada no tio carrancudo. — Sou extremamente apegada a minha mãe. Eu ficaria preocupada se ela tivesse apoplexia e eu não estivesse por perto para cuidar dela.

— Eu estava brincando. ─ Lorde Bretheridge bateu na mão dela sobre o braço dele, movendo-os para frente.

Eles chegaram à entrada da sala e ele se curvou. Erguendo a mão dela, ele roçou os lábios em sua pele. — Foi um prazer conhecê-la.

Gracioso, o pequenino bebê devia estar dando cambalhotas. Um conglomerado de sensações peculiares ricocheteava em suas entranhas, dificultando a concentração.

— Sim, foi.

Ele sorriu.

— Quero dizer, também gostei da sua, milorde.

O sorriso dele aumentou.

— Ou seja, foi um prazer conhecê-lo, também. — *Droga*. O riacho em que ela entrou mais cedo balbuciava menos do que ela.

Angelina abaixou a cabeça quando a reticência desconhecida a agarrou. Se ao menos ela o conhecesse antes de sua vida ter tomado esse rumo infeliz. Agora, o destino colocara o marquês em seu caminho e ela deveria seguir por caminhos diferentes.

Ela não sabia dizer o porquê, mas ele a fascinava. Não da maneira esmagadora e irresistível que Charles conseguiu com sua língua e modos educados.

Havia mais duas regras para sua lista de tabus.

Desconsidere lábios lisonjeiros e um comportamento encantador. Ambos são sem sentido.

Não, ela suspeitava que o marquês pudesse reivindicar uma profundidade de caráter que Charles não possuía. Ela podia ver nos olhos de lorde Bretheridge. Talvez fosse isso que despertava seu interesse. Quem era o homem por trás do título?

Isso não importava. Ela não estava em posição de se familiarizar melhor com nenhum homem, nem seu coração machucado ou sua alma desconfiada lhe permitiriam fazê-lo. Ela havia sido enganada uma vez e poderia colocar parte da culpa aos pés de Charles. Permitir-se ser enganada duas vezes seria apenas culpa dela.

Hora de despedir-se de Lord Bretheridge e de ter uma discussão séria, sem dúvida desagradável, com o tio.

Angelina deu a Saunders seu sorriso mais brilhante. Sua mãe sempre aconselhava que se atraia mais formigas com melaço do

que com lama. Ficaria feliz em acompanhar lorde Bretheridge até a porta.

— Muito bem, senhora Thorne. — O mordomo fez uma reverência rígida. Ele girou nos calcanhares polidos e marchou da sala de estar, com as costas mais rígidas que uma vareta.

Evidentemente, Saunders não era do tipo que perdoa.

Lorde Bretheridge observou o tio Ambrose parado em silêncio e fumegando ao lado da porta. A ira avermelhou o nariz e as bochechas já manchadas de seu tio.

O marquês baixou a cabeça. — Vossa Graça, esta tarde foi muito, digamos, *divertida.*

— Eu que o diga. — Angelina riu, empurrando uma mecha de cabelo da testa. — Não sei o que aconteceu com minha prima. Obrigada por ser tão compreensivo sobre a narrativa dela.

— Ela não estava contando uma história. — Tio Ambrose os espetou com seu olhar astuto.

Os olhos de Angelina se entrelaçaram com os de lorde Bretheridge por um breve momento. O dela refletia o mesmo choque que o dele?

— Felicia ouviu direito. — Seu tio ficou em pé diante deles. Ele apontou para Angelina, depois o marquês. —Nenhum dos dois está em posição de objetar. A meu ver, estão *sem saída*.

Ele cruzou os braços e dividiu o olhar presunçoso entre eles, um sorriso satisfeito na boca. — Não têm escolha a não ser se casarem.

Capítulo Nove

Deus amaldiçoe o desgraçado!

Flynn mordeu a língua, engolindo o juramento vulgar que desejava lançar para se retirar de Waterford. Somente a presença da sra. Thorne o impediu de fazê-lo. Ele olhou para um busto de bronze que tinha certeza de que adoraria lançar no covarde. Ele gostaria que de lançar também a estatueta do duque.

Não, ele ansiava por achatar o duque com os punhos. Deus o perdoasse. Odiava Waterford. Podia ouvir as botas da doninha arrogante batendo na extensão da entrada enquanto deixava a sobrinha sem uma acompanhante adequada.

Flynn voltou sua atenção para a sra. Thorne.

Olhos fechados, seus cílios castanho-avermelhados escuros abanaram suas bochechas. Pálida, como as gotas de neve que se alinhavam no caminho para Lambridge todo mês de fevereiro, ela respirou trêmula. Suas mãos embalando seu ventre, ela balançou.

Ele temia que ela pudesse desmaiar.

— Está se sentindo bem? Aqui, sente-se. ─ Ele agarrou seu cotovelo e tentou guiá-la em direção ao sofá.

Ao seu toque, as pálpebras dela se abriram, as poças esmeralda estavam feridas e brilhando com lágrimas.

— Não, não, obrigada. ─ Ela levantou o queixo. — Eu não sou uma idiota que desmaia ao cair de uma xícara de chá.

Ele coçou o nariz. — Ou quando um touro mal-humorado a persegue até uma árvore.

— De fato. ─ Ela ofereceu um meio sorriso vacilante.

Ela olhou para a porta, com angústia em seu rosto adorável. Com a diplomacia inata de uma verdadeira dama, a sra. Thorne se recompôs e procurou tranquilizar Flynn. — Por favor, perdoe meu tio. Estou mortificada por ele ousar ameaçá-lo.

Em um sussurro irritado, ela acrescentou: — E tenha certeza, não penso em casamento. Com ninguém.

Suas bochechas brilhavam rosadas, e ela pressionou a mão trêmula na testa como se não estivesse bem.

Para se opor à noção de casamento, ela ainda devia lamentar profundamente o marido. Há quanto tempo ficou viúva? Muito recentemente, dada sua tenra idade. Ela não podia ter mais de vinte e um anos. Quão trágico era para alguém tão jovem já ter sofrido uma perda de tal magnitude.

O que seu tio poderia estar pensando, tentando coagi-la a uma união indesejada quando ela estava de luto? Que poder o salafrário tinha sobre ela? A menos que, talvez, ela não fosse tão contrária à união como alegava.

Flynn esfregou a parte de trás do pescoço, tentando aliviar um pouco da tensão que ainda reinava ali. — Não precisa se envergonhar, nem deve pedir desculpas pelo seu tio.

— Ouso dizer que o senhor nunca mais aceitará outro convite para o chá.

Os lábios dela tremeram, embora por diversão ou consternação, ele não tinha certeza.

Ele riu. — Suponho que dependeria de quem estaria presente.

Tendo recebido um golpe tão severo quanto ele, a Sra. Thorne não havia contestado uma vez em seu próprio nome. A preocupação dela era por ele. Ela possuía uma natureza generosa e carinhosa. Ou isso, ou ela desenvolveu a habilidade de uma atriz consumada.

Ele a estudou novamente. Não, ela não estava fingindo. O aperto em torno de sua boca e o desgosto em seus olhos não apresentavam indícios de farsa.

Flynn apontou para o serviço de chá abandonado. — Confesso que não gosto da bebida.

Seu olhar se dirigiu para o relógio sobre a lareira. Certamente eram mais de quatro e meia.

— Eu prefiro café. É um absurdo servir uma bebida quente nesse calor. ─Ela se abanou com a mão. — Já estamos quentes como pulgas na lã.

Flynn riu. Que sagacidade deliciosa.

— Deixe-me levá-lo até a porta. ─ Ela fez um gesto para a entrada e se afastou nessa direção.

— Um momento, senhora Thorne, por favor.

Ela lhe lançou um olhar interrogativo. — Claro, milorde.

Embora alta e não um diamante da primeira linha para os padrões da Sociedade Educada, ela era indiscutivelmente um tesouro.

Ele inclinou a cabeça e a considerou.

Lábios orvalhados em tons de rosa, pele macia como pétalas e cabelos dourados com reflexos ardentes, combinando com aqueles olhos verdes atraentes, ela era mais uma flor premiada do que uma joia. Sim, uma flor requintada.

Seu tio não a chamara de Angelina-Rose?

Uma rosa. Perfeito.

Perspicaz, graciosa e possuidora de uma natureza compassiva, ela seria uma esposa aceitável. Talvez não fosse sua primeira escolha, mas como Waterford se gabava, Flynn não tinha muitas alternativas.

Na verdade, nenhuma no momento.

Ele tinha ido a Wingfield Court antecipando uma introdução a uma bruxa de dentes longos, com idade que ultrapassava seu auge. Em vez disso, foi apresentado à sra. Thorne. Um futuro com ela não seria questionável. Com o tempo, poderia se transformar em um arranjo adequado.

Antes de conhecer Lydia, Flynn nunca havia pensado em se casar por amor, portanto, um casamento arranjado não era repugnante para ele. Ser forçado a entrar em um por Waterford era repugnante como larvas em um cadáver, no entanto. A maior preocupação era o papel da sra. Thorne nisso. Peão inocente ou sereia desonesta?

O rosto sorridente de Lydia tomou à dianteira na mente de Flynn. Ele obstinadamente empurrou a visão de lado, com mais facilidade do que esperava.

Ele tinha responsabilidades. Deveres. A existência inteira de outros dependia dele. O bem-estar deles devia ter precedência aos desejos de seu coração. No momento, ele não tinha meios de sustentar sua família. Se não concordasse em se casar com a sra. Thorne, ele poderia ter uma semana, no máximo duas, antes que Waterford exigisse seus ganhos.

— Lorde Bretheridge? — A voz ligeiramente rouca da sra. Thorne interrompeu suas reflexões. — Queria me dizer alguma coisa?

— Se importaria muito se nos afastássemos da entrada? — Ele lançou um olhar para a porta aberta da sala de estar e abaixou a voz. — Não desejo que os criados bisbilhoteiros, ou qualquer outra pessoa, participe da nossa conversa.

Ela examinou a porta. Se preocupava com uma interrupção ou com sua reputação? Com um comportamento hesitante, ela consentiu. — Perto das janelas do terraço seria suficiente, suponho.

— Obrigado. — Ele forçou os lábios a se inclinarem tranquilizadoramente.

Depois que atravessaram a sala, ele a encarou. — Acho honrado dizer que seu tio me visitou hoje de manhã.

Além da leve elevação de suas sobrancelhas finamente arqueadas, ela não respondeu.

Ah, então não era do tipo que tentava tirar conclusões precipitadas. Ele gostava disso. A menos que, é claro, sua revelação não tenha sido surpresa. A noção não parecia nada boa. Isso significava que ela era uma fraude, tão charlatã quanto Waterford.

Mais de uma mulher que conhecia escondia um coração traiçoeiro por trás de sua beleza. Essas mulheres usavam seu fascínio para manipular e enganar.

Ele procurou os olhos da sra. Thorne, observando além da compostura e sonolência que espreitavam ali.

Ela encontrou seu olhar sem vacilar.

— Ele me disse que queria que nos casássemos.

Um decreto descrevia melhor o pedido do duque, mas ela não precisava saber disso.

A sra. Thorne ofegou e deu um passo para longe dele. — Perdão?

Uma confusão, seguida rapidamente pelo alarme, voou pelo rosto dela. Ela lançou um olhar de pânico para a entrada. — Conspirou com ele e depois fingiu ignorância quando Felícia mencionou o que ouviu?

Seu intestino se enrolou com a traição patente em sua voz. O medo em seus olhos o perfurou tão nitidamente quanto uma lâmina. Por que ele se sentia culpado? Não era como se ele tivesse conspirado com Waterford.

Ela tinha?

— Não, de jeito nenhum. Sua sugestão me surpreendeu também. ─ Flynn passou a mão pelos cabelos.

Ela franziu a testa e cruzou os braços. — Acho melhor o senhor começar do começo. Não está fazendo sentido.

Pelo menos ela permitiria que ele falasse em paz, em vez de sair da sala com um acesso de raiva.

— Sim, talvez eu deva. Vamos nos sentar, certo? ─ Ele apontou para as poltronas cor de vinho dispostas diante das janelas gradeadas voltadas para o oeste.

A mansão projetava sombras alongadas ao longo do terraço nos fundos da casa e a envolvia em uma frescura bem-vinda. Arbustos de lilases emolduravam os dois lados da janela, suas flores agora apenas uma lembrança.

Afundando graciosamente nas almofadas, a sra. Thorne ajeitou as saias. Ela cruzou as mãos ordenadamente no colo e fixou o olhar nele, uma cautela calma aparecia em suas profundezas. No entanto, uma pitada tensa permanecia sobre seus lábios.

Flynn sentou-se em frente a ela. Por onde começar? Pelo pior. Ainda desconfortável com o anel de sinete ao redor do dedo, ele girou o aro e respirou fundo. — Meu pai morreu em maio. Ele... ele tirou a própria vida...

— Senhor, não! ─ A sra. Thorne colocou a mão na boca. A umidade afiou as bordas de seus olhos. Ela piscou, obviamente lutando contra as lágrimas. — Eu sinto muito.

— Como eu. ─ Ele fechou os olhos brevemente. —A senhora e apenas alguns outros estão cientes da verdade, e eu imploro, por favor, mantenha minha confiança. O conhecimento causaria uma dor incomensurável às mulheres da minha família.

— Eu não vou respirar uma palavra. ─ Ela enxugou uma lágrima vazando pelo canto do olho. — Eu prometo.

Flynn agarrou os braços da cadeira e lutou para controlar a dor e a raiva que o inundavam. O vazio roendo-o a cada momento e assombrando seus sonhos inquietos, espremeu o ar de seus pulmões.

— Embriagado, ele jogou fora tudo o que possuía. Fora das propriedades inerentes ao título, nada resta. ─ Flynn examinou o

cenário além da janela, incapaz de suportar a desolação fervendo em seus lindos olhos.

— Que horror! — A sra. Thorne sussurrou.

— Seu tio ganhou a aposta. — Flynn manteve a voz deliberadamente desprovida de emoção. Ele não tinha ideia de qual era a natureza do relacionamento dela com Waterford.

— Eu, eu...

Seu choro suave chamou a atenção de Flynn dentro da casa.

Ela bateu nas lágrimas cobrindo suas bochechas.

Ele retirou o lenço do bolso. — Aqui.

Dando-lhe um aceno agradecido, ela o pegou e enxugou as lágrimas. — Não sei o que dizer, além de estar horrorizada, envergonhada e com remorso além das palavras.

Sua tristeza parecia genuína.

— Não foi culpa sua.

— É verdade, mas carregamos os pecados de nossas famílias, não é? — Ela puxou o material fino de sua saia. — Por favor, explique como esses eventos atrozes levaram meu tio a sugerir que nos casássemos. Receio não ver a conexão. Eu acho que ele deveria ficar longe do senhor depois do que fez.

— Ele se ofereceu para cancelar a dívida inteira se eu a tomasse como esposa. — Flynn relaxou mais na cadeira. Ela também era uma marionete neste jogo que Waterford jogava? Ou ela participava de bom grado?

— Oh.

Oh?

Flynn acabou de revelar a trama de seu tio para pressioná-lo a se casar com ela. Certamente ela poderia ter uma resposta mais forte do que isso.

A sra. Thorne olhou para o tapete, aparentemente obcecada pelo padrão floral. Ou talvez seu pé escorregadio a fascinasse. Ela continuou escovando o dedo do pé para a frente e para trás no chão.

— Por que isso, o que pensa a respeito? — Ele se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos.

Ela levantou o olhar atormentado para ele. — Não posso casar com o senhor.

— Por quê?

Uma expressão assustada atravessou seu rosto.

A pergunta o surpreendeu também.

Ela olhou para ele, seus olhos enormes e redondos. E *culpados*?

Interessante.

Somente seu título já fazia dele um dos melhores partidos do mercado matrimonial. Não era como se houvesse um número abundante de marqueses procurando mulheres elegíveis para ter como esposa. Se Waterford cancelasse a promissória, as posses e o dinheiro de seu pai seriam restaurados. Isso, combinado com a riqueza pessoal de Flynn, dava-lhe bolsos muito fundos e cheios.

Se ele aceitasse a proposta do duque, seria considerado um partido brilhante mais uma vez. Infelizmente, Flynn teria uma escolha apenas para uma noiva.

Ela.

Um fato, talvez, ela sabia bem.

A sra. Thorne recuperou a compostura. Sem encontrar os olhos dele, ela mexeu na aliança de casamento. — Certamente o senhor não está falando sério? Deve haver dezenas de mulheres mais adequadas para ter como esposa do que eu.

Ele permanecia em silêncio, notando o nervosismo dela na pulsação flutuante na base de sua garganta esbelta.

Ela colocou um cacho solto atrás da orelha. — Além disso, acabamos de nos conhecer e não sabemos nada um sobre o outro.

— Eu não posso argumentar a verdade disso. ─ Ele esfregou o braço aveludado da cadeira.

Talvez o casamento dela não tivesse sido um casamento amoroso, e ela desconfiava do casamento novamente. Por outro lado, talvez tivesse sido, e ainda com o coração partido, ela precisava de mais tempo para lamentar.

Então, por que o esforço de Waterford por uma união imediata?

Flynn examinou a mão esquerda. Um rubi e diamante em um anel um tanto vistoso, cercavam seu terceiro dedo. — Ficou viúva recentemente?

— Er... sim, embora eu tenha sido casada por um tempo muito curto. ─ A raiva tingia sua voz estranhamente contraída. — No

entanto, como o senhor sabe, quando alguém perde um cônjuge ou um dos pais, um longo período de luto deve ser cumprido.

Flynn esticou as pernas. Por Deus, ele estava cansado. O estresse emocional das últimas semanas o afetara fisicamente. Ele acordava antes do amanhecer todos os dias desde a morte do pai - nas poucas noites em que conseguia dormir.

Sua cabeça latejava por falta de sono, muito sol e agora esse enigma. Ele se sentiu meio raposa, como se pescasse seus pensamentos de uma piscina profunda e escura.

Ele pressionou dois dedos na ponta do nariz. — Normalmente sim. Seu tio está ciente de que nós dois estamos nos primeiros meses de nosso período de luto, mas ele insiste que nos casemos. E breve. Fico imaginando por que um homem que adere estritamente à conformidade social abandonaria o protocolo de luto.

Ela não respondeu, apenas apertou mais o lenço em uma bola. Sua lavadeira nunca tiraria as rugas.

— Seria uma vantagem para mim casar com a senhora. ─ Flynn bateu os dedos de uma mão em sua coxa. — Se eu me recusar a cumprir a aposta do pai, minha honra não valerá a sujeira em um chiqueiro. Isso significaria uma ruína social para mim e para todos que considero queridos.

Ele cruzou o tornozelo por cima do joelho. — No entanto, se a dívida do jogo fosse cancelada, eu teria os meios para cuidar da minha família.

— Com licença. ─ A expressão da sra. Thorne se apertou de preocupação. — O senhor tem outra família além de sua mãe?

— Eu tenho uma irmã, Francesca, a chamamos de Franny, que está confinada a uma cadeira, inválida, resultado de um acidente de equitação há muitos anos. Minha avó idosa reside em Lambridge Manse, e logo minha tia também.

Os cantos de sua boca inclinaram-se um pouco e ele acenou com a mão. — Estou cercado por mulheres. Elas são extraordinárias. Eu acho que a senhora gostaria delas.

— Seria um prazer conhecê-los um dia, ─ ela respondeu educadamente.

— Como mencionei anteriormente, minha mãe está convalescendo de apoplexia. ─ Flynn lutou contra uma onda de ira.

Ele nunca imaginou que estaria nessa posição, dependente da benevolência de um homem que detestava para cuidar de seus entes queridos. Era contra tudo nele. O golpe em seu orgulho foi forte como a ponta de um florete.

A recuperação da mãe e seus tratamentos acrescentaram mais razões pelas quais as núpcias rápidas o beneficiaram. No entanto, o que a sra. Thorne ganharia, se é que tinha alguma coisa a ganhar, ao se casar com ele? Ela também tinha membros da família com algum tipo de necessidade, e casar com um senhor rico e intitulado permitiria ajudá-los?

Somente o casamento é um incentivo suficiente para muitas mulheres famintas por posições.

— Tem outra família que não os Waterford, senhora Thorne?

— Sim, minha mãe e duas irmãs mais novas, Patience e Prudence. Elas também são gêmeas. Mamãe é gêmea de tia Camille. ─Ela se acomodou ainda mais na almofada, como se procurasse a proteção das costas e dos lados altos da cadeira.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Gêmeos correm em sua família? Que extraordinário.

Uma expressão de total devastação assolou o rosto da sra. Thorne por uma fração de segundos antes de ela se recuperar. Ela assentiu rígida. — Toda geração, desde que alguém se lembra, havia pelo menos um par.

As pálpebras dela se fecharam e ela descansou a cabeça na cadeira. Pálida como creme, ela pareceu desfalecer.

— Sra. Thorne?

Os olhos dela se abriram. Ela olhou para ele em silêncio, desespero sombreando seu rosto.

O que a assombrava? Que segredos ela escondia?

Agora não era hora de pressionar por respostas. Ele tomou uma decisão rápida. — Posso visitá-la amanhã?

— Não acho que seria sábio, milorde. ─ Sua atenção caiu para as mãos entrelaçadas em cima de seu colo.

— Sábio? ─ Flynn esfregou a mandíbula. Ele precisava fazer a barba. — Suspeito que a senhora precisa de apoio tanto quanto eu.

Essa curiosa necessidade de tranquilizá-la e, sim, confortá-la, embora ele não confiasse nela, o intrigou. Afinal, ela era parente de

Waterford. — Eu gostaria de ajudá-la, se a senhora me permitir.

— O senhor não pode. ─ A sra. Thorne suspirou e virou-se para a janela, desânimo óbvio em seus ombros curvados. — Ninguém pode. Minha situação é impossível.

Ele persistiu. — Certamente, suas circunstâncias não são tão desesperadoras assim.

A menos que... ela estava doente? Morrendo? Ela tinha alguma doença horrível, talvez um câncer? Por que casar com ela? Não fazia sentido. É verdade que aparentava estar cansada e pálida, e bastante esbelta, mas não parecia estar mortalmente doente.

— A senhora está doente? *Santo Deus*. Ele não podia controlar sua língua?

Ele tentou de novo. — A senhora está recusando entrar em uma união comigo porque está doente? Enferma?

Minha nossa.

A língua de Flynn formou as perguntas por conta própria, seu cérebro privado de sono claramente muito lento para interromper o apêndice indisciplinado. Ele mordeu. Difícil.

Nada mais de perguntas.

A sra. Thorne o olhou incrédula. Ela saltou da cadeira, seus lindos olhos brilhando em fogo verde. — Primeiro, *milorde*, não me lembro de ouvir uma proposta sua.

Ela levantou dois dedos finos. — Segundo, eu teria que estar confusa para ter a ideia de me casar com um absoluto estranho. E terceiro, ─ disparou outro dedo, — não estou doente. A menos que o senhor considere estar grávida uma doença.

Capítulo Dez

Deus do céu!

Angelina apertou os dentes até doerem.

Por que ela disse aquilo para Lorde Bretheridge? Estava louca? A gravidez fez sua língua bater como roupa ao vento? Se ao menos ela pudesse colocar as palavras de volta em sua boca. Então fechar os lábios soltos.

Tola estúpida.

Sua Senhoria estava lá, com as pernas cruzadas, os antebraços descansando casualmente na cadeira, a especulação em seus olhos impiedosos. Ele a mediu sem pressa.

Seu escrutínio a irritava. O silêncio na sala ficou mais denso a cada segundo. Por que ele não dizia alguma coisa?

Ela verificou o relógio de cornija do Império Francês - mal passava das quatro e meia. Se Sua Senhoria partisse, ela poderia se retirar para o quarto. Precisava descansar antes do jantar. Sua cabeça e estômago rodavam doentiamente.

Um pássaro bicou a janela atrás dela e Angelina deu um pulo. Um pica-pau manchado estava empoleirado em um galho. Bateu na janela novamente.

— Não é muito inteligente, é? — Lorde Bretheridge apontou os dedos compridos em direção ao pássaro pulando ao longo do galho. — Ele acha que seu reflexo é outro pica-pau, e nosso amigo alado está protegendo seu território.

Por que ele estava tagarelando sobre os pássaros? Ela tinha acabado de desabafar que estava grávida. Esperava que ele corresse da sala o mais rápido que suas pernas longas e musculosas demais, o pudessem levar.

O olhar do marquês afundou em seu abdômen. — Não está muito avançada.

Agora ele queria discutir o tamanho dela? Tais coisas não eram mencionadas entre pessoas estranhas, e nunca, *nunca* com um conhecido masculino.

E, meu Deus, e se estiver carregando gêmeos?

O pensamento nunca lhe ocorrera até hoje. Ela queria bater em lorde Bretheridge por plantar aquela semente preocupante em sua mente.

Por que o tio Ambrose não a havia banido para algum canto remoto da Escócia até a chegada do bebê? E esse seu plano absurdo de forçar lorde Bretheridge se casar com ela?

Sua Senhoria provavelmente a considerava uma cúmplice disposta no ardil calculista de seu tio.

Se ao menos o chão se abrisse bem neste segundo e a engolisse, obliterando sua existência.

Deus, o que eu fiz para merecer isso? Eu amei um homem. Isso foi tão errado?

Lorde Bretheridge desdobrou seu corpo alto, levantando-se da cadeira e bocejando atrás da mão. — Perdoe-me. Ultimamente não tenho dormido muito.

Ele olhou para a barriga dela novamente.

Grosseiro mal-educado.

O drapeado de seu vestido escondia a evidência de que ela aumentava. Ele tentava confirmar se ela realmente carregava um filho? Ela cobriu o estômago com as duas mãos em um gesto protetor. — O bebê deve nascer em dezembro.

Brilhante. Ofereça os detalhes sórdidos, por que não?

Angelina podia vê-lo calcular em sua mente. Mortificação a aqueceu do peito ao couro cabeludo. Provavelmente, ela brilhava rosa como as flores na cornija da lareira. Ela virou para olhar pela janela. Se acostumaria com esse tipo de censura, não é?

Nunca.

— Quando disse que chegou na Inglaterra? ─ Embora feita gentilmente, a pergunta não era ociosa.

Virando a cabeça, ela torceu as sobrancelhas. — Na primeira quinzena de maio. Na segunda semana de maio, acredito. Por quê?

— A senhora não acha conveniente ter chegado à Inglaterra, *grávida*, e meu pai ter sido arruinado por uma aposta feita por seu tio apenas duas semanas depois? ─ Um brilho duro entrou nos olhos do marquês, aprofundando sua cor em verde escuro como ágata. Ele passou os dedos pelos cabelos novamente. — Por que Waterford está me chantageando para casar com a senhora?

Ele a acusava de alguma coisa? Angelina o encarou completamente, segurando a cadeira em busca de apoio. Ela lançou um olhar para a porta. Saunders podia estar ouvindo. Ele relataria todas as palavras ao tio Ambrose.

Com o objetivo de mostrar indiferença, ela deu de ombros, mas manteve a voz baixa. — Como poderia outra coisa, exceto coincidência?

Sua Senhoria caminhou até a cadeira dela, seus olhos tempestuosos se estreitaram. Elevando-se acima dela, suas narinas dilataram quando ondas de fúria caíram sobre ela. — O que não está me dizendo, senhora Thorne?

Sim, a acusação definitivamente estava em seu tom. E a hostilidade era flagrante. Ela se tornava a adversária.

O hipócrita arrogante.

Erguendo um pouco o queixo, Angelina encontrou seu olhar furioso. — Lorde Bretheridge, o senhor deve ir embora.

Não deixaria que aquele homem, a quem não devia nada e com quem não tinha obrigações, a acusasse de transgressão. Ela já teve o suficiente de homens passando por cima dela. Primeiro papai, depois o verme com quem pensava ter se casado, e agora tio Ambrose, cuja sanidade ela questionava seriamente.

Este imbecil descarado poderia pegar suas alegações infernais e, e sufocá-las. Enfurecida e trêmula, Angelina apontou para a porta. — Saia. Agora!

Ele podia ser expulso.

Ela nunca chegaria tão longe sem sua compostura desmoronar ou seus joelhos falharem. Engolindo, ela levou a mão à testa, forçando os olhos a se concentrarem no homem enfurecido diante dela. Ela precisava se deitar.

— O senhor poderia ir embora?

Sua senhoria balançou a cabeça com força, vários fios de cabelo castanho caindo sobre a testa alta. Olhando para ela, ele emitiu um som rude na garganta. — Não. Não até a senhora me contar *tudo*. O que está escondendo?

— Sua audácia é absoluta. O senhor está me fazendo exigências na casa do meu tio? Quem pensa que é? ─ Angelina

fechou os punhos. Ela ansiava dar um tapa nele. Se ela fosse um homem, ela o desafiaria para um duelo.

Ele continuou com sua análise minuciosa e ofensiva sobre ela, parando por tempo demais em seu seio. — Qual é exatamente o seu papel no plano de extorsão de Waterford?

— Eu não sabia nada sobre a desonestidade do meu tio até, — ela lançou um olhar para o relógio mais uma vez, — dez minutos atrás.

Uma zombaria desagradável contorceu a bonita boca do marquês. Ele plantou as mãos nos quadris magros. — Que bom arranjo para a senhora. Uma americana carregando o filho de outra pessoa, agarra um marquês Inglês. Que alegre viúva seria, não é?

— Não, está errado. — Angelina olhou para ele, esse homem vingativo e odioso. Para onde foi o estranho gentil do riacho? Ou até o senhor atencioso que viera tomar chá? — Eu não sou americana, e eu...

Lorde Bretheridge olhou para seu estômago novamente.

Ela cobriu protetoramente o pequeno monte com as mãos.

Seus olhos arregalaram com súbita compreensão.

Seus instintos gritaram que ele tropeçou na verdade.

O olhar dele se voltou para o dela.

— Nunca foi casada, não é? — Ele riu severamente. — Agora faz sentido, por que veio para a Inglaterra e foi isolada aqui.

Ela fechou os olhos, a amarga acusação atacando sua alma. Esse julgamento e condenação era o que ela poderia esperar, o que esperava.

Que Deus o amaldiçoe, Charles.

— Não sabe nada das minhas circunstâncias. — Colocando o queixo no peito, Angelina lutou contra as lágrimas escaldantes, exigindo liberação.

— Por tudo o que é sagrado — murmurou lorde Bretheridge, como se estivesse falando consigo mesmo. — Waterford está tentando me prender no golpe de outra pessoa.

Ela estremeceu. Ele poderia muito bem tê-la atingido fisicamente. Uma fúria, escura e ofuscante, a envolveu.

— Seu tolo inconsciente. Covarde infame. Patife desprezível ...

— Não se esqueça de pretendente traído, ─ ele falou, zombando de sua voz.

Angelina deu um tapa na cara dele, o som ecoando ameaçadoramente na sala. Lágrimas escorriam de seus olhos. Ela puxou a mão de volta para atacá-lo novamente. — Maldito bastardo.

Lorde Bretheridge segurou o pulso dela com um aperto suave, mas inflexível. — A senhora não me atingirá uma segunda vez. E não acho que deva chamar alguém de bastardo... tendo em conta...

Angelina se encolheu e ofegou, sentindo a cor sumir de seu rosto. Tonta, ela respirou profundamente. Seu peito doía onde as palavras dele haviam empalado seu coração, ferindo sua alma.

— Como eu disse antes, o senhor não sabe nada do que aconteceu comigo. Não tem o direito de julgar. ─ Forçando as palavras através dos lábios rígidos, ela torceu o pulso. — Deixe-me ir.

Eu devo me afastar dele.

Mais alguns segundos e ela temia cair. Uma névoa acinzentada turvava sua visão. O sangue jorrava alto em seus ouvidos.

—Foi... agredida?

A dúvida coloria a pergunta do marquês. Dirigida a ela ou a si próprio, não sabia dizer. Claro, ele preferia acreditar que fosse uma prostituta imoral. Mais uma vez, ela puxou para se livrar de seu forte aperto.

Ele a soltou.

Angelina girou lentamente em direção à porta. Balançando, ela apertou os olhos e piscou várias vezes tentando se concentrar.

Estava muito longe. O sofá então. Pelo bem do bebê, deveria chegar até o sofá antes que a escuridão a reivindicasse. Ela deu três passos trôpegos. Sua visão se estreitou para uma pequena cabeça de alfinete. Estendendo os braços, ela avançou alguns passos instáveis. O sofá devia estar próximo.

— Sra. Thorne? ─ A voz de lorde Bretheridge ecoou abafada e distante.

Bom. O idiota finalmente decidiu ir embora.

Ela nunca mais queria colocar os olhos nesse demônio. A tontura espiralou ao seu redor. Vacilante, Angelina balançou por um

momento antes de cair. Ela gritou fracamente e tentou proteger seu estômago. — Não! Meu bebê...

Braços fortes a pegaram quando desceu a escuridão absoluta.

* * *

Alguém bateu levemente numa bochecha de Angelina e depois na outra.

Vá embora. Quero dormir.

— Sra. Thorne, acorde. — A voz profunda soou vagamente familiar.

Um tecido farfalhara e o aroma dos lírios flutuava no ar. — Meu Deus, o que aconteceu?

Ah, querida tia Camille.

— Saunders, traga meus sais de uma vez, — ordenou a tia.

Não, nada de cheirar sais. Eu certamente vomitarei. Melhor me mexer.

— Sim, Vossa Graça.

Angelina abriu um olho.

O mordomo correu para a entrada.

— O que fez com ela, Bretheridge? — A voz irritante do tio Ambrose a fez ranger os dentes.

Espere. Bretheridge? O sapo ainda estava lá?

Ela gemeu, quando a memória e a total consciência fluíram através dela. Talvez devesse fingir continuar desmaiada na esperança de que ele se fosse quando ela acordasse. O homem mais desagradável que conheceu.

— Pronto, querida. —Tia Camille deu um tapinha na mão de Angelina.

Ousando abrir os olhos por um breve momento, ela vislumbrou o semicírculo de rostos preocupados pairando acima dela. Ela se esforçou para se sentar, os membros pesados como chumbo e a cabeça enevoada como neve suja.

— Não, não tente se sentar ainda, Lina. — Tia Camille se inclinou, apoiando-a. — Desmaiou querida.

— Eu não desmaio.

Uma risada suave e deliciosamente profunda ondulou por toda a sala. — Chame como quiser, senhora Thorne. A senhora ficou desacordada por uns bons cinco minutos.

O idiota. Vá embora.

Apesar do protesto de sua tia, Angelina se ergueu para uma posição sentada, inclinando-se sem graça contra o canto do sofá. — Eu nunca sofri um desmaio na minha vida.

Ninguém expressou a razão óbvia para o seu desmaio. A tia e o tio não tinham ideia de que lorde Bretheridge estava ciente de sua condição, e Sua Senhoria não se atreveu a revelar que ela havia dito.

— Deve ter sido o calor.

Não posso fabricar algo muito pouco mais crível?

— De fato. Pode ser muito desgastante. ─ Lorde Bretheridge estava parado no final do sofá, sua expressão era de polidez fria.

Angelina não acreditou em sua perfeita pretensão cavalheiresca. Ela tinha visto o contrário. Desviou o olhar, odiando a vergonha que ele a fazia sentir. O homem nunca iria embora? — Estou perfeitamente bem. Verdadeiramente. Talvez esteja apenas com fome.

Tia Camille apertou os lábios. — Sim, isso pode causar um tipo de tontura. Eu imagino que esteja faminta. Não comeu nada de substancial no almoço, e Murphy me disse que não consumira nada além de chá de menta para quebrar seu jejum esta manhã.

Tia Camille, fique quieta.

Lorde Bretheridge tossiu e se virou.

Angelina estreitou os olhos até que ficaram como fendas finas. Ele estava rindo?

É melhor acrescentar isso à lista de condições.

Peculiares Sensos de humor devem ser evitados nos homens.

Segurando o vestido no lugar, Angelina balançou as pernas para fora do sofá. Além de uma fraqueza insignificante, se sentia muito melhor. Ficaria feliz como os pássaros devoravam as cerejeiras do tio quando o marquês partisse.

— Aqui, Lina. ─ Sua tia jogou um biscoito de chocolate nela. — Coma. Isso a ajudará a recuperar suas forças.

A cura da tia Camille para tudo envolvia comida.

— Suas graças, senhora Thorne. ─ O marquês, com os olhos de selva treinados em Angelina, se aproximou. — Eu ficaria honrado se a senhora se juntasse a mim para tomar um chá em Lambridge Manse amanhã.

O olhar de Angelina o acompanhou. Ele tinha perdido completamente a razão? Que jogo era o dele? Ela preferia abraçar uma víbora ou beber arsênico.

Encontrando seus olhos, Angelina deu um olhar furioso e murmurou um enfático: — Não!

Ele não poderia querer continuar essa farsa de um casamento entre eles. Por que a mudança repentina de tática? Pena? Ele podia pegar sua nobreza equivocada e amordaçá-la. Ela não estava interessada antes que ele vomitasse aquelas coisas odiosas. Mas agora? Ela não casaria com ele nem se o próprio príncipe regente solicitasse a união.

Lorde Bretheridge piscou, sorriu com aqueles dentes brancos e virou-se para tia Camille.

Assustada, ela apertou a mão gorda no peito e deu uma olhada preocupada ao tio Ambrose.

Ele assentiu e sorriu em aprovação.

Ele daria, o traidor.

— Ora, isso seria adorável, milorde. ─ Sua tia riu nervosamente. — Contanto que Angelina se recupere e se sinta capaz de uma excursão.

Deus a abençoe, tia Camille.

Sua tia inteligentemente forneceu a desculpa que Angelina precisava. Ela ficaria indisposta indefinidamente. Até o momento em que daria à luz.

Sua Senhoria baixou a cabeça em deferência. — Excelente. Tenho certeza de que a sra. Thorne estará em sua melhor forma até amanhã à tarde. Ela expressou uma vontade de conhecer minha família.

Vontade? Que bobagem!

— Informarei minha equipe e a esperarei às três horas. ─ Depois de um arco perfeito, lorde Bretheridge saiu da sala.

Angelina fez uma careta para a porta vazia.

Então, Sua Senhoria queria jogar esse jogo, não é? Era melhor ele estar preparado. Ela estava prestes a liderar um marquês pomposo e arrogante em uma perseguição muito alegre.

Capítulo Onze

Precisamente às três e cinco da tarde seguinte, Flynn examinava o relógio de bolso pela quarta vez em dez minutos. Ele andou diante da lareira apagada da sala de estar enquanto sua avó e Franny o observavam silenciosamente. Depois de sua avó, Franny o conhecia melhor do que qualquer alma viva.

Onde elas estão?

Após a revelação da Sra. Thorne ontem, teve toda a intenção de pedir a Waterford que se danasse. Flynn pretendia recusar-se a pagar a aposta e aceitar a desgraça social que acompanha essa desonra.

Tinha um palpite de que o duque trapaceara durante o jogo com seu pai, embora fosse muito difícil provar isso. Precisava de uma testemunha ou das próprias cartas.

Yancy estava sentado na mesma mesa e não havia notado nada de errado. E ele possuía ouvidos e olhos aguçados. Sua posição como Secretário de Guerra tornara essas habilidades essenciais.

No entanto, ele permanecia convencido de que a sequência de eventos que levara à oferta magnânima de Waterford fedia a artimanha e era muito conveniente para que fosse uma situação casual.

Flynn não queria sentir nada além de antipatia pela sra. Thorne, mas sua consciência estava contra ele. A expressão terrivelmente ferida em seus olhos golpeou algo lá dentro, bem no fundo. Não se fingia esse tipo de sofrimento. Sua alma torturada reconhecia outro espírito atormentado, e a angústia dela o chamou em um nível que não entendia completamente.

O remorso pelo tratamento severo que lhe dera ontem o atormentava. As acusações horríveis que fez a ela, o mantiveram acordado até o brilho tímido do amanhecer se aventurar em seu quarto. Por razões que ele não queria analisar, precisava saber a verdade sobre ela e sua gravidez.

Ela não parecia do tipo falso, nem parecia promíscua. Agitava seu estômago ao pensar que ela havia sido atacada a força. Como

se encontrava nessa situação tão difícil?

Esse enigma o levou a convidar os Waterford e ela para o chá, quando quinze minutos antes, ele nunca mais queria pôr os olhos no tio dela.

Dado aos olhares letais que ela lançou sobre Flynn depois de despertar do desmaio, ele apostava seu gado que o considerava igualmente desfavorável. Igualmente, o convenceu de que não participava da conspiração de seu tio. Ela não fingiu sua indignação e fúria em relação a Flynn.

Ele resistiu ao desejo de espiar o relógio em suas mãos novamente. Em vez disso, viu-se checando o relógio de mogno ao lado da porta.

Irritante isso.

Ele não teria esperança para ganhar o favor da sra. Thorne se ela se recusasse a estar na mesma sala que ele. A adversidade mútua fazia dela um espírito afim, não apenas uma solução fácil para a dívida de jogo do pai. Que outro motivo poderia haver para a conexão inexplicável que ele sentia com ela?

— Flynn, pare de andar. Está dando um nó em meu pescoço. ─ Franny tocou o queixo e lançou um olhar arregalado. — Poderiamos pensar que está nervoso...

— Sua Graça, a Duquesa de Waterford e a Sra. Thorne, ─ anunciou Chatterton.

— Eu disse que elas viriam. ─ Os olhos da avó continham um brilho malicioso, bem como sua aprovação. — Uma atitude inteligente, deixarem o duque em casa.

Um adiamento insignificante, pelo qual Flynn admitia gratidão eterna.

Incapaz de pensar em uma explicação plausível para que os Waterfords os visitassem depois de anos sem contato, Flynn confidenciou à sua avó o desejo do duque pelo casamento entre a sra. Thorne e ele. Ganhou uma sobrancelha levantada, mas nada mais. Se sua avó suspeitava que ele ocultasse toda a verdade sobre a visita delas, ela guardava seus pensamentos para si mesma.

— Perdoe-nos o nosso atraso. ─ Sem fôlego, Sua Graça entrou na sala de estar. — Angelina não conseguia encontrar um sapato.

Ela enviou à sobrinha um olhar afetuoso.

Relutante, embora requintada, a sra. Thorne acompanhou a tia para a sala. Seu vestido de ébano enfatizava os reflexos avermelhados em seus cabelos dourados. Hoje mais cor brilhava em seu rosto, e sua mandíbula delicada continha um conjunto determinado que não estava lá ontem. Ela não estava feliz por estar aqui. Como a tia a convencera a vir?

— Waterford lamenta, milorde. Algo inesperado surgiu. — O sorriso artificial da duquesa de Waterford revelou o que ela não sabia o que.

Provavelmente, ele era uma raposa.

Era muito mais provável que seu atraso pudesse ser atribuído ao duque do que a um sapato perdido.

Flynn parou de andar e fechou o relógio, colocou-o no bolso do colete enquanto contornava o sofá. Esperou até que as duas mulheres entrassem na sala antes de se curvar. — Boa tarde. Obrigado por terem vindo, senhoras.

— Milorde. — A sra. Thorne fez uma reverência sem encontrar os olhos dele. Na verdade, ela olhou para todos os lugares, exceto para ele - um pouco desconcertante.

Ele pegou o braço da duquesa e a guiou mais para dentro da sala de estar. — Sua graça, a senhora conhece minha avó, a Marquesa viúva de Bretheridge, e minha irmã, lady Francesca.

— De fato, embora já tenham se passado muitos anos. — A duquesa não hesitou em beijar as bochechas das outras mulheres. — É um prazer vê-la novamente. Lady Francesca, se tornou uma jovem atraente.

— Obrigada, Vossa Graça. — Franny inclinou a cabeça.

A duquesa sentou-se no sofá em frente a sua avó e olhou ansiosamente para a variedade de doces exibidos.

— É ótimo vê-la também. — Vovó estendeu uma xícara e um pires para a duquesa.

Flynn indicou a sra. Thorne com um aceno de mão. — Vovó, Francesca, posso apresentar a senhora Thorne?

A boca bonita da sra. Thorne se curvou quando ela se sentou ao lado de sua tia. — Lorde Bretheridge falou-me de vocês.

Pouco.

— É maravilhoso conhecê-la. — Os olhos de sua avó brilharam calorosamente antes que ela voltasse a atenção para servir mais chá.

— Encantada, senhora Thorne. — Francesca chamou a atenção de Flynn e piscou enquanto a senhora Thorne arrumava as saias.

Uma vez resolvido, ela enviou outro sorriso amigável para sua avó e irmã. E o ignorou. Ele poderia ter sido uma foto na parede ou uma flor no tapete por toda a atenção que ela prestou a ele. Claramente, o chão tinha mais interesse para ela, pois seu olhar permanecia concentrado ali.

Flynn sentou no sofá, posicionando-se diretamente em frente a ela. Agora vamos vê-la evitá-lo. — Mamãe está se recuperando e não se juntará a nós. Tenho certeza que a senhora entende.

— Mas é claro. — A duquesa selecionou um bolo e olhou ao redor da sala. — Como está a saúde de sua mãe?

— Ela está melhorando diariamente, pelo que somos muito gratos. — Flynn aceitou a xícara que sua avó estendia. — Obrigado.

— Milorde, estas são algumas das suas flores? — Sua Graça acenou para os vasos de flores espalhados por toda a sala. — Ouvi falar de sua iniciativa de sucesso em criar essas belezas.

Isso chamou a atenção da sra. Thorne. Seus olhos verdes como joias varreram as rosas. Uma linha se formou entre suas sobrancelhas, e ela amassou os lábios, baixando o olhar para a xícara. E tomou um gole delicado de chá.

Ela não se importava com rosas? Ou talvez o chá a desagradasse. Burro. Ele deveria ter servido café também, já que ela preferia a bebida.

— Oh, de fato elas são. — O orgulho estava na voz de sua avó. — Vê aquelas flores deslumbrantes na cornija? Já havia visto flores com aquele tom especial de rosa? Elas parecem quase lavanda. Me faz pensar em urzes frescas nas montanhas escocesas. E Flynn tem uma rosa quase preta.

— Sra. Thorne, a senhora não gosta de rosas? — Franny também notou a expressão da sra. Thorne.

A duquesa riu com indulgência. — Com um nome como Angelina-Rose, é claro que sim. Conte a eles sobre seus jardins em Salem. Sua mãe escreveu sobre seu fascínio pelas flores.

Um rubor rosado preencheu as maçãs do rosto da sra. Thorne. Afinal, ela gostava de rosas. Precisamente a desculpa que ele precisava para convidá-la a visitar suas estufas e afastá-la do olhar atento da duquesa. Franny poderia agir como acompanhante.

Flynn controlou o sorriso satisfeito ameaçando torcer seus lábios. — A senhora sabia que o grande bardo, Shakespeare, alegava gostar delas? Ele disse: *'De todas as flores, acho que a rosa é a melhor*.'

A sra. Thorne assentiu, seu interesse fixo em um vaso sobre uma mesa lateral. — Eu mesma gosto mais delas, embora não possa reivindicar uma iniciativa tão complicada como criá-las. Simplesmente cuidava de algumas humildes plantas em nossos jardins. Não acredito que tenham mais de dez no total.

— Flynn. ─ Franny se inclinou para frente em sua cadeira. — Deveria levar a sra. Thorne para ver suas flores. Isso seria aceitável, vovó?

A análise intensa de Franny passou da avó para a duquesa. — Sua Graça? Não quero parecer rude.

— Que ideia esplêndida. — Vovó, com um brilho calculista nos olhos, desviou seu olhar pálido para a duquesa.

— O que diz, Sua Graça? Podemos ter um júbilo. Afinal eu gostaria de ouvir as mais recentes *novidades* de Londres. ─ Ela tremulou uma mão em direção a Flynn e Franny. — E esses jovens podem desfrutar do ar livre. As estufas e jardins de rosas têm um cheiro paradisíaco a essa hora do dia, depois que o sol aquece as flores e elas liberam seu perfume.

A duquesa colocou a xícara no pires. — Eu não me importo nem um pouco. No entanto, imploraria um buquê para levar para casa.

— Eu ficaria encantado. ─ Flynn se levantou. — Sra. Thorne?

Pelos punhais que concedeu a ele por baixo dos cílios, ela percebia que estava numa boa enroscada. Virou-se para a tia. — Tia Camille, tem certeza de que não se importa? Estou relutante em abandoná-la.

— Nem um pouco, minha querida. Vá em frente e divirta-se. ─ Ela deu um tapinha na mão da sra. Thorne e a Flynn um olhar longo e sincero. — Fará com que minha sobrinha se divirta, não é, Sua Senhoria?

Seu significado era claro como gelo em uma lagoa.

Cuidado onde pisa.

— Claro. Não gostaria de nada mais. — Ele inclinou a cabeça e agarrou as alças da cadeira de rodas de Franny.

— Franny, deseja que eu a empurre, ou devemos chamar Penny?

— Penny, por favor, Flynn. — Ela olhou para ele, seus lábios estavam tremendo. — Não tolero bem o calor. Provavelmente darei apenas uma volta no jardim mais próximo. Não quero interromper o prazer da sra. Thorne.

Ela sorriu e seus olhos brilharam. — Elas são espetaculares, senhora Thorne. Ele tem centenas e centenas de arbustos.

O entusiasmo de Franny parecia contagioso, pois a sra. Thorne sorriu em troca. — Bem, então vamos em frente, oh senhora dos jardins.

Franny riu e piscou para ele. —Eu gosto dela, Flynn.

Ele se inclinou e beijou o topo da cabeça dela. — Eu também.

— Podemos *todos* ouvi-lo. — Os olhos de sua avó brilhavam de alegria.

Servindo-se de um biscoito de Nápoles, Sua Graça riu. — Eu acredito que essa é a ideia.

A aprovação brilhava em seus olhos?

Flynn mudou para encontrar a sra. Thorne olhando para ele, uma expressão perplexa no rosto. Muito melhor que raiva. Ele veria o que poderia fazer na próxima hora para transformar sua perplexidade em algum tipo de acordo de noivado.

* * *

Cuidadosa em manter a sombrinha entre o rosto e o sol, Angelina se inclinou para cheirar uma enorme flor vermelha como sangue. Lady Francesca não havia exagerado. Os jardins eram excelentes. Fileiras e mais fileiras de flores, assim como mandris, treliças e canteiros, exibiam rosas de todos os tamanhos e cores possíveis.

Que arco-íris glorioso e perfumado ancorado à terra por raízes no solo.

— Essa não tem muito perfume. Cheire esta flor. — Lady Francesca indicou uma delicada rosa amarela e laranja ao seu lado.

Angelina obedientemente abaixou a cabeça para inalar. — Adorável. O tamanho da flor não indica a força do perfume, indica?

Ela traçou as pétalas com o dedo indicador. — Eu amo essas flores multicoloridas.

Dois spaniels e um dálmata dispararam entre as fileiras bem cuidadas, depois trotaram para sentar ofegantes aos pés de Sua Senhoria. Línguas pendendo e caudas batendo, eles ficaram boquiabertos para ele com adoração em seus olhos redondos da cor de café.

— Sra. Thorne, tenho vários outros espécimes nas estufas. Uma das minhas favoritas é uma rosa de cor rosa e branco profundo. — Lorde Bretheridge, parado a alguns metros de distância, acenou em direção a dois prédios do outro lado do gramado. — Gostaria de vê-las?

Ela se atrevia? Sem dúvida, ela iria se arrepender.

Procurou seu rosto por um breve momento. Nada, exceto bondade, mostrava em seus olhos hoje. Os lábios dela subiram. — Sim, isso seria maravilhoso.

Angelina amava flores. Ela descobriu vários tons de rosas nos últimos minutos que não sabia que existiam. Que mal poderia haver ao observar as outras flores? Mais alguns minutos e ela voltaria para casa e reclamaria de dor de cabeça.

Não seria mentira. Uma a incomodava desde que conversara com o tio Ambrose hoje de manhã.

Uma dor de cabeça sinalizou à tia Camille que Angelina queria sair. Seu tio poderia estar determinado a prendê-la ao marquês, mas sua tia era tão inflexível quanto Angelina a não ser forçada a se casar.

Tia Camille demonstrava muito mais bom humor do que Angelina lhe havia creditado. Embora não fosse exteriormente incerta, sua tia exibia a mesma determinação firme que sua mãe. Atrás de portas fechadas, sua tia não era tão licenciosa quanto parecia em público.

Embora o dia estivesse quente, Angelina estremeceu, lembrando-se da conversa desagradável com seu tio Ambrose esta

manhã. Ele desconsiderava categoricamente a recusa de Angelina em se casar com lorde Bretheridge.

Tio Ambrose se atreveu a agarrar seus braços e sacudi-la enquanto rosnava que ele a mandaria de volta a Salem se ela não obedecesse. Depois, ele entrou em seu escritório onde tia Camille o encontrou horas depois, embriagado.

Suas ações confirmavam as suspeitas de Angelina. Ele não estava acima da violência física. Ela tinha os hematomas para provar sua brutalidade. Imagine o que sua tia e os filhos sofriam nas mãos dele. E os criados também, ela se aventurou a adivinhar.

Graças a Deus, ele não era seu guardião.

Em questão de dias, ela seria maior de idade. Ela venderia suas joias e faria arranjos para morar em outro lugar o mais rápido possível. Se ela se desesperasse, os membros distantes do clã na Escócia continuavam a ser uma possibilidade.

A obsessão do tio Ambrose por sua situação a deixou perplexa. Angelina não era filha dele, pelo amor de Deus.

Ela soltou um suspiro silencioso. Quanto a isso, era melhor ela escrever para sua mãe e dizer que ela seria avó. Um anúncio agridoce, com certeza.

— Franny, se juntará a nós?

A pergunta de lorde Bretheridge refreara as reflexões desagradáveis de Angelina. É claro que Lady Francesca iria. Angelina se aventurar na estufa sozinha com ele seria muito imprudente.

Lady Francesca lançou-lhe um olhar inocente. — Esperarei embaixo da magnólia por alguma magia. Não tenha pressa. Se eu ficar com muito calor ou cansada, pedirei a Penny que me leve para dentro de casa.

Angelina já adorava a jovem. Uma beleza, muito parecida com Lord Bretheridge, dos olhos esmeralda aos cabelos castanhos escuros, ela possuía um sorriso pronto e um raciocínio rápido.

O que mais impressionou Angelina, no entanto, foi o doce espírito de Lady Francesca e a completa falta de auto piedade que a jovem exibia por sua penosa situação. Ela graciosamente aceitava sua limitação. Onde outros poderiam ter ficado deprimidos ou

amargos, Lady Francesca exalava paz e professava o mesmo encanto que pensara que Sua Senhoria possuía.

— Tem certeza de que não quer ir junto? —Angelina tocou uma pétala aveludada.

Lady Francesca sorriu maliciosamente. — Como tenho certeza que nos tornaremos grandes amigas, por favor, me chame de Franny, mas não quero ir. — Ela olhou de lado para seu irmão. — Eu sei que meu irmão quer alguns momentos a sós ao seu lado.

Angelina fingiu absorver a rosa que tocou. Definitivamente, ela não queria ficar sozinha com o marquês. Ele mencionou algo para sua família sobre ela, *eles*? Ela jurou que detectou um brilho especulativo nos olhos de sua irmã.

— Sra. Thorne? A estufa, vamos? — Sua Senhoria esperou pacientemente, as mãos cruzadas atrás das costas e um arco tolerante à sua adorável boca. Quando ele falou, as caudas dos cães renovaram seu zunido.

A boca de um homem não devia ser bonita. Isso já estava em sua lista?

Maldição.

Ajustando a sombrinha, Angelina sorriu para Lady Francesca. — Vamos demorar apenas alguns minutos, eu prometo.

Hesitando em seus passos, Angelina caminhou até lorde Bretheridge. Ela queria ver mais rosas dele. Junto com as peônias, elas eram suas flores favoritas.

Os cães viraram os rostos ansiosos em sua direção quando ela se aproximou, mas seus quadris continuavam plantados no chão.

— Como se chamam? — Ela se inclinou e fez um carinho na cabeça de cada cachorro, ganhando aprovação.

Lorde Bretheridge deu-lhe um sorriso de menino. O cavalheiro é Sir Freckleton e os spaniels são Moll e Lasses. Franny nomeou as meninas quando eu as trouxe para casa após uma viagem às minhas plantações de açúcar em Trinidad e Tobago.

— Moll e Lasses, como melaço? — Os lábios de Angelina se contorceram em diversão.

— Exatamente. — Ele olhou Lady Francesca carinhosamente. — Ela batizou meu cavalo de Kane.

— Ela não fez isso. — Angelina sorriu descaradamente. — Verdade?

Ele piscou. — Verdade.

— Tem outros animais de estimação? — Ela fingiu examinar os jardins. — Talvez um gato chamado Sugar ou Sweetie? — Angelina acariciou a cabeça manchada de Sir Freckleton. — Estou surpresa que ele não se chame Sir Bon Bon.

O marquês pressionou a mão no peito largo com uma falsa ofensa. — Sra. Thorne, a senhora está zombando dos meus animais de estimação?

— Certamente, milorde, — ela brincou.

Não era prudente. Ele poderia ter uma impressão errada sobre o interesse dela por ele. Não que ela estivesse interessada, porque não estava. No entanto, se alguma vez ficasse fascinada por um homem novamente...

Por piedade, Angelina. Pare sua tagarelice mental.

Ela propositalmente mudou de assunto para algo mais seguro. — Agora, sobre essas rosas.

Eles demoraram o suficiente. Angelina não estava totalmente à vontade com essa alegre brincadeira. A cordialidade parecia muito pessoal, íntima demais, e depois do que Charles a fez passar, ela nunca mais queria ser íntima, física ou emocionalmente, com um homem novamente.

Lorde Bretheridge não lhe ofereceu o braço enquanto se dirigiam para o jardim de inverno. Gratidão a inundou. Ela não desejaria que seu corpo traidor respondesse ao seu toque. Pois certamente o faria.

Talvez alguma doença a afligisse. Era por isso que ela se sentia atraída por homens bonitos que a transformavam em pudim de ameixa trêmulo sempre que a tocavam. Bem, dois homens pelo menos fizeram isso, embora tudo além dos beijos de Charles, ter sido totalmente decepcionante.

Nova regra.

Evite homens atraentes. E aqueles que causam tremores curiosos em lugares não mencionáveis.

Ela se sentiu enganada, como se tivesse perdido algo maravilhoso. Agora, nunca experimentaria

esse fenômeno místico. Suprimindo um suspiro, ela seguiu lorde Bretheridge para a estufa.

Um passo dentro da estrutura e Angelina parou. — Oh meu Deus!

Ela ficou boquiaberta com a surpresa. A câmara do Plaza Hotel não se comparava a isso. Dobrando a sombrinha, Angelina apoiou o acessório ao lado da porta. Ela avançou mais para dentro do prédio, dando a lorde Bretheridge uma risadinha encantada.

— Isso, ─ ela fez um gesto abrangente, — ultrapassa o deslumbrante. ─ Milhares de flores perfumavam o ar. Ela fechou os olhos e inalou. O ar estava pesado com a fragrância das rosas.

— Maravilhoso, ─ ela sussurrou, com medo de perturbar a tranquilidade do lugar mágico.

— Estou feliz que a senhora tenha gostado.

No timbre provocador de sua voz, suas pálpebras se abriram. O brilho em seus olhos a hipnotizou. Poderia se afogar naquelas profundezas ardentes.

Sua respiração estava instável, ela desviou o olhar e correu para uma rosa sombreada em tons de pêssego. — Olhe para essas cores? Elas não parecem reais. É quase como se tivessem sido pintadas.

— Sim, pela mão de Deus. ─ Ele riu e vagou para o lado dela. — Nenhum humano é capaz de criar tanta beleza.

— É verdade. Por favor, diga-me milorde, como se administra algo dessa magnitude? ─ Ela acenou com a mão, indicando a vasta gama de flores.

— Eu não cuido delas. É impossível, dado o tempo que passo fora. Tenho uma equipe profissional de jardineiros, e eles seguem minhas diretrizes infalivelmente.

Angelina olhou ao redor enquanto passeava de planta em planta, de vez em quando tocando ternamente uma pétala de seda. — Estou devidamente impressionada.

Ela deu uma olhada para ele por cima do ombro.

Lorde Bretheridge a olhou, uma expressão contemplativa em seu rosto. Seu escrutínio irritante se concentrou nos cabelos dela antes de se adiantar no jardim de inverno. Ele sorriu e passou por ela. Arrancando uma flor de um arbusto, a cheirou.

Ele estendeu a flor. — Essa me lembra a senhora. Seu cabelo.

A rosa, de um amarelo pálido e de bordas vermelho levemente acobreadas era maravilhosa. Angelina pegou a flor, seus dedos acidentalmente roçando os dele. Ela ignorou o choque de consciência por tocá-lo e pressionou as pétalas perfumadas no nariz.

— A senhora sabia que todo tom de rosas tem seu próprio significado? ─ Lorde Bretheridge se inclinou contra uma mesa de madeira, com os tornozelos e os braços cruzados.

— Só conheço alguns. ─ Ela inclinou a cabeça para inspecionar uma rosa de chá branca. Ela apontou para a flor pálida. — Branco significa pureza, acredito. Vermelho é amor e paixão, é claro, e amarelo significa alegria ou ciúme.

Acariciando a rosa suave, ela fechou os olhos por um momento. — E rosa significa gratidão?

Ele assentiu, o mesmo brilho inescrutável em seus olhos. — Rosa escuro sim. Rosa claro significa admiração.

— E essa? ─ Angelina estudou a rosa entre as pontas dos dedos. — Eu não sei o significado de rosas que contêm mais de uma cor.

Endireitando-se, Sua Senhoria caminhou até ela. Envolvendo a mão dela na dele, ele levou a flor ao nariz e depois a tocou nos lábios. Ela não conseguia desviar sua atenção, embora seu eu sensato gritasse para girar nos calcanhares e fugir do prédio.

— Esta rosa tem um significado muito especial. ─ Seu murmúrio provocador fez seu coração começar a pular.

— O quê, ─ ela engoliu e lambeu os lábios. — O que significa?

— Amizade. ─ Seus olhos escureceram. A mão que a envolvia apertou infimamente quando a boca dele arqueou sedutoramente. — E se apaixonar.

O olhar de lorde Bretheridge mergulhou em sua boca apenas um momento antes de ele esfregar seus lábios nos dela.

O toque de uma pena. Não mais.

Capítulo Doze

Angelina se afastou do marquês com tanta energia que quase caiu com pressa. Ele a firmou com uma mão, o que causou outro frisson de desejo deslizando pelo braço dela.

Ela apertou a mão nos lábios ardentes.

Ele riu e esfregou a parte de trás do pescoço. — Não é a reação que eu esperava.

— O senhor ultrapassou a marca, milorde!

Seu beijo terno a desfez.

Embora pouco mais que um sussurro, a suave pressão de seus lábios enviou faíscas das pontas dos dedos dos pés para o topo da cabeça. Seu cabelo estava arrepiado? Todos os pelos em seus braços pareciam estar. Céus, o que um beijo apaixonado dele faria com ela?

Iria derretê-la como cera perto de uma chama.

Arrepio!

Um garanhão no meio de um rebanho de éguas na estação tinha mais autocontrole do que ela. Um pequeno toque que mal podia passar por um beijo nos lábios, e suas regras poderiam muito bem ser varridas como poeira.

A autopunição generosamente dosada com desconfiança despertou outro desejo: colocar a maior distância possível entre ela e Sua Senhoria, antes de se humilhar ainda mais. Ela girou em direção à porta, com a cabeça latejando.

Sua intuição a alertou para não vir aqui com ele. Ela ouviu? Ah não. Ela entrou como um furacão espalhando a palha do piso. O bom senso a abandonara completamente?

Outra regra.

Não aceite rosas de homens. Nunca.

— Espere, senhora Thorne, por favor.

As botas de lorde Bretheridge esmagavam a palha num ritmo uniforme enquanto ele a seguia.

Angelina não diminuiu o passo, a necessidade de escapar da estufa e dele era esmagadora. Ela não confiava em si mesma. Já

havia provado que não podia alegar um mínimo de inteligência quando se tratava de homens. Um alarme interno gritou que Lord Bretheridge era muito mais perigoso do que Charles jamais havia sido.

A mão forte do marquês gentilmente agarrou seu cotovelo, forçando-a a parar. — Por favor, imploro alguns momentos. Permita-me falar, e então, se a senhora ainda quiser, a deixarei sair sem dizer mais nada.

Usando sua raiva como escudo, ela se irritou e se contorceu. — Por favor, diga-me por que eu deveria ouvir uma única palavra que o senhor tem a dizer? Ontem, me julgou e me achou insuficiente sem saber nada sobre a minha situação.

Respirando com dificuldade, ela plantou as mãos nos quadris. — O senhor me insultou, insinuando que estou atrás do seu título e posição - pelo o qual eu não dou nem um pelo de ratos. E o pior é que o senhor me acusou de conspirar com meu tio para prendê-lo em casamento.

Ela cutucou seu peito sólido como o mármore. — O senhor me atraiu até aqui, ─ ela jogou a mão no ar, — com o pretexto de me mostrar suas malditas flores, e ousou me beijar.

Empurrando o queixo para o céu, ela olhou para ele, desafiando-o a refutá-la. Sim, a ira se mostrou muito mais segura. As batidas frenéticas em seu peito eram dirigidas pela raiva, não pelo desejo.

Não eram?

— Tudo o que a senhora diz é verdade, senhora Thorne.

Lorde Bretheridge encontrou os olhos dela, os dele firmes e calmos, embora ela detectasse um certo remorso. O olhar dele se fixou na boca dela e permaneceu ali.

Angelina apertou os lábios para não lambê-los. Ela queria que ele a beijasse novamente - apenas com mais força dessa vez. Muito mais forte.

Ela era terrível. Uma devassa, pura e simples.

O pai a chamara de cria de Satã. Com seus cabelos ruivos, olhos verdes e, aparentemente, o espírito de Jezebel, pelo visto as palavras de seu pai continham um pedaço da verdade.

Que outra explicação poderia haver para sua reação ao marquês quando seu ventre embalava o filho de outro homem? Uma pessoa

que, há alguns meses atrás, estava convencida de que prenderia seu coração caprichoso por toda a eternidade. Agora, pensar em Charles a fazia querer gritar.

Apaixonar-se de novo era impensável. Ela não sobreviveria a outra traição.

Abaixando seu queixo, lorde Bretheridge segurou sua nuca. — A verdade sincera é que acredito que a julguei muito mal e devo implorar para que aceite minhas desculpas.

Inclinando a cabeça, ele deu um sorriso de menino.

Ela não esperava que ele pedisse desculpas. Sua indignação evaporou, substituída por uma tristeza avassaladora. — Tenho certeza que não será a última. Suponho que o julgamento seja algo ao qual devo me acostumar.

— Talvez não. ─ A confiança pesou suas palavras.

Lutando contra as lágrimas, ela o espiou através dos cílios trêmulos. — Não?

— Por que não me diz o que a trouxe para a Inglaterra? ─ Lorde Bretheridge exibiu seu sorriso encantador novamente. — Apenas o que estiver confortável em compartilhar, naturalmente. Depois, vou lhe dizer a qual solução cheguei ontem à noite. O que, espero, possa fornecer o que nós dois mais precisamos no momento.

O que ela mais precisava era não estar grávida e nunca ter conhecido Charles.

Ela não conseguia entender porque Deus não revertia o tempo e permitia que ela revivesse o fatídico dia em que esbarrara no pequenino parasita com quem se casara. Com o conhecimento que ela tinha agora, gritaria como uma banshee no instante em que ele mergulhasse na alcova no baile de Dennison.

Com a dúvida incitando seu bom senso, Angelina cruzou os braços e analisou lorde Bretheridge. O que ele poderia sugerir que remediaria a situação deles? Ela não sabia nada sobre ele, a não ser que ele possuía uma propriedade vizinha e existia uma disputa entre ele e o tio Ambrose em relação a uma aposta no jogo.

E ele beijava divinamente.

Pare com isso.

A parte inferior da coluna e o abdômen doíam. Ela precisava esfregar os quadris e as costas, mas não ousava chamar a atenção

para sua condição. Ela deu de ombros e se virou. — Eu realmente não vejo...

— Por favor. Me dê uma chance. — Lorde Bretheridge colocou a mão na dela. Finos pelos castanhos escuros pontilhavam os nós dos dedos e ele tinha um sinal em forma de coração em seu dedo indicador. — Por favor.

A súplica em sua voz a desfez.

Os ombros dela caíram. — Muito bem. Cinco minutos, milorde. — Ela olhou ao redor do jardim de inverno. — E eu gostaria de me sentar.

Precisava sentar antes de cair na grama em uma pilha indigna.

O intenso alívio suavizou sua expressão. — Claro. Há um banco embaixo da magnólia.

Segurando Angelina pelo cotovelo, a guiou até a porta. Na entrada, ele parou para pegar a sombrinha. Ele percorreu as flores com um último olhar. A satisfação brilhava em seus olhos quando passou a sombrinha para ela.

— Obrigada. E sua irmã? — Nem um sussurro passaria pelos lábios de Angelina na presença de mais alguém.

Soltando o braço, o marquês se afastou. — Veja por si mesma.

Ninguém estava sentado embaixo da árvore parecida com um guarda-chuva. Os cães também desapareceram. Incomodou-a. Prometera a Lady Francesca que demoraria apenas alguns minutos.

— Sinto muito por ter me esquecido de sua irmã. Ela é encantadora. Suponho que se cansou de esperar.

Angelina abriu a sombrinha, resistindo ao desejo de esfregar a palma da mão no cotovelo para acalmar os espinhos perturbadores que permaneciam do toque de Sua Senhoria. A sombra fresca abaixo da árvore florida acenava. Mesmo com as duas portas abertas, a estufa estava excessivamente quente e abafada.

— Franny geralmente lê para a nossa mãe por uma hora à tarde.

O marquês começou a andar ao seu lado.

— Minha irmã não tolera o calor. Eu acho que sua cadeira é parcialmente culpada. A engenhoca é bastante limitada e o material não permite muita circulação de ar. Ela prefere uma poltrona ou seu banco na janela do solar.

— Há quanto tempo ela está confinada a uma cadeira de rodas?

— Desde que ela tinha seis anos.

Uma dureza afiou o tom do marquês, e Angelina não pressionou mais. Ela se sentou no banco de mármore, praticamente suspirando de prazer pela maravilhosa frescura da pedra. Se lorde Bretheridge não estivesse presente, ela teria colocado a bochecha contra a superfície fria.

Sua senhoria estava sentada ao lado dela, sua perna roçando sua saia. Ele se afastou o mais longe que o banco permitia - todos os quinze centímetros.

Sentava muito perto da paz de espírito dela. Ela sentiu o cheiro de sua colônia, sentiu o calor do seu corpo, ouvia-o respirar. Olhou para as coxas musculosas dele. Seus pensamentos confusos a perturbaram, como se ela tivesse acordado de um sono profundo e sem sonhos.

Ela o encarou sem entender. O que eles deveriam discutir?

— É melhor não hesitarmos. ─ O marquês estalou os dedos. — Cinco minutos é menos tempo do que o necessário para voltar para casa.

O humor enchia sua voz.

Sem dúvida, o patife sabia exatamente o que ela pensava. A irritação brotou dentro de seu peito. Ela ergueu os ombros. — Não tenho certeza do que o senhor deseja ouvir, milorde.

— Por quê está aqui?

— Por quê? Porque o senhor nos convidou para o chá ─ respondeu Angelina.

Ela não queria ter essa discussão embaraçosa sobre algo tão doloroso e humilhante. Nada sobre sua relação, para falar a verdade. Exceto que o problema havia se tornado assunto do marquês quando o tio tentou empurrá-lo para ela.

— *Touché*. ─ Sua Senhoria fez uma saudação zombeteira. — Deixe-me reformular a pergunta. Por que a senhora viajou da América para morar com o duque e a duquesa?

Angelina mexeu na ponta da luva.

— É uma história milenar. Como o senhor já sabe, eu estou esperando. ─ Ela fez uma pausa e respirou fundo, mantendo o olhar

focado no colo. — Embora em minha defesa, eu pensei que tinha me casado com o pai do bebê.

Ela arriscou erguer os olhos para os de Lord Bretheridge. Hoje não havia nenhuma condenação, apenas paciência. Ela voltou sua atenção para os canteiros de rosas. Dois pássaros pulavam sob as flores, ocasionalmente bicando o chão enquanto procuravam uma refeição.

— Conheci Charles Moreau em dezembro passado. Mais tarde soube que esse não era o nome verdadeiro dele. Me apaixonei desde o momento em que o conheci, pois acreditava que ele sentia o mesmo.

As roucas juras de amor de Charles ainda ecoavam em seus ouvidos. Por que lembrar doía tanto assim?

Orgulho ferido.

Definitivamente, ela não mantinha nenhum sentimento de ternura por ele, o que provava que ela não entendia a primeira regra sobre o amor - apenas que o carinho não deveria ter vida curta.

— Tivemos um namoro rápido e nos casamos três meses depois. ─ Angelina mudou seu peso, tentando aliviar a pulsação persistente em suas costas. Ela suspirou. Quanto dos detalhes desagradáveis ela queria compartilhar com esse estranho?

— Charles é francês. Eu mencionei isso?

— Não. ─ O olhar de Sua Senhoria sondava o dela. — Qual é o nome verdadeiro dele?

— Pierre Renault.

Lorde Bretheridge ficou rígido e respirou fundo.

Apertando o estômago, ela o observou. — O senhor o conhece?

Seria completamente desconcertante, em caso de afirmativa.

Sua Senhoria apertou os lábios em uma pequena careta. — Não, nunca fomos apresentados. Já ouvi falar dele de passagem. Sua *profissão* é um pouco... questionável.

Olhando fixamente para as mãos, ela assentiu, arrependendo-se do movimento instantaneamente, pois piorava a pulsação desagradável em seu crânio. — Sim eu sei. Ele é comerciante de escravos. Soube momentos depois de descobrir que Charles, ainda não consigo pensar nele como Pierre, já estava casado.

— Que diabo está dizendo? — Lorde Bretheridge bateu na palma da mão com um punho.

Assustada, Angelina virou-se para ele. A expressão mais estranha sombreava seu rosto. Uma combinação de compaixão, descrença, pena e fúria. E ele estava lívido.

Com Charles? Por mim?

A gratidão a envolveu. Ela engoliu um soluço. Ele acreditava na palavra dela.

— Continue. — Sua expressão permanecia sombria, comprimindo seus olhos e boca.

— Chegamos ao hotel e... — Ela não podia compartilhar *isso*. O calor inundou seu rosto. Sem dúvida, suas bochechas brilhavam vermelhas como cerejas. — Pouco tempo depois, houve uma batida na porta. Era lorde Devaux-Rousset, enteado de Charles.

— Stepson? — Uma careta perplexa enrugou a testa de lorde Bretheridge.

Ela concentrou sua atenção nos jardins mais uma vez. — Quando Charles era bem jovem, ele se casou com uma francesa vários anos mais velha. O barão, embora tenha a mesma idade de Charles, é seu enteado. Ele estava procurando por Charles há algum tempo. Evidentemente, o homem com quem pensei que tinha me casado tem uma história de comportamento repreensível.

Ela fechou os olhos. Uma nova onda de humilhação e angústia a envolveu. Como ela poderia ter sido tão ingênua? Devia ter havido sinais, dicas, algo para alertá-la sobre a duplicidade de Charles.

— Palavras não podem expressar o tamanho do meu arrependimento. — Lorde Bretheridge cobriu as mãos cerradas dela com uma das dele, dando-lhe um aperto encorajador. — Como é que chegou à Inglaterra?

— Eu não poderia voltar para Salem. — Ela deu uma risada aguada. — Todo mundo acreditou que eu estava casada. Mamãe e eu decidimos que uma viagem para ficar com meus tios seria a coisa certa. Ninguém saberia que eu fui uma tola.

Angelina relaxou contra a árvore. — Durante a viagem, sofri *mal de mer* e continuei a sentir mal-estar quando cheguei à Inglaterra. Um médico foi consultado e minha gravidez confirmada.

Removendo a mão da dela, o marquês terminou para ela. — E foi aí que seu tio inventou a história da viúva e a escondeu em Wingfield Court.

— Sim. — Ela respirou fundo. — Então, essa é toda a verdade desagradável em poucas palavras.

— Sra. Thorne...

— Por favor, não me chame assim. Detesto viver essa mentira. — Angelina tocou seu braço. A carne firme ondulou sob sua mão. — Quando estivermos sozinhos, o senhor não pode me chamar de outra coisa? Eu sei que é impróprio.

Como estar apertando seu braço.

— E suponho que deveríamos continuar também, exceto que toda vez que ouço esse nome *miserável*... — Ela colocou a mão embaixo da perna para aliviar a queimação na palma da mão.

O marquês inclinou a cabeça, lembrando-a de uma coruja contemplativa. Depois de um momento prolongado, ele sorriu. — E quanto a Rose?

Angelina riu, olhando-o antes de continuar a observar os pássaros procurando insetos. — Eu prefiro Lina, embora Rose seja bastante apropriado.

— Como assim? — Ele também se inclinou contra o tronco, as pernas longas esticadas diante dele e cruzou os tornozelos. — Oh, porque eu crio rosas?

Ele tinha que usar as calças tão justas? Ela achou a visão mais que perturbadora.

— Não, embora isso seja um tanto irônico. — Um galho caiu em sua saia. Grata por uma distração, ela o tirou do vestido. Examinou os galhos acima da cabeça, procurando o culpado.

— Nosso pai nomeou minhas irmãs e eu, e ele é o único que se dirigia a nós por nossos primeiros nomes. — Ela olhou para ele, cuidando para manter a atenção em seu rosto e não na protuberância proeminentemente exibida em seus quadris no momento.

Ela tinha toda a atenção dele.

— Como sabe, o meu é Temperance, e eu já lhe disse antes, minhas irmãs são Patience e Prudence. Mamãe é mais romântica. Ela nos deu nossos nomes do meio. — Angelina apontou

para si mesma. — Eu sou Angelina-Rose, e minhas irmãs são Angelisa-Lily e Angelica-Iris.

O humor dançava em seus olhos, e lorde Bretheridge parecia lutar bravamente com a diversão puxando seus lábios.

Angelina riu. — Vá em frente e ria. É realmente muito horrível. Eu sempre me perguntei como ela nomearia um filho. Angelo?

— O que a possuiu? ─ Ele riu, um ruído baixo e agradável.

Ela encolheu os ombros. — Não faço ideia. Mamãe nos chama de seus três anjos. Com cabelos claros e olhos azuis, a Lily e a Iris parecem mesmo anjos. Por outro lado, tenho olhos verdes. ─ Angelina torceu o nariz e apontou para os cabelos. — E mechas de cobre marcadas no meu cabelo. Papai pensava que eu parecia tudo menos santa.

Uma pontada de dor familiar tomou conta dela.

Muitos homens religiosos acreditam que o cabelo ruivo é um fogo roubado do inferno, Temperance. E com seus olhos verdes...

Papai balançou a cabeça careca em desaprovação e murmurou algumas bobagens sobre bruxas antes de sair para orar por sua alma.

— Eu acho que tem o cabelo mais magnífico que já vi. A cor é totalmente única. ─ Lorde Bretheridge tocou um cacho perto de sua orelha.

— Obrigada. ─ Um calor delicioso a varreu, substituindo a dor da rejeição de seu pai por um sentimento de felicidade. Angelina abaixou a cabeça, quebrando o contato. Ela precisava mudar de assunto. Agora. — De qualquer forma, as gêmeas são chamadas de Lily e Iris. Eu sempre fui Lina.

— Não Rose?

— Não, embora eu nunca tenha questionado o porquê. Talvez porque eu tenha nascido primeiro, e mamãe pensou que seria muito confuso chamar minhas irmãs Lisa e Lica. ─ Ela franziu a testa. — Lica parece um pouco estranho. Espero que seja por isso.

O marquês bufou. — Seu tio não poderia ter inventado algo melhor que *Thorne* para seu nome fictício?

— Suponho que ele se imaginou inteligente. ─ Uma careta tocou seus lábios. Ela se preparou para ficar de pé. — Estou certa de que

mais de cinco minutos se passaram. Não devemos ficar mais tempo aqui sozinhos.

Ele tocou seu ombro, contendo-a.

— Eu imploro. Por favor, conceda-me mais alguns minutos. — Lorde Bretheridge se endireitou e fez um gesto em direção à casa. — Além disso, a janela da sala de estar fica de frente para esse lado. Tenho certeza de que vovó e Sua Graça têm seus olhos treinados em todos os nossos movimentos.

Angelina olhou entre Sua Senhoria e a casa. Através do sol brilhando no vidro chanfrado, as figuras indistintas das duas mulheres eram visíveis. Era difícil determinar a essa distância, se dirigiam sua atenção para ela e o marquês. No entanto, sua presença, embora separada por uma grande extensão de gramado e janelas francesas, acrescentava um nível de respeitabilidade.

Ela concordou com um aceno de lado. — Está bem. O que quer me dizer?

— Pensei bastante nisso - a proposta do seu tio. — Lorde Bretheridge deu-lhe um sorriso de desculpas. — Serei perfeitamente honesto. Não tenho como pagar a dívida de jogo do meu pai. Não fazer isso significaria uma ruína absoluta de um tipo diferente. A soma é uma quantia astronômica. Mas Waterford está disposto a cancelar tudo se nos casarmos.

Angelina franziu a testa. — Eu já te disse, não vou – *não posso* – me casar com o senhor.

— Por favor, ouça. — A sinceridade e humildade brilhavam em seus olhos.

Por que ele não escutava? Sua tenacidade a levava à distração. Ela suspirou e começou a balançar a cabeça.

O marquês virou para encará-la. — Farei qualquer coisa para proteger e cuidar da minha família. E sim, estou disposto a concordar com o esquema insano de Waterford, especialmente depois de ouvir a verdade da sua situação.

Agora ele acreditava nela?

— Como sabe que é a verdade? — Angelina arqueou uma sobrancelha. — Eu poderia estar mentindo.

O olhar dele percorreu seu rosto. — Não estava. Algumas pessoas são exímias mentirosas...

— Como Charles. — Ela fez uma careta, lembrando as mentiras que tão facilmente derramaram de sua boca. Como grãos de açúcar derramados de uma colher. Doce e muito numerosos para contar.

— Sim, como ele, mas outros como a senhora... — Lorde Bretheridge hesitou, olhando profundamente em seus olhos. — Seus olhos revelam tudo. Não tenho a menor dúvida de que me disse a verdade.

— Ora, meus olhos? — Ela olhou para ele, tentando ler os dele. — Certamente não pode ser persuadido simplesmente olhando nos meus olhos. Ontem o senhor acreditou que eu fazia parte de todo esse caso sórdido.

Lendo meus olhos. Que ridículo!

— Oh, mas eu posso. — Ele tirou o cabelo da testa. — Quando está feliz, seus olhos são brilhantes, verde-oceano, e as manchas azuis dentro deles brilham. Quando está chateada ou preocupada, eles escurecem para um jade coberto de musgo e, quando está com raiva, eles se tornam uma esmeralda ardente com cacos de ouro.

Diabos, agora ele ficou poético.

Como ela poderia resistir a um discurso tão romântico? Seus lábios se curvaram por vontade própria, mas afinaram em uma linha de desaprovação quase imediatamente. Charles também possuía um talento especial para a prosa e uma língua mais enganosa que ela já havia encontrado.

Regra número... quantas ela tinha agora? Isso não importava.

Nova regra.

Homens que falam de forma poética devem ser evitados como uma praga.

— Eu esperava que faíscas verdes disparassem deles e me incinerassem na sala de visitas do seu tio ontem à tarde. — O rosto de Sua Senhoria enrugou de alegria.

Angelina se contorceu sob seu olhar penetrante. Ela era tão transparente?

— Eu admito que posso avaliar como nosso casamento pode ser de algum benefício para o senhor. Mas, francamente milorde, por que se envolveria com uma mulher que está esperando o filho de outro homem? Ninguém que possa contar acreditará que a criança é sua, e o estigma será profundo. — Ela tocou o estômago.

Com sua atenção fixa na casa, ele assentiu. — Verdade. Pelo bem do bebê, teremos que continuar a mentira da viúva.

— Não. — Ela ofegou e apertou as mãos sobre a barriga.

— Deixe-me explicar. — Ele levantou uma das mãos dela. Segurando-a na dele, ele passou o polegar para frente e para trás na palma da mão dela. — Por favor?

Através do material de sua luva, deliciosos frissons irromperam sob seu toque. Deveria pedir a Lorde Bretheridge para parar. Em vez disso, ela inclinou rigidamente a cabeça. Isso era ridículo. Pura loucura de ouvir. Um casamento entre eles nunca funcionaria.

— Depois que a dívida for cancelada, ficarei extremamente rico novamente. — Seu polegar parou como se de repente ele percebesse o que fazia. — Estou certo de que não há nada no contrato que Waterford tenha estabelecido que estipule um período de tempo que devemos permanecer juntos. Isso simplesmente não é feito.

Angelina olhou para as mãos unidas. — Me desculpe, eu não consigo segui-lo.

O que ele sugeria?

— Nós nos casamos, minha fortuna é restaurada e eu posso cuidar da minha família. Se não quiser continuar casada, depois de um ano, podemos tentar anular o casamento. Receberá uma quantia substancial. Viverão confortavelmente o resto de seus dias.

Ele perdeu a cabeça? Talvez a tensão o tivesse perturbado. Talvez a loucura fosse uma tendência da família. Seu pai havia tirado a própria vida, afinal.

— Depois que eu der à luz? — Ela engasgou com uma risada zombeteira. — Certamente o senhor está brincando. Ninguém acreditará que o casamento não foi consumado.

Lorde Bretheridge encolheu os ombros. — Bem, então, pedirei o divórcio. Se for o que deseja.

— *Se* o divórcio for concedido, e ambos sabemos que é um quase intransponível *se*, estará arruinado.

Por que ele não podia deixar passar? Desesperado com nenhum outro recurso disponível, ela não faria o mesmo? As mulheres de sua família representavam um grande fardo.

Ele soltou a mão dela antes de cruzar os braços.

— Estará mais arruinada do que eu. Entendo como o casamento deve lhe ser repugnante para agora. Só estou pedindo um ano. Quem sabe? — Ele piscou, a travessura oculta nos olhos. — Podemos ser compatíveis.

Tão compatível quanto uma raposa e uma galinha.

No entanto, a ideia tinha mérito, principalmente porque ela não se importava com o escândalo. — Que motivos dará para o divórcio? Não pode alegar que foi enganado.

Ele não respondeu. Em vez disso, ele a encarou por um longo momento antes que seus lindos olhos se deslizassem um pouco mais baixo.

— Poderia concordar em ficar comigo até me fornecer um herdeiro. Depois, nós dois seremos livres para seguir nossos caminhos separados.

Um herdeiro? Deus do céu. Não deveria chegar a isso.

Ela nunca seria capaz de se afastar de uma criança a quem deu à luz. Nunca.

Angelina examinou os jardins e o gramado. Uma propriedade encantadora, Lambridge Manse seria o local ideal para o bebê começar sua vida. Não suportaria contemplar a família de lorde Bretheridge, perdendo o lar, e aquelas mulheres doces forçadas a viver na pobreza. Concordar em se casar com o marquês impediria exatamente isso.

Lorde Bretheridge provavelmente iria para Londres e suas outras propriedades a maior parte do tempo. Angelina não possuía nenhuma noção séria de permanecer com ele. O que machucaria concordar com um ano? Ele poderia ter sua anulação ou divórcio, ou se ambos se mostrassem inatingíveis, ela simplesmente partiria. Eles não seriam o primeiro marido e mulher a viver separados.

Ele precisava de um herdeiro, no entanto. Nesse particular, eles teriam que discutir mais.

Angelina virou-se para encará-lo. — Milorde, posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro. Qualquer coisa. — Ele deu um sorriso sempre pronto.

— Eu, pelo menos, experimentei o que acreditava ser amor. E o senhor? — Ela fez um gesto em sua direção, procurando seu

rosto. — Com toda a probabilidade, está renunciando à sua única chance de amar alguém e ser amado em troca.

Capítulo Treze

Angelina tentou ler as emoções de lorde Bretheridge.

— Tem certeza de que é isso que deseja fazer? Não há como voltar atrás e reverter nossa decisão, uma vez que a ação esteja concluída. — Ela desviou os olhos por um momento antes de voltar a nivelá-lo com um olhar cuidadosamente suave. — Devo dizer, não acredito que eu seja capaz de amar de novo.

Seu rosto se transformou em uma expressão sombria. — Eu conheci alguém na última temporada. Ela é escocesa. Pensei em cortejá-la com a intenção de pedir sua mão.

O conhecimento doeu. Ela poderia se casar com um homem que amava outra? Lorde Bretheridge queria se casar com ela, embora estivesse esperando um filho de outro. E ela pensou que amava Charles antes que ele aniquilasse brutalmente sua afeição.

— O senhor a ama? — A língua de Angelina formou as palavras por vontade própria.

— Eu a achei fascinante e encantadora, sim. Mas acho que não posso afirmar que a amo. — O marquês dirigiu seu olhar para o alto. — Talvez o verdadeiro teste de minha afeição esteja em se eu estaria disposto a sacrificar minha família e honra por ela.

Ele olhou de soslaio para Angelina antes de voltar sua atenção para o céu sem nuvens. — E posso dizer inequivocadamente que a resposta é *não*. Imagino que o amor verdadeiro, se o sentimento realmente existir, me tentaria a fazê-lo.

Alisando as saias, Angelina tomou sua decisão. Se ele falava sério, concordaria com os termos dela. Se não, bem, ela não estaria em pior situação do que estava agora, exceto que o tio Ambrose seria muito mais intolerável até que escapasse da casa dele.

— Quero um contrato com antecedência, indicando cada uma dessas condições, incluindo o valor monetário que me pagará, bem como as estipulações específicas sobre um herdeiro. Vou precisar de uma casa também, nada elaborado, mas adequado para criar meu filho. E gostaria que a educação dele fosse paga.

Calor mortificante a inundou. Ela se tornara calculista e mercenária, não muito diferente de uma amante listando suas condições. Seus escrúpulos estavam em frangalhos. O conhecimento tanto irritava quanto mortificava.

Ela respirou fundo e evitou encontrar os olhos de lorde Bretheridge. Isto era para *o filho dela*. — Concordarei em morar com o senhor por um ano, após o qual sairei e o senhor concordará em pedir uma anulação ou divórcio.

— E se nenhum deles for possível? — Ele a estudou, sua expressão impossível de decifrar.

Cruzando as mãos, Angelina apertou os dedos até não sentir as pontas. Ela devia ser justa. — Se, depois de dois anos, não tiver conseguido obter nenhum dos dois, concordarei com seu pedido de lhe fornecer um herdeiro.

Uma onda de bile ameaçou sufocá-la. Negociava uma criança como se seus filhos não tivessem mais valor do que um novo landau. Ela se atrevia a estipular que qualquer filho resultante de sua união residiria com ela, e ela permitiria visitas de Sua Senhoria?

— Apenas um? — Humor enrugava os cantos dos seus olhos.

Angelina o fuzilou com um olhar. Nada sobre isso poderia ser interpretado como divertido. — Sim. Apenas um.

— Espero que evite se envolver em afeições de outra forma durante toda a duração. — Seu tom ralou baixo e insistente.

Ela não podia confundir o significado daquilo. Ela quase perguntou se ele pretendia impor a mesma restrição a si mesmo. Compreendendo a natureza dos homens, ela não precisava se preocupar. Qual era o velho ditado: *faça como eu digo, não como eu faço*?

Ela assentiu com firmeza e conseguiu murmurar: — É claro.

Como se eu fosse permitir que um pretendente farejasse sob minhas saias.

Pensando no que mais ela poderia precisar, ela brincou com a renda na cintura. Planejar os detalhes com tanta pressa, principalmente quando sua mente traidora continuava voltando àquele negócio sobre um herdeiro, provou ser muito difícil.

Ela exigiria uma carruagem. — Gostaria de um transporte também, algo simples, além de uma equipe e móveis adequados

para a casa.

— Isso é tudo? Talvez deva fazer uma lista. Não se esqueça de incluir estipulações no caso de dar à luz gêmeos.

A irritação se manifestou, preparada para atacar forte e letal. Com os dentes cerrados, Angelina sugou o ar até que seus pulmões não aguentassem mais, depois exalou com controle deliberado. Ela reprimiu sua exasperação, desejando que a resposta concisa na ponta da língua diminuísse.

As pontadas de medo que a atacaram com a menção de gêmeos se mostravam mais difíceis de dissipar. No entanto, suas emoções foram guias inúteis para este ponto. A lógica e o raciocínio criavam lemes melhores, mesmo que um pouco difíceis de cultivar, devido a seu humor vacilante ultimamente.

Lorde Bretheridge ergueu uma sobrancelha, com uma pitada de cinismo em seus olhos.

— Não me olhe assim, milorde. O senhor está se beneficiando muito desse arranjo - pelo bem de sua família. Por que não devo fazer o mesmo pelo meu filho? O bebê que eu carrego é tão inocente quanto as pessoas daquela casa ─ ela apontou para a mansão, — a quem ama muito.

Apresentando-a com seu perfil, ele olhou para a casa. — Não há nada que eu não faria para impedir que meus entes queridos sofressem.

Um gaio mergulhou no chão a alguns metros de onde eles estavam sentados. Olhando para eles, deu alguns saltos cautelosos. Sua Senhoria mudou para encará-la mais uma vez. Soltando um grito estridente, o pássaro assustado foi ao ar.

Angelina seguiu seu voo desviante antes de olhar diretamente para lorde Bretheridge. — O senhor sabe, outro argumento não teria me conquistado. Sua preocupação com sua família me fez decidir a seu favor.

— E quando estava prestes a desmaiar, sua angústia pela criança que carrega me convenceu de sua bondade intrínseca. ─ Algo sedutor cintilou profundamente em seus olhos.

Uma onda de prazer a inundou. Ela limpou a garganta. Melhor acertar. — Quando quer se casar? Devemos passar pela farsa de ler os proclamas quando estamos de luto?

— Eu acho que não. Poderíamos nos casar com licença especial. — Lorde Bretheridge coçou o queixo, contemplativo. — Isso levantaria sobrancelhas e perguntas também. Tenho certeza de que, assim como eu, preferirá não responder.

Ele deu um tapa nas coxas. — Sugiro irmos para a Escócia. É um dia longo de viagem a partir daqui. Tenho uma família que também gostaria de visitar enquanto estivermos lá.

Ele *havia* pensado nisso.

Não eram permitidos divórcios na Escócia? Era preciso morar lá para obter um? Por quanto tempo? Mamãe saberia? Angelina precisava seguir essa ideia de uma vez.

De pé, ela o encarou, preferindo estar de costas para casa nessa parte da conversa. Não se podia dizer com que consideração a tia Camille e a marquesa de viúva assistiam.

— Há mais um assunto que precisamos discutir, milorde.

Lorde Bretheridge a analisou, aparentemente não menos preocupado. — E isso é?

— Não pretendo consumar o casamento.

Sua mandíbula caiu enquanto as sobrancelhas escuras subiam até a linha do cabelo.

Um calor abrasador varreu seu rosto com a expressão de descrença no dele. No entanto, ela seguiu em frente. — Nem mesmo depois que o bebê nascer, a menos que, obviamente, uma anulação ou divórcio não possa ser obtida. Acho melhor que me mande para morar em outro lugar imediatamente após o casamento. Ninguém pode questionar ...

Ele levantou a mão. — Eu entendo a lógica do seu raciocínio, mas temo não concordar.

Ela se mexeu com um cacho. — Por que não?

— Isso incomodaria minha mãe, assim como vovó e Franny. Não farei nada para comprometer a recuperação de minha mãe. — Ele se levantou e ajeitou o colete e a jaqueta antes de encarar Angelina.

Por um momento, ela pensou que ele pegaria suas mãos. A antecipação a inundou. Ela queria que ele fizesse isso.

Em vez disso, ele deixou cair ao lado do corpo.

— Lina, ainda não a conheceu, mas minha mãe é uma mulher incrível. Sua doença, agravada pela morte do meu pai, quase a

matou. Se eu casar e mandar minha esposa embora imediatamente, ela saberá que algo está acontecendo. ─ A voz dele tinha um tom de admiração e devoção. Os lábios bem formados do marquês se curvaram nos cantos.

— Mamãe não é das que deixa as coisas acontecerem. Ela não descansaria até descobrir a verdade. Se ela souber que meu pai foi impulsivo e apostou perdendo tudo antes de se matar...

Ele puxou um dos punhos, murmurando baixinho: — Não tenho dúvida de que isso a destruiria.

Angelina colocou a mão no braço dele. — Compreendo. Claro que ela não deve saber. Eu só pensei em aliviar algumas das fofocas. A maldade será densa e feia quando eu partir, e poderá atingi-las também.

— Vamos nos preocupar com isso quando chegar a hora, não é? ─ Lorde Bretheridge cobriu a mão dela com a sua mão muito maior.

— Em quanto tempo pode assinar o contrato?

Sem cada detalhe por escrito, Angelina se recusava a avançar com seu plano. E, o contrato entre ela e lorde Bretheridge deveria permanecer em segredo. Se o tio Ambrose sentisse um cheiro disso, ele poderia acrescentar restrições ao contrato de casamento.

Ela não podia correr esse risco.

— Partirei para Londres amanhã, depois de falar com seu tio. Direi que quero que meu homem de negócios revise o contrato. Waterford não deve suspeitar de nada.

— Sim, acho isso sábio. ─ Ela fez uma pausa, dividida entre a lealdade à família e a este homem que em breve seria seu marido. — Milorde?

— Como estamos prestes a nos casar, acho aceitável que me chame de Flynn ou Bretheridge.

Angelina ignorou o calor que a varria. O clima era o culpado, não qualquer fascínio por ele. — Sim, bem, isso levará algum tempo para me acostumar, já que o conheço há pouco mais de um dia.

Deus, ela concordou em se casar com um homem que conheceu ontem à tarde. *Ela* estava louca? E por que ela sentia que podia confiar nele? Mais do que no tio dela ou em Charles?

— Estava dizendo? ─ Sua Senhoria a provocou gentilmente.

— Não acredito que deva confiar em meu tio. Em absoluto.

A risada calorosa de Flynn a surpreendeu. O que, por Deus, ele poderia achar minimamente divertido sobre essa terrível situação?

— Eu concordo. — Ele cruzou as mãos sobre o coração. — Eu prometo que estarei sob minha guarda mais diligente.

Angelina estreitou os olhos. Ele ousou zombar dela? — Estou feliz que o senhor ache isso divertido.

Isso o deixou sóbrio. —Não, não entendeu. Por favor, não se ofenda. O que acho engraçado é sua adorável necessidade de me proteger, aconselhando-me a não confiar em Waterford. Tenha certeza, ele é o último homem em quem eu confiaria.

Flynn agarrou a mão dela e a levou aos lábios. — Peço desculpas por ofendê-la.

— Eu... — Um movimento chamou sua atenção. Angelina se inclinou, espiando além do ombro dele.

Chatterton marchava pelo gramado. Pela aparência descontente de sua boca, ele não estava muito satisfeito.

— Seu mordomo se aproxima.

Flynn colocou a mão dela na dobra do cotovelo e virou na direção da casa.

— Sim, Chatterton?

— O duque de Waterford chegou e ele está ... — a voz do mordomo pingava censura quando ele enviou a Angelina um olhar cauteloso — *não está* no seu melhor.

* * *

Flynn apertou a mandíbula e conteve um xingamento pressionando a parte de trás dos dentes. Já era difícil o suficiente argumentar quando estava sóbrio, bêbado, Waterford era um perfeito asno. A menos que...

Isso poderia funcionar como vantagem para Flynn, afinal. Ele permitiu uma pequena torção de seus lábios. *Pegue o duque de surpresa, anunciando o noivado hoje.* Sim, isso seria bom.

Depois de pegar sua cópia do contrato de cortejo com Wingfield amanhã de manhã, Flynn partiria para Londres. A recuperação de sua mãe progredia notavelmente bem. Ele não precisava se preocupar tanto em deixá-la como tinha estado há um dia atrás.

A legalidade do contrato ao qual Angelina pedia era o maior desafio. Ele apostaria seu dinheiro que o acordo não seria aplicável em tribunal. Ela nunca precisaria saber. Flynn pretendia honrar a barganha do acordo, *depois de* ter um herdeiro.

— Levei Sua Graça à sala de estar, milorde ─ disse Chatterton, — mas a marquesa viúva está mais ansiosa pelo seu retorno.

— Isso não pode ser um bom presságio. ─ Angelina mordeu o lábio inferior, o olhar fixo nas janelas da sala de estar. Ela tremeu um pouco.

— Obrigado, Chatterton, iremos logo.

— Sim, milorde. ─ Depois de um aceno subserviente, o mordomo voltou para casa.

Angelina franziu a testa e apertou o lábio inferior entre os dentes.

Flynn deu um tapinha no braço dela. — O que me diz se anunciar nosso noivado agora?

— Agora? ─ Arregalando os olhos, ela limpou a garganta, a incerteza patinando em suas feições. — Acredita que é o melhor? Tio Ambrose é... é possível que ele não seja...

— Exatamente. ─ Flynn inclinou a cabeça para mais perto, saboreando o cheiro dela. — Waterford não será tão perspicaz e espero que ele não se oponha a que partamos para a Escócia imediatamente. Entretanto, pode admirar a nossa ânsia em casar.

Flynn piscou, apreciando o tom da cor que banhava seu rosto. As dezenas de sardas que tocavam seu nariz, destacaram-se maliciosamente lembrando-o do duende na árvore ontem.

— Suponho que agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra. ─ Ela suspirou e seus ombros caíram.

Diminuindo os passos, ele a puxou para trás de um arbusto na beira do terraço. ─ Sei que isso é repentino e não teve tempo para se acostumar com a ideia. No entanto, acredito que é para nosso benefício avançar rapidamente.

Angelina tinha dúvidas? Ele tinha muitas. No entanto, horas de reflexão e elaboração de possíveis alternativas, inevitavelmente levaram à mesma conclusão. Uma união entre eles parecia o menor dos males disponíveis. A questão do herdeiro parecia o maior problema. Só Deus sabia o que poderia acontecer em um ano.

Flynn definitivamente não se opõe a deitar com ela. Não, não se opõe. De fato, ele esperava levar Angelina para sua cama.

Emoções buliam em harmonia sobre o rosto adorável. Embora atraída, sua pele clara brilhava suave como marfim. Ela era tão pálida em todos os lugares? A noção intoxicante ganhou uma pontada na virilha.

Ele tocou sua bochecha. Macia como seda. — Está de acordo?

— Sim, dada a minha condição, a conveniência é prudente.

A linha severa que moldava sua bonita boca revelava sua cautela.

Na estufa, seus lábios estavam quentes e macios, com ligeiro sabor de limão. Ela os inclinou fracamente. — Posso incomodá-lo a enviar uma carta para minha mãe quando estiver em Londres? Preciso informá-la sobre nosso casamento e onde ela poderá me encontrar no futuro.

— Não é incômodo algum. ─ Flynn apertou sua mão minúscula enquanto continuavam indo para a entrada. — Pronta? Queixo para cima e firme. Seu tio não pode ser pior que Deamhan.

— Se o senhor se lembra, milorde, o touro me prendeu.

Com essa atitude cínica dela, eles pisaram nas pedras pavimentadas.

— Ah, mas eu a salvei *daquele* animal. ─ Ele balançou as sobrancelhas para ela. E, por Deus, Flynn faria que Waterford não a intimidasse mais.

As portas do terraço se abriram. O duque e a duquesa de Waterford sairam. Bem, mais apropriadamente, o duque saiu balançando pela porta, cambaleando instável, seguido por vovó amparada na bengala.

Desagrado cobria seu rosto.

Flynn colocou Angelina mais perto. — Estou encantado em informá-lo, a senhora Thorne concordou em se tornar minha esposa.

— Coisa boa. ─ Sua Graça nivelou os olhos injetados de sangue em sua sobrinha. — E qquanto maisss cccedo, melhor.

O salafrário estava bêbado. O homem não se importava com a sensibilidade de sua esposa? Sua expressão tensa indicava que ela gostaria de estrangular o marido.

Vovó olhou para o duque com repugnância velada. Sua mão flexionou em torno da bengala com ponta de prata.

O duque deu uma espiada astuta em Flynn antes de tentar se concentrar em Angelina novamente.

— Uma carta da sua mãe chegou hoje à tarde. Algum sujeito francês chamado Morneau, ou era Mourant? — Waterford coçou a cabeça, tentando se lembrar. — Não importa, — ele murmurou, apertando os olhos e direcionando-os para a barriga dela. — Ele está tentando encontrá-la. Ele está na Inglaterra.

Capítulo Quatorze

Angelina afundou os dedos no braço de lorde Bretheridge e ficou rígida contra uma onda de pânico.

Tia Camille empalideceu e ofegou. Ela apertou a garganta, encarando o marido como se nele tivesse brotado outra cabeça.

E a esposa de Charles? Ele tinha perdido a cabeça se pensava que Angelina falaria com ele novamente. Seu futuro podia não ser totalmente brilhante no momento, mas a vida seria muito melhor sem essa sombra negra. Ela tentou respirar o suficiente para acalmar seus nervos abalados, mas a constrição em seus pulmões só permitia uma respiração superficial.

Procurando dentro do casaco, tio Ambrose retirou um papel amassado. — Aqui, sua mãe lhe enviou uma também.

Ele jogou a carta para ela.

— Vamos deixar a Sra. Thorne com a sua carta, sim? — A marquesa viúva de Bretheridge guiou habilmente seus convidados para a sala de estar.

O estômago de Angelina afundou e seu passo falhou um pouco. O que a viúva devia pensar?

Lorde Bretheridge estava logo além das portas de vidro, obviamente relutante em seguir os outros.

Uma vez lá dentro, a avó parou e balançou a bengala para impedir a entrada do marquês. — Flynn, por que não mostra à sra. Thorne o salão azul? Ela poderá ler sua carta sem interrupção lá.

Ele beijou sua bochecha. — Excelente ideia, vovó. A senhora dará nossas desculpas às Suas Graças?

— Bem, é claro que sim, garoto tolo. — Ela fez um carinho no rosto dele. — Também poderei pedir um café forte.

Ela lançou um olhar revelador ao duque. — Café *muito* forte.

No momento em que Angelina entrou no salão, ela largou a sombrinha no divã. Tirou as luvas e, depois de jogá-las em uma mesa com tampo de mármore, ao lado de um pavão empalhado, abriu o selo da carta.

Datada de primeiro de junho, após a saudação superficial, sua mãe não perdeu tempo em chegar ao objetivo da carta.

* * *

Minha querida, aquele homem horrível veio nos visitar. Pode imaginar minha surpresa e raiva por sua afronta. Ele alegou que sua esposa morreu e estava livre para se casarem agora.

Pode acreditar na audácia dele? Bem, eu lhe digo, eu não posso!

Ele exigiu saber onde estava.

Eu não disse, é claro. Ficou bastante violento, xingando e gritando. Mencionou o seu desejo de visitar sua tia e tio. Ameaçou suas irmãs e a mim se não revelássemos o seu paradeiro.

Expulsei-o à força daqui. Até avisei as autoridades locais, ele me assustou.

Querida, acho que ele não está bem da cabeça. Está determinado a encontrá-la na Inglaterra. Ele falou sobre ser seu dono, que pertencia a ele. Estou muito preocupada...

* * *

Charles pretendia que cumprisse seus votos.

Uma sacudida de alarme atingiu Angelina. Estranho, nunca tinha tido medo dele antes disso. Isso foi antes de se dar conta da profundidade de sua desonestidade.

Redobrando as folhas novamente - ela leria o resto mais tarde, quando as palpitações na cabeça não ameaçassem furar seus olhos - Angelina colocou a carta na mesa antes de vagar para a janela e olhar cegamente através do vidro.

Mamãe, as coisas são muito piores do que imagina.

Angelina virou-se para lorde Bretheridge. — Em quanto tempo podemos nos casar?

Ele apontou para a carta. — Posso perguntar o que a carta continha?

— Parece que Charles, Pierre, está na Inglaterra procurando por mim. De acordo com mamãe, sua esposa morreu e ele pensa em se

casar comigo. *Mais uma vez*. — Ela não conseguiu esconder o escárnio de sua voz, embora Deus soubesse, ela rezava diariamente para que não ficasse amarga.

Os aguçados olhos verdes do marquês perfuraram os dela. — E não quer, mesmo carregando o filho dele? Isso não resolveria seus problemas?

Ela não conseguiu detectar nenhuma condenação, apenas uma preocupação sincera em sua voz. Seu coração deu um pequeno giro. Ele era realmente tão altruísta? Pois se ela se casasse com Charles e não com Lorde Bretheridge, Sua Senhoria, assim como sua família, enfrentaria a devastação certa.

Angelina virou-se para a janela, pressionando a testa contra o vidro frio. O latejar em suas têmporas espelhava o pulsar em seus ouvidos.

— Se me quiser, prefiro casar com o senhor. Em um dia, me mostrou uma profundidade de decência que Charles nunca poderia esperar alcançar.

E Charles teria que deixar ela e o bebê se ela estivesse casada com outro. Talvez, mais importante, ela pudesse proteger seu coração fraturado. O casamento com lorde Bretheridge constituía um acordo comercial que beneficiava os dois. Ela não tinha ilusões equivocadas sobre amor ou devoção e, portanto, seria poupada de mais mágoa.

E quando terminar o nosso contrato? E se Charles ainda me perseguir?

Improvável.

Ela escalaria aquela colina quando chegasse a ela.

Tio Ambrose preferiria que ela se casasse com o marquês, embora ela carregasse o filho de Charles. Desde as guerras napoleônicas, o duque desprezava todas as coisas francesas.

— O ama? — Lorde Bretheridge sondou, seu tom profundo de barítono estranhamente reconfortante.

Irônico que fizesse a ela, a mesma pergunta que fez a ele não mais de um quarto de hora atrás. Eles formavam um casal bastante patético.

Dando de ombros, ela brincou com a borla de seda da marinha, segurando a cortina aberta. — Eu pensei que o amava. Jurei amor

eterno por ele no dia em que trocamos nossos votos. Os últimos meses me ensinaram muito.

O amor com toda a certeza não é um sentimento vertiginoso e quente, alimentado pela atração e pelo desejo.

Soltando um suspiro que bloqueava, ela descansou o ombro contra a moldura da janela. — Não, ─ ela balançou a cabeça, — eu não acredito - pelo menos não mais - se é que realmente acreditei.

Ela certamente parecia inconstante. Angelina esfregou a parte inferior das costas, sem se importar com o que pensaria Sua Senhoria. Ela precisava aliviar as cãibras musculares.

Ele franziu o cenho, examinando o solavanco quase imperceptível abaixo da cintura dela. — Não parece muito convincente, devo dizer.

Com as mãos apoiadas nos quadris, ela arqueou a coluna e soltou um gemido suave.

Ele desviou os olhos para os seios dela, um toque de desejo em seus olhos.

Seus mamilos formigaram e endureceram. Ela sufocou um suspiro. A gravidez dela os deixou mais sensíveis, não a carícia visual dele que atravessava a sala.

Mentirosa.

Braços cruzados para esconder as pontas dos seios traidores, ela procurou o rosto dele. — Lorde Bretheridge, sou uma mulher de palavra. Prometi me casar com o senhor e, ao fazer isso, meu tio cancelará a dívida do jogo. Sua reputação permanecerá intacta e sua fortuna será restaurada.

Angelina foi até a mesa onde estavam suas luvas e a carta. Olhando nos olhos do marquês, ela colocou a mão no braço dele e suprimiu o arrepio de consciência ao tocá-lo.

— Mais importante, as mulheres que o senhor ama serão providas, assim como meu filho. É algo muito melhor para mim do que casar com um mentiroso que não pensou e nem se importou comigo quando me enganou para casar.

Retirando a mão do antebraço muscular de lorde Bretheridge - ela não conseguia pensar direito enquanto o tocava - ela apertou as mãos diante dela. — Não posso deixar de pensar que será melhor

para o meu filho tê-lo em sua vida, mesmo que temporariamente, do que ter a influência desse salafrário por anos a fio.

Lorde Bretheridge abriu um sorriso deslumbrante, o prazer iluminando seus olhos. Alguma antiga comunicação tácita passou entre eles. Angelina piscou várias vezes. Por que ele a afetava assim?

Enrolando os dedos dos pés dentro de seus sapatos, ela baixou à força, o foco para o pescoço dele. Muito mais seguro e digno do que olhar nos seus olhos com a boca aberta.

— Eu *nunca* poderia me casar com um comerciante de escravos de qualquer maneira.

Ela não conseguiu esconder o veneno de sua voz. Expor seu filho a tal abominação era impensável. Ela expressou seu repúdio à prática com muita veemência mais de uma vez. Não admira que Charles tenha escondido esses detalhes dela. Ele sabia que ela nunca aceitaria o pedido dele se estivesse ciente.

Sim, ele a tratara de forma desprezível, mas vender seres humanos e ficar rico com aquela prática vil? Certamente esse demônio tinha seu próprio lugar especial no inferno.

O marquês colocou um dedo embaixo do queixo dela, inclinando sua cabeça até que relutantemente encontrasse os olhos dele mais uma vez. Ele passou o polegar pelo lábio inferior dela, tirando seu fôlego.

— Eu ficaria honrado em torná-la minha marquesa o mais rápido possível.

Lágrimas embaçaram os olhos de Angelina e queimaram sua garganta.

Por que ela não poderia ter conhecido esse homem decente antes de Charles? Quando não temia o amor? Quando seu coração batia inteiro e saudável, sem feridas ou cicatrizes? Ou, quando a capacidade de confiar completamente em um homem não lhe tivesse sido roubada? Ainda assim, o medo a sufocava. Ela estava trocando uma situação desagradável por outra?

Ela piscou um olho, arrancando uma lágrima. — Obrigada, milorde.

— Ora vamos, nada disso. ─ Lorde Bretheridge pegou outra lágrima com o indicador dobrado. Ele roçou a bochecha dela

suavemente com as costas da mão. — Não me chamará de Flynn?

Uma timidez incomum a invadiu. Fechando os olhos, ela colocou o queixo no peito, para que ele não visse o rubor em suas bochechas e a gratidão patética que seguramente fervia em seu olhar. Ou as lágrimas que originavam entre seus cílios. Angelina também culpou a tristeza a sua gravidez. Embora não estivesse acostumada a tanta ternura e reverência dos machos em sua vida, não precisava agir como uma tola chorona.

Talvez ela devesse fazer disso uma regra.

A compaixão em um homem deve ser desejada, mas mantenha distância dos homens que a fazem chorar.

— Venha aqui. — Flynn a acolheu em seu abraço forte e reconfortante, uma mão grande apertando sua cabeça contra seu peito largo. — Tem todo o direito de chorar.

E foi isso o que aconteceu.

Ela perdeu o tênue domínio de seu autocontrole. As paredes que ela erguera contra sua dor e humilhação esfarelaram como biscoitos de uma semana. Envolvendo os braços em volta da cintura dele, ela apertou o rosto na jaqueta dele e berrou como uma criança. E também não era uma chorona delicada. Grandes soluços ofegantes, arrancados das entranhas de sua angústia, vomitaram forte e alto, saturando à frente do casaco.

— Sim, isso. Deixe tudo sair, querida. — Ele fez barulhos suaves e sussurrou palavras calmantes em seus cabelos enquanto suas mãos gentilmente acariciavam suas costas e ombros. Várias vezes, ele pressionou beijos suaves no topo da cabeça dela.

— Pobre querida.

Longos momentos se passaram, até que finalmente a paz se instalou em Angelina. A ritmada cadência constante do batimento cardíaco de Flynn sob seu ouvido a acalmou. Com as lágrimas esgotadas, ela respirou fundo várias vezes.

Onde estava seu lenço? Maldição! Em sua retícula em cima da mesa na sala de estar, quando esteve sentada ao lado do serviço de chá.

Inclinando a cabeça, saiu dos braços dele. — Posso incomodá-lo por seu...

Ele pressionou o lenço na mão trêmula dela.

— Obrigada. — Ela enxugou os olhos e secou as bochechas, antes de se afastar dele e assoar o nariz da maneira mais desagradável.

Sem dúvida, seus olhos e nariz estavam vermelhos e inchados, e manchas irregulares cobriam suas bochechas. Vários fios de cabelo pendiam soltos do nó outrora imaculado em cima de sua cabeça. Gavinhas pairavam em ondas sobre o rosto e as orelhas. Como algumas mulheres conseguiram chorar e depois parecer tão suaves quanto uma peônia, e ela parecia um purê de morango?

— Tenho certeza de que estou horrível. — Ela deu uma risada trêmula, apertando o lenço ensopado. Cheirava a ele, um perfume almiscarado, mas limpo, viril. Ela lavaria e depois o devolveria.

— Nunca poderia ser outra coisa senão adorável. — Ele colocou várias mechas de cabelo atrás de sua orelha esquerda.

Deu outra risada aquosa. — Milorde, o senhor é um mentiroso ousado. Mas galante.

Meu Deus, como se sentia alívio após um bom choro. Exceto pela forma que sentia seu crânio, como se residisse um fardo de algodão onde seu cérebro estivera. E pelo nariz entupido que a fazia parecer como se estivesse se recuperando de um resfriado desagradável. Exatamente como alguém queria aparecer quando discutia planos de casamento com o noivo.

O pássaro morto em cima da mesa tinha uma aparência melhor do que ela naquele momento. Ela escovou as penas brilhantes do pavão com as pontas dos dedos.

Pobrezinho.

Pelo menos a dor de cabeça havia desaparecido, embora a dor no ventre persistisse, assim como a dor no coração.

Flynn juntou as luvas, a carta e a sombrinha esquecida. Ele passou a ela os dois itens anteriores, mantendo o último. Ele colocou a sombrinha embaixo do braço. — Dada a urgência da sua situação, acho que devemos levar o casamento adiante. Deveríamos ir para a Escócia imediatamente.

— Imediatamente? — Angelina estremeceu de surpresa. Ela vacilou ao vestir sua segunda luva. — *Hoje*?

Flynn tocou seu nariz. — Está com pressa de ser minha esposa, é?

— Não, sim, isso é, eu...

Ela olhou para ele, inúmeras emoções esvoaçavam em seu rosto. Desviando os olhos, ela dobrou a carta em um pequeno retângulo antes de inseri-la na palma da luva direita.

— Acho que amanhã de manhã deve ser suficiente. ─ Rindo, ele colocou a mão esquerda dela na dobra do seu cotovelo e a conduziu para a porta.

Ela o puxou parando repentinamente, seus olhos eram meras fendas. — E o *nosso* contrato?

* * *

Flynn tentou reprimir sua diversão. — Sabe que a suspeita está saindo dos seus olhos?

— Não, é que... ─ Ela deu um bufo perturbado, mas baixou o olhar da mesma forma. — O senhor e a sua bobagem sobre ler meus olhos. Bobagem.

— Calma e não tema. ─ Ele levantou o queixo dela com o dedo indicador. — Meu mordomo estudou direito antes que meu pai o atraísse para longe de seu escritório em Londres, prometendo uma pesada bolsa e uma existência descontraída. Confio que Fleming poderá chegar a um acordo aceitável até amanhã.

— Mas e o acordo do tio Ambrose? ─ Ela franziu o nariz adorável e olhou para Flynn, hesitante. — Pensei que o senhor tinha que levar o documento para o seu homem de negócios em Londres.

Ah, ela se lembrava disso, não é? Angelina possuía uma mente afiada. Seria interessante descobrir quão inteligente era.

Ele assentiu. — Eu pensei. Teremos que nos contentar com a leitura de Fleming. Se a linguagem do contrato for padrão, não prevejo complicações. Depois de assinar as cópias e Fleming testemunhar, podemos prosseguir com nossa barganha particular.

Uma pontada de culpa o atingiu. Deveria dizer a ela que não havia um tribunal na Inglaterra que faria cumprir todos os termos de seu acordo secreto. Duvidava que ela se casasse com ele então, e se não o fizesse, estaria à mercê de Renault.

O que Flynn não daria por quinze minutos no ringue com o idiota. Castigaria profundamente o desgraçado pelo que fizera a Angelina. Ele também pediria a Yancy que usasse sua significativa influência e deportasse Renault para a França e o acusasse de bigamia.

Flynn deu um passo à frente novamente. Ela ficou ao seu lado, o suave movimento de seus pés no grosso tapete oriental foi único som por alguns momentos.

— E quando devo assinar nosso contrato? Não na carruagem? — Angelina espiou por baixo dos cílios.

Ele não a culpava por suspeitar. Os homens em sua vida haviam lhe dado boas razões para se resguardar. Com o tempo, ele esperava que ela chegasse a confiar nele.

Pelo amor de Deus. Um casamento sem confiança? Tão ruim ou pior, do que alguém sem respeito mútuo. O carinho não se enquadrava na equação de uma união bem-sucedida. No entanto, o respeito era essencial.

— Solicitarei uma reunião com Waterford para esta noite e deixarei uma cópia do nosso acordo proposto. Isso deve lhe dar tempo para anotar as mudanças que deseja fazer. Ele olhou para o perfil atrevido dela. — Isso será suficiente?

Ela o olhou com cautela, o nariz ainda um pouco rosado pelo choro. — Suponho que sim.

Ansioso para ver Angelina casada, Flynn não esperava uma resistência genuína do duque. Com alguma sorte, esta noite o bêbado concordaria com um compromisso. — Eu também vou lhe providenciar uma criada. Tem criada pessoal, não é?

Flynn examinou o corredor de uma ponta à outra. Vazio. Com trinta criados, nunca se pode ter certeza de onde ou quando um deles pode aparecer. Não precisava de mais histórias contadas por aqueles que estavam embaixo da escada até ter a chance de se dirigir ele mesmo ao serviço doméstico.

— Sim, tia Camille me concedeu uma.

Ele voltou sua atenção para Angelina, guiando-a pelo corredor. — Vai querer escolher a sua, é claro. Por enquanto, ela servirá como acompanhante. Como eu dizia, terei minha carruagem em Wingfield amanhã à primeira luz. Podemos parar em

Barrington. O município possui uma estalagem aconchegante, o The Fox's Lair, onde Fleming pode nos encontrar para testemunhar nossas assinaturas.

— O que devo dizer a Murphy? Ela suspeitará quando pararmos tão cedo. Angelina varreu uma mecha perdida de sua bochecha.

Seu cabelo era tão sedoso quanto parecia? Ansiava por ver aquelas madeixas impetuosas, passar suas mãos pela suavidade delas e enterrar o nariz na doce fragrância.

Um relógio badalou, lembrando a Flynn que seria melhor se apressar se esperava realizar tudo o que precisava para hoje à noite.

Ele deveria tentar apresentar Angelina à mãe hoje? Não, ele falaria com sua mãe hoje à noite. Embora estivesse melhorando, ela ainda não estava disposta a receber convidados.

As notícias de que Renault caçava Angelina afiavam os dentes de Flynn. Sussurros das atividades sombrias do comerciante de escravos chegaram aos seus ouvidos mais de uma vez. Os contos eram terríveis. Ela podia não acreditar, mas Angelina estava se livrando de um patife.

— Minha criada, milorde? — A pergunta suave conteve suas reflexões desagradáveis.

— É Flynn. — Ele sorriu para ela. — E sua preocupação é válida. Talvez possa sugerir que gostaria de quebrar o jejum, uma vez que saiu de Wingfield Court antes de comer?

— Sim, isso deverá servir. — Ela mordeu o lábio antes de seguir em frente. — Não acho que Murphy deva estar presente quando eu assinar. Ela tem sido totalmente querida para mim. No entanto, meu tio paga seu salário. Não tenho certeza de onde estará sua lealdade. Não quero que ele saiba do nosso *acordo*.

Flynn apertou a mão de Angelina. — Depois que o contrato for assinado, ela poderá alertá-lo dos telhados, e Waterford não poderá mudar nem uma vírgula.

Angelina se encolheu e apoiou a mão livre no estômago. Uma mulher costuma sentir desconforto no início da gravidez?

Ele fez uma anotação mental para perguntar ao doutor Dawes quando ele o visse. Quando foi a última vez que ela viu um médico?

— Tem certeza de que pode viajar? — Flynn examinou seu rosto pálido.

Angelina assentiu. — Acho que sim. Se eu não me esforçar demais. Quão longa é a jornada?

— É um dia de viagem prolongado. Poderíamos dividi-lo em dois, parando para passar a noite em uma pousada ao longo do caminho. — Ele a acompanhou pela porta e a levou em um longo corredor forrado de pinturas de paisagens. — Minha carruagem é bastante confortável, embora eu pense no bem-estar da criança, essa escolha é a mais sábia.

Ela o agraciou com um sorriso beatífico. — Obrigada. Isso me aliviaria muito.

Flynn a admirava ainda mais por amar seu filho ainda não nascido. Enquanto outra mulher teria se ressentido com a criança, Angelina acalentava a dela, apesar da situação desprezível em que se encontrava. Ele passou os dedos pelo braço dela, notando o momentâneo suspiro em sua respiração.

A paixão fervia sob sua superfície.

— Se não se importa, eu gostaria de parar no castelo do meu primo, Craiglocky Keep, na viagem de volta. — Flynn estalou os dedos. — Por que eu não pensei nisso antes? Vamos viajar direto para lá, em vez de Gretna Green. É uma jornada várias horas mais curta, e certamente haverá um clérigo em Craigcutty, a vila vizinha, se não na fortaleza.

— Eles não acharão estranho que se case tão abruptamente? — A incerteza cintilava em seus olhos.

Flynn detectou o menor tremor enterrado em sua última palavra.

Inferno, sim, eles achariam isso peculiar. Sethwick e Yvette sabiam que ele pretendia propor a Lydia. Mas eles manteriam suas perguntas para si mesmos. Pelo menos na frente de Angelina, e ele apenas divulgaria o suficiente para aliviar sua confusão, nada mais. — Eles ficarão curiosos, não tenho dúvida. Mas não vão bisbilhotar. Não há necessidade de se preocupar.

— E sua família não se importará de chegarmos sem aviso prévio? — A mão dela tremia em seu braço. Com a cabeça inclinada para o lado, Angelina brincava preguiçosamente com um cacho pendurado perto do ombro enquanto eles caminhavam.

— Nem um pouco. ─ Ele tinha uma expressão divertida. — O castelo está geralmente transbordando de parentes e amigos.

— Transbordando? ─ Ela empalideceu e mordeu o lábio.

Flynn soltou uma risada suave. — Meu primo, visconde Sethwick, é o proprietário das terras de Craiglocky. Ele mora lá com sua esposa e filho, assim como sua mãe, padrasto, quatro irmãos, uma série de primos e um ou dois tios e tias. Seremos muito bem-vindos.

— Oh! Se está confiante em nossa recepção, Craiglocky parece preferível. ─ Ela deu um meio sorriso contrito.

— Particularmente não gosto de viajar de carruagem, mesmo quando não estou... ─ O olhar dela caiu para o abdômen. — Não ligo para os abalos, mas meu estômago reclama.

Quando Flynn e Angelina se aproximavam da sala de estar, ouviram os murmúrios suaves das vozes das mulheres que de vez em quando eram interrompidos por um som baixo e irritante.

Ela parou e deu uma risadinha. — Eu sinto muito. É terrível da minha parte, eu sei.

Enquanto outro ruído sonoro ressoava dentro da sala, ela apertou o estômago com uma mão e bateu a outra na boca.

— Querida. ─ A voz de vovó estremeceu, com humor ou nojo. — Tem certeza de que ele não está doente?

— Ah, com certeza, embora eu tema que a porcelana chinesa esteja em risco de se quebrar com o barulho que está fazendo, ─ Sua Graça brincou.

Vovó riu. Uma gargalhada contagiante e alegre.

Angelina convulsionou com mais uma gargalhada. — Quebrar a porcelana?

Petrificado, Flynn olhou para ela. Mesmo com o júbilo, seus olhos cintilando, bochechas corando, e alegria ondulando nela, ela era elegante

— Ora, vamos, ─ ela conseguiu dizer entre risadinhas, — certamente o senhor...

Ele pressionou seus lábios nos dela em um beijo rápido e duro.

Ela ofegou.

Ele deslizou a língua em sua boca doce. Lábios eram como pétalas suaves, ela tinha provado morangos e hortelã. Angelina não

fez nenhum esforço para quebrar o beijo ou afastá-lo.

Encorajado, Flynn passou um braço em volta dos ombros e a pressionou contra o peito dele, aprofundando o contato. O desejo o atacou em ondas ferozes. Ele gemeu baixo na garganta.

Angelina afastou a boca da dele, ofegando levemente enquanto o encarava, seus olhos uma mistura de paixão e confusão. Ela tocou dedos instáveis nos lábios. — Por que me beijou?

Porque é deliciosa, e eu não pude evitar a oportunidade.

Outro grande bufo seguido de um barulho grotesco flutuou da sala de estar.

— Bom Deus! Waterford, acorde. ─ Aborrecimento e desgosto coloriram a voz da duquesa. — Waterford. Ambrose. Acorde. Vamos.

Flynn fechou os lábios com força, sufocando a gargalhada que subia em sua garganta. Que grosseiro. Pobre duquesa. Ele não deu tempo a Angelina para interrogá-lo novamente. Ele a levou diretamente para a sala.

Sua Graça curvava-se perto de seu marido preguiçoso, cutucando-o insistentemente no peito com seu leque fechado.

Vovó tinha o nariz enterrado em um guardanapo para esconder sua alegria ou para bloquear as consequências da função corporal inoportuna de Sua Graça.

— O que foi? ─ O duque limpou o rosto e se colocou em uma posição semi ereta. Com as pálpebras pesadas e confuso, ele olhou para os quatro e deu um grande bocejo. — Devo ter cochilado. Fim de tarde e tudo isso.

— Waterford, eu gostaria de assinar o acordo de casamento hoje à noite. ─ Flynn foi até a corda da sineta e deu um puxão firme.

— Hoje à noite? ─ O duque deu um pulo na posição vertical, sua observação aguçada entre Flynn e Angelina. Ele esfregou as mãos. — Sim. ─ Ele assentiu ansiosamente. — Esplêndido.

Chatterton entrou. — Milorde?

— Por favor, mande chamar o Sr. Fleming. Faça com que ele me espere no escritório do meu pai.

O mordomo observou o duque cautelosamente. — Sim, milorde, imediatamente.

Flynn guiou Angelina até o sofá. A apreensão permanecia em seus olhos. Seria porque ela se casaria com ele? Porque o Renault

a perseguia? Porque temia que Waterford de alguma forma desviasse o plano deles e acabasse com o acordo particular? Ou, o beijo deles era o causador de sua ansiedade?

Provavelmente, uma combinação de tudo.

Ansiava por tomá-la em seus braços e garantir que ela pudesse confiar nele, que ele a protegeria tão ferozmente quanto as outras mulheres com quem se importava.

Instalando-se ao lado de sua tia, Angelina cruzou as mãos no colo, como se esperasse Flynn explicar o que acontecia entre eles.

Em vez de sentar, ele caminhou até a lareira. Mãos cruzadas nas costas, ele encarou os outros. — Dado que o francês já deve ter descoberto o paradeiro da sra. Thorne, ela concordou que devemos viajar para a Escócia amanhã e nos casar com a devida pressa.

Ele enviou à vovó uma mensagem silenciosa.

Ela sinalizou sua compreensão com um aceno quase imperceptível. Ela esperaria para saber os detalhes.

Graças a Deus, sua avó não era dada a interferências ou drama.

— Tem certeza disso? — Sua Graça colocou dedos gordos na mão de Angelina. — Isto é o que *quer* fazer?

Com o olhar fixo em Flynn, Angelina inalou profundamente. Quando ela soltou a respiração, seus ombros caíram um pouco. Ela assentiu uma vez. — Acho que é o curso de ação mais prudente.

— Se tem certeza, minha querida... — com a boca franzida, a duquesa inclinou a cabeça penteada de maneira majestosa e encarou Flynn, uma intensidade incomum em seu olhar.

Após um momento inquietante, a linha de seus lábios suavizou. A umidade brilhava desconfiada nos olhos de Sua Graça. — Ela é um tesouro inestimável, milorde. Trate-a como tal.

Flynn concordou inclinando a cabeça.

Um rubor matizou as altas maçãs do rosto de Angelina, e ela manteve a atenção concentrada nas mãos.

O rosto do duque ficou vermelho cereja, enquanto ele sorria com satisfação, mal contendo a alegria. Waterford levantou-se desajeitadamente e cambaleou. Ele agarrou as costas da cadeira para se firmar. Uma expressão de dor esticou seu rosto, desaparecendo com o próximo piscar de olhos.

— Por que não acompanha Angelina e Sua Graça a Wingfield, Bretheridge? Pode se juntar a nós para jantar.

Angelina lançou a Flynn um olhar de pânico antes de abaixar os cílios, sem dúvida para esconder seu alarme. Seus ombros rígidos e a linha esticada da boca revelavam seu desconforto para quem quisesse notar.

Somente vovó o fez. Ela levantou uma sobrancelha cinza para Flynn, seu olhar se movendo entre Angelina e ele.

— Não, Sua Graça, embora eu aprecie sua generosa oferta. Eu irei depois do jantar. Preciso informar minha mãe e irmã das núpcias, e prefiro ir de carruagem. Isso também poupará ao cocheiro uma viagem de ida e volta.

O semblante de Waterford ficou irritado. — Venha em sua carruagem e passe à noite. Podem partir diretamente de Wingfield de manhã.

Por que o velho idiota estava sendo tão insistente? Ele temia que Flynn mudasse de ideia? Bom, deixe o desgraçado cozinhar um pouco.

Flynn lançou um olhar para o relógio de carrilhão. — Sinto muito, Waterford. Preciso de tempo para fazer as malas e dar minhas instruções ao meu homem de negócios.

Angelina o afligia. Ela estava observando a troca com ansiedade equilibrada e obviamente preocupada com o contrato particular. Não haveria casamento sem ele, e sua mudança repentina de ideia seria difícil de explicar.

— Garanto que a senhora Thorne e eu chegamos a um acordo, e reconhecemos a prudência e os benefícios de um casamento imediato.

— Fico feliz em ver que finalmente conseguiu algum senso comum. ─ Waterford se arrastou em direção à porta, seus movimentos lentos.

Sua avó *mostrava* seu descontentamento, mas permaneceu calada. Seus olhos azuis desbotados disparavam punhais nas costas do duque.

Flynn observou Waterford. Ele estava doente? Ou talvez estivesse experimentando as consequências da bebida excessiva.

A duquesa levantou-se e examinou o marido. A tensão vincando seu rosto revelava sua preocupação. — Venha Angelina. Temos muito o que fazer em casa, se for embora amanhã.

— Sra. Thorne, estou feliz que faça parte da nossa família. — Vovó estendeu a mão sobre a mesa e deu um tapinha na mão de Angelina.

O semblante de Angelina se iluminou. Ela sorriu calorosamente e pegou sua retícula antes de se levantar. — Obrigada, milady.

— Ora, chega desse absurdo da ' *milady'*. Deve me chamar de vovó. Me recuso a responder a qualquer outra coisa. — Para enfatizar, vovó bateu com força a bengala no chão, sacudindo a porcelana sobre a mesa diante dela.

Angelina soltou uma risada estridente. — Então deve me chamar de Lina.

Flynn curvou-se sobre os dedos da duquesa. — Foi um prazer, Sua Graça.

— Confio que fará minha sobrinha feliz, Bretheridge.

Um aviso sutil estava enterrado sob suas palavras educadas.

— Me esforçarei em fazê-lo. — Ele se endireitou e soltou a mão dela. Virando-se para Angelina, Flynn também levantou sua mão. Ele passou os lábios pelo tecido da luva, os dedos acariciando seu pulso. — Até esta noite.

— Estou ansiosa por isso, milorde. — Com os olhos baixos, ela tremeu fragilmente.

Ele acariciou o ponto sensível dentro do pulso dela novamente.

Suas narinas se alargaram um pouco, em seus olhos, as enormes pupilas se aprofundaram na esmeralda. Sinais inconfundíveis de excitação sexual.

A masculinidade de Flynn respondeu ansiosa. Ele reprimiu seu desejo. Não precisava de uma furiosa ereção no momento.

A sra. Thorne possuía uma natureza forte e sensual. Respondia toda vez que ele a tocava. Ela reconhecia sua paixão? Dado ao aumento da cor e a repentina obsessão com as miçangas da retícula, ele apostaria suas rosas premiadas que sim.

Precisamente quanta experiência ela tinha? Ele ansiava descobrir.

Flynn virou-se para Waterford. — Eu o visitarei às sete horas. Por favor, tenha a papelada pronta.

— Estão muito receptivos ao casamento hoje. — Sua boca se torceu em um escárnio, Waterford apertou os olhos para Flynn. — Ontem gritavam como duas galinhas velhas num poleiro.

Os olhos astutos e aguçados do duque se moveram entre Flynn e Angelina. Suas sobrancelhas escuras se contorceram em consternação.

— Estão tramando alguma coisa. — Seu nariz de veias vermelhas se contraiu. — Eu sinto o cheiro.

— Calma, Waterford. A única coisa que se cheira são os efeitos desagradáveis de seus distúrbios digestivos. — A duquesa juntou-se ao marido mal-humorado ao lado da porta.

Bravo, Sua Graça. A estima de Flynn pela duquesa aumentou mais um pouco.

— Não haverá nenhuma trama ou mudança de ideia! — Os olhos do duque estalavam seu descontentamento. — Assumiu um compromisso verbal diante das testemunhas. Pedirei a Prinny que imponha ...

— Não fará nada disso, tio Ambrose. — Angelina encarou o tio, com fogo nos olhos. — Sua Senhoria e eu concordamos em nos casar. Tudo o que precisa fazer é honrar a *sua* parte da barganha.

Vovó se empertigou ao ouvir isso. Ela lançou um olhar severo para Flynn.

Ele se explicaria mais tarde.

— Sua parte? Que barganha? — A duquesa exibia uma expressão aturdida. Ela agarrou o braço do duque e sibilou entre os lábios apertados. — O que fez *agora*?

— Só cumprirei minha promessa depois de ter a prova de casamento. — Waterford olhou para a esposa antes de soltar o braço. Ele levantou o nariz, o queixo flácido tremendo. — Irei acompanhá-los à Escócia.

Angelina empalideceu e apertou a garganta.

Flynn temia que ela tombasse se alguém espirrasse. O apelo desesperado em seus olhos atou suas entranhas.

— Não! O senhor não irá. — O tom estridente da duquesa cortou a tensão.

Em menos de meia dúzia de passos, Flynn ficou diante do duque. Mais alto por vários centímetros, ele forçou o homem irritado a olhar para ele.

— Não irá se intrometer em nosso casamento. Já se intrometeu o suficiente. Trarei uma carta do clérigo oficiante que inclui as assinaturas de pelo menos três testemunhas.

Pálida e sem forças, Angelina caiu no sofá novamente.

— Acredito que não está em posição de me impedir — Waterford zombou, ousando cutucar Flynn no peito.

— Mas *eu* estou. — A fúria estalou nos olhos de Sua Graça quando ela agarrou o braço do marido e o arrastou protestando bem alto e saindo da sala. — Esqueceu Waterford, quem detém as cartas vencedoras *desta* vez?

Que diabo?

Capítulo Quinze

— Aceito.

Angelina estava diante do altar ornamentado na pitoresca capela dos Craiglocky. O sol claro da manhã brilhava através dos vitrais oferecendo a única luz. As vigas em tons de joias cobriram Flynn e ela, enquanto inclinavam a cabeça para a bênção do clérigo.

Dentro dela, a centelha final de um sonho de menina murchava. Tinha feito isso - casada por conveniência e não por amor. A ironia não lhe escapava. Seu segundo casamento em menos de quatro meses. Só que desta vez, estava repleta de incerteza e cautela.

E uma forte sensação de perda e solidão.

Incapaz de encontrar os olhos de Flynn, ela olhou para o anel de esmeralda e granada que ele deslizara em seu dedo momentos antes.

— Pertencia à minha avó. Ela insistiu que eu lhe desse.

Que amor de senhora.

O restante da cerimônia foi confuso, exceto quando o clérigo disse: — Eu agora os declaro marido e mulher.

A declaração chamou a atenção de Angelina rudemente de volta ao presente.

— Que tal um beijo da minha noiva? — A voz sedutora de Flynn a acariciou.

O olhar dela correu do chão, passando por suas coxas envoltas em calças creme e um casaco preto igualmente confortável, enfatizando seus ombros muito largos, antes de descansar em sua boca forte.

Ele não ousaria beijá-la na frente de todos.

Ousaria?

Ela esperava que apenas o homem de Deus e as testemunhas exigidas por tio Ambrose estivessem presentes para a troca de votos.

Não foi assim.

A família de Flynn em Craiglocky Keep, pelo menos uma dúzia deles, insistiu em participar da cerimônia simples. Ela parou quando entrou na capela e os viu já reunidos.

Flynn a tranquilizou. — Eles só querem mostrar seu apoio.

Seu estômago palpitou. Ou o bebê se mexeu?

Flynn a beijaria como no corredor de Lambridge Manse? Céus, rezava que não.

Angelina não seria capaz de ficar de pé sem ajuda se ele o fizesse. Seus lábios, para não mencionar outras partes dela, formigaram por uma hora depois. Ela não teria acreditado ser possível, se não tivesse experimentado ela mesma.

Por piedade. Ela não era inocente e ignorava o leito conjugal. Ela estava com um homem e entendia a que os sussurros ouvidos se referiam. Altamente superestimada e exagerada por sua medida. Por que as pessoas tinham que fazer tanto barulho?

Ainda assim, a maneira como Flynn a fazia sentir...

Isso certamente não estava em nenhum dos romances que ela lera. E não tinha havido um desejo poderoso e sensual com Charles. *Nunca*.

— Lina, olhe para mim. — Flynn, com ternura, inclinou o queixo até que seus olhos encontraram os dele com relutância.

Ela corou com a expressão aquecida nos olhos dele. Por que ele tinha que ser tão diabolicamente bonito?

Ele dobrou o pescoço, os lábios roçando a orelha dela.

Ela inalou seu aroma inebriante.

Outra regra.

Fique longe de homens que cheiram extraordinariamente bem e fazem suas pernas se transformarem em geléia.

Exceto que suas regras tolas foram inúteis. Ela violou a maioria delas quando se casou com Flynn. Sem dúvida ela sofreria de mais dores de cabeça como resultado.

— Lina. — Sua boca a tocou novamente, seu hálito quente fazendo cócegas em sua orelha.

Maldição! Fagulhas dispararam em seus nervos novamente. A resposta do seu corpo traidor a mortificou.

— Eu estava brincando com o beijo. Tente não parecer tão assustada.

— Eu não estou com medo. Só que seus beijos causam todo tipo de...

O clérigo deu uma tossida exagerada.

Seu novo marido sorriu como um cão com uma raposa encurralada. Ele *tinha* a intenção de beijá-la. Segurando a bochecha dela, ele a acariciou com o polegar.

As pálpebras de Angelina se fecharam. Ela abriu a boca em antecipação e apertou os ombros dele para permanecer em pé.

Flynn não decepcionou. Ele pressionou um beijo suave e sensual nos lábios dela. Embora breve, continha uma promessa deliciosa que ela desejava que ele cumprisse.

Impossível.

Os próprios termos que ela ditara no contrato não especificavam relações íntimas por pelo menos dois anos, e apenas se o casamento não pudesse ser dissolvido.

O pensamento esfriou seu ardor.

Que grosseiro, contemplar o término do casamento apenas alguns minutos depois de fazer seus votos.

Ela abriu os olhos e se afastou, consciente dos espectadores especulativos.

Mais de um homem exibia um sorriso largo. Oh, eles estavam curiosos, tudo bem. No entanto, nenhuma palavra cruel ou curiosa passou por seus lábios. Pelo menos ao alcance dela.

— Veja, isso não foi tão ruim, foi? — Flynn apertou sua cintura. Sua boca bonita se inclinou em um sorriso torto, e um brilho satisfeito brilhou em seus olhos enquanto ele examinava aqueles reunidos.

Não, foi maravilhoso.

Um arrependimento momentâneo a varreu. Nem seus familiares mais próximos nem os dela estavam aqui para testemunhar sua união.

Muito bem, já que a ocasião não era comemorativa. Colou uma expressão agradável no rosto. Não fazia sentido dar motivo a especulações adicionais sobre por que eles chegaram sem aviso prévio na noite passada e se casaram antes de quebrar o jejum esta manhã.

— Sua Senhoria, tenho a carta que solicitou. — O reverendo Wallace deu um tapinha no bolso do casaco. — As testemunhas precisam apenas escrever suas assinaturas.

Flynn assentiu. — Pode esperar até depois de comermos?

— Sim, claro. — O reverendo piscou. — Ouvi dizer que há um porco assando.

Angelina lutou contra uma onda de náusea. Seu estômago agitado teria sorte de manter um bolinho seco.

— Venha, estou faminto e sei que tia Giselle e Yvette se levantaram ao amanhecer para supervisionar o café da manhã do casamento. — Flynn agarrou seu cotovelo e a guiou ao longo do curto corredor.

A mente de Angelina disparou. Tia Giselle. Essa era Lady Ferguson. Seu gigantesco marido escocês era Sir Hugh, e Yvette era a viscondessa Sethwick, embora aqui, seu marido, Ewan, usualmente usasse seu título escocês, Laird McTavish.

Maldição, isso era tão confuso.

Na América, não havia uma necessidade tão grande de saber como lidar adequadamente com a nobreza e os fidalgos. A cabeça de Angelina girou ao tentar lembrar seus nomes e como eles estavam relacionados com Flynn.

Isobel, irmã de lorde Sethwick, era fácil de lembrar. A mulher mais requintada que Angelina já vira, ela possuía o mesmo azul-turquesa dos olhos do Laird McTavish. E o irmão mais novo, Dugall, era o equivalente masculino da divina beleza loira de sua irmã. Dificilmente poderia ser considerado justo tantas pessoas impressionantes em uma família. Era preciso se perguntar se Deus realmente tinha favoritos.

Outro imenso escocês piscou para Angelina. Ela passou pelo banco onde ele e seu irmão estavam sentados, junto com um belo casal na meia-idade.

Ela sorriu para ele.

— Flynn, quem são esses dois escoceses grandes e loiros, e novamente, como está relacionado a eles?

— *Isso,* seriam Gregor e Alasdair McTavish. Eles são primos de Sethwick por parte de pai. Não sou parente deles. Sentados ao lado de Gregor no banco, estão os pais deles, Duncan e Kitta. Duncan é

o tio de Sethwick. Kitta é nórdica, e é por isso que os filhos são loiros *e enormes* ─ acrescentou Flynn com uma risada irônica.

— Eu nunca conseguirei decorar tudo. ─ Angelina suspirou e piscou quando eles emergiram do interior escuro da capela no corredor mais brilhante do castelo.

Flynn riu. — Pode demorar um pouco, mas vai. Essa também não é toda família de Sethwick. Ele tem mais duas irmãs. Seonaid está na França visitando uma tia, embora deva retornar a qualquer dia. Adaira vive na Inglaterra com o marido, o conde de Clarendon. Depois, há os membros do clã.

Balançando a cabeça, Angelina gemeu e cobriu o rosto com as mãos. — Não mais.

Flynn beijou o topo de sua cabeça. — Eu já disse como está linda nesse vestido? A cor combina com seus olhos.

Ela levantou a mão e o espreitou por entre os dedos. Sentindo-se boba, ela as abaixou, ridiculamente satisfeita com o elogio. — Obrigada.

— Prefiro que se vista com algo que não sejam roupas de viúva. ─ Os olhos dele escureceram quando a encarou. Ele sacudiu o plissado de uma das mangas dela, embora sua atenção parecesse fixa no decote baixo do seu vestido.

Seus seios pressionaram contra o tecido. Eles cresceram nas últimas semanas e ameaçavam sair do que antes fora um decote modesto. Não tinha pensado em incluir sua mantilha feita à mão quando recolheu itens às pressas para fazer as malas para a viagem.

Angelina se recusou a usar preto no casamento. Ela já tivera o bastante da farsa da viúva. Satisfeita por suas roupas ainda servirem, vestiu um de seus vestidos favoritos, um verde Pomona com uma saia de renda dourada bordada com folhas minúsculas e uma fina trança dourada sob o peito.

Murphy tinha enrolado seu cabelo em um intrincado nó grego, entrelaçando fitas verdes e um aro de contas de ouro nos cachos de Angelina.

Chinelos de cetim verdes bordados com rosetas douradas cobriam seus pés. Além do anel de casamento um pouco largo, não

usava joias. Ela não usaria as que Charles lhe dera e não possuía outras.

O anel da avó de Flynn, que ele lhe dera de presente significava muito para ela. Talvez a considerasse um pouco, afinal.

— Obrigada pelo anel. É requintado.

— De nada. — Flynn respondeu um tanto superficialmente.

Angelina tocou o aro. Ela preferia esse anel ao que Charles escolhera. Curioso. Flynn já conhecia seu gosto melhor do que Charles.

Ele disse a sua família que era viúva? Ou que ela esperava um filho? Esperava que não. A vergonha a picava, as garras cruéis da humilhação arrancando sua confiança. Não conhecia essas pessoas, mas detestava que elas pensassem mal dela.

O mordomo estava presente ao lado da entrada do corredor, esperando que eles se aproximassem. — Milorde, milady, por favor.

Milady? Eu sou uma dama agora.

Com um movimento do braço, ele indicou que eles deveriam entrar.

— Obrigado, Fairchild. — Flynn guiou Angelina para o grande salão, a mão pressionada contra as costas dela.

Um gesto tão natural. De fato, sempre que ele a tocava, ela sentia uma integridade que não entendia. Isso quando a mente dela não estava funcionando, imaginando-o fazendo todo tipo de coisas não mencionáveis para ela com as mãos.

Oprimida pelo cansaço e pelo nervosismo, Angelina não prestara muita atenção à fortaleza na noite passada. Hoje, tentou não ficar boquiaberta. Nunca tinha visto algo tão rústico, quase medieval, mas esplêndido.

O grande salão, dominado por uma enorme mesa de cavalete situada no outro extremo da sala, era enorme. Com capacidade para cinquenta ou mais pessoas, confinada com um estrado reservado para o lorde e outros que ocupavam posições de honra.

Elegantes candelabros de bronze estavam empoleirados no topo da mesa pesada. Dezenas de arandelas apagadas alinhavam-se nas paredes de seis metros, exceto onde um menestrel se equilibrava na galeria. Vários escudos ostentando o brasão McTavish, bem como várias peças de armamento antigo, flâmulas

fluidas e tapeçarias intricadamente enfeitadas adornavam as pedras envelhecidas.

Envolto em molduras elaboradas suspensas por cordões de seda bordô, pelo menos duas dúzias de falecidos escoceses ferozes encaravam seus descendentes abaixo. Angelina só podia imaginar os triunfos e tragédias que esses ancestrais haviam testemunhado ao longo das décadas.

A fortaleza tinha séculos de idade, mas por incrível que pareça, o grande salão exalava uma atmosfera amigável e acolhedora. Ela suspeitava que isso se devesse mais aos moradores do que à estrutura.

Três cães gigantes, cor de carvão, embrulhados em um emaranhado confortável, dormiam diante da lareira.

Dogues alemães?

Ela nunca tinha visto um antes. Do tamanho de pôneis pequenos e considerados animais gentis e dedicados, eles pareciam insensíveis ao caos ao seu redor. Mais dois cachorros, esses spaniels pretos salpicados de branco, estavam esparramados nos raios vibrantes do sol que se derramavam nas janelas gradeadas.

Ontem à noite, depois das mais breves apresentações, ela foi levada a uma câmara aconchegante para um banho quente. Uma bandeja de ensopado de carne de veado fumegante, pãezinhos de aveia, algo incrivelmente delicioso chamado bolinho de massa clootie, e chá forte e aromático chegaram logo depois. O chá podia muito bem ter contido um gole de uísque.

Menos de uma hora depois de chegar, ela se arrastou para lençóis frescos com aroma de urzes e adormeceu sem ver Flynn novamente.

Ele esperou perto do estrado quando um lacaio puxou uma cadeira para ela.

— Pensei que ficaria desconfortável sentada na plataforma, em exibição para todos. Perguntei a Sethwick se poderíamos nos sentar aqui.

Ele sabia isso sobre ela também? Nunca antes um homem considerou suas necessidades ou teve cuidados com ela. Um doce calor se espalhou pelo seu coração protegido. — Obrigada. Não quero ser o centro das atenções.

— Yvette também não. Sethwick alegremente honrou meu pedido.

— Flynn, por que trata o laird como Sethwick, mesmo aqui? Responder a títulos diferentes deve ser confuso.

Angelina achou todo o negócio de títulos bastante desconcertante, para dizer a verdade. Ela temia que cometesse algum tipo de *gafe* social se dirigindo a alguém incorretamente.

— É um hábito, suponho. ─ Flynn sentou-se no lugar que o lacaio indicou ao lado dela. — Vejo muito mais Sethwick na Inglaterra do que aqui. Lá, ele é abordado apenas pelo título inglês.

Flynn aproximou a cadeira em uma fração, a coxa roçando sua saia.

Um desses pequenos tremores maravilhosos percorreu os sentidos dela. Angelina desdobrou o guardanapo e ao colocá-lo no colo, olhou a entrada através dos cílios abaixados. A multidão da capela havia aumentado em número e agora incluía um pequeno exército de membros do clã.

— O que disse a eles? Sobre nós? ─ Ela balançou a cabeça em direção à multidão jovial que ondulava no corredor. A voz dela revelava sua ansiedade? Não, para seus ouvidos, parecia muito calma. Ela era tudo, menos isso. — Acordei no meio da noite e percebi que não tinha ideia do que esperar esta manhã.

Flynn ofereceu um sorriso contrito. — Peço desculpas. Eu pretendia checá-la antes que se deitasse. Quando percebi a hora era tardia e já havia se retirado.

Ele lançou um olhar rápido, como se quisesse garantir que ninguém escutasse. — De qualquer forma, eu disse a eles que conheci uma mulher magnífica com quem o destino decretou que eu me casasse imediatamente. Deixei que eles fizessem suposições sobre o que isso significava.

Colocando a mão em cima da dela, deu um aperto reconfortante.

Outro choque sensual a apunhalou.

Ele sentia isso também? Seu rosto tinha uma expressão bastante tensa.

Isobel sentou-se à sua frente.

Um dos escoceses loiros e corpulentos – Gregor eu acho - cutucou seu belo irmão para se sentar ao lado de Isobel. Ela riu,

travessura brilhando em seus olhos espetaculares.

— Comportem-se, os dois. — Ela os advertiu como apenas alguém em termos íntimos faria.

O irmão encolheu os ombros enormes e piscou para Angelina antes de ir um pouco mais ao longo da mesa e encontrar um lugar.

Evidentemente, os escoceses não apoiavam o protocolo quando se tratava de jantar, ou talvez a casualidade pudesse ser atribuída à intimidade do grupo reunido. Pelo menos dois terços dos lugares ao redor da mesa permaneceram vazios.

— Já experimentou o salmão defumado, milady? Eu mesmo o pesquei. — Gregor apontou para o peixe, um sorriso inclinando a boca.

Angelina levou um momento para perceber que ele falava com ela. Que levaria algum tempo para se acostumar com esse negócio de *milady*.

— Não, ainda não, há tanta comida.

Normalmente, ela teria se entregado. Salmão defumado era um dos favoritos dela. No entanto, como era de se esperar ultimamente, seu estômago se opunha. Peixe definitivamente não estava no seu menu hoje. O porco que era exibido em uma mesa lateral, onde um lacaio esculpia grandes pedaços da carne do pobre animal, também não.

Ela reprimiu um calafrio e apertou o guardanapo, esperando uma onda de náusea e um espasmo passar. Suas costas tinham sido um incômodo praticamente desde o momento em que deixaram o covil da raposa. A carruagem confortável de Flynn ostentava bancos grossos e almofadados e molas excelentes. A viagem também não fora muito cansativa, mas a dor persistia.

Ele espetou um bocado do peixe cor de cobre com seu garfo. — Soberbo como sempre. Não há nada como salmão fresco.

— Sim, isso é verdade. — O escocês mergulhou na refeição com gosto.

Mais de uma vez, Angelina pegou Flynn examinando o corredor. Seu olhar encontrou brevemente vários homens, incluindo o olhar penetrante do laid, como se estivesse em uma comunicação silenciosa.

Ela se sentia ainda mais estranha. Deveria ter ficado aliviada com a vaga desculpa que Flynn deu à família por seu casamento apressado. Entretanto, a preocupação a provocava.

Ele parecia distraído. Havia uma tensão, um nervosismo nele, que ela nunca notara antes. Nem mesmo em Lambridge, quando ele se preocupava que ela mudasse de ideia sobre o casamento deles ou quando tio Ambrose insistira em comparecer às núpcias.

Graças a Deus que não tinha ido.

Flynn disse a ela que tio Ambrose havia assinado o contrato no Tribunal de Wingfield sem incidentes. Mais tarde, depois de solicitar que ela o acompanhasse para passear pelos jardins, Flynn contrabandeara uma cópia de seu contrato particular.

Na estalagem, Murphy correu direto para a cozinha para preparar chá de menta e supervisionar uma refeição leve para Angelina. Quando a empregada voltou à sala comunal, o documento estava assinado e cuidadosamente guardado no bolso do Sr. Fleming.

Flynn incluiu todas as estipulações que Angelina solicitou e concedeu-lhe um acordo monetário generoso.

Ainda assim, seu desconforto permanecia.

Mordiscando um pedaço de pão escuro, ela observou Flynn através de seus cílios.

Seus lábios se inclinavam ocasionalmente, mas a restrição sombreava seus olhos. Sua atenção mudou várias vezes para a entrada do corredor. À medida que a refeição progredia, diminuia sua alimentação e falava cada vez menos.

O menor vinco estragou a testa de Isobel, como se algo a incomodasse, e inúmeras vezes Angelina pegou um dos escoceses olhando para ela. Eles inclinavam a cabeça ou sorriam, então seu olhar se desviava, muitas vezes em direção à entrada também.

Algo estava errado.

Bem, claro que não, tola. Tudo sobre isso está errado.

Ela e Flynn haviam concordado com a união. No entanto, Angelina continuava convencida de que algo mais estava acontecendo. Até os cães sentiram isso, erguendo a cabeça e olhando com expectativa para as portas duplas emoldurando a entrada.

— Flynn, o que há de errado?

— Errado? — Com o garfo a meio caminho da boca, ele fez uma pausa. Seus olhos eram fragmentos verdes protegidos. — O que a faz pensar que algo está errado?

— Eu posso conhecê-lo há alguns dias apenas, mas reconheço inquietação quando a vejo. — Inclinando-se mais perto, ela virou a cabeça e abaixou a voz, cautelosa para que ninguém mais pudesse ouvir. Ela colocou a mão no braço dele. — Não pode me dizer o que o incomoda?

Com o rosto protegido, seu olhar voou para os outros convidados.

— Somos nós. Claro. Deve estar estranhando isso. — De repente, incerta, Angelina colocou a mão no colo e passou o guardanapo. Ela levantou o olhar, examinando a mesa. — E eles também. Me desculpe, eu não sei o que...

O que ela poderia dizer?

— Não, nunca pense nisso. Essa não é a causa. — Flynn suspirou e limpou boca com o guardanapo. Depois de tomar um longo gole de cerveja, ele colocou a caneca de lado.

— Há distúrbios entre alguns dos clãs do Norte. Eu soube disso ontem à noite. — Ele tamborilou com as pontas dos dedos na mesa, como se fosse aliviar parte da tensão que suprimia. — Nos últimos anos, essas incidências são raras e geralmente ocorrem entre as tribos mais remotas.

Seus dedos pararam e ele brincou com o garfo. — Chegamos nessa hora. Sethwick convidara membros importantes de outro clã para ficar aqui até que os problemas sejam resolvidos, e é certo que estejam para chegar.

— Acha que eles são esperados a qualquer momento? — Angelina deu uma olhada na entrada.

Assentindo, Flynn deu uma mordida na perdiz. — Sethwick enviou vários homens para agir como escolta. Um mensageiro chegou tarde na noite passada. O grupo estará aqui esta manhã.

— Há necessidade de preocupação? Com o clã rival, quero dizer. — Ela franziu a testa levemente. — Me perdoe. Embora eu seja escocesa de nascimento, não tenho conhecimento real de seus caminhos.

Flynn balançou a cabeça. — Não. Sethwick parece pensar que esse assunto vai desaparecer rapidamente. — Ele se virou para examiná-la mais profundamente. — Está pálida. Gostaria de dar uma volta no pátio ou nos estábulos? Sethwick possui algumas das melhores criações de cavalos do país.

Ele procurou o rosto dela. — Ou prefere descansar quando terminarmos.

Uma comoção no salão externo proclamou a chegada dos convidados. O mordomo entrou pela porta e abriu a boca. Antes que ele pudesse emitir um som, como um rio rompendo suas margens, os recém-chegados invadiram a câmara.

Vários escoceses ostentando mantas McTavish entraram, seguidos por um cavalheiro alto e sério e uma linda morena em um conjunto de viagem violeta.

Os olhos dela se fixaram em Flynn. Alegria aclarou seu rosto. Parando abruptamente, ela murmurou o nome dele. Atrás dela, cinco escoceses usando um tartan estampado diferente, se juntaram, murmurando palavrões.

É ela.

A mulher que Flynn queria cortejar antes da morte de seu pai.

Angelina sabia disso sem sombra de dúvida.

Quase invisível atrás do muro dos Highlanders, formando um semicírculo ao redor da jovem e seu companheiro estavam mais dois homens e outra mulher. Mesmo do outro lado da sala, Angelina podia ver a adoração brilhando nos olhos dela. Ela apreciou Charles assim. Há uma vida atrás.

A pobrezinha olhou para Flynn, com o coração exposto para todo mundo ver. Ela ficaria arrasada quando soubesse que ele havia proferido seus votos menos de uma hora antes.

Angelina virou-se para Flynn. Ela não conseguia ler a expressão fechada dele.

A mandíbula estava apertada com força reprimida, seus dedos flexionaram ao redor da caneca.

Ela nunca o vira assim - como uma mola pressionada ou uma víbora pronta para atacar.

Um novo golpe de traição bateu nela.

Ele sabia. E não tinha dito nada a ela. Não a avisara. Nem a preparara.

O olhar dela correu pela sala. Sua família devia ter sido informada também. Uma vertiginosa onda de vergonha tomou conta dela.

Agora seria outro bom momento para o chão se abrir e me engolir, Deus.

Agarrando a mesa, Angelina se levantou, empurrando a cadeira para longe da mesa. Procurou por outra saída.

— Eu... eu preciso... — Ela não conseguiu terminar, temendo que estivesse prestes a vomitar. Suas costas ferozmente.

Flynn sacudiu a cabeça na direção dela. — Angelina?

— Não. — Ela apertou mais a mesa e se recusou a olhar para ele. — Agora não. Não aqui — ela conseguiu dizer, sua voz estava rouca e quase não saia.

Deveria ter me dito, ela gritou silenciosamente, engolindo convulsivamente quando o pouco que ela havia comido ameaçou reaparecer.

Querido Deus, não me deixe ficar doente na frente de todos.

Ela não suportaria mais humilhação.

Um silêncio misterioso pairava densamente na sala. Seus rostos se contraíram, até os recém-chegados pareciam sentir algo errado.

A cozinha.

Angelina dirigiu-se para a porta indefinida do lado oposto do corredor que vira os criados usando esta manhã. Ela ficou de olho na jovem o tempo todo.

Confusão e incerteza estragaram os traços refinados da garota quando cambaleou na direção de Flynn. Um dos outros homens abriu caminho para a frente da multidão reunida na entrada do salão.

Desesperada para escapar, Angelina colocou todo o seu foco em seus meios de fuga.

Coloque um pé na frente do outro. Mantenha a cabeça erguida. Respire. Continue. Ignore a dor.

— Mademoiselle Ellsworth, é imperativo que eu fale com a senhorita de uma vez.

Angelina ficou rígida, parando no meio do caminho e balançando.

Querido Deus, não pode ser.

— Ellsworth? ─ Alguém sussurrou.

— Eu pensei que o nome dela era Sra. Thorne.

Então, Flynn espalhou a mentira sobre a viúva.

Ela fechou os olhos, a bile subindo em uma inundação abrasadora no fundo da garganta. A agonia golpeou seu ventre, espalhando-se em uma onda esmagadora em sua coluna e pélvis. O fato de ela ainda estar de pé poderia ser atribuído à pura obstinação e orgulho.

Este horror replicava outro dia medonho de casamento. O que mais poderia dar errado?

Bem, Charles aparecendo para conversar.

Ela sufocou uma risada histérica.

Lentamente, com as pernas e o coração carregados, ela se virou para o centro da sala. Apertando as mãos na saia, Angelina procurou um comportamento equilibrado. Ela temia que o aperto tênue em suas emoções, se dissolvesse como um solitário floco de neve em uma lareira ardente.

— Tem o infeliz hábito de aparecer nos momentos mais inoportunos, lorde Devaux-Rousset.

Capítulo Dezesseis

Flynn jogou o guardanapo no prato quase cheio e se levantou.

Como se as coisas já não fossem complicadas o suficiente, o enteado de Renault cambaleava nos calcanhares de Lydia.

Sua presença só poderia significar uma coisa.

Dada a expressão ferida no rosto de Angelina, ela adivinhou a verdade.

O comerciante de escravos devia saber seu paradeiro. Não importava; ela era lady Bretheridge agora. O salafrário atrevido com a qual ela se casara teria mais dificuldade em abordá-la. Flynn flexionou os dedos. Deus, rezava pela oportunidade de enfrentar Renault.

Contornando a mesa, suas botas estalando estranhamente alto no chão de pedra, Flynn sentiu mais de trinta pares de olhos perfurando-o.

A refeição e as conversas esquecidas, a atenção de todos estavam fixas nele e Angelina.

Tia Giselle e tio Hugh trocaram olhares preocupados.

Yvette colocou a mão no braço do marido e sussurrou urgente em seu ouvido.

Lydia deu mais alguns passos em sua direção, antes de parar. Suas sobrancelhas finas franziram. Parecendo totalmente perdida, ela observou ele e Angelina. — Lorde Bretheridge?

Flynn a teria poupado dessa mágoa e humilhação. Pediu para ser informado no momento em que chegasse para falar com ela em particular.

Negócio complicado, esse... afastar-se do café da manhã do seu casamento para dizer a outra mulher que não poderia cortejá-la por mais tempo.

O destino possuía uma veia cruel.

Talvez Sethwick tenha esquecido de avisar Fairchild sobre o pedido de Flynn. Ou, mais provavelmente, o mordomo não tenha conseguido dizer uma palavra quando o clã exuberante chegou a fortaleza.

Fairchild tinha sido o mordomo de Yvette na América antes de se casar com Sethwick. O pobre homem ainda não havia se acostumado com a atitude de alguns escoceses.

Angelina levantou os olhos repletos de dor e acusação aos de Flynn.

A culpa serpenteou afiada e intensa em suas entranhas.

Piscando devagar, ela se virou e mais uma vez se dirigiu para o outro lado do grande salão, seu ritmo rígido e controlado, como se cada passo custasse seu esforço monumental.

Ela já havia passado por muita coisa.

Ele deveria ter dito a ela que Lydia era esperada. Teria sido a coisa decente a se fazer. Agiu como um covarde.

Não tinha percebido com certeza os seus próprios sentimentos até esse exato momento. Das duas mulheres as quais devia explicações, Angelina importava mais. Isso o surpreendeu. Como conseguiu se infiltrar sob sua pele - não, como invadiu seu coração - em tão pouco tempo?

Talvez, porque ela precisava mais dele. Precisava de seu nome, precisava de sua proteção, precisava de um homem de quem pudesse depender e confiar.

Fez uma bela bagunça nessa última parte. Inferno, ela nunca confiaria nele novamente. E com razão.

O barão caminhava com propósito em direção a Angelina. — Mademoiselle...

Por Deus, o homem era persistente como moscas no estrume. E descarado como o inferno.

Gregor e Alasdair se levantaram de seus lugares, sem dúvida preparados para intervir.

Sethwick desceu o tablado em dois passos rápidos.

Flynn os deteve com a mão erguida. — Lorde Devaux-Rousset, como tenho certeza de que pode ver, ela não está se sentindo bem.

Devaux-Rousset parou, mas estreitou os olhos negros em Flynn.

Flynn lançou um olhar apressado para Angelina. Droga. Ela parecia prestes a vomitar.

— Eu ficaria feliz em discutir o que considera ser tão urgente. Mas primeiro, devo cuidar da minha esposa.

— Sua esposa? — O barão arqueou uma sobrancelha, incrédulo, e a olhou. — Desde quando?

— Sua esposa? — Lydia ecoou, seu suspiro ricocheteando pelo corredor.

Flynn apertou a mandíbula, encontrando seus olhos feridos. — Sim, este, — ele apontou para a mesa, — é o nosso café da manhã de casamento.

O rosto dela enrugou. Ela bateu a mão enluvada na boca, se virou e saiu correndo pelo corredor.

O homem alto que a acompanhava encarou Flynn e Angelina antes de correr atrás de Lydia. Outro homem e uma mulher corpulenta se separaram da parte de trás da multidão e seguiram atrás deles.

Flynn avançou com a intenção de seguir Lydia, para explicar a situação. O bom senso o fez parar. Ele não conseguiria esclarecer *nada para* ela. Não sem trair a confiança de Angelina.

— Ah. — O barão alisou o bigode. — Eu certamente esperarei para ter uma audiência com o senhor e sua nova *esposa*.

Ele andou para espiar por uma das janelas que davam para o pátio.

O idiota parecia muito satisfeito com a notícia. Como encontrou Angelina, afinal? Quem a tinha delatado. Até conseguir extrair algumas respostas credíveis do barão, não confiaria em Devaux-Rousset mais do que em Renault.

Flynn lançou um olhar aguçado para Sethwick e depois mais uma vez para o francês.

Sethwick fez um movimento quase indiscernível com a cabeça.

Bom. Ele entendeu. O barão não seria capaz de coçar o traseiro sem que suas ações fossem relatadas a Flynn.

— Lady Bretheridge? — O alarme aguçou a voz de Yvette.

Flynn concentrou sua atenção na esposa.

Ela parou a alguns metros da porta da cozinha. Cinzenta como a neve ao amanhecer, ela ficou debruçada, com os olhos fechados, apertando o estômago.

Meu Deus. O bebê.

Yvette e Gregor correram para ela.

O escocês a abraçou e, sem hesitar, marchou entre os curiosos.

Yvette colocou as saias nas panturrilhas. — Ewan, chame imediatamente a parteira Gilchrist e o doutor Paterson.

Os olhos de Isobel e tia Giselle se arregalaram em uníssono horrorizado antes que as duas saíssem correndo pelo corredor, Flynn mal respirava atrás deles.

Deus, seja misericordioso, ele orou, subindo as escadas dois degraus de cada vez, sabendo que, mesmo quando enviou sua oração silenciosa, já era tarde demais.

* * *

Não, não, Deus, não!

— Não, ─ Angelina soluçou no travesseiro empapado, batendo com o punho novamente. — É tão injusto.

Ela perdeu o bebê.

Um garoto. Um menino precioso e querido.

O Dr. Paterson lamentávelmente concluiu que era muito pequeno e pouco desenvolvido para sobreviver. Perder o bebê tinha sido inevitável.

Mesmo assim, a culpa a mordia. Ela causara isso? Seu corpo rejeitou o filho porque ficou furiosa e ressentida quando soube da gravidez? Seu ódio por Charles havia afetado adversamente a criança que crescia em seu ventre? Ou o bebê sentia que temia criar um filho sozinha?

Ela fez as mesmas perguntas à parteira, recusando-se a se sentir desconfortável.

A compaixão brilhava nos quentes olhos castanhos da parteira Gilchrist. Ela pegou a mão de Angelina, acariciando-a suavemente.

— Moça, não teve nada a ver com a perda da criança. Às vezes, o Senhor Deus, por razões que nunca saberemos ou entenderemos, considera adequado levar o pequenino ao céu antes mesmo de ele nascer. Esse foi o caso do seu menino.

— Mas eu estava vergonhosamente amarga e com raiva no começo. Talvez...

O doutor Paterson sacudiu a cabeça desgrenhada. — Não se torture com tais pensamentos, moça. É uma jovem saudável e com uma constituição forte. Não havia nada que pudesse ter feito para

impedir isso. Sinceramente, estou surpreso por ter carregado a criança até hoje.

Isso foi há horas atrás.

Angelina não se importava que provavelmente, todo mundo na fortaleza soubesse que ela estava esperando quando se casou com Flynn. Não se importava, eles sem dúvida especulavam se ele era o pai da criança, já que esteve apaixonado pela senhorita Farnsworth há apenas algumas semanas.

Lady Ferguson ofereceu um copo meio cheio de um líquido turvo. — Beba isso, querida. Irá ajudá-la a dormir.

Com os olhos avermelhados de tanto chorar, e seus braços empilhados com lençóis sujos, Murphy fora enviada para tomar sopa e chá. Seu choro só aumentou o desespero de Angelina.

— Eu não quero isso. — Ela virou o rosto e encarou a parede. Ela não merecia dormir, esquecer seu pequeno.

O destino era o amante de coração negro de Satanás. Levar o bebê uma escassa hora depois que Angelina se prendeu por um ano a um estranho. Um homem apaixonado por outra pessoa.

Uma batida suave soou na porta da câmara.

— Por favor, não desejo ver ninguém — sussurrou Angelina contra a roupa de cama.

Mais especialmente, não Flynn. O que diria a ele?

A propósito, não preciso mais do seu nome ou proteção. Sinta-se livre para reaver seu antigo amor.

Ele atendeu à demanda do tio Ambrose. A aposta seria cancelada. Não havia mais necessidade de permanecerem casados.

Angelina vagamente recordou Gregor carregando-a escada acima e Flynn pairando perto de sua cama. Ele segurou sua mão e sussurrando palavras de encorajamento, seu rosto bonito gravado com preocupação e algo mais. Ele não foi embora até que o médico e a parteira entraram e expulsaram todos, exceto Murphy e Lady Ferguson.

— Deixe-me ver quem é, *chérie*.

Angelina achou o suave sotaque francês de Lady Ferguson estranhamente reconfortante.

Sua Senhoria tocou no ombro de Angelina. — Flynn esteve fora de si, andando pelo corredor esse tempo todo.

Não isolado em um recanto, professando seu amor e confortando a perturbada senhorita Farnsworth?

Angelina tinha aprendido seu nome. Ela teve pena da jovem cuja humilhação deve ter sido apenas ligeiramente menor que a dela.

A porta vibrou novamente.

— *Oui*, só um momento. ─ O som de tecido, quando Lady Ferguson deslizou para a porta, revelou que ela pretendia responder ao chamado.

A pesada porta se abriu acompanhada por um rangido baixo. — Sinto muito, Flynn.

Lady Ferguson tentou dissuadi-lo gentilmente. — Ela não está se sentindo muito bem com visitantes ainda. Tenho certeza que entende. Talvez mais tarde esta noite?

— Eu *preciso* vê-la. Ela não deveria estar sofrendo sozinha, e ela não tem mais ninguém aqui. Por favor. ─ A emoçãoreduziu a voz a uma voz rouca.

Novas lágrimas escorreram por baixo dos cílios de Angelina. Os ombros dela tremiam com uma dor renovada.

Ele possuía um bom coração e não merecia suas especulações maliciosas.

Ela apertou o rosto inchado no colchão para reprimir os soluços. Pelo desespero em sua voz, ela quase podia acreditar que ele sentia algo por ela. Nesse momento, ela precisava de alguém que a guiasse. O leme minúsculo que guiava suas escolhas e decisões nas últimas semanas não existia mais, e ela estava completamente perdida.

No dia seguinte, ou no próximo, ela se preocuparia com o futuro.

No momento, tudo o que ela queria fazer era ceder à dor que assediava seu coração e lamentar seu filho sem nome. A injustiça de sua perda a atormentava. Ela quase deu boas-vindas à amargura que provocava sua alma.

Um *clique* firme e quieto anunciou a porta se fechando. O colchão cedeu um momento depois, quando Lady Ferguson sentou do outro lado da cama. Uma mulher tão bondosa que não a julgava. Ela alisou a roupa de cama em volta dos ombros de

Angelina, retirando os cachos úmidos de sua bochecha com dedos calejados.

Dedos calejados?

A respiração de Angelina ficou presa.

Flynn.

Ela respirou seu familiar perfume almiscarado, levemente picante.

— Vá embora. Por favor, vá embora. — Encolhendo as costas, ela escondeu o rosto no linho enrugado. O cheiro de urze provocou seu nariz.

Em vez de sair, Flynn esticou-se atrás dela e passou um braço poderoso em volta da cintura, colocando o outro debaixo do travesseiro, embalando sua cabeça.

Um momento depois, seu hálito quente aqueceu sua nuca. Seus lábios tocaram seu pescoço em um beijo reconfortante como um sussurro.

— Sinto muito, Lina. — O timbre baixo de sua voz tremia de tristeza. — Há algo que eu possa fazer?

Ela só pôde balançar a cabeça quando o choro a atingiu mais uma vez. Flynn a segurou contra sua constituição sólida, seu corpo um porto seguro, um maravilhoso casulo de proteção enquanto ela exalava seu coração partido.

Finalmente, seu estoque de lágrimas esgotou. Ela abriu os olhos arenosos e inchados. O quarto, agora escurecido pelas sombras arroxeadas da noite, ficou em silêncio, exceto pela respiração uniforme de Flynn.

Ele dormiu?

Com um suspiro trêmulo, Angelina limpou o rosto com o lençol, já que havia perdido o rastro do lenço que Lady Ferguson havia fornecido.

Flynn se mexeu até ficar deitado de costas. Ele a virou na direção dele e a colocou de lado, a cabeça apoiada em seu ombro largo. Ele acariciou seus cabelos.

— Gostaria de ter um serviço para o bebê? O reverendo Wallace se ofereceu para oficiar. O carpinteiro de Sethwick fez um caixão minúsculo, e Isobel e Kitta acolchoaram o interior, forrando-o com um pedaço de manta McTavish.

A emoção ameaçou dominar Angelina novamente. Incapaz de responder, ela fechou os olhos, mordendo o lábio inferior. O sabor acobreado do sangue testemunhava seu esforço para conter sua tristeza.

Quando ela não respondeu, Flynn passou a mão pelo braço e ombro em uma carícia suave. — Do cemitério de Craiglocky, há uma bela vista do Loch Arkaig. Tia Giselle tem uma rosa branca que gostaria de transplantar ao lado do túmulo do bebê.

— Branco por inocência, — Angelina sussurrou através dos lábios secos.

— Sim. Também honra, lembrança e reverência. Uma rosa branca também simboliza o céu. — Flynn descruzou os tornozelos, esticando os músculos por um breve momento. Ele soltou um longo suspiro.

O que ele estava pensando? Por que ele não estava consolando Miss Farnsworth em vez dela?

— Por que eles estão sendo tão gentis comigo? — Angelina murmurou contra seu ombro. — Certamente eles deduziram minhas circunstâncias e sabem que eu estava grávida quando trocamos nossos votos.

— Shh, Lina. — Flynn colocou um dedo longo nos lábios e levantou a cabeça para olhar em seus olhos. — Isso não foi culpa sua.

Ternura irradiava de seus olhos simpáticos, diferente de tudo que ela já experimentara de um homem. Ou talvez as sombras cada vez mais profundas levassem sua imaginação a procurar o que não existia.

Ele relaxou contra os travesseiros novamente. — Eles são pessoas de bom coração e sentem sua perda. O fato de sofrer pelo seu filho torna sua trágica perda muito mais devastadora. Eles só procuram aliviar sua dor e, portanto, a própria, em pequena medida.

Ela poderia deixar o bebê aqui, apenas visitando seu túmulo em intervalos irregulares? Com o tempo, provavelmente nunca mais viesse, esquecendo o precioso querido que poderia ter sido? Depois que ela e Flynn se separassem, voltar a Craiglocky para visitar o lugar de descanso de seu filho seria estranho para todos.

Como se estivesse lendo sua mente, Flynn acariciou seus cabelos novamente. — A menos que prefira enterrar o bebê em Lambridge Manse no cemitério da família. Eu poderia providenciar para que ele fosse transportado para lá amanhã, embora o Dr. Wallace tenha avisado que levará pelo menos uma semana antes que seja capaz de viajar. Não assistiria ao enterro da criança, mas poderíamos ter um serviço quando voltássemos.

Isso selou a decisão de Angelina. Ela se recusava a deixar o corpo minúsculo do filho deitado indiferente na terra fria, sem a mãe lá para desejar-lhe um adeus amoroso.

Olhou para a mandíbula de Flynn, ligeiramente sombreada pelo início de barba. Ela não merecia a compaixão de ninguém. Se não tivesse decidido se casar com Charles tão rapidamente, poderia ter conhecido sua verdadeira natureza; poderia ter descoberto que ele já era casado. E ela poderia ter sido poupada da agonia de perder um filho e da solidão de um casamento de conveniência.

Onde isso teria deixado Flynn? Ele precisava desse casamento tanto quanto, se não mais, do que ela.

— Gostaria de dar um nome ao meu bebê e talvez ter uma pedra esculpida para ser um túmulo. — Angelina se atreveu a encontrar os olhos de Flynn por um momento antes de focar em seu queixo forte mais uma vez. — Talvez algo com um anjo ou um querubim?

— Eu acho que é uma ideia esplêndida. Tem um nome em mente? — Ele beijou ternamente a testa dela, abraçando-a contra o peito.

Angelina balançou a cabeça. — Conhece algum que significa querido ou amado?

Flynn ficou em silêncio por alguns momentos. — Davy significa amado na Escócia, e seu significado hebraico é estimado. Muitos reis escoceses poderosos carregaram orgulhosamente esse nome.

Ele hesitou. — Davy também era o nome do meu tio favorito.

Amado. O filho dela tinha sido.

— Davy. — Angelina testou o nome. Ela suspirou quando a paz finalmente a abraçou. — Perfeito para um pequeno inocente. Não é muito austero ou pomposo. Sim, ele serve.

Algo parecia perfeitamente certo em estar nos braços de Flynn, embora o motivo fosse trágico. Ela fechou os olhos, saboreando a

tranquilidade momentânea. Ela foi casada duas vezes, mas essa era a primeira vez que adormecia nos braços de um homem.

Deus me deixe dormir por um tempo e descansar no abençoado esquecimento.

Enquanto ela dormia, Flynn pressionou os lábios nos cabelos dela. — Já falei com o reverendo Wallace. Quando estiver melhor, podemos avançar com a anulação.

Capítulo Dezessete

Os pensamentos retumbavam na cabeça de Flynn enquanto ele percorria o escritório do Reverendo Wallace. — Então, é possível uma anulação?

— Tem certeza de que uma anulação é o que deseja, Sua Senhoria? — O reverendo coçou o nariz, seu olhar penetrante focado profundamente na alma de Flynn. — Parece-me que é muito apegado a essa moça adorável. Mesmo que a criança não fosse sua.

Não havia como manter isso em segredo. Não com Devaux-Rousset na residência. Flynn compartilhava a verdade com discrição com quem confiava, quanto aos que não confiava, bem, ele não dava a mínima para o que eles pensavam.

Ele bateu o chapéu na coxa. — É a felicidade dela que me preocupa.

A felicidade de Angelina acima de tudo.

Ele andou a curta distância da mesa bem usada do clérigo até a porta do escritório do santo.

— Nós nos casamos para que a dívida de jogos de meu pai fosse cancelada, salvando minha família e eu da ruína social e financeira. E, assim, Angelina não precisaria carregar a vergonha de ter um filho fora do casamento.

O reverendo Wallace equilibrou sua cadeira precária em duas pernas, cruzando as mãos sobre a ampla cintura. A cadeira gemeu e rangeu.

Flynn temia que o robusto homem de Deus pudesse tombar para trás a qualquer momento.

— Eu diria que os dois foram muito altruístas.

— Dificilmente, — Flynn zombou, colocando as mãos nos quadris. — Na *menor das hipóteses,* selecionamos a melhor solução para duas situações totalmente indesejáveis. Sabíamos precisamente com o que concordávamos e o desinteresse não figurava na equação. O nosso casamento é um acordo comercial - uma questão de conveniência.

Isso não era totalmente verdade. Proteger sua família o motivou. Angelina agiu para proteger seu bebê. Ele supôs que alguns poderiam chamar isso de nobre. Ele definitivamente não tinha planejado se apegar a ela tão cedo. Talvez depois de alguns meses, mas em pouco mais de uma semana?

Absurdo.

No entanto, ele tinha. E consideravelmente mais do que uma simples fixação. Ele a amava.

De qualquer forma, isso não importava. Relaxou um ombro contra a pequena janela que dava para o cemitério da igreja. Três galinhas arranhavam e bicavam as ervas daninhas entre a terra.

— Ela pensou que era casada com o pai da criança.

Por que ele contou aquele pedaço?

Ele sabia perfeitamente bem o porquê. Ele não queria que o reitor pensasse mal de Angelina.

— Ah, entendo. — O clérigo retomou sua calma consideração. Seu silêncio pairava pesado e reprovador no minúsculo escritório.

Flynn torceu o canto da boca quando um gatinho desalinhado apareceu para uma das inocentes galinhas.

— O senhor confirmou, Reverendo, que nossa melhor esperança de adquirir uma anulação é agora, quando há testemunhas que podem jurar que o casamento não foi consumado. — Ele se virou da janela e considerou o clérigo por um longo momento.

— Verdade. Quanto mais esperar para começar o processo, mais difícil será conseguir uma. — O reverendo Wallace pareceu querer raspar um pouco de algo debaixo de uma unha do polegar antes de examinar cuidadosamente os outros dedos.

— Já pensou onde Lady Bretheridge irá morar nesse meio tempo? — Ele puxou o lóbulo da orelha. — Não poderão residir juntos. Se ela ficar aqui e voltar sozinho para a Inglaterra, posso atestar residências separadas. De fato, isso reforçaria seu pedido de anulação, se a *abandonar*.

Apoiando os cotovelos na mesa, ele juntou as mãos, quase desafiando Flynn.

Abandono? Maldição.

Flynn voltou sua atenção para as galinhas bisbilhotando. O gatinho atacou e errou. O alvo pretendido gritou sua indignação, atacando depois a diminuta bola de pelo.

— Pensei em deixá-la decidir. — Ele encolheu os ombros.

Angelina merecia um pouco de alegria.

Waterford protestaria, sem dúvida. Dada a morte do bebê, o estúpido tinha tanta influência quanto um fio de palha molhada no esterco.

Nos dias posteriores ao que Angelina perdera o filho, Flynn havia escrito a Fleming, anexando a carta com as assinaturas das testemunhas que Waterford mandara. O duque assinou prontamente o contrato de acordo e o entregou a Fleming, que levou para o homem de negócios de Flynn em Londres. Depois, Fleming enviou uma carta a Flynn. O acordo estava feito. O duque não podia renegar nem um peido.

O clérigo bateu com a mão na mesa, o som tirou de Flynn de seus devaneios.

— É exatamente o que eu recomendaria, rapaz. — Ele se levantou e conduziu Flynn até a porta. — Pergunte à moça o que ela quer. Eu acredito que ficará surpreso.

Antes que percebesse o que o reverendo Wallace fazia, Flynn havia sido cutucado pela porta e se viu encarando a extensão de madeira fechada a centímetros do nariz.

***

Uma semana depois, Flynn estava sentado na mesa de Sethwick com uma Angelina composta e sombria sentada à sua frente.

— Não quer uma anulação? — Ele forçou as palavras de sua boca seca. Agarrando a pena em cima da mesa, ele bateu a ponta bruscamente na superfície, desesperado para liberar um pouco da tensão que o inundava.

Bolas, que confusão complicada.

Uma anulação era possível *se* Angelina permanecesse na Escócia. O casamento não havia sido consumado, e mais de uma dúzia de testemunhas podiam confirmar esse fato. Se não uma anulação, um divórcio era certamente viável, não era?

Ele não havia discutido essa opção com o reverendo.

A coisa mais sábia teria sido ter investigado as leis de casamento da Igreja da Escócia mais profundamente *antes* de atravessar a fronteira para um casamento apressado.

Idiota.

O conhecimento que Renault bisbilhotava, tentando encontrar Angelina, acrescentava perigo à situação que já estava fervendo. Para mantê-la segura, Flynn devia se apressar. Seu olhar a acariciou. Senhor, ela era linda. Como ele poderia deixá-la ir? No entanto, ele permitiria a ela a felicidade que lhe havia sido negada.

Se Angelina estivesse, de fato, ligada a ele por toda a vida, estaria fora de si. Seus termos foram bastante específicos.

Um ano.

Ele nunca seria capaz de convencê-la de que não a havia enganado deliberadamente.

Mudando sua atenção, Flynn examinou o escritório bastante austero. Ele duvidava que Sethwick passasse muito tempo naquela sala sombria. Escura e úmida, mesmo no verão, o cômodo parecia uma tumba, com paredes de pedra e janelas altas e estreitas.

A biblioteca era mais brilhante e mais acolhedora. Além disso, Yvette usava uma mesa localizada lá. Ela e Sethwick eram tão inseparáveis quanto uma tartaruga e sua casca.

Flynn não tinha ousado esperar algo tão maravilhoso. Ainda assim, não esperava encontrar um meio de terminar seu casamento depois de apenas uma semana.

Ele soube que Angelina pretendia deixar seu quarto hoje e pediu que ela se juntasse a ele no escritório. Exceto para assistir a um funeral curto para o filho, ela não se aventurou a descer as escadas.

Ele estava convencido de que seu isolamento auto-imposto era tanto para evitar os outros curiosos habitantes da fortaleza quanto para lamentar sua perda. Lydia e sua comitiva estavam na residência por tempo indeterminado, e parecia que Devaux-Rousset também havia se instalado para uma visita prolongada.

Ao saber que a mãe do barão era uma amiga de infância, tia Giselle insistiu que ele permanecesse o tempo que quisesse.

Deus apodreça as boas maneiras.

Não haveria como se livrar do homem até que ele falasse com Angelina. E como ela não estava recebendo visitas, o francês estava vagando pelo local e enfiando o nariz nos assuntos particulares de Flynn.

Ou seja, seu casamento.

O reverendo Wallace acreditava - pelos eventos do dia do casamento – que uma anulação provavelmente seria concedida e possivelmente muito rapidamente. A Igreja da Escócia era consideravelmente mais relaxada do que a da Inglaterra em relação a esses assuntos. A situação dele e de Angelina não era a típica situação de anulação que exigia vários meses de residência na Escócia.

Então agora, aqui estava Flynn sentado nessa cripta sombria disfarçada de escritório, tentando decidir o melhor curso de ação. Suas palavras não costumavam falhar como agora. Talvez porque nada antes tenha importado tanto assim.

Perguntar a Angelina o que ela queria fazer era a coisa mais difícil que ele já havia feito. Na verdade, não queria uma anulação. Contemplá-la saindo de sua vida, quando ele apenas começava a conhecê-la, o deixava miserável. Sem dúvida, ele imaginava que nunca mais teria em seu coração o que sentia por ela.

Fingindo estar atento a pena, ele a observou através dos olhos semicerrados. Passou um dedo pelo comprimento da pena, agitando sua ponta rígida.

Ela ainda tinha que responder à sua pergunta sobre a anulação. Seu olhar verde percorreu o escritório, evitando-o. Estava nervosa? Isso o lembrou de sua primeira e única visita a Lambridge.

Angelina finalmente olhou para ele, inclinando a cabeça e estudando-o com sua avaliação honesta de sempre. Um cacho de ouro avermelhado jazia em seu pescoço.

Uma onda de inveja o varreu. Ansiava por tomar o lugar do fio e tocar sua pele sedosa de marfim.

Apesar das sombras azuladas sob seus olhos, que apenas serviam para fazê-los parecerem um tom mais marcante do verde do mar, ela estava radiante. Usava um vestido de manhã simples num castanho-avermelhado e pêssego, as cores destacando os

tons polidos de seus cabelos. Mesmo depois de perder o bebê, ela não voltou a se vestir de luto.

Ele ficou feliz.

Um tesouro, Angelina merecia usá-lo realçando sua beleza e elegância. Mais uma vez, ela não usava joias.

Ele teria que resolver isso.

Um topázio amarelo e um colar de esmeraldas com brincos combinando pertenciam a ela por casamento. Sua mãe usara o aparelho várias vezes. As gemas eram perfeitas para a coloração de Angelina.

Fiend aproveita, ele inventa planos como se ela continuasse sendo sua marquesa.

Flynn equilibrou a pena entre dois dedos. Tentando parecer indiferente, ele repetiu: — Não quer uma anulação agora?

— Eu nunca disse isso. — Angelina traçou a borda de cetim da poltrona com as pontas dos dedos. — Eu simplesmente quero esclarecer. Está assumindo que espero uma anulação imediata porque minha razão para casarmos não existe mais?

Além de uma ligeira hesitação quando ela falou as últimas palavras, sua voz permaneceu forte. Ela brincava com sua aliança de casamento, torcendo-a repetidamente. Deslizava com facilidade, atestando o peso que ela havia perdido nos últimos dias.

— Eu entendo se deseja prosseguir com outro... empreendimento, e é por isso que deseja buscar um fim imediato do nosso casamento.

Quase inaudível, Flynn se esforçou para ouvir suas últimas palavras.

Soltando a pena, ele se levantou. Passou a mão pelos cabelos e a encarou.

Angelina olhou-o com calma, mas ele detectou uma pitada de apreensão em sua expressão. Sobre o que falava? Ela queria ou não terminar sua união?

Não mais sobrecarregada com uma criança, ela poderia seguir em frente. O bebê era a única razão pela qual ela concordara com a sua união. Ela deixou isso bem claro na Inglaterra. Ele a veria bem resolvida. Não precisaria de nada até se casar de novo, pois ele tinha toda a confiança que ela iria.

Surpreendentemente bonita, além de espirituosa e inteligente, algum homem de sorte arrebataria Angelina no momento em que ela se aventurasse no mercado de casamentos.

Flynn não tinha a menor ideia do que diria à sua família. Ele inventaria uma besteira crível. Talvez até a verdade. Era tão exagerado e implausível quanto qualquer história que já ouvira contar.

Exceto pela morte do pai, é claro.

Eles nunca deveriam conhecer toda essa feiúra.

— E se eu não quiser seguir outros *empreendimentos*, mas preferir permanecer casado contigo? ─ Ele expôs claramente, tão óbvio quanto uma peruca em um porco, como diria vovó.

Aqui estava sua chance.

O olhar de Angelina passou para o dele. A vulnerabilidade em seus olhos torceu seu coração e prendeu a respiração.

— Eu pensei... isso é... ─ ela apertou o lábio entre os dentes brancos, os olhos enormes e esperançosos. — Não pretende se casar com Miss Farnsworth?

Flynn colocou Angelina em pé, os dedos envolvendo as mãos pequenas como se tivessem sido esculpidas para se encaixar perfeitamente nas dele. — Eu pensei que sim, até te conhecer.

Uma surpresa encantadora iluminou seu rosto.

Ele beijou a mão dela. — Me enlouqueceu no momento em que a espiei empoleirada naquele velho carvalho.

— Eu fiz? ─ Seus olhos pensativos procuraram os dele. — Com os pés descalços e desarrumada?

— E completamente charmosa com a sujeira manchando a ponta do seu nariz.

Ele podia ver a agitação no fundo dos olhos dela e quase podia ler sua mente.

Ela não sabe se deve se atrever a confiar em mim e não sabe se estou lhe dizendo a verdade ou envolvendo-a em outra teia de engano.

Sua hesitação era palpável. Quão difícil devia ser para ela confiar novamente em um homem.

— Nós poderíamos continuar como pretendíamos. ─ O olhar dela afundou na boca dele, e sua língua rosa espreitou para molhar

os lábios. — Ficar juntos no ano designado e ver o que pode acontecer entre nós.

Uma tonalidade rosada coloriu suas bochechas altas. Ela corajosamente encontrou os olhos dele. — Isto é, se tiver certeza...

A incerteza misturada com a esperança tingia suas palavras.

Um pensamento o atingiu naquele momento. Ganhar sua confiança seria uma realização monumental. Não só desconfiava dos homens, ainda mais significativamente, não confiava em si mesma.

Renault tinha feito isso com ela. Se o canalha estivesse presente, Flynn teria reorganizado seu rosto, depois que pedisse desculpas a ela.

Aproximando-se, Flynn puxou Angelina cada vez mais perto até que suas coxas e peito roçaram os dela. — Nada me agradaria mais, garanto.

Sua língua umedeceu o lábio mais uma vez.

Com um pequeno gemido, ele reivindicou sua boca doce, esmagando-a contra ele.

Ela respondeu timidamente a princípio, quase como se tivesse medo de abrir mão do controle.

— Abra para mim, — ele sussurrou contra seus lábios macios. Ele provocou a costura da boca dela com a língua.

Seus lábios se separaram em um suspiro.

Flynn mergulhou a língua em suas profundezas melosas.

Angelina se inclinou para ele, passando os braços por seus ombros e inclinando a cabeça para lhe dar um acesso mais profundo à boca.

O desejo, a princípio uma brasa brilhante, explodiu em um fogo consumido de desejo e paixão. Flynn devastou sua boca, estendendo a mão para trás para agarrar seu corpo exuberante e levantá-lo, pressionando-a insistentemente contra sua dureza.

Ela se contorceu, apertando os braços em volta do seu pescoço e tentando se aproximar, seus beijos tão vorazes quanto os dele.

No entanto, mesmo em sua fome, prevalecia uma inocência que ele não podia ignorar. Qual o conhecimento dela sobre esses assuntos?

Ele arrastou a boca ao longo de sua mandíbula e, com apenas minúsculos beijos beliscando todo o caminho, aventurou-se à junção de seu pescoço e ombro. Ele ansiava por beijar sua carne sedosa desde que a viu naquele vestido verde no dia do casamento.

Apertando os ombros, Angelina gemeu e caiu contra ele. Seus seios se ergueram no vestido, implorando para ser beijado. Sua pele perfumada o provocava sem piedade.

Flynn afundou o rosto entre os montes aveludados, quase superado. Inalou profundamente, seu perfume era sutil, o intoxicava.

Deus, se ela não tivesse passado recentemente pelo trauma de perder um filho, ele seria pressionado a levantar suas saias e levá-la contra a mesa. A pressão subiu em sua virilha, ameaçando explodir em doce liberação.

Flynn voltou sua atenção para a boca dela, mordiscando e sugando, enquanto lutava para controlar sua luxúria desenfreada. Seu membro tão rígido que poderia quebrar tijolos.

Três batidas ousadas na porta o interromperam.

Respirando fundo, Flynn se afastou de Angelina.

Com os olhos fechados, os lábios entreabertos e vermelho-rubi, ela exibia uma expressão confusa no rosto.

Ele passou o dedo pela borda do corpete, antes de ajustar o tecido para cobri-la completamente mais uma vez.

Seus olhos se abriram languidamente, um sorriso nascente de prazer sensual emoldurando sua boca.

Duas batidas soaram novamente, desta vez mais insistentes.

Flynn roçou um beijo em seus lábios. — Acho que alguém sem ter o que fazer está desesperado para nos incomodar.

— Sim, exceto que eles não sabem o que estão interrompendo, sabem? ─ Com a voz rouca, ela olhou atentamente para o volume nas calças dele.

Pelos deuses. Quem é essa sereia sensual?

Sua masculinidade flexionou em resposta. Ele fechou os olhos e gemeu.

Atrevida.

Uma risada sedutora ondulou dela. — Devo atender enquanto procura privacidade atrás da mesa?

Ele forçou os olhos a se abrirem.

Angelina já dera meia dúzia de passos na direção da porta.

Engoliu em seco e caminhou apressadamente para a mesa. Uma vez sentado, verificou se ela estava de costas antes de se ajustar. Tentar atraí-la para a cama dele causaria estragos no camarada infeliz em suas calças. Talvez fosse tomar banho no lago gelado.

Angelina sorriu timidamente antes de abrir a porta e revelar o barão. Uma expressão assustada deslizou por seu rosto, prontamente substituída por desconfiança. — Milorde?

— Por favor, desculpe minha intrusão. — Lorde Devaux-Rousset fez uma reverência. — Como expliquei quando cheguei, é imperativo falar com a senhora, milady. Eu fiquei na Escócia por muito tempo, e há assuntos urgentes que devo tratar na Inglaterra e em casa.

Flynn se levantou e acenou para o homem entrar. Melhor deixá-lo falar.

Angelina inclinou a cabeça e se afastou, permitindo que o barão entrasse.

O bigode da boca de Devaux-Rousset inclinou uma fração. — *Merci*.

— Gostaria de um copo de vinho, conhaque ou prefere uísque? Sethwick possui um excelente uísque. — Flynn fez um gesto para o armário de bebidas, relutante em atravessar a sala em seu estado ainda excitado. Em vez disso, ele voltou para cadeira.

— *Non*, eu prefiro chegar ao ponto da minha visita.

— Claro. Por favor, sente-se. — Flynn indicou uma das confortáveis cadeiras diante da mesa.

Angelina permaneceu parada ao lado da porta fechada, indecisa em sua posição, quase como se estivesse preparada para fugir.

Flynn estendeu um braço, convidando-a a ficar ao lado de sua cadeira. — Milady?

Os lábios dela se curvaram em gratidão, e se apressou para ficar ao lado dele.

Ele pegou a mão dela na dele imediatamente.

Gelados e levemente úmidos, seus dedos trêmulos apertaram os dele. Angelina tremia de terror.

Ele deu um sorriso tranquilizador.

— Então, milorde, que assunto poderia ser tão urgente, que o senhor se aventuraria na Escócia a falar com minha esposa?

Flynn relaxou contra a cadeira de couro gasta. — Na verdade, eu gostaria de saber primeiramente,como a localizou.

Angelina estremeceu um pouco e Flynn apertou a mão dela.

O barão inclinou a cabeça. — Uma pergunta razoável. Eu tenho uma rede de associados especializados em localizar pessoas que procuro.

Ele deu uma olhada na direção de Angelina. — Como sua esposa pode ter lhe contado, tive a infeliz tarefa de encontrar o marido rebelde de minha mãe mais de uma vez usando essas medidas.

A voz e os olhos do barão ficaram duros e frios. O brilho de aço em seu olhar sombrio não dava indícios do homem amável que entrara no escritório momentos antes.

Angelina empalideceu e balançou.

Engolindo uma suja maldição de um marinheiro, Flynn se levantou. Ele passou um braço em volta dos ombros dela e a levou para a cadeira ao lado do barão. — Sente por favor.

Ela afundou na almofada, murmurando: — Ele rastreou Charles e eu até o Plaza Hotel em Boston.

— Para dizer a verdade, eu tinha perdido a trilha de Pierre. Eu não soube do seu casamento falso até que descobri e segui até o hotel, uma hora depois que chegaram. ─ Devaux-Rousset a varreu com um olhar compassivo. — Lamento não ter chegado mais cedo.

O rosto de Angelina ardeu em vermelho. Ela desviou os olhos.

Diabos! Devaux-Rousset não precisava ter trazido esse desagrado.

— É um tipo estranho de ocupação, perseguir pessoas clandestinamente. ─ Flynn deu um passo para trás até que seus quadris descansassem contra a borda da mesa. Ele cruzou os braços, esperando o barão explicar.

— *Non*, não realmente, e por favor, me chame de Devaux. Meu nome completo é difícil. ─ Ele encolheu os ombros, acrescentando: — Certamente tem homens de negócios em quem confia para obter informações para o senhor, *non*? É o mesmo para mim.

— E veio aqui por que? ─ A paciência de Flynn se esgotara.

Angelina empoleirou-se em sua cadeira tão tensa quanto uma corda de arco. Claramente, seu último encontro com o barão não fora agradável.

— Milorde, ─ ela cruzou as mãos no colo, aparentemente mais composta, — se veio me informar da morte de sua mãe, eu já estou ciente. Mamãe escreveu e me disse. Charles, ou seja, Pierre a visitou em Salem e revelou essas notícias infelizes.

A simpatia sombreava seus olhos. — Por favor aceite minhas condolências.

Surpresa esvoaçou através das feições do barão antes que se endurecessem em vincos acentuados mais uma vez. — Obrigado. Sua perda foi mais difícil, mais trágica, pois sua morte era suspeita. Uma criada encontrou minha mãe afogada em seu banho.

Angelina ofegou, os olhos arregalados de choque. Assustada, ela balançou a cabeça.

— Droga. ─ Flynn ousou expressar sua suspeita. — Renault?

O barão respondeu com um breve aceno de cabeça. — Não tenho provas, apenas a palavra de um servo histérico. Mas a água encheu o chão do lado de fora da banheira e uma toalha cobria *o* rosto *de ma Mère*.

Seu olhar sombrio afundou nas botas por um momento prolongado, enquanto ele lutava com sua raiva e tristeza. Firmando a boca, ele alisou o bigode e levantou os olhos.

— Mas essa não é a única razão pela qual procuro avisá-lo. A França declarou ilegal o comércio de escravos em março passado. Isso não parou Pierre. Ele e outros como ele simplesmente se tornaram mais secretos em seus empreendimentos. No entanto, se *o que disseram for preciso*, ele se envolveu em outro negócio desprezível, mas extremamente lucrativo.

Ele fez uma pausa, parecendo ter terminado. — Bretheridge, posso incomodá-lo por um gole de uísque, afinal?

— Claro. ─ Flynn se levantou, depois caminhou rapidamente para o armário de bebidas. Ele serviu a Devaux dois dedos generosos e um para si também. Substituindo a rolha, ele colocou uma pequena quantidade de conhaque em um copo para Angelina. Ele juraria que ela estava prestes a desmaiar.

Quanto mais o Bom Deus pediria à pobre mulher para suportar?

Equilibrando os três copos, Flynn voltou para as poltronas. Entregando as bebidas, ele pediu a Angelina que experimentasse a dela. — Isso a fortalecerá.

Ela tomou um gole tímido e torceu o nariz empinado. — É horrível.

Lorde Devaux riu. — Muitos dos meus compatriotas, assim como os seus, discordariam sinceramente.

— Bem, que fiquem com ele. ─ Fazendo uma careta, ela olhou para o líquido âmbar duvidosamente. Com um leve estremecimento, ela passou o copo para Flynn

Inclinando a cabeça, ele engoliu o uísque de uma só vez, dando as boas-vindas a bebida ardente que queimava o caminho em seu estômago. — O outro negócio?

Ele colocou os dois copos na mesa.

O barão tomou uma porção de sua bebida. — Há rumores de que Pierre recorreu a sequestrar mulheres de descendência européia, particularmente inocentes e de qualidade. Elas trazem um preço mais alto.

— Preço? ─ Angelina franziu a testa, sua confusão evidente.

— Sim milady. Ele as vende a compradores no Oriente Médio e na Ásia. É um negócio muito lucrativo.

O olhar perturbado de Angelina viajou entre Flynn e o barão. — O que isso tem a ver comigo?

Devaux se inclinou para frente, urgência em sua voz. — Se Pierre não pode se casar com a senhora, ele será louco o suficiente para sequestrá-la. Ou suas adoráveis irmãs. Elas acabaram de chegar na Inglaterra.

Capítulo Dezoito

Angelina jurava que seu coração havia parado quando o medo subiu à garganta, ameaçando sufocá-la. Ela apertou os braços da cadeira com tanta força que seus dedos ficaram dormentes.

— Perdão? ─ Certamente ela ouviu errado. Charles não poderia ser tão mau, poderia?

— Maldição! ─ Flynn espreitou atento, de pé, ereto e tenso. — Desculpe-me.

Angelina acenou para ele em silêncio. — Como assim minhas irmãs estão na Inglaterra? Como sabe? Quando elas chegaram? Onde elas estão? Minha mãe está com elas?

Sua mente lutava por uma explicação, descartando as possibilidades lógicas com vivacidade.

— Devemos ir até elas imediatamente. ─ Tremendo, ela pulou da cadeira. Virou-se para a porta, apenas para voltar a encarar Flynn. — Algo horrível aconteceu. Eu sei disso.

— Acalme-se, milady. ─ Lorde Devaux falou gentilmente. — Sua mãe está com suas irmãs, embora eu relute em revelar, ela estava doente quando eu saí.

— Doente? Como assim? ─ O medo fez os joelhos de Angelina falharem e ela afundou nas almofadas da cadeira estofada novamente. Esfregou bruscamente seus braços nus contra o repentino frio que a permeava.

— Tem uma tosse suja que parece ter se estabelecido em seus pulmões. ─ Ele sorriu para Angelina encorajadoramente. — Ela me garantiu, no entanto, que estava muito melhor por ter deixado as entranhas obsoletas do navio.

Angelina pressionou a mão na testa, embora não fizesse nada para acalmar os pensamentos confusos que batíam em sua cabeça como ondas em uma costa rochosa. — Eu não entendo. Por que elas deixaram Salem sem me dizer?

— Elas vieram a meu pedido. Não houve tempo para notificá-la. ─ O barão cruzou as pernas, acomodando-se ainda mais em sua cadeira.

Pela primeira vez, Angelina notou as linhas de fadiga e tensão que afiavam sua boca e olhos. Devaux era um homem bonito quando não estava irritado. Se eles tivessem se conhecido em circunstâncias diferentes, eles poderiam ter sido amigos. Não uma, mas duas vezes, ele fez um temerário esforço para protegê-la, um total estranho.

E agora, tentava proteger suas irmãs.

Como é que alguns homens eram intrinsecamente decentes e outros eram puramente maus? A visão de uma placa na parede do escritório de seu pai veio à sua mente.

A pessoa boa do seu tesouro bom produz o bem, e a pessoa má do seu tesouro mau produz o mal.

Perfeitamente adequado e estranhamente reconfortante em sua simplicidade. Pena que papai não havia modelado *seu* comportamento ao do verso.

— Diante das ameaças de Pierre, convenci sua mãe de que permanecer em Salem era perigoso. ─ Lorde Devaux fechou os olhos por um longo momento. Ele realmente parecia exausto. Abrindo-os, ele disse: — Ela estava relutante em vir embora, garanto. Ofereci a ela minha proteção e a dos meus homens para a viagem, e deixei dois dos meus melhores guardas com sua família quando viajei para cá.

Não confiando em si mesma para falar, Angelina comprimiu os lábios e olhou para uma enorme espada colocada na parede atrás da mesa. Charles representava uma ameaça muito real, ou o barão não teria ido tão longe, não é?

Sua intensa atenção alternava entre Angelina e Flynn. — Na França, mais de uma mulher da classe alta, conhecidas de Pierre, desapareceu.

Angelina ofegou, seu olhar saltando para Flynn.

— Eu ouvi rumores de que ele está na Inglaterra, embora suspeite que saiba que estou por perto. Por enquanto, ele parece ter desaparecido. ─ O barão esfregou a testa.

A voz de Angelina tremeu quando outro calafrio raspou suas unhas irregulares ao longo de sua espinha. — Mas por que o senhor insistiria que mamãe e minhas irmãs viajassem para a Inglaterra se conhecia a localização de Pierre?

— Milady, pelo menos na Inglaterra, eu poderia oferecer a elas alguma proteção. ─ Devaux apertou sua mão. — Elas não tinham nenhuma na América. Ele ameaçou sua mãe e suas irmãs quando se recusaram a revelar para onde a senhora tinha ido. Se de fato ele estiver aqui, chegou recentemente, assim como nós.

Um lado da boca de lorde Devaux se curvou. — Eu tive sua família viajando disfarçada, sob nomes falsos.

Flynn caminhou atrás da mesa. Uma vez sentado, ele abriu uma gaveta e depois outra, até encontrar o que procurava. Removendo uma folha de papel em branco, fechou a gaveta e pegou a pena que havia deixado cair mais cedo.

— O senhor acha que ele realmente tentaria sequestrá-las? ─ Ele encontrou o olhar intenso do barão.

Devaux ponderou por um momento, depois suspirou. — Acho que é capaz de qualquer coisa e, portanto, não é confiável. Ele é, como diria... *fou*? Louco. Desequilibrado.

— Como pude ter sido tão enganada?

Angelina não tinha percebido que tinha falado em voz alta até os dois homens virarem suas expressões de simpatia para ela. Ela endureceu a coluna. Não era hora de auto-recriminações. — O senhor o conhece melhor do que nós, milorde. O que aconselha?

— O que ela diz é verdade. Eu, pelo menos, apreciaria o insight que talvez o senhor tenha para me ajudar a proteger minha esposa e sua família. ─ Flynn voltou a rabiscar o papel.

Angelina lançou-lhe um olhar atônito. Ele não tinha barganhado por isso quando a tomou por a esposa. A gratidão floresceu em seu coração. Algumas mulheres podiam não gostar de ter um homem para cuidar de seu bem-estar. Achava a preocupação dele reconfortante e agradecida. Ela precisava da força dele, pois a dela estava por um fio.

— Acho que o senhor deveria estar preparado para qualquer coisa. Eu ficaria feliz em deixar alguns dos meus homens para agirem como guardas. Tenho certeza de que McTavish também poderia poupar alguns de seu clã. ─ Lorde Devaux bateu os dedos da mão esquerda no joelho dobrado. Seu anel de sinete brilhava contra o preto de suas calças.

Fazendo uma pausa, Flynn encarou o barão por um momento prolongado. Sua boca se curvou em um meio sorriso. — Agradeço sua generosa oferta e aceito com gratidão.

Voltando sua atenção para a carta, borrifou areia na tinta. Cruzou as mãos sobre a mesa esperando a carta secar.

— Sugiro que partamos para... — Ele hesitou. — O senhor sabe onde as Ellsworth estão?

— *Oui.* Aluguei quartos para elas e sua criada em uma pensão respeitável, operada por um conhecido meu. Usei nomes fictícios novamente, é claro. — Lorde Devaux terminou o uísque.

Céus. Tio Ambrose e tia Camille sabiam? Naturalmente, mamãe os teria notificado. — Talvez elas já tenham viajado para Wingfield Court agora.

— *Non*, na verdade, tenho certeza de que permaneceram em Londres. — Lorde Devaux estava de pé, puxando o relógio de seu colete. Depois de um rápido vislumbre, fechou a caixa de ouro. — A saúde da Sra. Ellsworth não permitiria que viajasse ainda, e recusou inflexivelmente se impor ao duque e da duquesa.

— Se impor? Ela não vê a irmã há vinte anos. Não acredito que tia Camille ache isso uma imposição. — Que ridículo. Por que no mundo sua mãe insistiria em ficar em Londres nessa época do ano? A menos que sua saúde estivesse pior do que pensava.

Angelina mordeu o lábio inferior. Quanto dinheiro sua mãe tinha? O suficiente para despesas e para garantir os serviços de um médico? Elas nunca desfrutaram de riquezas, mas viveram com um conforto modesto e nunca lhes faltou nada de importante. Talvez sua mãe não tivesse como pagar o coche para viajar para Wingfield.

Certamente seu tio cobriria o custo, não?

De pé, Angelina alisou as saias, mais pela necessidade de fazer algo com as mãos do que qualquer outra coisa. Por fora parecia calma, mas um desconforto persistente exigia que ela agisse rapidamente. — Gostaria de partir para Londres assim que pudermos preparar sua carruagem, Flynn.

— Eu concordo. — Ele tirou a areia do papel e dobrou a carta. Depois de selar, ele levantou a nota. — Isso é para Fleming, dando a ele minhas orientações.

Contornando a mesa, ele passou um braço sobre os ombros de Angelina. — Poderá estar pronta dentro de uma hora?

— Sim, claro. — Ela soltou um suspiro. Estava deixando seu bebê. Mas ele se foi, e não havia nada que ela pudesse fazer por sua pequena alma. O mesmo não podia ser dito de sua mãe e das gêmeas. Ela tentava permanecer otimista.

Dando um passo para enfrentar o barão, os dedos de Flynn pressionaram gentilmente seu braço nu. — Posso contar que seus homens que nos acompanharão? Preciso falar com Sethwick imediatamente e descobrir quantos homens do clã ele poderá me reservar. Precisarei do suficiente para providenciar guardas na minha casa de campo e homens para viajar para Londres conosco.

As feições do barão se suavizaram. — Considere isso feito.

Os três se dirigiram até a saída, Angelina fazendo uma lista mental do que precisava fazer.

Flynn abriu a porta e se afastou, permitindo que Lorde Devaux e ela fossem na frente dele. Avançando para o corredor, eles fizeram uma pausa. Vozes animadas ecoavam por um corredor adjacente.

— Fico feliz que esteja em casa, Seonaid. Senti sua falta terrivelmente. Isobel e uma jovem de cabelos castanhos dobraram a esquina, de braços dados.

Ah, a outra irmã.

Ela possuía a cor mais escura de Lady Ferguson. Seus olhos castanhos, no entanto, ela claramente herdara de Sir Hugh. Também parecia jovem, com menos de dezessete ou dezoito anos. Possuía uma curiosa aura de paz sobre ela.

Isobel olhou para trás.

Lorde Ramsbury, acredito que Flynn esteja no escritório de Ewan. Não *posso* imaginar que ficará satisfeito em *vê-lo.* — Dirigindo-se a sua senhoria, as palavras de Isobel eram afiadas e seu tom gelado.

Um homem impressionante seguia as mulheres, o verde caçador de seu casaco combinava perfeitamente com seus olhos. Ele tinha um sorriso nos lábios, e Angelina jurava que sua atenção esteve direcionada ao traseiro oscilante de Isobel até que ela virou a cabeça na direção dele.

Como se sentissem quem os observava como sentinelas do lado de fora do escritório, as irmãs Ferguson e lorde Ramsbury pararam.

A boca de Seonaid abriu e fechou. De repente todo seu corpo ficou rígido, ela apontou um dedo trêmulo para o barão Devaux. — O que *ele* está fazendo aqui?

Isobel lançou um olhar espantado para a irmã. — Lorde Devaux? Conhece o barão?

— Oh, eu o conheço bem. — Seonaid ergueu os ombros e projetou o queixo pequeno. Fragmentos de fogo castanho-avermelhado se lançaram de seus olhos irados.

Ela cruzou os braços sobre o peito, a fúria irradiando de sua forma pequena. Sua voz pingando sarcasmo, ela o incendiou com um olhar feroz. — Devo contar a eles *como* nos conhecemos, *milorde*?

O barão deu um passo à frente. Parou, apertando as mãos ao lado do corpo. Com o rosto vermelho, ele a olhou com a cautela de guerreiro. — Confie em mim, mademoiselle, eu *não* tinha ideia de que esta era *sua* casa.

— Vai me perdoar se eu não acreditar no senhor, — ela respondeu antes de girar sobre os pés escorregadios e se afastar.

O que no mundo?

Angelina lançou a Flynn um olhar curioso.

Ele levantou um ombro em resposta.

Evidentemente, ele também não tinha ideia do que fora esse espetáculo e, dada a expressão confusa no rosto bonito de Isobel, ela também estava perdida.

— Ela é a outra irmã solteira, a que estava na França? — Angelina sussurrou pelo canto da boca.

— Sim, e foi um dia triste para *la bon France* quando ela chegou — murmurou o barão, obviamente ouvindo-a. — Se me der licença, falarei com meus homens. Eles estarão prontos para partir quando o senhor estiver.

Olhando ao redor do corredor uma última vez, ele se afastou, tão zangado quanto a jovem que partira um momento atrás.

Angelina desistiria do café por um ano para saber como eles se conheceram e por que estavam tão irritados um com o outro.

A testa de Flynn franziu em perplexidade. — Seonaid geralmente tem o temperamento calmo e é amável. Ela tem o dom da segunda visão. Talvez algo tenha acontecido.

— Aí está, Bretheridge. — Lorde Ramsbury continuou em direção ao escritório, dando a Isobel uma saudação arrogante e um sorriso maroto quando passou.

Ela fez uma careta sinistra. Murmurando algo baixinho sobre tipos grosseiros, Isobel também se despediu.

Meu Deus, por que todos estavam tão irritados esta manhã?

— Yancy, o que está fazendo aqui? — Uma expressão cautelosa se estabeleceu no rosto de Flynn e ecoou em sua voz, mas ele se adiantou para apertar a mão de lorde Ramsbury.

Sua Senhoria examinou Angelina com curiosidade. Sua boca se curvou nos cantos, revelando fortes dentes brancos. — Deve ser a nova Lady Bretheridge.

— Permita-me me apresentar, já que esse turrão parece incapaz de fazê-lo. — Ele fez uma divertida reverência. — Bartolomeu, conde de Ramsbury.

Ele se inclinou sobre a mão dela, dando um beijo nos nós dos dedos e deu-lhe uma piscadela decididamente perversa. — Ou Yancy para meus amigos *íntimos*.

— Já chega, *Ramsbury*. — Flynn olhou furioso para a mão dela, ainda envolvida na do conde.

O conde riu, claramente se divertindo. — Conheço esse cara desde que ele mal vestia um esqueleto. Nunca foi do tipo ciumento antes.

— Aham! — Flynn rosnou bastante em aborrecimento.

Ele estava com ciúme? Ora, que noção divertida. E emocionante também.

Angelina não conseguiu conter a risadinha quando retirou sua mão da do conde. Ela gostou deste ladino encantador.

Ele ergueu as sobrancelhas e deu a ela outro sorriso torto. — Sua noiva é uma boa juíza de caráter, Bretheridge. De fato, ela é.

Ela fez uma reverência. — Obrigada, milorde.

Levantando, ela olhou para o corredor. — Por favor, dê-me licença. Se quisermos sair como planejado, Flynn, preciso encontrar Murphy.

Para sua surpresa, ele colocou as mãos nos ombros dela e beijou sua testa. — Prossiga. Ainda é cedo. Se sairmos mais tarde do que o previsto, não terá importância. Meus cavalos são fortes e viajam bem. Faremos em bom tempo.

Sim, exceto que ela estava preocupada com a mãe e as irmãs. Até o menor atraso parecia insuportável. E sabendo que levaria pelo menos três dias para chegar a Londres...

— Foi um prazer conhecê-lo, milorde. — Depois de outra reverência apressada, Angelina correu para o que esperava ser o grande salão. Ela balançou a cabeça e riu ao ouvir: — Venha, me diga, meu velho. Onde encontrou *esse* tesouro delicioso?

* * *

— Yancy, não sou tolo o suficiente para acreditar que viajou até aqui para conhecer minha noiva. — Flynn entrou novamente no escritório, o conde ao seu lado. Não falava com Yancy desde a noite em que seu pai faleceu. Por mais irracional que pudesse ser, Flynn nutria ressentimentos em relação ao seu amigo de longa data.

— De fato, como sabia que eu estava aqui? — Flynn congelou, lançando o conde com um olhar duro. — Parou em Lambridge? Não revelou nada a elas, não é?

— Claro que não. Não sou imbecil. — Yancy foi direto para o armário de bebidas. Ele levantou um copo. — Quer um drinque?

Flynn balançou a cabeça. — Estou me preparando para sair - dentro de uma hora, na verdade.

— Era a senhorita Farnsworth que observei cavalgando quando cheguei? — O conde ergueu um olhar contemplativo para ele. — Aposto que as coisas têm sido bastante interessantes por aqui.

Flynn explicou rapidamente suas núpcias apressadas com Angelina, seu casamento com Renault, a misteriosa morte da baronesa e o perigo que Angelina e suas irmãs enfrentavam devido ao francês.

Yancy lançou um assobio baixo. — Já ouvi falar do homem. Bandido desagradável e desprezível.

— Essa beleza o prendeu até os cotovelos, eu diria. — Ele tomou um gole de conhaque.

Erguendo o copo, Yancy girou o conteúdo. — Sabe, eu poderia reservar alguns agentes do Departamento de Guerra para vigiar enquanto estiverem em Londres. Poderia ser considerado uma preocupação internacional, pelo que acredito. Eu também poderia comunicar e mandar meus agentes vigiarem a Renault.

Ele balançou a cabeça em aparente desgosto. — Deve contatar com os investigadores de Bow Street também, especialmente considerando a parte da escravidão.

— Isso alivia minha mente. Eu poderia muito bem aceitar essa oferta, Yancy.

O Corpo Diplomático ostentava homens proficientes em segredo. Sethwick trabalhara como agente por anos antes de se casar com Yvette.

Flynn parou para endireitar os itens em cima da mesa. — Não me disse por que está aqui, embora eu suspeite que tenha um nítido interesse em Isobel.

— É tão óbvio?

Como um ganso de duas cabeças.

Yancy chutou a franja do tapete de juta com a ponta do pé. Parecia um estudante pego trapaceando com suas contas.

Flynn levantou uma sobrancelha.

O conde suspirou e terminou a bebida. — Ela tem aversão a mim, embora, por minha vida, eu não saiba o motivo. Não sei por que me torturo, vindo aqui com qualquer desculpa esfarrapada que eu possa inventar, para poder vê-la.

— Deus! O homem está mal mesmo. — Flynn balançou a cabeça, oferecendo uma expressão compreensiva. — Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Só se conseguir convencer Lady Isobel a me deixar falar com ela. — Yancy deixou de lado o copo. — Ou descobrir por que ela se afasta de mim.

Sacudindo a tensão, ele deu de ombros descuidado. — No entanto, tenho uma legítima razão para aparecer desta vez.

A atenção de Flynn voltou-se para o relógio antiquado da lareira. Na verdade, ele deveria estar saindo.

— Eu vim me redimir. — Vagando até a parede atrás da mesa, Yancy examinou uma antiga espada claymore. Ele lançou um olhar

satisfeito na direção de Flynn. — Acredito que encontrei as evidências necessárias para provar que Waterford enganou seu pai.

Capítulo Dezenove

Hoje era o aniversário dela. Angelina havia esquecido até aquele momento. Sua mãe sempre fazia um petisco delicioso e oferecia-lhe algum tipo de bugiganga. Este ano, o melhor presente seria chegar à pensão e encontrar sua mãe e as meninas em segurança e bem.

Olhando pela janela para o escuro entardecer, Angelina se maravilhou com a beleza das nuvens brilhando em um cenário laranja rosado, magenta e violeta - os restos coloridos do sol, agora despedindo-se do dia.

Imaginou que se aproximavam da periferia de Londres. Mais e mais casas surgiram no campo e apareceram ao lado da estrada. No céu distante, um brilho âmbar indicava que se aproximavam da cidade.

Brincando com as franjas penduradas no cordão da retícula, ela cruzava e descruzava os tornozelos. Seus nervos faziam com que praticamente saltasse sobre as espessas almofadas do banco. Viajando do amanhecer ao anoitecer, levaram quatro dias insuportavelmente longos, para chegar a Londres. À medida que cada milha passava, a ansiedade por encontrar sua mãe e irmãs aumentava, assim como a dor em seu traseiro.

Uma roda atingiu um buraco na estrada e ela bateu a lateral do seu corpo contra a carruagem. — Ai!

A dor ia do ombro ao cotovelo.

Isso é o que acontece por sentar na ponta do banco.

Uma das escoltas escocesas a cavalo galopou até a frente da procissão. Um total de seis homens, quatro de Lord Sethwick, incluindo o primo e dois do barão, formaram o grupo.

— O conhecimento de Gregor sobre as plantas e ervas de cura pode ser útil para sua mãe, ─ explicou Flynn quando o homem gigantesco havia trotado o cavalo até a carruagem no dia da partida.

Outros quatro escoceses viajaram para Lambridge Manse. Murphy havia retornado a Wingfield Court com eles. Felizmente, nada remotamente desagradável ocorreu na viagem à cidade.

Esfregando o braço machucado, Angelina estudou Flynn.

Parecia absorvido nos poucos vestígios do cenário que passava que ainda podiam ser vistos. Se manteve na companhia dela dentro da carruagem o tempo todo. Não duvidava que ele teria preferido ir a cavalo.

O valete de Flynn, Kimball, bem como sua bagagem escassa, seguia atrás deles em um segundo coche. Eles exigiriam o veículo adicional para transportar sua família e seus pertences.

O foco de Angelina afundou no painel de madeira atrás das botas polidas de Flynn. Ele havia escondido um par de pistolas no gabinete abaixo de seu assento. De onde estava, perto da guarita, no dia em que deixaram Craiglocky, observou quando escondeu as armas no compartimento. Podiam ser pistolas de duelo, mas não tinha certeza. Seu conhecimento de armas caberia em um dedal com espaço sobrando.

Sem dúvida, Flynn havia pego emprestado as armas de fogo de lorde Sethwick. Estavam carregadas? Provavelmente, dada a sua situação precária.

— Está ansiosa? — A intoxicante voz de barítono de Flynn interrompeu suas reflexões.

O crepúsculo em expansão dificultava que visse a expressão dele. Devia ter sentido seu desconforto.

— Sim, não sei o que esperar. — Ela voltou a mexer em sua retícula. — O medo do desconhecido é de alguma forma mais intimidador. Minha imaginação, sempre foi um pouco fantasiosa, e está funcionando como louca, estou receosa.

Flynn cruzou a carruagem e sentou ao seu lado. Erguendo a mão dela, deu um suave aperto antes de entrelaçar seus dedos nos dele e depositá-los em sua coxa sólida.

Havia uma parte macia em algum lugar do homem? Toda vez que o tocava, encontrava planos rígidos e músculos firmes.

Exceto os lábios. Aqueles sim eram muito macios.

— Estou confiante de que vamos encontrar tudo bem. — Ele relaxou contra o assento, esticando as pernas diante dele.

As longas horas de confinamento na carruagem devem ter sido tão cansativas para ele quanto para ela. Provavelmente mais ainda, dada a sua estrutura muito maior.

Seus músculos gritavam para serem esticados e exercitados.

Ele abafou um bocejo. — De todas a forma, sua mãe é uma mulher sábia, e lembre-se, Devaux deixou guardas armados.

Mas sua mãe tinha fundos suficientes para atender às suas necessidades? Como ela conseguiu a taxa para quatro passagens? E carvão, remédio, comida? Embora preocupada, Angelina não sobrecarregaria Flynn. Nada poderia ser feito nesta conjuntura de qualquer maneira.

Aproximando-se ainda mais no lado quente de Flynn, apreciou a paz que trouxe tocá-lo. — É verdade, mas mamãe nunca teve uma constituição robusta. Esse problema de saúde me preocupa tanto quanto qualquer ameaça de Pierre.

Forçar-se a pensar em Pierre pelo seu nome verdadeiro tornou-se uma necessidade. Ela achava mais fácil associar seu comportamento vilão com essa identidade do que com o homem que a cortejou e casou com ela.

Toda vez que pensava na facilidade com que ele a enganara, Angelina se deprimia. Ainda não tinha sido capaz de se perdoar por sua estupidez. Talvez com o tempo conseguisse, permitindo-se seguir em frente.

Ela se aconchegou um pouquinho mais perto de Flynn, precisando do seu conforto.

Ele passou um braço em volta dos ombros dela, aninhando-a firmemente contra ele. Como era seu hábito, deu um beijo desatento no topo de sua cabeça, apenas para espirrar imediatamente. Sem dúvida, uma pena que adornava o chapéu fez cócegas em seu nariz novamente.

— Outra pena?

— Acho que vou ter que proibí-la de usar qualquer coisa na cabeça que tenha a menor chance de me fazer cócegas ou me fazer espirrar. — Sua risada grave acompanhou o movimento lento de seus dedos sobre o ombro e o braço.

Os arrepios de desejo que sentia ao seu toque se deram a conhecer. Será que o afetava como ele a ela? Dezenas de vezes durante a viagem, especialmente à noite, quando estava sozinha na cama de uma pousada, sua mente evocava imagens deles juntos, nus, imaginando Flynn fazendo o que Pierre havia feito.

Só que com Flynn, ela podia imaginar muito mais. Ela tinha uma imaginação muito vívida. O calor tocou seu rosto. Felizmente, o interior escuro do veículo escondia seus rubores. Deus, ela se tornou terrível.

Se continuasse a manter sua lista de atributos que deveriam ser procurados ou evitados em um homem, ela certamente teria que acrescentar *alguém que colocasse a mente e o corpo de uma mulher em chamas pelo desejo* no topo das duas listas.

Maravilhoso e perigoso.

No entanto, sua lista boba não importava mais.

Nem minha razão de casar em primeiro lugar. *Davy...* uma onda de nostalgia fez as lágrimas picarem atrás de suas pálpebras.

Ela não ousava contemplar a possibilidade de gerar um filho de Flynn. Ainda não. Muito cedo para vagar por esse caminho mental. Eles ainda tinham um futuro juntos? Mal se conheciam. Ela não estava preparada para deixá-lo ver o quão vulnerável ao seu charme ela se tornara.

Seu coração reconheceu seu companheiro no momento em que o viu.

Ora! Seu coração volúvel a enganou antes. Poderia confiar dessa vez? Ela se atreveria?

Se ao menos Deus lhe desse um sinal. Nada milagroso. Algo simples estaria bom. Talvez um par de pombas empoleiradas em uma cerca viva ou um arco-íris triplo após uma chuva.

Ela sufocou um bufo. As pombas eram nativas da Inglaterra? Ela não tinha visto nenhuma desde que chegou. E a chance de um único arco-íris em julho era sombria, na melhor das hipóteses. Um triplo seria um fenômeno.

O *clipe* dos cascos dos cavalos ecoando na rua pavimentada revelou o quão longe viajaram enquanto ela relembrava. Angelina inclinou-se para olhar a escuridão e tentou adivinhar a localização deles. Londres era muito mais vasta que Salem.

— Estamos chegando perto? — Ela se recostou no banco. — Tenho um péssimo senso de direção. Não sei dizer quantas vezes me perdi em uma função social, pegando o caminho errado ou o caminho do jardim.

Flynn deu um leve empurrão no ombro dela, seu peito reverberando com uma risada silenciosa. — Eu me perguntava como acabou na cozinha de Craiglocky, e não no seu quarto no dia em que partimos.

— Passei meia hora tentando encontrar o caminho para o meu quarto. — Angelina fungou em um aborrecimento falso. — Esses velhos corredores de pedra se assemelham e continuam para sempre. Então, eu segui meu nariz. Presumi que alguém na cozinha poderia me ajudar.

— Me perdi nas primeiras vezes que visitei. Craiglocky é uma monstruosidade medieval. Se bem me lembro, Sethwick me disse uma vez que a fortaleza tem mais de cento e setenta quartos, embora muitos não estejam mais em uso. Lambridge Manse possui apenas setenta e quatro.

Apenas setenta e quatro?

— Endicott Hall, minha casa de infância, é modesta em comparação. — Minha mãe transformara a casa de dezesseis quartos em um lar acolhedor e convidativo, apesar dos miseráveis modos de meu pai e de sua preferência pela austeridade.

— Ainda falta muito? — Uma criança possuía mais paciência do que ela. Angelina se mexeu para ter uma visão melhor através da janela empoeirada.

— Nem tanto. Dei a Hodges o endereço que Devaux forneceu.

O som de uma pederneira sendo atingida chamou sua atenção.

Uma chama brilhou e Flynn acendeu a lamparina da carruagem. — Muito melhor.

Apagando o pano queimado, ele sorriu. — Gostaria de mudar sua família para minha residência em Mayfair imediatamente. Quando sua mãe estiver bem o suficiente para viajar, nos mudaremos para Lambridge. O ar do campo lhe fará bem e é muito melhor do que o ar carregado de carvão, que frequentemente paira pesadamente na cidade.

— Isso parece sensato. — A atenção de Angelina permanecia fixa na fileira de lâmpadas que brilhavam ao longo da rua.

Uma misteriosa névoa rodopiava assustadoramente em torno das luzes, como se procurasse se aquecer. A temperatura havia caído consideravelmente nas últimas horas.

Com os dedos frios apesar das luvas, ela estremeceu e agarrou a frente do seu spencer de linho abotoado. Não podia estar totalmente confiante de que o clima causara o calafrio ou se isso pressagiava outra coisa.

Um clima severo e indiferente pairava sobre Londres. Angelina não gostava muito da cidade, preferindo o frescor do campo.

A carruagem virou para uma rua apagada. Suas rodas estridentes diminuíram gradualmente até que, em meio a rangidos e um último movimento de protesto, o veículo parou. Os batedores pararam. O timbre baixo das vozes masculinas entrava no veículo.

Flynn não esperou o cocheiro descer. Depois de abrir a porta, pisou nos paralelepípedos. Disse algumas palavras para dois dos cavaleiros que esperavam ao lado da porta. Eles responderam suavemente antes de se aventurarem mais além na pista enevoada.

Ele se virou e estendeu a mão, seu olhar era gentil e encorajador. — Pedi aos homens que se dispersassem e mantivessem os olhos afiados, exceto aos dois que estão lá.

Ele indicou um par de franceses. — Eu os mandei procurar os outros homens de Devaux e alertá-los para a nossa chegada. Não seria bom que os outros agissem precipitadamente quando nos aproximarmos.

Angelina olhou além dele. — Isso parece prudente, obrigada.

Embora exteriormente parecesse calma, seu estômago se revirava como se um rebanho de cabras pulasse lá dentro.

— Sua família está naquele prédio. ─ Flynn apontou para uma modesta casa de três andares. Ele estendeu a mão. — Está pronta?

— Sim. ─ Ela respirou fundo e permitiu que ele a ajudasse a descer da carruagem. Ansiosa por ver sua mãe e irmãs, Angelina também temia o que poderia encontrar dentro da humilde estrutura.

Ela levantou a mão e cobriu o nariz, enrugando-o contra os odores desagradáveis que assolavam suas narinas. — Sempre cheira tão horrível?

— Infelizmente, sim, exceto que é mais suportável no inverno. ─ Flynn indicou a direção que eles tinham vindo. — O rio Tamisa é pouco melhor que uma fossa. As temperaturas do verão intensificam o fedor.

Ele lançou um olhar experiente ao longo da rua. — Hodges, espere por nós. Não acredito que demore muito para arrumar o que elas precisam para hoje à noite. Amanhã enviaremos alguém para pegar o resto das coisas delas.

Observou a carruagem virando a esquina. — Avise ao outro cocheiro para mim, por favor?

— Sim, milorde. ─ Desajeitado o cocheiro foi até a carruagem pedindo para parar atrás da deles.

— Vamos levá-la para dentro. É menos frio. Não é bom que pegue um resfriado. ─ Flynn agarrou o cotovelo de Angelina, olhou para a pensão e a guiou em sua direção. — Devaux me disse que os quartos delas estão no segundo andar - mais difícil para alguém tentar entrar furtivamente.

Angelina olhou para as janelas superiores. Não parecia haver maneira de alcançá-las facilmente. O barão era bem astuto. Ele prometeu lhe visitar quando retornasse a Londres e atualizá-la com notícias sobre Pierre.

Flynn bateu duas vezes na aldrava.

Uma criada cansada, de boné branco, vestindo um avental menos do que intocado, conduziu-os para dentro. A sra. Laroche, a proprietária, cheirando a perfume e usando um vestido vermelho-sangue e preto várias temporadas além do auge da moda, olhou-os desconfiada. A imensa pluma vermelha saindo de seus cabelos grisalhos avançava um pouco mais cada vez que ela falava.

Angelina tentou não olhar. A pinta em forma de coração acima do canto esquerdo da boca da sra. Laroche, se soltou e balançou como uma enorme mosca voando para morte.

Flynn deu um sorriso irresistível para a mulher e falou com ela em francês fluido. — *A mãe e irmãs de minha mulher estão aqui. Lorde Devaux, fez os arranjos*.

O comportamento frio da mulher evaporou tão rápido quanto gotas de água em um ferro quente. Seu olhar aguçado percorreu Angelina. — *Oui, je vois la semelhança. Elle est une beauté, non*?

— Aceitarei sua palavra sobre a semelhança familiar. Nunca conheci as outras. ─ Flynn levou Angelina um passo mais perto. Ele teve a audácia de piscar corajosamente para a sra. Laroche. — Mas sei que é preciso uma beleza para reconhecer outra.

A mulher deu um tapa no braço dele, o que só poderia ser interpretado como uma maneira de paquerar. Ela fez uma careta com a boca e golpeou os cílios grossos.

Angelina fingiu tossir na mão enluvada para disfarçar uma risadinha. Graciosa, a mulher de uns setenta anos teria sido um dia.

A sra. Laroche apontou para a escada mal iluminada. — Zah segunda porta na zah direita.

Angelina se apressou a subir as escadas, Flynn um passo atrás dela. Respirando fundo, ela bateu na porta.

Ninguém respondeu.

— Tem certeza de que este é o quarto correto? — Ela deu um passo para trás e verificou os dois lados da porta amarela desbotada diante dela. — Ela disse a segunda porta, não disse?

Flynn assentiu. — Tenho certeza que estão apenas sendo cautelosas. Talvez devêssemos ter pedido que um dos homens de Devaux nos acompanhasse para que soubessem que não há nada a temer.

Ele se aproximou e deu uma batida firme.

Um pouco de correria pôde ser ouvido no lado oposto antes do silêncio começar mais uma vez.

Angelina pressionou a orelha na porta. Dando um trio de batidas rítmicas, ela levantou a voz. — Martha, Lily, Iris, sou eu, Angelina. Por favor abram a porta.

A porta se abriu tão rapidamente que bateu contra a parede. Angelina agarrou a moldura para não cair de cabeça na sala. Em meio à exclamação de surpresa e deleite, ela foi envolvida em abraços e beijos exuberantes.

— Lina! Ficamos terrivelmente preocupadas contigo. — Lily disse, mergulhando em outro aperto.

Iris se afastou e limpou as lágrimas que escorriam de seus olhos. — Sim, tem sido simplesmente horrível, sem saber se estava segura e com a mãe doente.

Angelina sorriu para as irmãs. — Sentiram tanto a minha falta que vieram à Inglaterra me ver? — Ela brincou para aliviar o clima.

Os outrora vívidos olhos azuis de suas irmãs tinham um brilho assombrado. Sombras escuras espreitavam sob seus cílios inferiores, e uma expressão abatida pairava sobre suas bocas. Elas

perderam peso, sem dúvida o resultado de serem caçadas por Pierre, além de se preocuparem com a mãe.

Angelina as abraçou novamente. Ela sentira muita falta das gêmeas. Um rápido exame do cômodo surrado não mostrara sinais de sua mãe. A inquietação sussurrava uma rude especulação. Ela estava tão doente para sair da cama?

— Estou feliz em vê-la, senhorita Lina. — Martha estava com a família desde pouco depois do nascimento de Angelina. A criada estava radiante perto de uma porta do outro lado da apertada sala de estar.

Novas lágrimas ardiam nos olhos de Angelina. Ela não se importava se era apropriado ou não, correu para os braços da velha babá. — Oh, Martha, senti tanto sua falta.

De repente, consciente de que tinha deixado Flynn parado na porta, Angelina acenou para ele entrar. — Por favor, Flynn, entre.

Ele esperou no limiar, de chapéu na mão, assistindo pacientemente a reunião emocionada das irmãs.

— Quero apresentá-lo. — Ela tentou um sorriso aguado, procurando em sua retícula o lenço.

O lenço dele apareceu embaixo do nariz dela enquanto ela remexia em sua retícula. Como ele conseguia sempre ter um lenço limpo quando ela raramente encontrava o dela?

— Obrigado. — Ela secou as lágrimas e limpou o nariz.

Três olhares curiosos giraram entre ela e Flynn. Amassando o lenço em uma bola apertada, Angelina enfiou o pano na retícula e respirou fundo.

Deus! Que estranho. Apresentar seu novo marido, quando a última vez que as viu estavam no casamento dela - com outro homem. Não por isso. Melhor mergulhar no caos, como ratos em uma lixeira. — Eu gostaria de apresentá-las ao meu marido...

— Marido? — As gêmeas ofegaram em uníssono. Trocavam olhares azuis confusos e atordoados.

— Sim, nos casamos há quase duas semanas.

Lily e Iris explodiram com uma série de perguntas.

— Onde o conheceu?

— Como se conheceram?

— Foi em um baile?

— Foi amor à primeira vista?

— Calem-se, meninas. Deixem sua irmã terminar. ─ Martha deu a Angelina um movimento encorajador de sua mão. — Continue querida.

Angelina agarrou a mão de Flynn, precisando de sua força. Graças a Deus as gêmeas foram sensatas o suficiente para não mencionar Pierre. Talvez essa provação as tivesse amadurecido um pouco.

— Este é meu marido, lorde Bretheridge. Flynn, essas são minhas irmãs Angelisa-Lily e Angelica-Iris e ─ ela fez um gesto para a criada ─ esta é uma amiga de longa data da família, Martha Gibson.

Após uma pausa atordoada, as três mulheres mergulharam em reverências profundas.

— Um Lorde? Isso significa que é uma *lady*, Lina? ─ A excitação brilhava nos olhos de Lily. Sempre foi apaixonada por qualquer coisa relacionada à realeza ou nobreza. Ela ficou boquiaberta com Flynn. — O que ele é? Um visconde? Conde? Duque?

— Lily, fique quieta. Está sendo rude e impertinente. ─ Iris deu uma cotovelada nas costelas da irmã com muita suavidade. E Iris sempre se preocupou demais com as aparências.

Os lábios de Flynn se contraíram quando ele se curvou em um arco exagerado. — Flynn, marquês de Bretheridge, ao seu serviço.

— Um marquês, ─ Lily respirou, impressionada.

Até Iris parecia adequadamente impressionada, olhando para Flynn, os olhos arregalados de admiração.

— É um prazer conhecê-lo, Sua Senhoria. ─ Martha inclinou a cabeça respeitosamente.

— Martha? Meninas? ─ Sua mãe chamou fracamente por trás da porta fechada. — Eu ouço visitantes? Sabem o que o barão aconselhou...

Um acesso de tosse irrompeu do outro quarto.

Angelina agarrou a maçaneta trêmula e abriu a porta entortada. — Mamãe, sou eu. Eu vim para levá-las para casa.

Sua mãe, pálida como as roupas de cama, deitava-se em uma cama estreita. Almofadas nas costas e uma colcha desgastada

dobrada aos pés, apenas uma única vela iluminava escassamente a sala.

Ela tentou se empurrar nos cotovelos. — Angelina?

— Sim mamãe. Eu vim assim que lorde Devaux nos disse que estavam em Londres. — Afundando de joelhos ao lado da cama, Angelina apertou a mão da mãe. — Oh, mamãe.

Ela beijou a pele fria como papel quando as lágrimas inundaram seus olhos mais uma vez. — Tenho tanta saudade!

— Eu também, criança. — Outra rodada de tosse destruiu a estrutura fina de sua mãe. — Ora, que dia é hoje? 17 de julho?

— Sim, mamãe, é.

— *Feliz* Aniversário, minha querida. — Mamãe tocou a bochecha de Angelina. — Vinte e um.

Ela suspirou com uma expressão distante nos olhos. — Meu Deus, com que rapidez o tempo passou.

— Rezei para que estivesse bem quando chegássemos. — Angelina examinou a escassa sala novamente. O ar pairava espesso e enjoativo, cheirando um pouco a couve e cebola. Sem dúvida de alguém cozinhando no andar de baixo.

— Viu um médico? — Ela tirou uma mecha de cabelos grisalhos da bochecha de sua mãe. — Parece horrível."

Sua mãe assentiu fracamente. — Uma pessoa veio semana passada. Ele deixou um elixir, e Lily tem as ervas dela.

Mamãe acenou fracamente em direção à mesa precária aninhada sob a solitária janela. Uma cesta do tamanho de um chapéu e um pilão no almofariz estavam em cima. — Ela os está embebendo em chá e cataplasmas. Acho que eles estão ajudando mais do que aquelas coisas sujas que o médico me ordenou que tomasse.

Ela deu um tapinha na mão de Angelina e formou um pequeno sorriso, como se o esforço lhe custasse muito.

— Quem a acompanha? — Mamãe olhou para Flynn delineado na porta. — Por favor, entre e se apresente. O médico me garantiu que não sou contagiosa e que estou no caminho da recuperação.

Ela riu, uma gargalhada profunda no peito. — Esse cérebro de penas também pensou que um gole de uísque a cada hora ajudaria minha condição. Dada a sua estúpida aparência, eu acho que ele

cumpre a prática, exceto que provavelmente se entrega a um gole a cada quarto de hora.

Flynn caminhou até o lado da cama e fez uma meia reverência. — Sou Flynn, lorde Bretheridge.

Ele ajudou Angelina a se levantar. — Angelina é minha esposa.

A surpresa brilhava nos traços de mamãe, enquanto seus lábios pálidos se curvavam. — Então, Lina, aceitou meu conselho, afinal, e encontrou um belo rapaz.

Capítulo Vinte

— Já faz uma semana, Yancy. — Flynn jogou o baralho na mesa.

Ele esperou uma semana inteira depois de transferir as mulheres Ellsworth para sua casa na Berkeley Square, para que Yancy finalmente aparecesse com as evidências prometidas. Apoiando um pé no joelho, Flynn relaxou contra a cadeira macia e tamborilou com os dedos nos braços.

— Sim, bem, eu me atrasei um pouco em deixar Craiglocky. — Yancy torceu a boca em um sorriso zombeteiro. Nem um pingo de arrependimento registrado em sua expressão.

— Sem dúvida, uma beleza de olhos turquesa e cabelos castanhos o distraiu — murmurou Flynn, irritado. Ele olhou para o amigo, antes de voltar o foco para o baralho sobre a mesa. — Está marcado, sim. Como sabe que é do duque?

— Um lacaio descobriu que estava preso embaixo da almofada da cadeira em que Waterford estava sentado. — Yancy coçou o queixo, se inclinou para frente e virou a carta, tocando na ilustração. — E é pintado à mão. Notou a fina linha diagonal vermelha em nosso amigo, o rei, aqui?

Ele passou uma unha bem cuidada ao longo da estreita faixa carmesim.

Flynn se inclinou para mais perto e depois levantou um ombro. — E? Cartas personalizadas sempre diferem um pouco.

Um sorriso satisfeito rasgou o rosto de Yancy. — Quantos brasões de família ostentando uma faixa vermelha existem? Waterford não resistiu ao fato de acrescentar esse detalhe, o asno pomposo.

— Conhece o brasão dele? — Flynn pegou a carta novamente. Seu pai, sem dúvida, tocara nela, sem saber que estava marcada - ou que se sentiria obrigado a tirar a vida como resultado das trapaças do duque.

A marcação era inteligente. Um arranhão insignificante, na verdade. A menos que alguém soubesse o que procurar.

Flynn e Yancy sabiam.

— Waterford é um velho idiota tão pretensioso que usa todas as desculpas para exibir sua posição e sua riqueza. — Yancy riu severamente. Um brilho cruel entrou em seus olhos. — Aposto que posso encontrar o artista que pintou. Talvez até o baralho em que está faltando esta carta. Pode esmagar Waterford como uma formiga embaixo do dedo do pé com qualquer um deles. *Se* quiser.

Ele se reclinou casualmente no encosto de couro e tomou um gole de conhaque, esperando a resposta de Flynn.

Eu quero?

Pegando a carta, Flynn dirigiu sua atenção para a janela ao lado de sua mesa. Por cima da cerca paralela à casa, viu Lily e Iris. De braços dados e cabeças juntas sob uma única sombrinha, elas circundavam o compacto jardim lateral, aproveitando o sol do fim da tarde.

Uma cerca de ferro, quase escondida atrás da alta cerca de espinheiro, levava à rua. No lado oposto do jardim, um caramanchão de ferro fundido coberto de jasmim e madressilva, embaixo do qual estava um banco de mármore, fornecia um canto perfumado para aqueles que esperavam escapar do sol.

Choveu em Londres nos últimos cinco dias. Algumas nuvens tenazes pairavam no céu, ameaçando mais chuvas. Se reuniram ao longe, agourentas e negras - provavelmente uma tempestade.

De pé na grama, Gregor, solitário, guardava as mulheres. De braços cruzados, ele bocejava, o tédio evidente em seu rosto. Não era um homem acostumado à ociosidade.

O conhecimento do gigante escocês, de curar pelas plantas, causou atrito entre ele e Lily. Ele insistia que a sra. Ellsworth bebesse um chá de raiz de alcaçuz, gengibre e marroio para a tosse e os pulmões doentes. Lily não permitia a bebida, argumentando malva e olmo escorregadio eram muito melhores para tratar esses sintomas.

E o doutor Tuttle, o incompetente cabeça do bacalhau, queria sangrar a sra. Ellsworth e prescrever láudano para a *garganta podre e inflamada*.

Um Gregor irado e Lily praticamente acossaram o homem da casa. Eles chegaram finalmente a algum tipo de acordo sobre o

tratamento da sra. Ellsworth. No entanto, nenhum deles parecia inclinado a confiar totalmente no outro.

Por que Gregor nunca havia continuado seus estudos e se tornado médico ou alquimista? Ele certamente nutria um fascínio por tratar os doentes.

Flynn riu quando Gregor deu um suspiro, revirando os olhos para o céu. Bocejando e esticando os braços enormes, o escocês seguia as gêmeas para dentro de casa.

Flynn supôs que a ausência de Angelina no jardim significava que cuidava da mãe. A sra. Ellsworth não se recuperara como esperavam que ela fizesse. Sua condição não piorou, mas também não melhorou.

Angelina escreveu à duquesa e contou à tia sobre a chegada da sra. Ellsworth e seu estado de saúde enfraquecido. Uma resposta ainda não havia chegado. Pareceu-lhe bastante estranho que a duquesa e sua irmã não se vissem há duas décadas.

A preocupação com sua mãe também diminuiu. Dividido entre ficar em Londres para garantir que sua esposa e sua família permanecessem em segurança e fazer uma breve visita a Lambridge para ver sua família, optou por esperar. Em mais alguns dias, e se a Sra. Ellsworth não tivesse melhorado o suficiente para viajar, ele enviaria alguém para verificar o bem-estar da mãe. De fato, ele faria isso de qualquer maneira. Não fazia sentido atrasar.

Mas Flynn não podia - *não queria* - deixar Angelina.

Suas tentativas de cortejá-la estavam dando resultados insignificantes. Pelo menos ele pensou que tinha feito progressos. Os doces sorrisos que ela dava a ele tornaram um progresso difícil de determinar.

Nunca esteve tão inseguro com uma mulher antes. Antes de conhecê-la, as damas sempre se jogavam nele. Simplesmente escolhia a que preferia no momento.

Zeus, pareço um fraco abatido.

Na noite em que chegaram à casa em Mayfair, depois que todos se estabeleceram em seus respectivos quartos, Angelina o encontrou tomando um conhaque em seu escritório.

Apertando as mãos, seu olhar nervoso percorrendo a sala, ela deixou escapar: — Quero que saiba que a mamãe se expressou mal

quando sugeriu que eu segui seu conselho. Antes de partir para a Inglaterra, ela brincou comigo, um dia, sobre encontrar outro marido.

Angelina respirou fundo e se apressou. — Eu disse a ela que não estava interessada em me casar novamente. Por favor acredite em mim, quando digo que nunca...

— Eu acredito.

— Oh! Acredita? ─ Seu olhar afundou no chão. Ela parecia completamente perdida sobre como responder.

Flynn levantou-se e deixou de lado o copo. Dando alguns passos, ficou diante dela e pegou suas mãos. Ele beijou os nós dos dedos. ─ Sei que não planejou se casar comigo.

Acreditar nela era fácil. Flynn sabia em primeira mão sua relutância em se casar com ele. Isso parecia estar mudando, no entanto.

Ele rezou para que estivesse.

Na semana passada, Angelina estava preocupada em cuidar de sua mãe. Ficou satisfeito pela distração. Seus afazeres ajudaram-na a afastar sua mente de Davy.

Ela contara à família sobre o filho?

Achava que não.

As considerava demais para aumentar seus encargos, Angelina carregava suas aflições sozinha, sem reclamar. Isso era demais para alguém suportar. Ele esperava que com o tempo, ela aprendesse a confiar nele e compartilhar tudo.

Como o porquê dela ter escolhido aquele aroma específico que usava em seu perfume. A fragrância permanecia no ambiente muito tempo depois que ela saia e o levava quase a se distrair com o desejo toda vez que sentia o cheiro.

Ou por que ela cantava quando tomava banho. Ou se gostaria que ele lhe ensinasse francês. Ela gostava de champanhe ou pêssegos? Gostava de cavalgar ou de teatro?

Poderia ser feliz comigo - pelo resto de sua vida?

— Um centavo por seus pensamentos, ─ Yancy solicitou gentilmente, e não em sua maneira usual de brincadeira.

Estava tão absorvido em suas reflexões, Flynn havia esquecido que seu amigo esperava por uma resposta.

— Não tem importância agora. Estou casado e bem com Angelina. Se eu tivesse isso em minha posse ─ Flynn ergueu a carta e acenou, — de antemão, teria investigado o assunto e destruído Waterford. A trapaça pode não ter puxado o gatilho. No entanto, eu o considero o único responsável pela morte do meu pai.

Ele reprimiu a onda negra de raiva que o dominava. — Mas o ponto é discutível. Eu tenho uma esposa pela qual me importo profundamente. De fato, suponho que tenho com aquele velho urso uma dívida de gratidão por nos apresentar, embora me irrite até as solas dos meus pés admiti-lo. Ela vale muito mais para mim do que minha fortuna ou reputação. Até que meu orgulho.

Ele jogou a carta de lado.

Yancy dirigiu-lhe um olhar contemplativo. Ele ergueu o copo em um falso brinde. — Porque onde estiver seu tesouro, aí também estará seu coração.

— Exatamente. ─ Flynn sorriu amplamente, verdadeiramente otimista sobre seu casamento pela primeira vez.

Que ironia. As razões que obrigaram Angelina e ele a se casarem não existiam mais. Convencido de que nunca teriam se conhecido de outra maneira, não se arrependeria de sua falta de escolha no começo. Flynn não podia imaginar sua vida sem ela.

Em poucas semanas, ela se tornou parte integrante de sua existência. Como ela conseguiu fazer isso, ele não sabia dizer, e isso realmente não importava. Ele não era de questionar sua boa sorte ou uma bênção, uma vez disfarçada de maldição.

Ele deu um tapinha no bolso do casaco onde estava o presente de aniversário atrasado. Ele tinha certeza de que ela não se importaria com o atraso. Antes de jantarem hoje à noite, ele daria a ela seu presente.

Flynn voltou sua atenção para o amigo. —Vai ficar e jantar conosco?

Balançando a cabeça, o conde se levantou. — Não, prometi a Harcourt e Faulkenhurst que me aventuraria com alguns dos infernos de jogos esta noite.

— Eles também estão na cidade? ─ Flynn avançou para a porta, mantendo-a aberta enquanto Yancy passava. — Eu nunca entenderei por que vocês três perambulam pelo fedor de Londres

quando têm propriedades rurais confortáveis muito mais agradáveis nesta época do ano.

— Ainda há alguns divertimentos para um camarada destemido, meu amigo. Além disso, minha querida madrasta está residindo no Bronwedon Towers, o que significa que Matilda...

— Também está. — Flynn terminou. — Suponho que Cecily e Matilda estão empenhadas em fazer da jovem a próxima condessa Ramsbury?

Pobre Yancy. Desde que ele inesperadamente herdou seu título, há quatro anos, sua madrasta o atormenta incessantemente sobre um casamento entre ele e Matilda.

— Quantos anos tem Matilda agora, afinal? — Flynn olhou de soslaio para Yancy.

— Idade suficiente para tentar me encurralar no solário na última vez em que me aventurei em Bronwedon. E não acredito que seja a primeira vez que ela se envolve em tal comportamento. Yancy fez uma careta. — Não foi uma falta inexperiente, tenho certeza.

Ele estremeceu dramaticamente antes de dar um tapa no ombro de Flynn.

— Não se preocupe em chamar Jeffers, eu conheço a saída. — Yancy apontou. — Está lá. Aquela porta rósea pintada de maneira extravagante.

— Não é rosa, é roxo. Minha mãe escolheu a cor.

Apesar da agitação de Yancy, Flynn o seguiu do estúdio, suas botas estalando em uníssono no chão de parquet. — Vou levá-lo até a porta. Eu não me importaria de respirar ar fresco.

Ele passou a mão pelos cabelos. — Por Deus, fico feliz que a chuva tenha parado. Típico de Londres, nevoeiro ou chuva, quando o resto do país aproveita o sol.

Yancy pegou o chapéu e a bengala da mesa ao lado da entrada. Flynn tinha acabado de agarrar a trava quando alguém bateu rapidamente.

— Esperava outra pessoa? — Levantando uma sobrancelha, o conde vestiu o chapéu de castor.

Jeffers correu para a entrada, puxando suas luvas brancas. Ele diminuiu a velocidade, a incerteza gravada em seus traços austeros ao espionar Flynn já na porta.

Ele acenou para o mordomo de longe. — Eu atenderei, já que estou acompanhando a saída de lorde Ramsbury.

— Acho que esperarei para descobrir por que alguém o está visitando a esta hora, sem dúvida esperando um convite para jantar, — disse Yancy com um sorriso irônico. — É isso que acontece quando se tem um chef tão talentoso.

Flynn bufou, abrindo a porta. — Não julgue todos por seu próprio comportamento grosseiro, Yancy.

Lorde Devaux, um tanto animado, cumprimentou Flynn. Atrás do barão, pairava um punhado de homens, alguns perto de uma carruagem e outros segurando as rédeas de seus cavalos.

— Tem o hábito de atender a porta, milorde? — O barão arqueou uma sobrancelha.

Rindo, Flynn balançou a cabeça. — Não, quase nunca. Eu estava me despedindo de Ramsbury. Acredito que se conheceram de passagem em Craiglocky.

— É assim que chama aquele desastre? — Yancy avançou.

O conde e o barão sorriram em aparente compreensão mútua. Cada um deles tinha recebido a hospitalidade nada cordial das moças de Ferguson.

As apresentações foram feitas em pouco tempo. Yancy se despediu, assobiando uma melodia alegre enquanto caminhava pela calçada, balançando a bengala. Sua residência não ficava a mais de 800 metros de distância, o que às vezes podia ser irritante.

Flynn nunca sabia quando o sujeito apareceria para tomar um gole de conhaque ou para se divertir e irritá-lo com tolices sem sentido.

Jeffers pairava nervosamente no corredor, fingindo endireitar o buquê de rosas já perfeito como uma pintura exibido em uma mesa estreita.

— Entre, Devaux, antes que meu mordomo pense que não preciso mais dos serviços dele. — Flynn examinou os homens que permaneciam na rua. — Eles gostariam de visitar os aposentos dos criados para tomar um refresco?

— *Non*, não há necessidade. Demorarei apenas um momento. — Devaux atravessou o limiar cuidadosamente e se afastou obedientemente para que Jeffers pudesse fechar a porta.

— Seu chapéu e luvas, milorde? — O mordomo esperou ansiosamente ao lado de lorde Devaux.

— Desculpe, Jeffers. O barão não ficará. — Flynn reprimiu uma gargalhada pelo beicinho ofendido que se formou na boca do mordomo.

Com um fôlego ferido, Jeffers marchou com firmeza para o fim do corredor. Com um último olhar de desaprovação, ele ergueu o queixo, parecendo uma tartaruga gigante, e desapareceu na sala de jantar.

— Eu diria que ele está irritado com o senhor. — Um toque distinto de humor afiou a voz do francês.

Flynn fez uma careta. — Ele geralmente está. Por favor, meu escritório é por aqui.

Ele foi para o cômodo do qual saíra há pouco tempo.

Os passos de Devaux ecoaram atrás de Flynn. — Bretheridge, eu queria que soubesse. O navio de Pierre, *Ange de la Mer,* navegou com a maré desta manhã.

No meio do escritório, Flynn se virou. Ele estreitou os olhos, uma nova ira chicoteando sua fúria. — O navio dele se chama *Anjo do Mar*?

Com seus lábios apertados em uma tira fina, o barão assentiu. — Uma coincidência que não posso negar. Juro que fora nomeado assim antes que ele conhecesse sua esposa. Bastante irônico quando se considera a carga dele.

— De fato. — Flynn descansou as mãos nos quadris. — E Renault navegou junto? Sabe isso com certeza?

— *Oui.* — Devaux avançou mais para a entrada. Ele esfregou os dedos ao longo da aba do chapéu. — Eu verifiquei com o oficial do porto. Pierre foi visto embarcando no navio ontem à noite e parado na proa quando ela navegou ao amanhecer.

Um alívio inebriante passou através de Flynn.

Angelina está segura.

— Eu mostrei um retrato ao funcionário para ter certeza. O homem estava certo de que Pierre subiu a prancha. — O barão enfiou a mão no bolso do casaco.

Flynn não podia mais negar a si mesmo uma visão do atormentador de Angelina do que poderia ignorar seus sentimentos

crescentes por ela. O homem que olhava no retrato em miniatura era irrefutavelmente bonito, exceto pela indiferença em seus olhos e a curva cínica nos lábios.

Com um aceno agudo, Flynn indicou que tinha terminado de estudar a imagem. — Para onde o navio se dirige?

— Ele deve pegar mercadorias na França. Nantes, para ser preciso, que é o centro do comércio de escravos. ─ Devaux enfiou a miniatura no bolso. — Ele navegará para Gibraltar e de lá, Bombaim.

Flynn examinou brevemente a entrada e os corredores, assegurando-se de que estavam sozinhos. Essa conversa seria melhor servida na privacidade de seu escritório. Não era possível dizer como Angelina ou as gêmeas reagiriam se o encontrassem conversando com Devaux.

— Tem certeza de que não vai se juntar a mim no meu escritório? ─ Flynn gesticulou em direção à porta aberta.

— *Non*, eu gostaria de estar no próximo navio para a França, e tenho muito o que fazer esta noite antes de navegar com a maré.

Ele colocou o chapéu. — Esse *bâtard* não suporta muito desconforto. Uma viagem desse tamanho está além dele. Eu poderia jurar, sobre túmulo de minha mãe, que ele desembarcará na França.

Seus olhos endureceram, nem um pingo de misericórdia em suas profundidades frias. — Pretendo prendê-lo em nossa terra natal, onde espero dar queixas contra ele pelo assassinato e, se puder provar, por sequestrar mulheres.

— Acrescente bigamia a essa lista, sim? ─ Pediu Flynn, nem um pouco desconcertado pelo nó de ódio em suas entranhas em relação a um homem que nunca havia conhecido.

Devaux virou-se para a porta. Ele fez uma pausa, voltando para encarar Flynn mais uma vez. — Se não for usar mais meus homens, os levarei comigo. Ainda tem os escoceses aqui?

— Sim, certamente, leve-os. ─ Flynn mal podia esperar para contar a Angelina. Seu alívio seria profundo, assim como o de sua família. — Com Renault desaparecido, não precisamos mais de guardas. Mandarei também os escoceses para casa amanhã.

* * *

— Entre. — Angelina equilibrada em um pé, uma mão em sua penteadeira para ter estabilidade. Ela se inclinava para puxar um chinelo de miçangas. Ela chegaria atrasada para jantar novamente se não se apressasse. Um estrondo de trovão anunciava a chegada da tempestade que a tarde toda fora pressagiada.

Dando um puxão firme, o sapato deslizou sobre os calcanhares. Três vezes nesta semana, ela correu para a sala de jantar para ver os outros já sentados antes dela. Flynn sempre dava um sorriso paciente. Ela observava sua mãe todas as noites antes de jantar, e às vezes levava mais tempo para fugir do que Angelina previra.

Se endireitou e soltou um grito assustado quando esbarrou em um sólido corpo masculino. Se torceu para espiar atrás dela.

— Flynn, pensei que era uma das garotas. — Ela riu do absurdo da declaração. O corpo que pressionava o dela era tudo menos feminino. Ela tentou se virar, mas ele a parou colocando as mãos nos ombros nus dela.

Uma onda de desejo quase fez seus ossos derreterem contra ele. Quando um trovão balançou a casa novamente, ele deu um beijo em sua nuca. Ela pulou. Meu Deus, ela ia se dissolver aos pés dele, como creme quente em uma torta Devonshire.

Ele tocou a manga de seu vestido turquesa. — Estou muito feliz que esteja usando esta cor hoje à noite. Tenho algo para lhe dar.

— O que é? — Ela esticou o pescoço para espiar atrás dela.

Ele tirou uma longa caixa de veludo preto de dentro do casaco.

Ela se contorceu na tentativa de afastá-lo para poder se virar. Ele não se mexeu, e permaneceu pressionado firmemente nas costas dela. Uma imagem muito travessa entrou em sua mente. Certamente, isso não era possível. *Ou era?*

Pela primeira vez, ela notou que ele não estava vestindo preto. Ele vestia um casaco azul esfumaçado. A cor fez de seus olhos um rico e divinamente sensual verde mar.

— Dobre o pescoço — sussurrou Flynn, seu hálito quente acariciando-a.

A respiração dela ficou presa. *Deus me ajude*.

Ela colocou o queixo no peito, tanto para obedecê-lo quanto para esconder o rubor que coloria suas bochechas.

Colocando um colar em seu peito, Flynn gradualmente puxou o pingente até as pedras frias descansarem uma polegada acima de seu decote.

— Feliz aniversário, Lina. ─ Os nós dos dedos acariciaram sua nuca. — Desculpa estar atrasado.

— Oh, Flynn, eu não esperava nada. ─ Ela tocou suavemente a jóia. — É uma esmeralda?

— É de fato. De um raro azul, embora possa ver uma pitada de verde em suas profundezas também. ─ Ele prendeu o fecho, e o colar afundou mais baixo. O mesmo aconteceu com as mãos dele até que descansassem na curva de suas costelas, a um fio de cabelo de seus seios.

Se ela cedesse um mínimo...

Um fio com a as melhores e perfeitamente combinadas pérolas que ela já vira, repousava em seu peito. Uma incrustação triangular de ouro forrado com diamantes anexava às pérolas uma esmeralda em forma de lágrima do tamanho de seu polegar.

— É brilhante. Obrigada. ─ Ela tocou as contas no pescoço. — Eu sempre apreciei isso.

— Também têm brincos. ─ Ele a soltou. Abrindo sua mão, deixou cair um par de brincos de pérola e esmeralda na dela.

Colocou-os nas orelhas, ajeitou alguns cachos pendurados e examinou o resultado no espelho. Ela tocou a pedra vibrante em seu peito novamente. — Eu nunca vi nada tão adorável.

— Eu sim. ─ Ele olhou para o reflexo dela, orgulho possessivo escurecendo seus olhos. Seu sorriso era sedutor e triunfante. — É da mesma cor que seus olhos ficam depois que eu a beijo.

Ela engoliu em seco. — É?

Droga. Era incapaz de ser um pouco sofisticada? Sua voz soara como um sapo coaxando, pelo amor de Deus. Um sapo meio morto, ainda por cima

— É verdade. ─ Ele arrastou um dedo pelo pescoço dela, através de um ombro, e depois para o tesouro aninhado entre seus seios. — Confesso, estou curioso.

Oh, meu Deus.

Ela abafou um gemido.

— Curioso? ─ Ela conseguiu parecer quase normal.

Se o fôlego sensual e completamente devasso for normal, é claro.

Ele a virou em seus braços. Sua cabeça avançou mais para baixo até que seus lábios pairaram acima dos dela. — Sim. Eu me pergunto qual será a cor dos seus olhos enquanto fazemos amor. E depois, quando tivermos concluído.

O cheiro de sua colônia sutil e picante flutuou por seu nariz. Ela apertou as lapelas dele para ficar de pé. Os joelhos moles não serviam para nada, aquelas coisas ridículas e fracas.

Então seus lábios encontraram os dela. Todo pensamento sensível voou em face de sua paixão. O tempo parou quando ele explorou as profundezas da boca dela. Ela acariciou sua língua com a dela, duelando com a dele. Era difícil dizer qual respiração áspera ecoava mais alto no quarto.

O homem certamente sabia como seduzir. Todos os nervos do corpo dela cantavam. Ele tocou seus sentidos como o arco de um maestro nas cordas de um violino.

Angelina estava pronta para levantar as saias e deixá-lo seguir o seu caminho. Com o pensamento espontâneo, uma memória de outro dia semelhante a lançaram rudemente à lucidez mais uma vez.

Não, este é Flynn. Ele não é nada como Charles.

A porta se abriu com um baque retumbante. Eles se separaram culpados.

Iris estava parada na entrada ofegante, com o rosto horrivelmente pálido. — Lina. Venha rápido. Algo está errado com a mamãe.

Capítulo Vinte e Um

Angelina correu do quarto, as saias levantadas até os joelhos.

Os passos de Flynn ecoaram atrás dela.

O medo terrível sibilava em seus ouvidos enquanto ela subia as escadas correndo. Virando a esquina, ela viu Martha tensa e perturbada ao pé da cama.

Lily chorava com as mãos cobrindo o rosto, o braço de Martha sobre seus ombros.

Gregor se inclinava perto de sua mãe, segurando uma tigela fumegante. — Sra. Ellsworth, precisa se acalmar. Inspire isso. Vai relaxá-la, para que possa respirar.

Lágrimas escorriam dos olhos de sua mãe, que se esforçava para respirar, mas apenas conseguia dar alguns suspiros curtos e sibilantes.

Iris passou por Angelina e correu para sua gêmea.

— O que está acontecendo? Por que ela não consegue respirar? ─ Angelina correu para a mãe.

A atenção de Gregor permanecia concentrada em sua mãe. — Ela está tendo um ataque de asma. Combinado com sua doença respiratória, ela não consegue aspirar ar para os pulmões.

Ele desviou o olhar para as mulheres frenéticas aos pés da cama. — Senhorita Iris, preciso de uma toalha e, ─ apontou para uma mesa, — aquele tônico que fiz ontem.

— Sra. Gibson, traga mais água quente e uma bacia maior, por favor. Senhorita Lily, precisamos de um pouco de ar aqui. Este quarto está sufocante. Abra as cortinas e a janela.

As mulheres se apressaram para cumprir sua ordem.

— O que posso fazer? ─ Angelina pegou a mão de sua mãe. Seu estômago revirou com o terror que via no rosto dela. — A senhora vai ficar bem, mamãe. Deve fazer o que Gregor pede. Tente respirar o remédio.

Ela gentilmente incentivou a mãe a se aproximar da tigela. — Vamos agora, assim.

Gregor pegou o tônico e apontou para a toalha que Iris segurava. — Coloque sobre os ombros de sua mãe.

— Bretheridge, preciso de minhas plantas e ervas. — Ele olhou para Flynn. — Pode buscá-las para mim?

— Imediatamente. — Dando um sorriso rápido e tranquilizador para Angelina, ele saiu do quarto.

O som dos passos dele, que começava a correr, sacudiam o corredor. O calor que a preenchia mais uma vez, foi imediatamente apagado pelo ar úmido que entrava na sala.

Lily correu da janela para ficar ao lado de Iris. Elas se deram as mãos.

Martha bufava na sala, como se tivesse corrido o caminho inteiro para a cozinha e de volta. Ela carregava uma chaleira em uma mão, o cabo enrolado em uma toalha. Correndo para a mesa, ela colocou a panela sobre outra toalha dobrada e foi para arrebatar a bacia no lavatório.

Flynn voltou ao quarto carregando duas bolsas de couro de formato estranho.

— Milady, posso pedir que segure isso para mim? — Gregor passou a tigela para Angelina.

Com um braço apoiando os ombros da mãe, Angelina sentou-se ao lado dela na cama. — Respire fundo. Eu sei que é difícil, mamãe. Tente relaxar. Acho que a senhora já está parecendo melhor.

Alguns momentos depois, Gregor removeu a toalha e ofereceu uma xícara de chá tão fina como uma casca de ovo. — Pode beber isso? É um tônico para a asma.

A mãe delas assentiu fracamente. Não tentou falar.

Angelina segurou a xícara nos lábios de sua mãe.

Sua respiração, embora irregular, tinha parado de assobiar. Um pontinho de cor voltou às suas bochechas.

Angelina ajudou a mãe a relaxar nos travesseiros, assegurando que estivesse sentada.

Lily foi até a mesa, estudando silenciosamente a variedade de plantas que Gregor havia arranjado. Ela pegou um raminho seco. — Poderia me ensinar sobre elas?

A boca do escocês abriu, mas seus olhos se iluminaram. — Sim, fico feliz em ensiná-la.

Ele parecia quase tímido quando se aproximou e começou a explicar as diferentes ervas para Lily.

Angelina trocou um olhar rápido com Flynn. Seus lábios tremiam? Quantos anos Gregor tinha? Aparentemente, não muito velho, pela maneira apaixonada que Lily olhava para ele.

Céus, isso não seria algo mais?

— Li...? ─ Sua mãe pigarreou e tentou novamente. — Lina?

Angelina se inclinou para ouvir melhor. — Sim mamãe?

— Preciso lhe falar. Em particular. ─ Sua voz mal era um sussurro, seus olhos continuavam fechados.

Todos se viraram para encará-la.

— Claro. ─ Angelina deu um tapinha na mão de sua mãe e olhou ao redor da sala. — Se importariam de nos dar um momento?

Gregor e Lily prontamente começaram a guardar seus remédios, enquanto Iris e Martha coletavam os outros itens espalhados pelo quarto.

Flynn pegou a toalha da cama. — Encontrarei-a lá embaixo. Pedirei a Cook que aguarde para servir o jantar.

Ele olhou fixamente para o pingente, antes de levantar os olhos para encontrar os dela. Com uma piscadela, ele saiu da sala junto com Gregor e as gêmeas.

Ele fez isso de propósito - lembrou a Angelina da conversa sedutora. Apesar do rubor esquentando seu rosto mais uma vez, seu coração acelerou alegremente. Patife encantador.

E ele é meu.

De onde isso veio? Não se importava com a ideia. Talvez, apenas talvez, ela *pudesse* confiar nele, e que não partiria seu coração.

— Lucille, me sentarei contigo, quando terminar de falar com Lina. ─ Martha hesitou na porta. Seu olhar percorreu Angelina, e seus olhos castanhos franziram com carinho. — Trarei um pouco da sopa de galinha que Cook está fervendo no fogão. Há pão fresco também. Cheira divinamente.

— Obrigada, minha querida amiga. ─ Sua mãe deu a Martha um sorriso fraco.

Martha fechou a porta suavemente.

Angelina mudou para uma posição confortável ao lado de sua mãe. — O que queria dizer?

Sua mãe se ergueu mais ereta. Ela apontou para o armário. — Tem uma mala lá dentro. No fundo, embaixo de algumas roupas e outras coisas, há um pequeno baú trancado. Poderia buscá-lo para mim, querida?

— Tem certeza de que está bem para fazer isso? ─ Angelina tocou a mão de sua mãe. — O que está no baú não poderia esperar?

Poucos minutos atrás, mamãe esforçava-se para respirar, Angelina temia que pudesse morrer.

— Não. Eu adiei isso por tempo demais.

Sua mãe enfiou a mão no decote da camisola e retirou uma corrente. Uma chave pendia dela. Esfregou-a entre o polegar e o indicador, uma expressão melancólica sombreando seu rosto. — Vá em frente, me traga a caixa.

Sua mãe podia ser muito teimosa quando se dedicava a algo.

Angelina reprimiu um suspiro quando deslizou para fora da cama. Vasculhando o armário, ela encontrou a valise. Depois de remover vários itens e colocá-los no chão, descobriu a caixa de madeira; uma coisa antiga e encantadora adornada com belas gravuras florais.

Ela carregou o recipiente para a mãe. — Olha, aqui está.

A mãe dela precisava de privacidade?

— Deseja que eu fique?

Sua mãe lançou-lhe um olhar surpreso. — Sim, querida. Afinal, é sobre você.

Colocando a caixa no colo, olhou a mesa do outro lado da sala e franziu a testa. — Onde está a bebida que Gregor me disse para tomar?

— Bem aqui. ─ Angelina pegou o copo da mesa de cabeceira.

Sua mãe deu um longo gole. — Eu gostaria de ter tido essa mistura a mais tempo. Minha respiração já melhorou bastante.

Lily nunca deveria saber. Ela se sentiria horrível e se culparia pela falta de recuperação de mamãe.

— Sente-se, Lina. Me deixa nervosa pairando assim sobre mim. É pior do que uma mãe gata com gatinhos recém-nascidos, pelo amor de Deus. ─ Sua mãe tomou outro gole. Suspirando contente, ela devolveu o copo à mesa.

Angelina puxou uma cadeira ao lado da cama. Felizmente ela estava sentada. O incidente de sua mãe causou um estrago em seus nervos.

Tentando inserir a chave na fechadura, sua mãe se atrapalhou por um momento. Ela riu conscientemente. — Não a abro há algum tempo e meus olhos não são mais o que costumavam ser.

Por fim, a fechadura cedeu com um clique suave. Com uma expressão solene, sua mãe olhou para a caixa. Ela correu um polegar ao longo de sua borda recortada.

— Eu pensei que ia morrer hoje à noite. ─ Ela levantou os olhos cheios de lágrimas para os de Angelina. Um brilho assombrado pairou em suas profundezas. — E percebi que não poderia ir ao meu túmulo sem lhe contar a verdade.

— Não fale de morrer. Irá melhorar. Acabou de dizer que já está se sentindo melhor. ─ Angelina torceu a testa enquanto acariciava o braço da mãe. — Tenho certeza de que não há nada de tão importante que não possa esperar até que se recupere para me mostrar.

Ela olhou para a caixa. Uma voz interior lhe disse que ela não queria saber o que o baú despretensioso continha.

Às vezes, é melhor não revelar os segredos.

Davy.

Angelina ainda não tinha sido capaz de contar à mãe sobre o filho. Ela nunca poderia. — Por que não esperamos até amanhã?

— Não, eu fui egoísta e deixei o medo me manter em silêncio por muitos anos. Merece saber a verdade. O que fará com isso ─ sua mãe levantou um ombro frágil, — suponho que isso depende de você.

— Mamãe, por favor...

— Não posso carregar esse fardo sozinha, Lina. Não sou forte o suficiente. Não mais. ─ As lágrimas brotaram nos olhos de sua mãe novamente.

Angelina apertou sua mão frágil. — Está tudo bem. Pode me dizer. Nós podemos ser fortes juntas.

Embora não soubesse, como conseguiria mais força. Seu reservatório tinha acabado. Estava vazio. Tinha esgotado.

O rosto de Flynn flutuou em sua mente, trazendo uma sensação pungente de paz. Forte e poderoso, ele emprestaria sua força.

Não, ela já havia tirado muito dele.

Sua mãe abriu a tampa. Cuidadosamente retirou uma pilha fina de cartas amarradas por uma fita vermelha desbotada.

— Estas são do seu pai. Eu o conheci quando tinha quase dezoito anos. Ele veio a Ayrshire para caçar com os amigos em um fim de semana. — A mãe dela passou os dedos pelos papéis amarelados. — Eu estava me recuperando na casa dos meus avós. Minha família tinha ido a Londres para se preparar para a apresentação de Camille, embora ela já tivesse aceitado uma oferta de casamento.

— Recuperando? Estava doente? — Angelina chutou os chinelos.

— Não. Eu tinha sido jogada do meu cavalo e bati minha cabeça em cima do muro. Quase morri. O médico ordenou que eu ficasse na cama por seis semanas. — Ela desamarrou o laço desfiado.

— Nada mais extenuante do que uma caminhada tranquila de quinze minutos era permitida depois. Essa restrição durou várias semanas, portanto, viajar estava fora de questão. — Ela tocou a lateral da cabeça. — É por isso que às vezes tenho dores de cabeça terríveis.

— Oh, mamãe, que horror. — Angelina não conseguiu reprimir o suspiro. Por que ela não tinha dito isso antes? Não parecia haver necessidade de sigilo sobre o assunto. Pensou enquanto brincava com a gema pendurada no pescoço. — Tia Camille foi prometida antes de sua primeira temporada?

Uma expressão de dor gravou o rosto abatido de sua mãe. — Sim, havia sido combinado entre as famílias quando éramos crianças.

—Sabe que pais... — soltou um suspiro desanimado — manipulam os filhos para seu próprio benefício.

Sim, o pai da Angelina também parecia ter tentado fazer isso. Ele a amarraria ao seu amigo repulsivo, Sr. Stockton, sem pensar duas vezes. — Achei bastante grosseiro de sua família ir para Londres e tê-la deixado para trás.

Ela se mexeu na cadeira e acenou com a mão. — Certamente, a apresentação de tia Camille poderia ter esperado, principalmente se ela já estivesse noiva. Deveria ter sido a sua primeira temporada também.

— Eu não me importei. A ideia de uma temporada me aterrorizava. De qualquer forma, me apaixonei loucamente por seu pai no momento em que o vi no lago. ─ Mamãe relaxou contra os travesseiros, sua fadiga era óbvia.

Ela tocou a corrente no pescoço. — Não fui uma senhorita promíscua, juro. Eu insisti que nos casássemos antes de nós...

Uma tonalidade rosa varreu o rosto de sua mãe, sugerindo a garota jovem e vulnerável que tinha sido.

Embora tenha achado as revelações bastante desconcertantes, Angelina tentou digerir o que sua mãe compartilhava. Esta era a primeira vez que ela ouvia falar de seu pai caçando.

Brincando com seu anel de casamento, ela procurou em sua mente. Não se lembrava de um único momento dele em que manuseasse uma arma de fogo. E, não queria ser indelicada, mas simplesmente não *nunca* conseguiria imaginar a mãe tendo sido *loucamente* apaixonada por ele

Angelina sabia há muito tempo que no casamento de seus pais faltava algo. Apesar de sempre impecavelmente educados, faltava fogo, sem paixão que fervesse entre eles.

Sem argumentos.

Nenhum abraço roubado.

Nada.

Embora ela nunca tenha pronunciado uma palavra desrespeitosa contra ele, sua mãe não estava com o coração partido quando seu pai morreu.

Aliviada descreveria melhor sua reação.

Sua mãe fechou os olhos, seu embaraço momentâneo aparentemente atrás deles. — Nós nos casamos imediatamente. É fácil de fazer isso na Escócia. Seu pai insistiu que mantivéssemos

em segredo o casamento até que meus pais retornassem para que pudéssemos anunciar nossas boas notícias juntos.

Seus lábios se curvaram em um sorriso trêmulo, e suas pálpebras se abriram. Tristeza e resignação residiam lá.

— Veja, não é tão ruim assim. Tudo deu certo. ─ Sua mãe se importava tanto por ter se casado secretamente? Céus, não era um pecado e de modo algum uma novidade, na época ou agora - especialmente na Escócia.

— Não querida, não entendeu. ─ Caindo nos travesseiros, aquele brilho distante apareceu em seus olhos novamente.

— Richard não era seu pai, ─ ela sussurrou, frágil e exausta. — Eu conhecia o homem que te gerou simplesmente como Edward Pennington. Não conheci o nome completo dele até mais tarde.

Papai não era meu pai de verdade?

Lágrimas escorregaram por baixo dos cílios de sua mãe.

— Ambrose...

Ambrose?

— James Simon Edward...

— Não, não... ─ Angelina saltou da cama, uma mão na garganta. — Bom Deus. Não o tio Ambrose!

* * *

Onde estava Angelina?

Flynn abriu seu relógio de bolso para... confundi-lo. Tinha perdido a conta de quantas vezes verificara o relógio.

Ela não tinha descido as escadas.

Depois de esperar meia hora, ele pediu o jantar. Mais três quartos de hora se passaram. O lugar dela permanecia vazio.

O barulho de talheres enquanto os que estavam sentados ao redor da mesa jantavam, era interrompido apenas pelas perguntas respeitosas dos criados quando um prato novo chegava ou um precisava ser limpo.

Gregor e as gêmeas pareciam tão pouco dispostos a falar quanto ele. Seus olhares preocupados se dirigiam para a entrada da sala de jantar em intervalos regulares.

Angelina não vinha.

Flynn bebeu o copo de vinho. De pé, ele colocou o guardanapo de lado. — Por favor, me dêem licença.

Não esperou para ouvir seus murmúrios de consentimento. Saiu da sala, tentando procurar sua esposa. O que havia acontecido entre ela e sua mãe que impediu Angelina de se juntar a eles?

Subindo as escadas, dois degraus de cada vez, ele correu pelo corredor para o quarto dela. Ficou do lado de fora da porta, a incerteza o dominando. Ela estava lá dentro ou ainda no quarto da mãe?

Bateu suavemente e tentou a trava. A porta se abriu, revelando um interior escuro.

Flynn já ia fechar a porta.

O som de choro pegou seu ouvido.

— Lina?

Ele entrou no quarto e tentou localizá-la na escuridão.

Angelina estava sentada em uma poltrona diante da lareira. Os reflexos dourados em seus cabelos a denunciaram. As cortinas continuavam abertas, e alguns fracos raios de luar brilhavam bravamente entre as nuvens. Um deles tocou a cabeça dela em uma carícia celestial.

— Por que está sentada no escuro?

Depois de pegar uma vela no corredor, Flynn localizou um castiçal em uma mesa. Acendeu a chama e fechou a porta.

Ele se aproximou dela.

Encolhida na cadeira, os joelhos dobrados no peito, ela chorava como uma criança castigada.

Ele se agachou e tocou seu ombro. — O que aconteceu?

Balançando a cabeça, ela cobriu o rosto com a mão e continuou chorando baixinho.

O que em santo nome de Deus sua mãe disse a ela?

Flynn levantou-se e pegou Angelina em seus braços. Ele deu meia volta antes de carregá-la para a cama.

Ela não protestou.

Ele se sentou na beira do colchão e a embalou em seus braços, o rosto pressionado contra o peito. Tocando seus lábios nos cabelos perfumados, sua mente disparou.

Ela estava tão perturbada quanto depois de perder o bebê. Com cada um de seus soluços trêmulos, seu coração se contorcia.

— Diga-me, Lina. Por favor, diga-me para que eu possa ajudá-la. ─ Ele beijou sua cabeça novamente, desesperado para confortá-la.

— Eu sou ilegítima, ─ ela sussurrou.

O choque momentâneo o fez endurecer. — Perdão?

— Richard Ellsworth não era meu pai. Um homem chamado Pennington era... é.

Ela não estava fazendo sentido. O pai dela estava vivo?

Flynn levantou seu queixo, forçando-a a encontrar os olhos dele.

A miséria e a dor assombravam as piscinas verdes.

— Sinto muito. Eu não entendo. ─ Ele tocou sua bochecha úmida, enxugando as lágrimas. — Por favor, explique tudo para mim.

O rosto dela enrugou. Novas lágrimas caíram de seus olhos.

Inclinando Angelina para longe de seu peito, Flynn retirou o lenço do casaco. Ela nunca parecia ter um quando necessário.

Essa seria uma das primeiras ordens ao serviço. Encomendaria uma dúzia para ela. Não, duas dúzias. Melhor ainda, uma centena dessas amaldiçoadas coisas e as acumularei em todos os cômodos - e também nas carruagens.

Com os olhos fechados e ligeiramente franzidos, como se sentisse dor, ela deixou a cabeça cair no ombro dele.

Ele desdobrou o lenço e limpou seu rosto com ternura. — O que aconteceu? Por que diz que é ilegítima?

Ele enxugou uma lágrima persistente no canto do olho e apertou seu abraço sobre ela. — Conte-me.

Seus cílios, espetados pelas lágrimas, jaziam como fitas escuras nas bochechas pálidas. Ela abriu os olhos.

A agonia que brilhava em suas profundezas o esfaqueou.

— Mamãe conheceu um homem antes de papai.

— Esse sujeito, Pennington?

— Sim. ─ Ela assentiu contra o ombro dele. — Se apaixonou por ele e eles se casaram secretamente na Escócia.

Flynn murmurou contra sua orelha: — Isso dificilmente faz com que seja ilegítima, meu amor.

Ela respirou fundo. — Mas eu sou. Pennington já estava noivo. O patife apenas procurou usar mamãe para... bem, como Pierre me usou.

Meu Deus, isso traz a deslealdade e a traição de Renault à frente da mente de Angelina mais uma vez, fazendo-a reviver a dor.

— Mas se ele se casou com sua mãe, o noivado não era válido.

— Foi o que eu disse. — Angelina encontrou os olhos dele por um instante antes que os dela caíssem para o pescoço dele. — Depois que ele abandonou mamãe, ela procurou o clérigo que os casou, esperando que ele soubesse como entrar em contato com meu pai. Ela descobriu que não tinha sido um clérigo da igreja que havia realizado a cerimônia. Apenas um sujeito contratado e seus companheiros ansiosos por algumas coroas.

— Que desprezível... — Flynn fechou a boca com força. O que ele queimava para dizer não era para os ouvidos de uma mulher.

— E esse diabo convenceu sua prometida a se casar com ele imediatamente por meio de uma licença especial. Eles partiram, felizes como grilos, para uma lua de mel de três meses no continente. — A voz de Angelina tremia de fúria.

Ela limpou uma lágrima e ofereceu a ele um sorriso trêmulo. — Aposto que nunca acreditará que não sou dada a lágrimas.

Ele deu um beijo no nariz dela. — Teve muitos motivos para lhe causarem lágrimas ultimamente.

— De fato. — Ela respirou trêmula, depois soltou o ar, pouco a pouco. — De qualquer forma, o casamento não deveria ocorrer por mais alguns meses. Veja bem, a irmã da noiva se recuperava na Escócia de um acidente quase fatal.

Uma estranha premonição deslizou pelos sentidos de Flynn.

Com as pernas entorpecidas pelo ângulo estranho no qual a segurava, Flynn colocou Angelina no colchão.

— E onde estava sua mãe nisso tudo? Certamente ela teria algo a dizer.

— Minha mãe era a irmã convalescente. — Angelina virou o rosto e olhou para a vela na mesa de cabeceira. Ela suspirou e pressionou a mão na testa. — O duque de Waterford é meu pai.

Um assovio baixo escapou dos dentes cerrados de Flynn. — Ele sabe?

Sua garganta oscilou quando ela engoliu duas vezes.

Isso devia ser torturante para ela.

— Sim, mamãe escreveu e disse a ele. Ele enviava dinheiro de vez em quando. Para mantê-la quieta, tenho certeza.

Ou porque foi compelido pela culpa.

Deus amaldiçoe o devasso.

Angelina olhou em sua direção. — Tia Camille não sabe, é claro.

— Isso é compreensível. ─ Pegando a mão dela na dele, ele traçou um círculo na palma. — Estou curioso. Por que sua mãe não reconheceu Waterford ou pelo menos soube o nome dele?

Afastando uma mecha de cabelo do rosto, ela franziu a testa. — Mamãe nunca tinha posto os olhos no duque até que eles se conheceram acidentalmente. Ela só ouvia se referirem ao noivo de tia Camille por seu título de cortesia, Conde de Percy.

Flynn procurou em sua memória. — Não tenho autoridade sobre as leis do casamento escocês, mas tenho certeza de que não é necessário um clérigo para realizar a cerimônia desde que os participantes estejam de acordo e houver testemunhas.

Ela não respondeu. Ela o ouviu? Com os olhos arregalados e o rosto pálido, ela olhava fixamente para o dossel. O que estava pensando?

— Angelina, entende o que isso significa? ─ Ele tocou no braço dela. — Waterford é o último de sua linha legítima. É a herdeira legal dele.

Capítulo Vinte e Dois

Angelina lançou um olhar assustado para Flynn. — Mas mamãe não sabia disso?

— Talvez. — Ele deitou de lado ao lado dela e apoiou a cabeça na mão. Seu sorriso gentil a encorajou a continuar.

— Quando mamãe soube do casamento, descobriu que me carregava em seu ventre. — Tocando a barriga, Angelina lembrou-se de seu bebê. Ela teria feito qualquer coisa para protegê-lo. Diante de Flynn, ela piscou várias vezes contra as lágrimas nos olhos.

— Mamãe quase perdeu a cabeça de preocupação. Ela mal podia esperar para eles voltarem da lua de mel. Ela estaria muito adiantada, e tia Camille também poderia estar grávida a essa altura.

Angelina lançou um olhar para a porta, preocupada que alguém estivesse espionando. — E ela estava, sabe. Pembrose é apenas dois meses mais nova que eu.

— Então, para lhe proporcionar um pai e proteger a irmã de um escândalo hediondo, sua mãe se casou com Ellsworth. — Flynn esfregou o queixo, com um brilho especulativo nos olhos. — Mesmo que ela soubesse que os casamentos não eram válidos.

— Sim. — Angelina apertou os lábios e enfiou os dedos na manta, em um esforço para controlar a raiva que cantava em seu sangue. — Waterford merecia ser açoitado.

Senhor, papai também sabia?

Ele sabia.

E foi por isso que ele e mamãe deixaram a Escócia e se mudaram para Salem.

Angelina sabia disso no fundo de sua alma. Ela sempre sentiu a rejeição dele e a atribuia às suas feições *profanas*.

Seu pai não suportava olhar para ela. Não porque ele desaprovasse sua aparência, mas porque sabia que ela não era sua carne e sangue.

É por isso que as gêmeas parecem tão diferentes de mim.

Por que seu pai - *Richard* - ficou em silêncio por duas décadas?

A resposta surgiu em sua mente tão indesejável quanto a varíola.

Dinheiro.

Se cavasse fundo o suficiente, Angelina estava confiante de que encontraria evidências de que seu pai chantageava o duque.

— Deus do céu, ─ disse Flynn. — Que sacrifício incomum sua mãe fez.

A admiração de Angelina por sua mãe aumentou ainda mais.

Sua mãe poderia ter sido uma duquesa - de fato, legalmente detinha o título. Sua vida com Richard Ellsworth também não tinha sido fácil.

— O que fará agora que sabe a verdade? ─ Flynn passou um dedo do ombro de Angelina até o cotovelo.

O que ela faria? Apenas uma resposta concebível se apresentou. Uma paz repentina a envolveu. Ela se virou de lado. Olhando profundamente nos olhos de Flynn, ela sussurrou: — Nada.

— Nada? ─ Ele levantou uma sobrancelha. Um toque de aprovação brincava no canto de sua boca, como se ele esperasse essa resposta dela.

— Eu nunca poderia ser tão maliciosa. Imagine a fofoca e a desgraça se eu revelasse a verdade. ─ A expressão dela mostrava o horror que sentia pela perspectiva? — Minhas irmãs e primos seriam bastardos. E tia Camille...

Angelina balançou a cabeça. — O escândalo a destruiria. Ela é tanto uma vítima quanto mamãe.

— Há muita verdade nisso.

Flynn ainda passava o dedo pelo braço de Angelina, só que agora ele havia estendido a jornada para incluir o pescoço e a carne acima do corpete.

Seus mamilos se contraíram e sua falta de ar não podia ser atribuída apenas ao seu choro.

Aqueles pequenos tremores que ela experimentava ao toque dele aumentaram. Ela limpou a garganta. — Eu não poderia ser tão cruel com o duque, embora ele merecesse.

O rosto de Flynn endureceu por um momento. — De fato, *ele* merece.

— É um tanto irônico, não acha? ─ Angelina afastou uma mecha de cabelo fazendo cócegas em sua bochecha.

Uma careta confusa enrugou o rosto de Flynn. — O que?

— Mamãe e eu nos casamos com bgamos.

Algo escuro brilhou em seus olhos antes que o brilho familiar retornasse. — Sim, certamente.

Isso explicava por que o tio - não, ela não podia pensar nele assim agora - por que Waterford queria desesperadamente que ela se casasse. E por que mamãe nunca a chamou de Rose.

Rose e Ambrose eram muito parecidos.

No entanto, sua mãe deve ter adorado o duque para dar o nome a Angelina depois.

— Não quer herdar um ducado?

A divertida pergunta de Flynn chamou sua atenção para ele.

— Me toma por uma moça gananciosa, senhor? Eu já sou uma marquesa. ─ Ela riu, o peso das últimas duas horas se foi deixando-a mais contente e feliz do que esteve há muito tempo. — Além disso, não posso herdar.

Seus dedos continuaram a trabalhar sua magia sobre a carne exposta.

Isso era muito bom, estar deitada ao lado dele. Ela se aconchegou um pouco mais perto.

— Bem, há precedência. O duque de Marlborough teve sua carta de patente alterada para permitir que suas filhas herdassem. Mesmo sem uma emenda, legalmente tudo o que não está envolvido no ducado é seu por direito de nascença. ─ Flynn mergulhou o dedo indicador na fenda entre os seios.

Ela mordeu o lábio para reprimir um gemido. Seu dedo errante fez com que ela imaginasse todo tipo de coisas más.

— Não. ─ Ela conseguiu balançar a cabeça. — Arruinaria muitas vidas.

Um sussurro ofegante que não soou menos que sedutor.

— Sim arruinaria. ─ O timbre de sua voz caiu para um estrondo sensual enquanto seus longos dedos avançavam ainda mais em seu corpete.

Seu olhar percorreu o rosto de Flynn. Ele era um homem pecaminosamente bonito. Ela baixou os olhos para os lábios

dele. Ela queria que ele a beijasse novamente. O que ele faria se ela o beijasse? Ele ficaria chocado? Repugnado? Animado?

Os olhos dele também descansaram nos lábios dela. Ele poderia ler sua mente?

— Sua mãe e irmãs são bem-vindas para morar conosco em Lambridge. Há muito espaço. Gostaria de estabelecer dotes para as gêmeas, e sua mãe tem direito à vida que lhe foi roubada.

Ele chegou mais perto, até que suas coxas tocaram as dela. Seu rosto estava a uma distância de mão. Ele colocou a grande palma na cintura dela.

— Oh, Flynn, obrigada. ─ Ela tocou seu peito. — Nada me agradaria mais do que elas morarem conosco. Sua oferta de dote também é muito generosa. Receio que nossos dotes de casamento sejam muito miseráveis.

Ela realmente queria beijá-lo.

Um pequeno beijo naquela deliciosa boca dele para mostrar gratidão por sua benevolência.

Nada mais. Um sabor minúsculo seria suficiente.

Que mentira colossal.

— Acho que sua mãe se daria bem com a minha. E já posso ouvir os gritos de excitação de Franny por ter jovens da mesma idade em casa. ─ O braço dele serpenteava atrás de Angelina, aproximando-a.

Se ela se inclinasse duas polegadas, seus lábios tocariam os dele. Talvez ela pudesse fazer parecer acidental. Ela poderia deslizar para a frente...

A mão dele segurou a nuca dela.

Ela estava desfeita.

Angelina avançou em direção a Flynn, seus lábios finalmente encontrando os dele. Ela sentiu a satisfação primordial nele enquanto seus pensamentos se espalhavam pelos quatro ventos.

Ele a virou, pressionando-a na roupa de cama macia. Suas mãos e lábios estavam por toda parte, despertando sensações que ela não sabia que existiam.

Angelina passou os braços em volta do seu pescoço forte, beijando-o, transmitindo-lhe com o corpo o que ela ainda não ousava expressar.

— Eu quero fazer amor com você, Lina. — Flynn mordiscou o caminho do lóbulo da orelha até a junção do pescoço, depois abaixou até encontrar o inchaço dos seios. Ele espalhou beijos quentes ao longo da borda do corpete dela.

Ela gemeu e se arqueou para ele, silenciosamente implorando para que explorasse mais abaixo.

Ele sentia sua fome?

Flynn levou uma mão sob os ombros dela e a levantou para encontrar sua boca ansiosa. Sua virilha firme cutucava seu centro. Ele não parecia ter pressa em aliviar sua paixão. Em vez disso, parecia ter a intenção de lhe dar prazer.

Ele se afastou e olhou nos olhos dela. — Não faremos isso se não quiser, se precisar de mais tempo. Esperarei o tempo que precisar para estar pronta, porque uma vez que fizermos amor, nosso casamento estará selado.

Ele deu um beijo carinhoso nos lábios dela. — Será minha, para sempre, para valorizar o resto dos meus dias.

— Quer ficar casado comigo? — Angelina procurou seus olhos, encontrando desejo, sim, mas também algo infinitamente mais importante. Ela tocou seu rosto. — Para sempre?

— Duvida, joia do meu coração? — Ele traçou seus lábios com um dedo. — Eu te amo.

Ele o fazia.

Ela podia ver isso nas profundezas de sua alma, pois refletia o amor que também devia estar brilhando em seus próprios olhos.

Seu coração poderia ter mais alegria?

— Sim, Flynn. — Ela pressionou um beijo quente na boca dele. — Eu quero isso, mais do que já desejei qualquer coisa antes na minha vida.

Era verdade.

Este homem se tornou sua razão de viver. A respiração dele ecoava o ritmo do coração, uma vez partido, dela. — Faça-me esquecer toda dor que veio antes de você. Pegue meu amor e faça-o seu.

Um sorriso de triunfo temperado com amor iluminou seu rosto. Ajudando-a a sair da cama, ele a despojou eficientemente de suas roupas.

Exceto pelos seios mais cheios, seu corpo não mostrava sinais de sua gravidez recente. Ela estendeu a mão para abrir o pingente.

Flynn colocou a mão na pedra, detendo-a. — Não, não o tire. Mas solte seu cabelo.

Sem saber se a voz dela funcionaria, ela fez o que ele pediu. Quando tirou as presilhas dos cabelos, ele se despiu até ficar diante dela usando nada além de calças.

Cabelos escuros e finos cobriam seu peito e abdômen, estreitando-se gradualmente até desaparecer no cós desatado. As calças estavam soltas e provocantes nos quadris estreitos.

O olhar dela percorreu sua forma divina. Que esplêndido espécime masculino. Embora ela já o tivesse visto sem camisa antes, tinha esquecido a largura daquele peito esculpido.

Flynn se aproximou de Angelina e passou os dedos pelos cabelos dela, espalhando-os pelos ombros e seios.

— Eu queria fazer isso desde o dia em que te conheci. — Ele levantou um punhado e enterrou o rosto na massa de cachos. — Eu nunca vi cabelos tão gloriosos.

Angelina fechou os olhos quando um tremor a percorreu. Completamente nua, ela deveria estar envergonhada. Mas não estava. Parecia certo. Natural. Destinado.

Ela ouviu o farfalhar das roupas quando Flynn tirava as calças e ousou abrir os olhos.

Ele estava nu e magnífico.

Engolindo, ela o espiou por entre os cílios. Nunca tinha visto *isso* antes. Sua incerteza deve ter aparecido em seu rosto.

— Prometo, serei gentil. — A preocupação escureceu-lhe os olhos para ágata. Ele tocou sua bochecha.

Angelina desejou que seus nervos revoltos se comportassem. — Já estive com um homem, Flynn. Eu sei o que esperar. Estávamos vestidos, não nus como estamos, mas eu sei a essência do ato.

Ela tentou tranquilizá-lo. Na verdade, ela estava um pouco hesitante.

Flynn fez um barulho estranho de asfixia.

O olhar de Angelina saltou para o dele. Ela disse algo errado.

Ele a encarou com espanto, sua mandíbula frouxa. — Uma vez? Só uma vez e ainda estavam vestidos?

Um lento sorriso sedutor se espalhou por sua boca. — Milady, deixe-me garantir, não tem ideia do que esperar. Terei o maior prazer em ensiná-la.

Ele piscou para ela maliciosamente.

Angelina ficou boquiaberta, confusa. Sobre o que ele estava falando? Claro que ela sabia o que esperar.

Ele colocaria seu imenso comprimento dentro dela, pularia um pouco enquanto faria muito barulho e, em um ou dois minutos, terminaria. A dor passaria também.

O que mais poderia ser?

Assim que Flynn trancou a porta e puxou as colchas, ele a pegou nos braços. E a depositou reverentemente na cama.

Ela resistiu ao instinto de se cobrir.

Em vez de subir imediatamente na cama, ele olhou, seu olhar acariciando-a. — Não posso acreditar que é minha, que quer ficar comigo.

— Sim, Flynn, com todo o meu coração, sim. — Lágrimas encheram seus olhos. Ela levantou os braços para ele.

— Bem, então é hora da lição um. — Flynn passou as mãos por suas costelas antes de segurar seus seios e tomar sua boca em um beijo ardente.

As últimas semanas haviam preparado a paixão de Angelina. Cada poro em seu corpo ansiava por seu toque. Ela poderia se despedaçar se ele não a levasse de uma vez, mas ainda havia um pouco de inquietação.

— Flynn?

Olhando fixamente em seus olhos, ele abriu um caminho para a junção de suas coxas, depois passou a palma da mão entre as pernas dela. Tocando delicadamente seus cachos, ele deslizou os dedos pelas suas dobras sensíveis.

Uma faísca do céu se acendeu. Ela gemeu e deixou suas coxas se abrirem.

Ele lentamente deslizou um dedo, depois dois dentro dela.

Um choque de pura felicidade surgiu em seu centro. Ela apertou os quadris, procurando mais.

Com o rosto tenso e as narinas dilatadas, Flynn traçou o lábio inferior com a língua. — Está mais do que pronta. Por Deus, eu

suspeitava que fosse uma mulher apaixonada, mas não tão sensível.

— Suspeitava?

Seus dedos continuaram o jogo mágico.

Angelina ofegou, seus nervos e músculos respondendo de maneiras que ela nunca sonhou serem possíveis. As sensações a dominaram tanto que ela mal conseguia pensar ou falar.

Mordendo o lábio inferior, ela engoliu um gemido de felicidade. Senhor, ela iria incendiar.

Não antecipara esse desejo incrível; esse desespero.

— Como sabe que eu estou pronta? ─ Ela agarrou seus ombros. Eles se amontoaram e tremeram sob os dedos dela.

Senhor, o homem conhecia o caminho do corpo de uma mulher.

— Está molhada e escorregadia. ─ Flynn se moveu entre seus joelhos, abrindo mais suas pernas. Passando o braço debaixo dela, ele inclinou suas nádegas para cima. A ponta de sua masculinidade pairava na entrada dela.

Ele ergueu os olhos para os dela e ficou completamente imóvel. — Bem, estou indo.

O que? Algo estava errado? Ela tinha algum aumento peculiar ou era anormal de alguma forma? Engoliu em seco contra a súbita ansiedade que a assolava.

— Indo onde? ─ Ela ousou sussurrar.

— Seus olhos. Eles são da cor do oceano após uma tempestade de primavera. Um turquesa absolutamente brilhante.

Enquanto ele falava, Flynn se afundava nela, polegada por polegada, até ter todo o seu comprimento enterrado dentro dela.

— Flynn, você é tão grande. Eu... ─ ela apertou o rosto no ombro dele. Ele a esticou quase além de sua capacidade de acomodá-lo.

— Shh, apenas relaxe. Vai se acostumar comigo dentro de você. Traçando círculos suaves sobre seus quadris e coxas, ele dava pequenos beijos ao longo de seu pescoço e ombro.

Sua respiração ressoava profunda e irregular, como se ele lutasse por controle. — Eu amo você, Lina.

Ele a amava?

Flynn balançou os quadris em um longo impulso.

Todo o seu desconforto desapareceu substituído pela doce sensação que vinha de onde ele tocou seu núcleo.

— Coloque suas pernas em volta da minha cintura, — disse Flynn, com a voz rouca.

Angelina curvou os braços em volta das costas dele e se agarrou a ele como se sua vida dependesse desse prazer.

Eles acasalaram, uma sinfonia selvagem e feroz de golpes e mergulhos, suspiros e gemidos culminando em um crescente de arrebatamento.

Ela ficou rígida e gritou quando uma onda a atingiu, jogando-a em êxtase.

Os braços de Flynn se flexionaram. Ele jogou a cabeça para trás, as linhas do rosto duras de paixão. Ele entrou nela uma última vez.

Um rosnado primitivo escapou dele.

Sem fôlego, atordoada e totalmente saciada, ela o abraçou, saboreando a aspereza dos pelos do seu peito roçando contra mamilos túrgidos dela.

Céus, ela o adorava.

De alguma forma, ela ganhou o amor de Flynn. Alegria e triunfo a envolveram. A maravilha desse presente, e o que eles acabaram de compartilhar, excedia qualquer coisa que ela já tivesse fantasiado.

Flynn rolou de costas, levando Angelina com ele.

Deitando a cabeça em seu peito, ela passou a mão sobre seus pelos crespos. Os músculos rígidos dele saltavam sob os dedos dela.

Ela nunca teria tocado nele.

Ele circulou o ponto sensível atrás da orelha dela com os dedos. Flynn acariciou um caminho do ombro até atrás. E apertou levemente o traseiro dela.

Ela segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou com todo o amor e felicidade fluindo através dela. — Obrigada.

— Pelo quê? Por amá-la? — Ele abaixou a cabeça e lambeu o mamilo, depois o chupou na boca.

Ela apertou a cabeça dele. — Sim.

— Por isso? — Ele a rolou embaixo dele, depois afundou seu comprimento nela. Ele saiu quase todo o caminho e mergulhou novamente.

Angelina inclinou os quadris e agarrou suas nádegas, insistindo com ele. — Ah, sim.

— E isso, — ele falou entre os dentes cerrados, subindo contra ela, levantando-a mais alto a cada golpe poderoso.

Ela girou fora de controle. — Sim, oh Deus, sim.

— Que tal isso? — Alcançando entre seus corpos se debatendo, ele apertou o botão de sua mulher.

— Sim! — Ela gritou, tombando sobre o abismo uma vez mais.

Capítulo Vinte e Tres

— Bom dia, querida. ─ Flynn piscou enquanto Angelina sentava em sua cadeira na mesa do café. Ele olhou para o relógio no suporte sobre a lareira. Quase dez. — Eu confio que tenha dormido bem.

Ela corou lindamente. — Sim, obrigada. E você?

— Melhor do que nunca.

Não tinha adormecido até o amanhecer; depois que ele fez amor com ela pela terceira vez. Ela era uma sedutora desinibida entre os lençóis.

— Apenas torradas, frutas e chocolate quente para mim, por favor, Collins. ─ Ela sorriu para o lacaio.

Angelina era uma visão em rosa e amarelo esta manhã. A cor rosa realçava sua pele marfim e o brilho rosado em suas bochechas, enquanto o amarelo realçava os tons dourados em seus cabelos.

Ele nunca se cansaria de olhar para ela. Não em uma vida.

Encontrando seus olhos, ele deliberadamente baixou o olhar para o peito dela, fixando no seio direito por um momento.

Um rubor matizou suas bochechas. Ela, sem dúvida, lembrou-se da mordida de amor que ele deixou lá há poucas horas atrás.

Sua virilha saltou por atenção, contraindo-se ansiosamente.

Para baixo, rapaz. Terá que esperar um pouco.

Eles quebraram o jejum sozinhos, o que Flynn considerou perfeito.

As irmãs de Angelina não se levantaram até o meio dia, e os escoceses, exceto Gregor, partiram para Craiglocky logo após o amanhecer.

Flynn pediu a Gregor que ficasse e continuasse a tratar a sra. Ellsworth.

— Eu quase esqueci de contar, Lina. Lorde Devaux fez uma visita. O Renault navegou para a França ontem de madrugada. Está livre dele.

Com a xícara a caminho para a boca, ela fez uma pausa. — Verdade? Ele se foi?

— Verdade, amor.

O sorriso radiante que ela lhe deu o fez repensar seus planos matinais.

Jeffers entrou na sala carregando uma bandeja. — A correspondência chegou cedo hoje, milorde.

— Obrigado. — Flynn aceitou o elegante maço.

Ele rapidamente vasculhou a pilha e deixou de lado três cartas. O resto ele passou para o mordomo. — Coloque aquelas no escritório, por favor?

— *Naturalmente*, milorde. — Jeffers levantou o queixo, aparentemente ofendido por Flynn se atrever a fazer tal pedido.

Um sujeito tão sensível, totalmente diferente de Chatterton.

— Lina, — Flynn bateu nas cartas, — estas são de Sua Graça. Uma para você, uma para sua mãe e uma para mim.

Angelina levantou uma sobrancelha. — Nossa, ela está faladora, não é?

Ela bateu com o guardanapo na boca e se levantou. — Me perdoe. Sei que mamãe estava ansiosa para ouvir a tia Camille. Posso levar a carta diretamente para ela?

— Certamente. — Ele estendeu as missivas. Quando Angelina pegou as cartas, ele as afastou.

Sua testa franziu em confusão.

— Acho que elas valem um beijo, não é? — Flynn sugeriu suavemente.

Ela lançou um olhar preocupado pela sala.

Collins parecia absorvido em alguma tarefa no aparador.

— Não, Flynn, — ela sussurrou corando.

— Nem um beijinho? Vai me fazer esperar até...

— Oh, tudo bem, — ela bufou. — Se isso o fará ficar quieto.

Ela fechou os olhos e apertou os lábios. Depois de um momento, ela abriu um olho.

— Terá que fazer melhor que isso, meu amor.

— Flynn! — Irritada, seus adoráveis olhos brilhavam com fogo verde.

Ele deu de ombros e sorriu.

— Tudo bem. — Ela agarrou seu rosto entre as mãos e deu-lhe um beijo, até traçando a língua ao longo da costura dos lábios dele.

Ele instintivamente a alcançou.

Um pigarro exagerado quebrou o silêncio.

Angelina se afastou, com o rosto em chamas. Lançando um olhar de reprovação a Flynn, ela pegou as cartas e saiu voando da sala.

Com o bule de prata na mão, Collins fez um valente esforço para manter a expressão séria. E falhou miseravelmente.

— Quer mais café, milorde?

Café não era o que Flynn queria.

— Sim, por favor, e outro pedaço de presunto.

Flynn quebrou o selo da carta da duquesa. Ele sondou a primeira página, permitindo que um sorriso caridoso curvasse seus lábios.

Aquele velho idiota finalmente conseguiu o que merecia. Provavelmente bêbado, Waterford tomou um *tombo* de seu cavalo e bateu sua cabeça oca e as costas. Ele tinha uma perna quebrada, um ombro deslocado e um crânio quebrado.

Continuando a ler, Flynn de repente ficou rígido em sua cadeira. — Bem, as maravilhas nunca acabam?

> *Lamento informar que, há algumas semanas, descobri inadvertidamente um baralho de cartas na posse de Sua Graça. Acredito que sejam marcados, embora não tenha certeza.*

Lamento não ter lhe informado antes. Eles estão à sua disposição, caso precise deles.

A duquesa oferecia o que Flynn precisava para provar que Waterford trapaceou. Ela era uma mulher corajosa, e sua integridade falava muito de seu caráter.

Se Flynn aceitasse sua oferta e expusesse a perfídia do duque, ela e o marido enfrentariam certa ostracização.

Depois de dobrar a carta, ele enfiou o papel dentro do casaco. Tomou sua decisão ontem. Se Angelina podia ignorar as ofensas cometidas contra ela e sua mãe, Flynn também poderia encontrar perdão em seu coração.

O escândalo causaria desgraça incomensurável à duquesa e aos filhos se ele revelasse a verdade. Eles não mereciam sofrer pela trapaça de Waterford.

Embora, Flynn não estivesse além de avisar ao duque de que ele conhecia a paternidade de Angelina. Poderia até sugerir que Sua Graça reservasse fundos para ela.

Conhecendo Angelina, ela provavelmente recusaria o dinheiro.

Flynn olhou o relógio. Era melhor ele ir. Marcara um encontro com Yancy, Harcourt e Faulkenhurst no White's em trinta minutos.

A contratação de um agente para navegar para o Caribe e vender suas plantações de açúcar encabeçava a lista de prioridades de Flynn. Ele não estava disposto a deixar Angelina sozinha por semanas a fio. Não, com uma esposa tão deliciosa quanto ela, o marido ficaria perto de casa.

A caminho da saída, ele aceitou o chapéu, luvas e bengala de Jeffers. — A carruagem está pronta?

— Certamente, milorde. — Uma paciência longânima tingia as palavras do mordomo, e sua expressão levava a fortaleza de espírito de um santo perseguido. — Devo dizer a Sua Senhoria quando o senhor espera chegar em casa?

— Imagino que não estarei em casa antes da hora do chá.

Flynn tinha várias tarefas a serem executadas depois de sua passagem pelo White. Ele mascarou um sorriso quando Jeffers abriu a porta, tão rígido quanto o colarinho engomado que circundava seu pescoço.

Descendo as escadas, Flynn olhou para trás. — Acho que tem um pouco de geléia no colete, Jeffers.

O olhar do mordomo estalou para seu próprio estômago. Sua boca abriu de horror. Jeffers roçou furiosamente o ponto vermelho ofensivo, o que serviu para manchar também sua luva branca.

Flynn abaixou a cabeça para esconder sua risada. Virando-se, ele se dirigiu ao homem. — Peço que me perdoe.

O sujeito rosnou uma praga, e depois se limitou a seguir seu caminho.

* * *

— Oh meu Deus, isso não é adorável? — Lily, boquiaberta, apontava para trás do caramanchão onde Angelina e Iris estavam sentadas.

Incapaz de ver por baixo do pavilhão perfumado o que prendia a atenção de Lily, Angelina colocou o bordado no banco de mármore e se levantou. Saindo do caramanchão, ela recuou vários passos e procurou o céu.

Poderia ser?

— Veja. Um arco-íris triplo. — Iris se juntou a elas. — Eu não sabia que isso era possível.

— Eu também não. — Lágrimas de alegria surgiram nos olhos de Angelina.

Deus ouviu seu tolo pedido. E apenas ontem à noite, ela confessou seu amor a Flynn. Com os braços sobre a cintura das irmãs, Angelina olhou para os arcos brilhantes, maravilhada.

— Uma tempestade tão feia ontem, e veja o que a manhã traz? — Sempre romântica, Lily suspirou dramaticamente.

— Já não é de manhã, querida. — Angelina não conseguiu esconder a secura de seu tom. — Não desceu as escadas até quase meio-dia.

Iris balançou a cabeça. — *Hmph*. Nem todo mundo se levanta com os pássaros como você, Lina.

— Mademoiselles. — Uma voz masculina indesejada quebrou o momento.

Senhor não.

Angelina e suas irmãs se viraram.

Pierre estava diante delas.

As gêmeas gritaram e se agarraram.

Angelina lutou contra o medo debilitante. Ela devia se manter centrada. Deu uma espiada de lado nas irmãs.

Em choque e pálidas como a morte, não haveria ajuda delas.

Pierre abriu o casaco, revelando uma arma na cintura.

Dois capangas armados se deslocavam de um pé para o outro, quase um metro dentro do portão. A cerca escondia-os da vista da casa. Seus olhares de roedores dispararam nervosamente pelo jardim.

— Não. ─ Angelina balançou a cabeça em descrença. — Foi para o mar ontem. Lorde Devaux disse a Flynn...

— Tolos, ─ Pierre zombou. — Eu embarquei no navio, mas durante a noite fui esgueirado em um barril. Paguei um homem para vestir minhas roupas e ficar na proa quando o *Ange de la Mer* navegou.

Ele avançou, seus lábios se curvaram em um sorriso cruel. A loucura brilhava em seus olhos vermelhos.

Como ela o considerara bonito?

— Meu navio está me esperando na ilha de Caldey. Eu tinha uma *carga* adicional para coletar além de vocês três. ─ Seu olhar lascivo passou por elas.

O pavor transformou o sangue de Angelina em gêlo.

Ela não duvidava que seria submetida às atenções vis de Pierre. As gêmeas, no entanto, eram mais valiosas como virgens, mas uma vez que chegassem ao mercado externo...

Ela estremeceu. Querido Deus, não suportava contemplar o pensamento.

Pare, Angelina.

— Carga? Certamente não está falando sério. ─ Ela agarrou a mão de Lily e avançou com suas irmãs em direção à casa. — O que poderia querer fazer com três mulheres?

Ela sabia perfeitamente bem o que ele pretendia.

Pierre e seus companheiros riram.

— Irão pegar a última que eu preciso para completar uma dúzia. Tem alguma ideia de quanto as mulheres européias valem em um leilão do Oriente Médio?

— Deus do céu, ─ Iris sussurrou.

Lily choramingou.

Angelina as aproximou mais alguns centímetros da porta.

— Não dê outro passo. ─ Seu rosto se contorceu de raiva. — Eu te disse que era minha.

Ele andou alguns passos mais perto, tocando o punho da arma. — Voltei para casar contigo, e o que encontrei? Não estava em Salem me esperando como pedi para ficar.

— Esperá-lo? Está doido? — Ela apontou para ele. — Era casado. Não podia voltar para Salem. Eu fiquei desonrada. Arruinada.

Angelina examinou a arma debaixo do casaco. As gêmeas poderiam chegar em casa se ela o distraísse?

Uma expressão confusa surgiu no rosto de Pierre, dando-lhe uma aparência quase infantil.

— Mas eu voltei imediatamente depois que eu... ah, *eliminei* esse inconveniente. Jurei que a amava. Não acreditou em mim? — Um tom de lamento tocava suas últimas palavras.

O coração de Angelina pulou e os cabelos de sua nuca arrepiaram com a confissão dele.

Pierre havia matado a esposa para poder se casar com ela. Ele *era* louco.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Não tem ideia do que é o verdadeiro amor.

— Ah, e suponho que seu novo marido o faça? — Pierre olhou para ela, o veneno vomitando em seus olhos. — Não demorou muito para me substituir.

Uma tempestade de fúria rasgou Angelina, espalhando seu bom senso como areia pelo deserto. — Como se atreve a me acusar, Pierre? Já era casado quando me acompanhou pelo altar. E teve a ousadia de exigir que eu o esperasse. Enquanto foi arrastado para sua *verdadeira esposa* na França, me deixando com um filho?

Droga, droga, droga.

Ela nunca aprenderia a controlar a língua quando estivesse com raiva?

— Lina! — Lily e Iris choraram em uníssono.

Os olhares delas, junto com os de Pierre, caíram em seu estômago.

— Perdi o bebê no meu quarto mês. — Angelina inclinou o queixo em desafio.

Ele deu de ombros insensível. — Bom. Uma mulher grávida vale muito menos.

Como ele podia ser tão insensível com um filho que ele gerou?

Puxando a arma do casaco, ele acenou ameaçadoramente. — Agora mexam-se.

Um ódio como nenhum que já tivesse conhecido cortou Angelina. Graças a Deus ela foi poupada de uma vida inteira com esse patife desprezível.

Pierre balançou a cabeça na direção do portão.

Seus dois camaradas sujos avançaram, os lábios curvados em sorrisos lascivos.

Lily e Iris se encolheram, seus olhos azul-céu se arregalaram quando ruídos incoerentes escaparam deles.

— Nós não iremos. Não sem lutar. ─ Angelina procurou freneticamente ao redor do recinto em busca de uma arma ou um meio de fuga. Perto do caramanchão apenas uma pilha de barbante, um par de luvas esquecidas e um ancinho de bambu eram visíveis.

Ela não tinha nada para protegê-las, exceto suas tesouras de costura. Elas estavam muito longe para ajudar.

Onde estavam os servos? Certamente alguém olharia pela janela ocasionalmente.

Pierre não estava aqui há mais de dois ou três minutos. Segundos rastejavam, sentindo-se horas, enquanto ela desesperadamente se esforçava para encontrar uma maneira de sair dessa situação.

— Milady, sua mãe perguntou...

Gregor parou no meio da porta e imediatamente se estabeleceu em uma posição defensiva. Ele encontrou o olhar de Angelina, depois mudou o seu para Pierre.

— Renault? ─ Ele murmurou.

Angelina ousou inclinar a cabeça um pouco.

Com um brilho assassino em seus olhos, Gregor se aproximou ainda mais da varanda.

— Me garantiu que os escoceses partiram hoje de manhã. ─ Pierre lançou um olhar furioso para um de seus capangas. — Amarre-o. Vamos sair daqui.

Com as pistolas apontadas para Gregor, os dois malfeitores rastejaram em sua direção.

— Parem de perder tempo. — Pierre lambeu os lábios nervoso. — Estão armados, ele não.

— Como é que vamos amarrá-lo? — O bruto maior olhou Gregor.

Com o dobro do tamanho, ele não parecia nem um pouco intimidado pelos intrusos.

— Use... — o olhar de Pierre percorreu o recinto. — Lá.

Ele apontou para o fio. — Isso servirá.

Ele apontou a arma para as gêmeas. — Para o portão. Agora.

— Não se mexam. — Angelina parou-as com a mão. — O que ele fará? Atirar em nós? Em plena luz do dia? Com uma casa cheia de criados como testemunhas?

— É o que eu gostaria de saber.

As palavras carregadas de ira de Flynn chamaram sua atenção para ele.

Alívio e pânico a assaltaram. As gêmeas estavam a salvo, mas Pierre apontou a arma para Flynn.

Jeffers, lorde Ramsbury e dois homens que ela não reconheceu atravessaram a soleira. Cada um tinha armas de fogo e espadas.

Dois criados armados entraram pelo portão aberto atrás dos sequestradores.

Flynn passou uma arma para Gregor.

— Flynn! — Angelina correu em sua direção.

— *Non*! — Pierre rugiu, disparando sua pistola.

A dor lancinante bateu nela.

O impacto a jogou de costas para as irmãs que gritaram. Uma aura peculiar de cor branca dourada espiralou diante de seus olhos. O brilho ficou cada vez mais estreito quando ela afundou sob camadas grossas de nuvens de algodão.

Outro tiro soou.

Flynn. Meu amor.

— Angelina!

O grito gutural de Flynn foi a última coisa que ela ouviu antes que a escuridão a reivindicasse.

* * *

Angelina gemeu, arrependendo-se instantaneamente quando uma dor ardente apunhalou seu peito. Ela respirou superficialmente.

Porque que estavam chorando? Quem estava gritando?

Deus todo-poderoso, ela tinha sido atropelada por uma carruagem? Ou um elefante estava sentado no peito dela?

Algo quente e pegajoso escorria por seu pescoço.

Por que ela estava deitada no chão?

O vestido dela não serviria para nada, exceto a lixeira depois disso. E tinha sido um dos seus favoritos também.

— Lina, fique comigo, Lina, por favor.

Aquele é o Flynn? Céus, ele parece terrível.

— Flynn, deve soltá-la e me permitir vê-la.

Gregor. Um homem tão bom.

— Ela vai morrer?

Lily soluçando. Ela sempre tinha que ser tão dramática?

— Há muito sangue.

Ah, e Iris, sempre afirmando o óbvio.

Espere. Sangue? Sangue de quem?

Angelina forçou os olhos a abrir.

Quatro rostos pairavam acima dela e além deles, vários outros.

Eles não sabem que é rude encarar uma mulher indisposta?

— Lina? Mandamos chamar o cirurgião. Nós a levaremos para dentro de casa em alguns instantes. Aguente firme, amor. — Flynn tocou sua bochecha. Essas lágrimas estavam em seus olhos?

Ele pensou que ela estava morrendo?

Estou morrendo?

As pálpebras de Angelina pesavam como uma pedra e seus membros gelados pareciam chumbo. Ela fechou os olhos, o esforço para mantê-los abertos era muito grande.

A parte superior do peito e o ombro direito doíam terrívelmente. Malditamente excruciante, na verdade. Morrer não seria menos doloroso?

Suponho que terei de me sentar e convencê-los que não vou morrer com o meu próximo suspiro.

Esse excesso de cuidado era desconfortável. Não podiam deixá-la deitada aqui para se orientar? Em vez disso, a chacoalhavam tirar

dali. Não era isso que acontecia?

— Por favor, pare de mexer! — Seu tom mais estridente do que ela pretendia, Angelina abriu os olhos. Ela quase riu de suas expressões atordoadas, exceto que machucaria como o diabo se o fizesse.

— Eu não acredito que corro o risco iminente de bater as botas. — Ela encontrou os olhos de Gregor. — Estou Gregor?

Ele levantou o pano pressionado no ombro dela. — Não posso ter certeza da natureza de sua ferida sem tirar sua roupa.

Flynn rosnou.

Angelina enviou-lhe um olhar cativante e bateu com as mãos contra a agonia lancinando cada vez que ela falava. — Silêncio, Flynn, ou terá que sair enquanto eu consulto com Gregor.

Ela tentou vislumbrar o peito. Não podia dobrar o pescoço o suficiente para ver. — Eu levei um tiro?

— Sim. Acho que é apenas uma ferida de carne. — Gregor considerou o ombro dela.

Obviamente, ele queria examiná-la mais de perto, mas temia a reação de Flynn.

— Chega dessa bobagem. Angelina lutou para ficar sentada, mordendo o lábio contra a dor.

Santo céu, dói!

Deus. Ela ia vomitar.

— Lina. — Flynn estava tão branco quanto a gravata cuidadosamente amarrada em seu pescoço. — Por favor, tenha cuidado. Não deveria estar se mexendo.

O pobre homem parecia bastante desesperado.

Como um homem apaixonado.

Por ela.

Se ela não se sentisse tão horrível, ficaria emocionada.

— Gregor, é melhor me carregar. Meu marido parece prestes a tombar. — Jeffers, por favor, seja querido e ajude Sua Senhoria a entrar em casa.

— Claro, Sua Senhoria. — Jeffers colocou um braço sobre os ombros de Flynn.

— Pare com isso neste instante. — Flynn empurrou a mão do mordomo. — Se valoriza sua posição, Jeffers, retire seu braço da

minha pessoa de uma vez!

— Sinto muito, milorde. ─ O mordomo apertou o maxilar e segurou seu ombro com ainda mais força. — Não posso ignorar o pedido de Sua Senhoria a marquesa.

— Não se engane homem, me solte. ─ Flynn se soltou.

— Tentei, milady. ─ Jeffers endireitou os ombros e ajustou o colete. — Aguardarei a chegada do cirurgião lá dentro.

Fungando desdenhosamente, ele girou nos calcanhares e entrou na casa.

Flynn estava em um estado, pobre homem. Angelina jurava que ouvia uma risada. Ah, o conde e aqueles outros companheiros bonitos, sem dúvida. Seu marido tinha amigos muito divertidos. Lord Ramsbury não era algum tipo de funcionário do governo?

— Lorde Ramsbury?

O belo rosto do conde apareceu em sua linha de visão. — Sim milady?

— Há um navio esperando na ilha de Caldey com nove mulheres a bordo mantidas em cativeiro. Por favor, pode fazer algo para ajudá-las?

— Maldição! ─ Disse o loiro.

Os lábios de lorde Ramsbury se estreitaram. — Irei imediatamente. ─ Ele tocou a mão dela. — Bom trabalho, lady Bretheridge.

Gregor se aproximou. — Doerá quando eu a levantar.

— Eu esperava isso. ─ Angelina tentou sorrir, mas era difícil fazer isso ao cerrar os dentes contra a dor agonizante.

— Cuidará do meu tratamento, Gregor, não é? Não deixe que o cirurgião ou o médico faça algo que não aprove, por favor?

— Dou minha palavra. ─ Ele assentiu sombriamente.

— Obrigada. ─ Sim, ela incentivaria o interesse dele em Lily. Gostaria muito de ter esse homem como cunhado. — Gregor?

— Sim? ─ Preocupado, enrugou sua sobrancelha enquanto a olhava.

Que notável é o azul acinzentado de seus olhos.

— Acho que vou... ─ ela não conseguiu terminar. Uma onda de tontura caiu sobre ela. Seu pulso batia nos ouvidos.

A escuridão dançou diante de seus olhos.

* * *

Dois dias depois, Flynn sentou-se ao lado de Angelina na sala de estar.

Ela relaxava em um divã, coberta por uma manta que Yvette lhes dera como presente de casamento.

Os criados haviam virado a mobília para que Angelina pudesse ver o jardim pelas janelas francesas abertas.

Todos os vestígios de sangue foram eliminados da área.

Esta manhã, ela foi informada que Jeffers matou Pierre. Os outros dois invasores se renderam sem briga.

Yancy imediatamente enviou dois navios para a ilha de Caldey.

O *Ange de la Mer* liberou as mulheres sem lutar, e sua tripulação foi presa.

Flynn nunca mais ridicularizaria seu mordomo agitado novamente.

Ele derrotou Renault no instante em que o francês apontou a arma para Angelina. Jeffers fez com que o tiro de Pierre desviasse mais para o alto, salvando a vida dela.

A bala havia se alojado em seu ombro, exigindo remoção cirúrgica. Proibida de levantar até um grampo de cabelo para não rasgar os pontos, o cirurgião ordenou que ela descansasse.

Flynn não queria sentir nunca mais esse tipo de medo.

Ouvi-la gemer seu nome apaixonadamente enquanto faziam amor e, menos de doze horas depois, temer que ela nunca mais falasse. Não, seu coração não suportaria.

Ele levantou a mão dela e beijou as costas dela.

Angelina virou a cabeça e tirou uma mecha de cabelo da testa dele. — Parece cansado. É isso que acontece por dormir em uma cadeira.

Ele pressionou a palma da mão dela no rosto dele. — Eu não poderia deixá-la.

— Eu sei, meu amor. — Ela acariciou sua bochecha com o polegar. — Eu sabia que estava lá. Não sei como explicar isso. Mesmo quando dormia, sentia sua presença ao meu lado.

Ela voltou sua atenção para a janela novamente.

Um punhado de nuvens brancas como a neve flutuava no céu azul brilhante, e os gladíolos finalmente floresceram. Estavam levantados, cachos de sentinelas coloridas, aquecendo-se ao sol da manhã.

— Nunca perguntei como descobriu que Pierre estava aqui. — Angelina continuou olhando para o jardim.

— Encontrei um homem na passarela quando saí. Não percebi que era ele até chegar no White's. — Flynn passou um braço em volta de seus ombros, consciente de não empurrar o curativo que se abaulava debaixo da camisola.

— De repente, lembrei onde tinha visto o rosto dele. Eu entrei, peguei os outros e viemos correndo de volta, desesperados.

Angelina apoiou a cabeça no ombro dele. — Mas eu pensei que nunca tivesse visto Pierre. Como sabia que era ele?

— Devaux me mostrou um retrato em miniatura. — Flynn beijou sua cabeça, passando a mão pelos cachos pendurados nos ombros. Ele adorava o cabelo dela.

De repente, Angelina se inclinou para frente, o tartan deslizando para o chão.

Ele estendeu a mão para segurá-la. — Cuidado, Lina, seu ombro.

— Flynn. — Ela apontou para a cerca. Um par de pássaros se aninhou perto, pavoneando-se e bicando um ao outro. — Que tipo eles são?

Ele se inclinou para ver onde ela olhava.

— Rolas. Eles acasalam para toda a vida. Se um morre, o outro permanece sozinho até que também morra. Muito querido, não é? — Ele traçou a mandíbula dela com um dedo.

Ela ofegou e cobriu o rosto, chorando baixinho.

O que ele disse?

— O que há de errado? Seu ombro está doendo? — Flynn virou seu rosto para ele. Ele não suportava vê-la chorar. — Devo chamar Gregor? Precisa mais do tônico para dores que ele está lhe dando?

— Não. — Ela deu um beijo rápido nos lábios dele. — Eu tinha pavor de confiar em você. Então, pedi um sinal a Deus, para me mostrar que eu podia amá-lo sem receio.

Então ele entendeu. Seu olhar voltou-se para as pombas mais uma vez. Um apoiava a cabeça no pescoço do outro.

— As pombas? Foi esse o sinal que pediu?

Ela deu um sorriso trêmulo antes de olhar para os pássaros novamente. — Eu pedi algo simples, como um arco-íris triplo ou pombas pousadas em uma cerca viva.

— Ah, bem, Ele te deu metade do que pediu. Eu diria que não é nada mau. Um arco-íris triplo seria bastante difícil de encontrar. ─ Flynn riu, enxugando uma lágrima na bochecha dela com o polegar.

Ela balançou a cabeça. — Não, Ele me deu os dois. Houve um arco-íris triplo no dia em que Pierre atirou em mim.

— Realmente viu um arco-íris triplo? ─ Ele acariciou sua orelha e sorriu.

— Sim, e agora as pombas. ─ Ela encontrou os olhos dele, os dela brilhando com lágrimas não derramadas. — Acha que é possível que tenhamos sido criados para nos encontrar?

Gentilmente, para não perturbar sua ferida, Flynn pegou Angelina em seus braços. — Nunca estive, assim, tão convencido.

Epílogo

Brooke Tweadle, maio de 1820

— Oh, Flynn, tenha cuidado. Eu quase tropecei. — Angelina apontou para uma raiz retorcida e coberta de musgo.

A atenção dele caiu na barriga arredondada dela. — Não se preocupe comigo. Apenas certifique-se de não cair. — Ela riu. — Estou bem.

Flynn segurou Paisley em um braço e Peyton no outro, enquanto a babá vinha atrás com os braços cheios de itens necessários para as gêmeas.

Eles escolheram nomear as meninas com nomes escoceses antigos em homenagem à herança escocesa dos dois lados de suas famílias. As crianças, tendo passado apenas dois meses de seu primeiro aniversário, se agitavam por não poderem correr para o riacho.

Angelina cuidadosamente passou por outra raiz. — Tem certeza de que não quer que eu carregue uma delas?

— Não, o cobertor e a cesta são suficientes para você. — Flynn caminhou os últimos metros até o aterro.

Depois de espalhar a manta, Angelina estendeu a comida. Este se tornou seu passatempo favorito. Ela e Flynn começaram essas excursões logo após o casamento e ele ter comprado Wingfield Court.

A babá se ocupou em arrumar os itens dos bebês, embora olhasse cautelosamente para o gado de vez em quando.

— Fico feliz que tenha comprado Wingfield de Waterford. Mamãe está feliz lá. E agora, podemos vir aqui quantas vezes quisermos. — Angelina se acomodou no chão e abraçou Paisley.

Sua filha independente rapidamente se soltou de seus braços e começou a cambalear com as pernas rechonchudas.

— Enquanto Deamhan não romper a cerca novamente, — Flynn falou devagar.

O touro descontente olhava para eles por entre as ripas da estrutura recém-construída. Dando um grito baixo, ele se virou e

caminhou pelo campo. Seu fiel harém o seguia.

Flynn desceu Peyton ao chão antes de se sentar. Ela ficou balançando por um momento, depois seguiu a irmã.

— Eu cuidarei das meninas. — A babá correu atrás das gêmeas.

Angelina riu. — Elas são muito parecidas com Lily e Iris.

Apenas no temperamento.

Elas possuíam os cabelos castanhos de Flynn, os cachos de Angelina e seus olhos eram verdes.

Como não poderiam ser?

— Tem certeza de que não se arrepende de não ir a Londres durante a temporada? A maioria de nossas famílias está lá. — Flynn tirou o casaco antes de colocar a cabeça no colo de Angelina.

Ela passou os dedos pelos fios brilhantes. — De modo nenhum.

Acariciando a barriga, ela disse: — Estou graciosa e do tamanho de uma morsa. Além disso, vimos todos na comemoração do aniversário das meninas em março.

Flynn pegou a mão dela e a beijou, depois pressionou os lábios na barriga distendida. — Quem pensaria que Isobel e Seonaid estariam casados e tão felizes? E Harcourt também?

— Verdade. As moças certamente se acertaram com Yancy e Jacques. — Angelina riu. — Embora o duque tenha tido o pior, coitado.

Flynn virou de lado e relaxou em um cotovelo. — Se lembra daquele dia em que a encontrei naquela árvore?

Ele inclinou a cabeça na direção do imponente carvalho.

Angelina sorriu e assentiu. — Claro. Eu nunca esquecerei isso.

— Acho que me apaixonei antes que você estivesse novamente no chão. — Ele ergueu a mão e agarrou um cacho, puxando suavemente os fios até que ela se deitasse ao lado dele.

Angelina riu quando os peritos dedos dele roçaram suas costelas. — Você não fez.

— Não, eu fiz. Um vislumbre de seus olhos, e eu fiquei perdida.

Ele pressionou seus lábios nos dela e, como sempre, Angelina derreteu em seus braços.

Sobre o Autor



A autora premiada e best-seller do *USA Today,* COLLETTE CAMERON, escreve históricos escoceses e da Regência, com patifes, malandros, libertinos e as inteligentes e intrépidas donzelas que os reformam.

Abençoada com fantásticos fãs, bem como um Inspirador compulsivo, superativo e espirituoso que não pára de sussurrar novas traquinagens românticos em seu ouvido, ela vive em Oregon com seus mini-dachshunds, embora sonhe viver na Escócia em parte do tempo.

Você sempre encontrará cães, pássaros, humor, ocasionalmente impertinente e uma pitada de inspiração em seus doces e picantes romances® atemporais.

Seu lema pela vida? Você nunca terá chocolates suficientes, abraços suficientes, flores suficientes ou livros suficientes. Ela está pensando em adicionar sapatos a essa lista.

Conecte-se com Collette!

www.collettecameron.com
Siga suas Redes Sociais:
Twitter @Collette_Author
BookBub
Facebook
Instagram
Pinterest
Collette's Chèris VIP Reader Group

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

---

[1] **Trompe-l'oeil** é uma técnica artística que, com truques de perspectiva, cria uma ilusão ótica que faz com que formas de duas dimensões aparentem possuir três

dimensões. Provém de uma expressão em língua francesa que significa "enganar o olho" e é usada principalmente em pintura ou arquitetura.